

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Pós-Graduação em Comunicação  
Mestrado em Comunicação

Hideide Brito Torres



**O TELEJORNALISMO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA:**  
Representações evangélicas no Jornal Nacional e Jornal da Record  
e sua recepção por fiéis metodistas e batistas

Juiz de Fora  
Janeiro de 2011

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Pós-Graduação em Comunicação  
Mestrado em Comunicação

Hideide Brito Torres

O TELEJORNALISMO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA:  
Representações evangélicas no Jornal Nacional e Jornal da Record  
e sua recepção por fiéis metodistas e batistas

Juiz de Fora  
Janeiro de 2011

HIDEIDE BRITO TORRES

O TELEJORNALISMO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA:  
Representações evangélicas no Jornal Nacional e Jornal da Record  
e sua recepção por fiéis metodistas e batistas

Dissertação de Mestrado  
Apresentada como requisito para obtenção do  
Mestrado em Comunicação Social na Pós-  
Graduação em Comunicação da UFJF

Orientadora: Profa. Dra. Iluska Coutinho

Juiz de Fora  
Janeiro de 2011

Torres, Hideide Brito.

O telejornalismo na construção da identidade religiosa : representações evangélicas no Jornal Nacional e Jornal da Record e sua recepção por fieis metodistas e batistas / Hideide Brito Torres. – 2011.

284 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)—Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

1. [Telejornalismo](#). 2. [Identidade](#). 3. [Protestantismo](#) - Religião. I. Título.

CDU 659.19/.197:070

Hideide Brito Torres

O telejornalismo na construção da identidade religiosa:  
Representações evangélicas no Jornal Nacional  
e Jornal da Record e sua recepção por fiéis metodistas e batistas

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social na Pós-Graduação em Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Profa. Dra. Iluska Coutinho

Dissertação de Mestrado aprovada em 24/01/2011  
Pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Profa. Dra. Iluska Coutinho (UFJF) – Orientadora

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF) – Convidado

---

Profa. Dra. Magali do Nascimento Cunha (UMESP)

Conceito Obtido: APROVADA

Juiz de Fora  
Janeiro de 2011

## AGRADECIMENTOS

*Como no texto bíblico das bodas de Caná de Galileia, três coisas são necessárias para celebrar um momento de conquista na vida: uma festa, comes e bebes e amigos para partilhar as alegrias. Houve momentos nesta jornada em que o vinho acabou e foi o milagre da presença de gente muito significativa que fez a água ter o gosto que não tinha. Portanto, nesta hora de conquista, quero trazer à memória essas vidas preciosas e beber o vinho novo desta realização, sabendo que ele é abundante.*

*Agradeço aos meus pais, Jasanias e Clara, pelo apoio espiritual, emocional e até financeiro que possibilitou esta vitória. Pelo ensino da fé e do caráter e pelas preciosas lições de família aprendidas no convívio amoroso. Eu amo vocês!*

*Agradeço aos meus irmãos e irmã, Juninho, Héverton, Helton e Hidenilde, por tudo o que significam na minha vida, pela alegria com que temos sido capazes de experimentar as alegrias uns dos outros como se fossem nossas próprias. Vocês são muito especiais para mim.*

*Agradeço à minha família, meu esposo, Otávio, e minhas filhas, Amanda e Giovanna, pelo suporte, paciência e noites de sono perdidas. Pelas ausências cobradas, mas perdoadas. Pela presença constante no pensamento. Vocês são meu tesouro mais precioso.*

*Agradeço aos amigos Moisés, Elizabete, Víctor e Melissa, pela acolhida carinhosa em sua casa durante os créditos, pelas conversas animadas, pelas trocas teóricas e pelos choros compartilhados nas lutas do dia-a-dia. Jamais esquecerei esta dádiva tão preciosa, que poucos estariam dispostos a dar, em tempos tão egoístas como estes.*

*Agradeço ao pastor Marco Antônio e à comunidade da Igreja Batista no bairro Paraíso, na cidade de Cataguases, por abrirem suas portas, corações e experiências de vida, com o fim de possibilitar a pesquisa empírica.*

*Agradeço à amiga Júlia Torres, pela leitura (tão atropelada pelo pouco tempo) e carinho para com os originais. Nossa amizade é uma dessas coisas que fazem a vida valer a pena!*

*Agradeço à Igreja Metodista em Cataguases, pela participação não apenas nesta pesquisa, mas pelos cinco anos de partilha, amizade e acolhida nesta cidade.*

*Agradeço a minha orientadora, Iluska Coutinho, pela parceria no processo de produção do conhecimento, e a todos os professores e professoras da UFJF que, na Pós-Graduação, construíram novas bases para possibilitar-me saltos para o futuro e novos rumos acadêmicos. Saibam que cada aula foi aproveitada como uma oportunidade singular!*

*Agradeço também à Ana que, na secretaria, sempre foi um ponto de apoio fundamental a todos os estudantes. Na sua pessoa, agradeço a todos os funcionários desta instituição. Sem vocês, nada feito...*

*Agradeço aos colegas pela amizade, convivência, troca de experiências. Foi maravilhoso receber, de vez em quando, um e-mail com um texto anexado e o bilhetinho: “Acho que isso pode ajudar sua pesquisa”! Foi bom, igualmente, enviar bilhetinhos assim.*

*Agradeço aos professores convidados a serem leitores desta dissertação, pelo desprendimento e cortesia de partilhar seus conhecimentos para aprimorar os meus.*

*Agradeço a todos os amigos e amigas, de perto e de longe, que acompanharam esta trajetória, torceram e acreditaram. Por tudo o que compartilhamos juntos no percurso desta vida, que nos faz uma grande família da fé, em busca de uma expressão mais justa e correta daquilo em que acreditamos, pelas utopias que nos movem a seguir caminhando. Vocês são muito especiais.*

*Tive, certa vez, um professor de Sociologia que dizia: “Deixe Deus fora da tese”, quando queria discutir um assunto muito polêmico com seus estudantes de Teologia. Mas, como somos (pela Análise de Discurso e à luz dos Estudos Culturais) sujeitos fragmentados, dispersos e deslocados, que se expressam de muitos lugares de fala, há uma identidade de fé em mim que jamais poderia deixar de agradecer a Deus que, de dentro ou de fora da tese, se faz presente nas tessituras da vida. Portanto...*

*Obrigado, Senhor!*

*“Em vez de tomar a palavra, gostaria de estar à sua mercê e de ser levado muito para lá de todo o começo possível. Preferiria dar-me conta de que, no momento de falar, uma voz sem nome me precedia desde há muito: bastar-me-ia assim deixá-la ir, prosseguir a frase, alojar-me, sem que ninguém se apercebesse, nos seus interstícios, como se ela me tivesse acenado, ao manter-se, um instante, em suspenso. Assim não haveria começo; e em vez de ser aquele de onde o discurso sai, estaria antes no acaso do seu curso, uma pequena lacuna, o ponto do seu possível desaparecimento.”*

*(Michel Foucault)*

*“Vamos unir estas duas coisas, há tanto tempo separadas, o conhecimento e a piedade vital”.*

*(João e Carlos Wesley)*

## RESUMO

Esta pesquisa objetivou investigar de que modo a televisão, particularmente no *telejornalismo*, participa nos processos de construção das identidades evangélicas e de que maneira esta representação é percebida por grupos de batistas e metodistas, que residem numa cidade do interior de Minas Gerais (Cataguases). Foi feita uma análise, à luz dos Estudos Culturais, do Interacionismo Simbólico e tendo como metodologia a Análise de Discurso Francesa e a Teledramaturgia do Jornalismo, dos discursos telejornalísticos acerca dos evangélicos e suas representações no Jornal Nacional e no Jornal da Record, verificando como se deu, por meio de grupos focais, a autopercepção dos grupos evangélicos frente a essas representações. Indagou-se pela possibilidade de se estabelecer referenciais identitários nesses telejornais, pelo viés da alteridade e da identidade, considerando, entre outros fatores, os laços institucionais ou históricos das emissoras com segmentos religiosos específicos (como no caso do Jornal da Record, ligado à Igreja Universal do Reino de Deus por meio de seus acionistas). Um importante diferencial na pesquisa é o fato de realizar a análise junto a pessoas vinculadas ao Protestantismo Histórico (batistas e metodistas), uma vez que a maioria dos estudos contemporâneos sobre mídia e religião contempla preferencialmente os chamados neopentecostais, com foco principal na Igreja Universal do Reino de Deus e similares.

**PALAVRAS-CHAVE:** 1. Comunicação 2. Identidades; 3. Evangélicos; 4. Telejornalismo; 5. Análise do Discurso

## ABSTRACT

This study investigated how the television, the television journalism particularly, participate in processes of construction of evangelical identity and how that representation is perceived by groups of Baptists and Methodists, who reside in a city in Minas Gerais (Cataguases). An analysis was made – in light of Cultural Studies, Symbolic Interactionism and taking the methodology of the French Discourse Analysis and TV News dramaturgy of the Journalism – of the newscast speeches about evangelicals and their representation in the Jornal Nacional and the Journal of Record, checking how they gave, through focus groups, the self-perception of evangelical groups in the face of these representations. The study asked by the possibility of establishing identity references in these TV news, by alterity and identity marks, considering, among other factors, the institutional and historical ties of broadcasters with specific segments of religion (such as the Journal of Record, attached to the Church Universal Kingdom of God through their shareholders). An important gap in this research is the fact it did the analysis along with people linked to Historic Protestantism (Baptists and Methodists), since the majority of contemporary studies on media and religion comprises mainly the so-called neo-pentecostal, with main focus on the Universal Church Kingdom of God and the like.

**KEY-WORDS:** 1. Communication; 2. Identities; 3. Evangelical; 4. Television Journalism; 5. Discourse Analysis

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>5</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>8</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>9</b>
<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO UM: TELEVISÃO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL .....</b>	<b>19</b>
1.1. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL .....	21
1.1.1. A perspectiva dos Estudos Culturais .....	21
1.1.2. A perspectiva do Interacionismo Simbólico.....	23
1.2. TELEVISÃO E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS GRUPOS SOCIAIS .....	26
1.2.1. Televisão como laço social: identidade e diferença .....	29
1.2.2. Televisão e cotidianidade.....	30
1.3. TELEVISÃO E AUDIÊNCIA .....	32
1.3.1. Audiência presumida .....	33
1.3.2. Modo de endereçamento.....	34
1.4. TELEVISÃO E RELIGIÃO .....	35
1.4.1. Canais e programas religiosos evangélicos .....	37
1.4.2. Personagens evangélicos em produções ficcionais .....	39
1.4.3. Os evangélicos no telejornalismo .....	43
<b>CAPÍTULO DOIS: TELEJORNALISMO E IDENTIDADES.....</b>	<b>46</b>
2.1. TELEJORNALISMO: O GÊNERO .....	46
2.1.1. Gênero e promessa no telejornalismo.....	51
2.2. TELEJORNALISMO E CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS .....	54
2.2.1. O discurso telejornalístico e a circulação dos saberes.....	57

2.2.2. O lugar do jornalista na constituição do discurso jornalístico.....	60
2.2.3. A circulação dos sentidos e a religião no contexto do telejornal .....	62
2.3. TELEJORNALISMO E REPRESENTAÇÃO EVANGÉLICA .....	64
2.3.1. O telejornal e o telespectador .....	69
2.3.2. Telejornalismo e narrativa dramática .....	71
2.4. JORNAL NACIONAL E JORNAL DA RECORD: PECULIARIDADES RELEVANTES.....	76
<b>CAPÍTULO TRÊS: O TELEJORNALISMO BRASILEIRO E A REPRESENTAÇÃO EVANGÉLICA .....</b>	<b>79</b>
3.1. O CORPUS DA PESQUISA.....	80
3.2. MAPEAMENTO DAS VOZES E DOS SENTIDOS NO DISCURSO TELEJORNALÍSTICO SOBRE OS EVANGÉLICOS .....	81
<b>3.2.1. Mapeamento de vozes e dos sentidos nas matérias do Jornal Nacional .....</b>	<b>89</b>
3.2.1.1. <i>Matéria 1: A Marcha para Jesus</i> .....	89
3.2.1.2. <i>Matéria 2: Dia da Marcha para Jesus</i> .....	94
3.2.1.3. <i>Matéria 3: Cristãos ortodoxos celebram a Páscoa</i> .....	95
3.2.1.4. <i>Matéria 4: A Páscoa em Jerusalém</i> .....	98
3.2.1.5. <i>Matéria 5: Show gospel</i> .....	102
3.2.1.6. <i>Matéria 6: Matéria da Série Amazônia sobre religião e indígenas</i> .....	104
3.2.1.7. <i>Matérias 7-10: Matérias da Série Os evangélicos</i> .....	112
3.2.1.8. <i>Conclusões preliminares da análise das matérias do Jornal Nacional</i> .....	122
<b>3.2.2. Mapeamento de vozes e dos sentidos nas matérias do Jornal da Record.....</b>	<b>125</b>
3.2.2.1. <i>Análise da Matéria Marcha para Jesus</i> .....	125
3.2.2.2. <i>Análise da Matéria: Dia da Marcha para Jesus</i> .....	131
3.2.2.3. <i>Matérias sobre a cobertura da Páscoa</i> .....	133
3.2.2.4. <i>Matéria sobre a cobertura da Páscoa (1)</i> .....	135
3.2.2.5. <i>Matéria sobre a cobertura da Páscoa (2)</i> .....	138
3.2.2.6. <i>Conclusões preliminares sobre as matérias do Jornal da Record</i> .....	142
3.3. CONDIÇÕES POSSÍVEIS DO DISCURSO TELEJORNALÍSTICO SOBRE OS EVANGÉLICOS	143
<b>CAPÍTULO QUATRO: A RECEPÇÃO DO JORNAL NACIONAL E DO JORNAL DA RECORD: PESQUISA COM GRUPOS FOCALIS .....</b>	<b>148</b>
4.1. OS EVANGÉLICOS NO CENÁRIO BRASILEIRO.....	150

<b>4.1.1. O protestantismo histórico: algumas informações .....</b>	<b>152</b>
<b>4.1.2. A cidade de Cataguases no contexto da pesquisa .....</b>	<b>157</b>
<b>4.2. PESQUISA QUALITATIVA: OS GRUPOS FOCAIS .....</b>	<b>160</b>
<b>4.2.1. Procedimentos e critérios da pesquisa .....</b>	<b>162</b>
<b>4.2.2. Instrumentos .....</b>	<b>165</b>
<b>4.2.3. Transcrição e análise das entrevistas.....</b>	<b>169</b>
<b>4.3. ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>170</b>
<b>4.3.1. Primeiro bloco de perguntas: o perfil dos sujeitos participantes.....</b>	<b>170</b>
<b>4.3.2. Segundo bloco de perguntas: hábitos e usos televisivos .....</b>	<b>172</b>
<i>4.3.2.1. Televisão, organização do tempo e interesses .....</i>	<i>173</i>
<i>4.3.2.2. Televisão e organização da vida familiar .....</i>	<i>176</i>
<i>4.3.2.3. Televisão e telejornalismo na dinâmica cotidiana.....</i>	<i>179</i>
<b>4.3.3. Terceiro bloco de perguntas: os telejornais e os hábitos de consumo televisivo... 180</b>	
<i>4.3.3.1. O telejornal e a promessa de gênero.....</i>	<i>181</i>
<i>4.3.3.2. O telejornal e o telespectador .....</i>	<i>184</i>
<i>4.3.3.3. O telejornal e as percepções identitárias .....</i>	<i>186</i>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>198</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>205</b>
<b>APÊNDICE 1: CARTA CONVITE PARA OS GRUPOS FOCAIS.....</b>	<b>214</b>
<b>APÊNDICE 2: QUADRO DESCRITIVO DAS MATÉRIAS - JORNAL NACIONAL.....</b>	<b>215</b>
<b>APÊNDICE 3: QUADRO DESCRITIVO DAS MATÉRIAS - JORNAL DA RECORD .....</b>	<b>216</b>
<b>APÊNDICE 4: DESCRIÇÃO DAS MATÉRIAS DO JORNAL NACIONAL .....</b>	<b>217</b>
<b>APÊNDICE 5: DESCRIÇÃO DAS MATÉRIAS DO JORNAL DA RECORD.....</b>	<b>238</b>
<b>APÊNDICE 6: GRUPO FOCAL IGREJA METODISTA EM CATAGUASES (TRANSCRIÇÃO) – 16/04/2010 – 19:30H ÀS 21:30H .....</b>	<b>246</b>
<b>APÊNDICE 7: GRUPO FOCAL IGREJA BATISTA EM CATAGUASES (TRANSCRIÇÃO) – 19/04/2010 – 9:30H ÀS 11H.....</b>	<b>267</b>

## INTRODUÇÃO

*E a instituição responde: “Tu não deves ter receio em começar; estamos aqui para te fazer ver que o discurso está na ordem das leis; que sempre vigiávamos o seu aparecimento; que lhe concedemos um lugar, que o honra, mas que o desarma; e se ele tem algum poder, é de nós, e de nós apenas que o recebe.” (Michel Foucault)*

Dentre as diversas mídias, a televisão ocupa, no cenário brasileiro, uma posição privilegiada. Quem é visto na “telinha” passa a existir e é lembrado. Ao lado do rádio, a TV é a mais acessível fonte de informações e entretenimento do povo brasileiro. Apesar disso, do ponto de vista acadêmico, apenas recentemente vem tomando corpo como objeto de pesquisa, realmente levada a sério.

A despeito dessa carência, os meios de comunicação podem ser percebidos como espaços fundamentais para a constituição de identidades. O uso da televisão tem representado, para os grupos sociais, novas formas de ação e de interação no mundo social, o estabelecimento de relações sociais em novas bases e novas formas de ver a si mesmos e aos outros segmentos e indivíduos na sociedade (cf. THOMPSON, 2001).

Os evangélicos (forma genérica pela qual a sociedade brasileira reconhece as igrejas oriundas do Protestantismo Histórico e as demais daí decorrentes) compõem um segmento social cuja presença na mídia, em particular, a televisiva, cresce em grandes proporções no Brasil, conforme se poderá perceber nos dados levantados por esta pesquisa. Do ponto de vista estatístico, este grupo já tem se consolidado no contexto brasileiro,

crescendo numericamente de modo considerável, com impactos econômicos, sociais e culturais significativos.

Entretanto, as atuais pesquisas que analisam o fenômeno evangélico na mídia brasileira em geral e na TV em particular têm constituído abordagens a partir do referencial neopentecostal, esquecendo-se – ou deliberadamente ignorando – que a identidade evangélica possui diferentes prismas. O protestantismo, o pentecostalismo e o neopentecostalismo são apenas os três mais facilmente identificados quando se trata teológica e sociologicamente a questão. O advento da Igreja Universal do Reino de Deus e, como desdobramento, a aquisição de uma emissora de televisão por parte dela lançou novas luzes sobre o público evangélico, bem como a crescente presença política do segmento (a chamada “bancada evangélica”), entre outros fatores. Descobre-se, assim, um segmento social, cultural e de mercado com características peculiares, ainda que não uniformes. Mas esta pesquisa se interessa em propor uma abordagem por um viés duplamente diferenciado.

*Primeiro:* grande parte dos estudos atuais se concentra na análise de programas religiosos. A proposta da pesquisa foi realizar o estudo da representação evangélica a partir do telejornalismo brasileiro, considerando-se este “a principal fonte de informação da sociedade brasileira: mais barata, mais cômoda e de fácil acesso”, ocupando “hoje um lugar central na vida dos brasileiros” (PORCELLO, 2006, p.13).

*Segundo:* Mesmo os estudos de recepção que estudam a percepção do evangélico frente à televisão o fazem a partir do evangélico neopentecostal. Nesta dissertação, o interesse é verificar esta representação aos olhos de outro evangélico, aquele oriundo do Protestantismo Histórico, sujeito um tanto mais oculto nos enquadramentos televisivos da atualidade, aqui representado pelas denominações evangélicas metodista e batista. A escolha destas denominações deveu-se a dois fatores primordiais: a) a antiga e consolidada história das mesmas, centenária no Brasil e, em particular, na cidade pesquisada e b) a presença

significativa das mesmas, tanto numérica quanto social, no contexto de Cataguases e na Zona da Mata em geral. Desta forma, procura-se perceber a autorreferenciação deste evangélico por um recorte diferente da maioria das pesquisas. Tal abordagem, por seus dois aspectos peculiares, bem como pelas metodologias utilizadas, constitui a relevância do tema e sua pertinência no Campo da Comunicação.

De fato, as denominações distintas dos evangélicos na realidade brasileira não permitem falar de uma identidade única ou homogênea. Desta forma, deve-se indagar se a representação do(s) evangélico(s) no telejornal brasileiro utiliza-se de estereotípias para produzir um discurso acerca do outro, produzindo essencializações que podem não se configurar na percepção deste grupo acerca de si mesmo e das representações que encontra na mídia televisiva. Foi relevante estudar se isso ocorre com maior ou menor frequência em emissoras pertencentes ou não a um grupo religioso.

Outra hipótese verificada quanto ao tema foi se o telejornalismo em análise dá ou não a este segmento um tratamento nas chamadas ‘matérias do cotidiano’ e outro diferenciado quando se trata de matérias ‘especiais’. E ainda: mesmo sendo produzido por uma emissora vinculada a uma igreja conhecida como evangélica, um telejornal pode não ter, junto aos telespectadores evangélicos, um processo de identificação uniforme como se espera, nem obter uma representação entendida como adequada na percepção deste grupo.

O Jornal Nacional foi tomado como referência para esta análise por ser o de maior audiência na televisão aberta e, do ponto de vista institucional, não ligado a algum grupo religioso, embora as relações com os setores de direita historicamente alinharam a emissora aos interesses da Igreja Católica<sup>1</sup>, particularmente em seus setores mais conservadores.

---

<sup>1</sup> Não se pode negar, é claro, que o Catolicismo como religião também apresenta multifaces, das quais muitas podem ser vistas, de modo bastante concreto, na vivência prática da fé. Contudo, em vistas ao objetivo da

Apesar disso, os dados do Ibope em 2010 apontam uma queda de audiência significativa: o programa jornalístico da Rede Globo teve média de 29,8 pontos na Grande São Paulo e teve 49,3% de participação no número de televisores ligados (share) na região. Esses números representam uma queda de 24% no índice de audiência se comparada a 2000, quando a atração registrou média de 39,2 pontos e 56% de share.

Em contrapartida, o Jornal da Record se caracteriza como evangélico devido ao fato de a emissora estar vinculada à Igreja Universal do Reino de Deus, por meio de seus acionistas. Ademais, o telejornal e a própria emissora vêm obtendo níveis de audiência crescentes. Em 2010, segundo o Ibope, o Jornal da Record oscilou entre 12 e 18 pontos de audiência, ficando bem acima das demais concorrentes, na faixa dos 4 a 9 pontos em seus telejornais diários. Daí a opção por estes dois produtos televisivos para fins desta pesquisa.

Para atender aos seus objetivos, este trabalho foi estruturado em quatro capítulos. No Primeiro, foram abordados os referenciais teóricos que propugnam a televisão como parte do processo de construção social das identidades. A base teórica adotada apoia-se nos Estudos Culturais Britânicos, em suas relações com o Interacionismo Simbólico, bem como os conceitos de televisão como laço social (Wolton) e promessa do gênero (Jost). Estes referenciais nortearam a parte empírica da pesquisa, tanto na análise das matérias dos telejornais quanto dos conteúdos que emergiram das entrevistas dos grupos focais. Na discussão acerca da religião na televisão, foi feito um mapeamento sintético da presença dos evangélicos nos programas televisivos (novelas, programas religiosos, telejornais, etc.).

---

dissertação, que não poderia abarcar toda a riqueza desta expressão de fé, o Catolicismo será tratado a partir de sua institucionalidade (há uma única Igreja Católica Apostólica Romana organizada, na qual o líder reconhecido em mais alta instância é o papa). Assim, neste trabalho, ele aparece sempre no singular, diversamente dos evangélicos, que se dispersam em inúmeras denominações, formas de governo, estrutura, doutrinas, etc. e por isso sua fragmentação se torna mais evidenciada.

No Segundo Capítulo, foram abordados os referenciais teóricos que particularmente situam o telejornalismo no cenário da pesquisa, como gênero específico e como discurso em circulação na sociedade. Também estes referenciais abordam as relações entre o telejornal e sua audiência, a partir do conceito da dramaturgia do jornalismo, em Iluska Coutinho; da promessa do gênero, em François Jost; e modo de endereçamento, em Itânia Gomes, como explicitados também no Capítulo Primeiro. Estes referenciais consistiram na fundamentação teórica que permitiu a aproximação particular dos enunciados presentes nas matérias televisivas selecionadas para compor o corpus empírico da pesquisa.

No Terceiro Capítulo, foram analisadas cinco matérias do Jornal da Record e seis matérias do Jornal Nacional relativas à temática, conforme os critérios ali estabelecidos, além de uma série especial que abordou os evangélicos. Procurou-se identificar os enunciados que propiciam uma região de sentidos sobre o que é o evangélico no telejornalismo de cada emissora, a partir de dois marcadores básicos: identidade e alteridade, que possibilitam perceber de que formas o discurso jornalístico se aproxima ou se distancia do discurso evangélico.

Cabe ressaltar de imediato que, quando se trata da análise das matérias telejornalísticas, os termos *identidade* e *alteridade* são utilizados neste trabalho como *marcadores discursivos*. Isso significa analisar qual a postura de cada locutor, particularmente o jornalista, frente ao evangélico. A alteridade não significa aqui, portanto, afastamento ou diferença, mas tão somente um lugar de fala distinto, específico, do qual o jornalista busca manter sua própria identidade de imparcialidade e objetividade. A identidade, neste sentido estrito, indicará um lugar de fala onde o jornalista, como narrador, procurará uma posição distinta da anterior. Do ponto de vista conceitual, o termo identidade, no todo deste trabalho, segue o pensamento dos autores alinhados com os Estudos Culturais Britânicos.

Utilizou-se a Análise de Discurso, como preconizada por Foucault e aplicada metodologicamente por Benetti, além da dramaturgia do jornalismo, para mapear as vozes, os sentidos e as estruturas narrativas das matérias, levantando as formações discursivas sobre o evangélico e formas de emergência do discurso no contexto de cada telejornal. Por fim, conforme Foucault entende, foi necessário levantar algumas considerações acerca das condições históricas, sociais, culturais, etc., que possibilitam a circulação desses discursos encontrados sobre os evangélicos.

No Quarto Capítulo, foram descritos dois grupos focais realizados na cidade de Cataguases, sendo um de metodistas e um de batistas, e os seus resultados. Foram exibidas duas matérias, sendo uma de cada telejornal, para os dois grupos, procedendo ao uso de entrevistas, para verificar as hipóteses sobre a recepção da representação do evangélico nos dois telejornais junto a evangélicos oriundos do protestantismo histórico. Foram levantados também os hábitos televisivos desses grupos, comparando-os aos dados disponíveis sobre a realidade televisiva dos brasileiros, pontuando as peculiaridades identitárias e a relação de identidade e alteridade que estabelecem com os telejornais analisados.

Nas Considerações Finais, foram pontuadas as relações identitárias que emergem na interdiscursividade entre os telejornais e os grupos focais entrevistados. Tal interdiscursividade é percebida a partir dos marcadores discursivos de identidade e alteridade, das formações discursivas e da teledramaturgia do telejornalismo, refletindo, ainda, sobre as condições mais relevantes de produção deste discurso e seu impacto sobre os evangélicos protestantes, como parte deste segmento social.

## CAPÍTULO UM: TELEVISÃO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL

*Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. (Stuart Hall)*

Desde sua origem, a televisão foi alvo de especulações, críticas e adesões muitas vezes altamente entusiasmadas. Uma síntese das principais tendências de análise foi realizada por Toby Miller (2009, p. 9-25). Mais do que um aparelho eletrodoméstico, a tevê permeia a vida e o cotidiano de milhões de pessoas em todo o mundo. No Brasil, esta realidade não é diferente. A televisão é, ainda, a principal forma de acesso à informação e ao entretenimento, bem como ao mercado de consumo, tanto por meio dos programas quanto dos intervalos comerciais. Segundo Vera França, isso ocorre porque

ela responde muito bem a aspectos socioeconômicos e culturais de nosso país; tem custo viável frente ao poder aquisitivo de nossa população, se ajusta ao nosso modo de vida. Sua onipresença, sua convivência amigável, sua adaptabilidade às diferentes situações garantem seu sucesso e sua permanência. (FRANÇA, 2009, p.27-28)

Apesar de sua importância, a televisão, como os demais meios de comunicação de massa, tem passado por transformações decorrentes tanto do avanço tecnológico quanto das mais diversificadas demandas e mudanças sociais que acontecem ao longo das épocas. A televisão não é apenas uma e nem a mesma em diferentes lugares e/ou receptores: contextos históricos, culturais, econômicos, etc. devem ser levados em conta no seu estudo e jamais se pode desconsiderar a relação com a audiência nesse processo.

Fazendo parte do tecido social, e como uma de suas instâncias, a TV acompanha seus movimentos e tendências, é instrumento de veiculação de suas normas e valores, mecanismo de reprodução e manutenção da ordem dominante. Instância ativa, lugar de expressão e circulação de vozes, do cruzamento de representações e constituição de novas imagens, a televisão é também um vetor de dinamismo e modificações no seu entorno. É, preciso, no entanto, mais do que reafirmar esta circularidade, buscar qualificá-la. (FRANÇA, 2009, p.30)

Neste capítulo, serão tratados os fundamentos teóricos e metodológicos da dissertação, bem como as conceituações fundamentais a serem utilizadas, tais como discursos, enquadramentos, representação, identidade e diferença, produção e circulação de sentidos e como todos esses conteúdos se relacionam com o meio televisivo na construção da identidade dos grupos sociais.

Também serão pontuados aspectos relacionados com a relevância da televisão como meio de comunicação por excelência na realidade brasileira, em cujo cenário a televisão foi inserida, por Assis Chateaubriand, em 1950. Desde o mês de abril daquele ano, transmissões foram ocorrendo até se chegar a uma rede de programação e à existência de aparelhos receptores. É curioso lembrar que foi o próprio Chatô quem espalhou os primeiros 200 aparelhos de TV pela cidade de São Paulo. No ano seguinte, já eram 7 mil aparelhos em uso e, ao final de 1952, eram 11 mil aparelhos<sup>2</sup>. Considerando seu alto custo e o fato de serem importados, o aumento do número de aparelhos foi altamente significativo.

O site do IBGE traz informações sobre os saltos registrados, em termos de quantidade de aparelhos, desde a implantação da televisão no Brasil, informando que “quatro anos depois do seu lançamento, em 1954, este número passou para 120 mil unidades. Na década de 70, foram mais de seis milhões de unidades”. Ainda não estão divulgados os dados relativos ao Censo de 2010, mas, em 2002, eram 40.459.995 aparelhos coloridos e 2.318.815 aparelhos de televisão em preto e branco no País. Quanto ao seu potencial econômico, em 2005, as telecomunicações geraram 67,1% da receita dos serviços de informação. A televisão aberta liderava o segmento de serviços audiovisuais, gerando 47,3% da sua receita<sup>3</sup>.

Dominique Wolton, ao analisar as razões que tornam a televisão tão importante na sociedade atual, destaca uma de suas características mais importantes – a confiabilidade:

---

<sup>2</sup> Cf. <http://www.tudosobretv.com.br/histortv/tv50.htm>, acesso em 20 de outubro de 2010.

<sup>3</sup> IBGE. **Pesquisa Anual de Serviços - Produtos e Serviços 2004-2005**. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impresao.php?id\\_noticia=933](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=933)> acesso em 30 nov 2010.

os cidadãos confiam na televisão pela sua capacidade de lhes permitir acesso às diferentes dimensões essenciais do jogo social. (...) Para o espectador, ela consiste em creditar aos programadores a capacidade de colocar na antena programas que lhe permitirão ter uma percepção, a menos incompleta possível, dos diferentes aspectos da realidade (WOLTON, 1996, p. 135).

Por estas informações iniciais, pode-se ter um indicativo da importância da televisão no contexto brasileiro. Apesar disso, diversos autores afirmam que essa relevância não se reflete no desenvolvimento de métodos de análise adequados para seus produtos (cf. GOMES, I., 2009, p. 9). Ainda assim, cabe ressaltar que tem crescido o interesse sobre a televisão e seus produtos como objeto de estudo científico.

Esta dissertação insere-se, portanto, nessa perspectiva, propondo-se a analisar a televisão e, nela, o telejornalismo, em suas relações identitárias na sociedade. Para tanto, em primeiro momento, é importante fazer um levantamento do estado da questão sobre a relação que se estabelece entre os meios de comunicação (e neles, a televisão) e a constituição de identidades.

## 1.1. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL

### 1.1.1. A perspectiva dos Estudos Culturais

Os Estudos Culturais surgem, como campo de estudos organizado, por meio do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS). Tal surgimento ocorre no contexto da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Este campo caracterizou-se, a partir de novas abordagens da História, pela escolha metodológica de estudar as minorias. Os três expoentes iniciais desta linha teórica são: Raymond Williams, que, em sua obra *Culture and Society* (1958), defende a premissa de que a cultura comum ou ordinária pode ser vista como um modo de vida similar e em igualdade de condições com o

mundo das artes, literatura e música; Hoggart (1957), que usa a metodologia qualitativa para abordar materiais anteriormente desprezados, oriundos da cultura popular e dos meios de comunicação de massa e E. P. Thompson (1963) que quer reconstruir a história inglesa a partir dos “de baixo”. O desenvolvimento desta abordagem deu origem a inúmeras reflexões envolvendo o campo das comunicações e dos media. (cf. ESCOSTEGUY, 2006)

A perspectiva dos Estudos Culturais entende que as identidades não são algo dado na natureza, mas elas se constroem a partir dos discursos e por diversos deles são atravessadas durante o percurso de vida e experiência(s) de uma pessoa ou grupo social. Assim sendo, as identidades são mutáveis, pois estão sujeitas aos momentos históricos, sociais e materiais. Elas também não são algo unificado, por requerer discursos que lhes deem consistência e generalização, para que façam sentido.

Para Hall, outro dos teóricos mais proeminentes desta abordagem, as identidades estão, no contexto da Pós-Modernidade, perdendo sua capacidade de fornecer uma “sólida localização” (HALL, 2000, p. 9) aos indivíduos em si mesmos e em relação ao todo social. Esta sociedade seria, assim, *pós* em relação a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade. Isso faz com que as pessoas se tornem deslocadas (devido à perda dos ancoramentos no passado), bem como fragmentadas (múltiplas identidades conforme os papéis sociais a serem desempenhados).

As mudanças nos campos da política, do emprego e das formas como as pessoas representam a si mesmas têm gerado transformações identitárias, baseadas nos conceitos de ‘escolhas de estilo de vida’, ‘política de identidade’, etc. Os atuais movimentos sociais também estão negando a essencialidade de suas identidades, especialmente quanto ao conceito de classe e à natureza (aspectos biológicos, cf. WOODWARD, 2000, p. 7-72).

Hall defende a premissa de que as identidades significam o ponto de encontro entre os discursos e práticas que interpelam as pessoas e os processos que produzem

subjetividades: “Elas são o resultado de uma bem sucedida articulação ou fixação do sujeito ao fluxo do discurso” (HALL, 2000, p.111-112). Tais discursos devem constituir objeto de análise, uma vez que, por meio deles, a pessoa ou grupo assume aquela identidade em particular e é preciso entender as razões que levam a isso, uma vez que são identitárias também. Duas perspectivas são importantes para esta abordagem: 1) a identidade é um processo relacional, e é construída tanto simbólica quanto socialmente; 2) a identidade é marcada pela diferença e percebida/ narrada por meio de símbolos.

Tomaz Silva (2000) destaca que identidade e diferença são interdependentes e instituídas por meio de atos de fala. São seres da cultura e dos sistemas simbólicos que as compõem. Ele afirma, ainda, que elas são impostas, pois estão sujeitas a vetores de força e relações de poder. Para este autor, diferentes grupos sociais querem ‘garantir o acesso privilegiado aos bens sociais’, por isso identidade e diferença falam de poder.

Deve-se, de igual modo, neste contexto, considerar a fala acerca do passado, como parte constituinte das identidades, pois este é também uma construção discursiva. Novas identidades são forjadas por meio de uma volta a um passado que pode não ter sido o que se discursa a respeito dele, consistindo, por sua vez, numa busca por legitimação.

### **1.1.2. A perspectiva do Interacionismo Simbólico**

Dentre os teóricos desta abordagem, um destaque é Goffman, que se propõe a entender as formas como as pessoas se veem e são vistas, isto é, constroem e expressam identidades. Ele o faz por meio do conceito da *representação*, tomado, por empréstimo, da arte teatral.

Goffmann parte da concepção de que as pessoas estão sempre procurando informações sobre a outra quando se encontram com alguém. Tais informações ajudam a conceituar sobre esse indivíduo e provêm tanto do que ele fala, efetivamente (o que Goffman chama de *expressão transmitida*), quanto do que se pode observar de seu modo de agir, roupas, linguagem (entendida pelo autor como *expressão emitida*, cf. GOFFMANN, 2008, p.12). Esse conjunto de informações também torna possível, em sociedade, a geração de estereótipos.

É claro, porém, que tanto as transmissões quanto as emissões de informações podem sofrer influências diversas da intencionalidade de quem as pratica, destaca Goffman. Essas influências podem gerar distorções na representação, que este autor caracteriza como sendo fraudes e dissimulações. Por isso, para ele, a observação dos gestos e da linguagem corporal é uma importante chave de leitura para verificar a coerência entre a fala ou a expressão facial de um momento e o todo que o indivíduo quer transmitir (2008, p. 16).

Um interessante e possível ponto de contato entre as duas teorias é, além do conceito de representação, a reflexão acerca de que, ao assumir determinada representação social, o indivíduo encontra o que Goffman chama de *fachada social* já estabelecida, à qual deve se adaptar. Mesmo postulando que o indivíduo possui um caráter fragmentado, os Estudos Culturais entendem que os discursos universalizantes e essencializadores continuam a circular na sociedade e a demandar dos indivíduos opções frente a eles, mesmo que a(s) resposta(s) a essa demanda seja feita de forma compartimentada.

A representação, em sociedade, não apenas mantém estereótipos, mas também formulações sociais que fomentam o preconceito. E a eficiência de uma representação ou a sustentação de uma fachada não depende do indivíduo tão somente, mas também do conjunto social que lhes dá suporte. A interação entre as fachadas e representações se dá por meio de diversos acordos sociais, cooperação, ocultamentos e segredos entre indivíduos e grupos,

destacando a necessidade apontada por Goffmann de, para isso, escolher os parceiros corretos. O autor se utiliza da figura da “conspiração” (GOFFMANN, 2008, p.100) para ilustrar esse tipo de comportamento social.

Já Berger e Luckmann (2007) entendem que o ser humano é um ser social. Entretanto, a ordem social não é derivada da natureza – ela é resultado da atividade humana. Segundo eles, o indivíduo nasce com a predisposição para a sociedade, mas precisa, num primeiro momento, “assumi-la”, socializar-se. Isso ocorre num ambiente com alto grau de emoção, proporcionando a identificação com um conjunto de significativos e de generalidades. Essa é a chamada *socialização primária*. Ao desenvolver-se desta forma, o ser humano cria e mantém hábitos, que lhe permitem ganhos psicológicos e organização interna capazes de promover um estado propício para a deliberação e a inovação. Tais hábitos também levam à institucionalização – tipificações recíprocas que implicam historicidade e controle. Assim se constrói e se passa adiante a concepção/ percepção acerca de uma realidade objetiva, por meio de fórmulas legitimadoras.

A *socialização secundária* é a interiorização de submundos institucionais. Ela depende menos das emoções do que a primária, pois o indivíduo consegue estabelecer uma distância entre seu eu total e sua realidade. Os autores abordam ainda a conservação desta realidade apreendida pelo indivíduo em termos de conservação rotineira e conservação crítica. Essa conservação se dá pelas rotinas, pela institucionalização e pela interação com os outros. A força da linguagem é destacada como forma de significar e ressignificar a realidade, mantendo-a ou modificando-a, conforme o indivíduo exterioriza sua consciência e interage com os outros.

Ao tratar da interiorização e a estrutura social, os autores trabalham as situações nas quais a socialização primária e secundária podem não ocorrer de modo bem-sucedido. Surgem, em decorrência disso, incipientes contradefinições da realidade e da

identidade. E se os indivíduos afetados por esses fatos organizam-se, surge o ambiente para que uma contrarrealidade comece a se configurar, gerando mudanças paradigmáticas no tecido social. Isso também permite aos indivíduos terem contatos com os submundos discordantes, o que aumenta a consciência geral cada vez maior da relatividade de todos os mundos. Os “papéis” sociais e as “representações” passam, nesses casos, por grandes revisões individuais e, por consequência, sociais.

Tendo analisado, assim, a realidade como construção social, os autores argumentam que a identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade. Os tipos de identidade são elementos relativamente estáveis da realidade social objetiva, embora os autores afirmem a impossibilidade das “identidades coletivas”. De qualquer modo, para eles, há tipos de identidade reconhecíveis em casos individuais e observáveis na vida cotidiana.

Assim sendo, tanto em uma abordagem quanto em outra se pode entender as identidades como sendo experimentadas e vividas e, portanto, elas têm a ver com as representações cognitivas e os sentimentos de pertença. Por outro lado, pode-se também falar em identidades “designadas” ou “atribuídas”, ou seja, identidades principalmente vinculadas a construções discursivas ou icônicas de entidades coletivas (cf. COSTA, A., 2002, p. 15-30).

## 1.2. TELEVISÃO E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS GRUPOS SOCIAIS

Não é difícil verificar que os meios de comunicação ocupam um lugar central na atualidade, particularmente por conta do avanço das tecnologias que facilitam o acesso à informação, ao entretenimento e aos conteúdos midiáticos. Por eles, uma série de sentidos e

valores simbólicos circulam, resultando, entre outros aspectos, na representação e difusão de importantes impactos identitários em indivíduos e grupos sociais.

Dentre os diversos suportes midiáticos, destaca-se a televisão, por sua presença quase que universal, por sua versatilidade estética, por sua aparência de interatividade, por sua acessibilidade e pelos códigos de som e imagem que utiliza no processo comunicacional. Como espaço para a constituição de identidades, a televisão pode significar – e tem, de fato, significado – novas formas de ação e de interação no mundo social, o estabelecimento de relações sociais, com novos atores, em novas bases e novas formas de ver a si mesmos e aos outros segmentos e indivíduos na sociedade (cf. THOMPSON, 1998 e LIMA, 2001).

Aluízio Ramos Trinta afirma que

a perda de identidade, de que tantos padecem, angustia e deprime, conduzindo o homem moderno a tentar obter, nos meios de comunicação, além de informação e entretenimento, identificações e projeções possíveis, com relação a pessoas, personalidades e personagens, sejam reais, sejam imaginários (TRINTA, 2008, p. 151).

De fato, os meios de comunicação são, atualmente, um caminho pelo qual os indivíduos e grupos sociais estabelecem relações com o todo da sociedade. Prova disso é o fato de que muitos temas passam a ser debatidos e geram novas posturas a partir do momento em que ocupam espaços midiáticos<sup>4</sup>. O ditado: *ser visto para ser lembrado* tem sido uma prerrogativa da chamada “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 2003, p. 9), na qual as relações têm as imagens como mediação: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (DEBORD, 2003, p. 9). François Jost, por sua vez, propõe que a realidade, ao menos em seu aspecto televisivo, é “antes de tudo, uma realidade reduzida ao visível” (JOST, 2009, p. 15).

---

<sup>4</sup> De certa forma, essa tendência é alvo de uma abordagem vinculada às Teorias do Jornalismo, a chamada *Agenda Setting*.

De fato, existe uma espécie de carência social por ocupar espaços na mídia. A busca pela fama, por exemplo, não se traduz tanto quanto a busca pelo enriquecimento ou por uma mudança de vida. A grande realização pode se dar, tão somente, por “aparecer na televisão” ou ser capa de uma revista. Uma pessoa que não esteja sob os holofotes, nesta perspectiva, é como se deixasse de existir. Nessa perspectiva, grupos sociais que não encontrem representação midiática encontram-se enfraquecidos na defesa de sua causa, ideologias ou necessidades de subsistência.

Manuel Castells (2003) acrescenta a este cenário a argumentação de que, no esforço de produzir significados num período histórico caracterizado pela desestruturação de organizações, instituições e culturas sociais maiores, as pessoas estão se agrupando em torno de identidades primárias. Nessas condições, podemos destacar o valor da televisão na resposta às angústias decorrentes, citadas por Trinta.

Por possibilitar, portanto, o acesso a um enorme contingente de conteúdos, imagens e sons, a TV interfere no cotidiano e, com isso, produz, transforma, revisita e promove novas identidades. E ela o faz a partir de suas próprias orientações, por meio de modelos ali desenvolvidos e estruturados para gerar projeção e identificação.

É claro que não se trata de um processo de mão única, na medida em que cada vez mais as pesquisas evidenciam que os ‘receptores’ não constituem um público passivo. A percepção da mensagem resulta de uma série de processos de seleção e passa por diversas outras mediações nas comunicações com o sujeito. O contexto social, os grupos de pertença e de referência, entre outros fatores, pesam decisivamente no comportamento dos indivíduos face às possíveis influências midiáticas que se queiram estabelecer:

uma identidade (psicossocial, cultural) encontrará seus fundamentos em afinidades existentes e manifestas entre um ou mais indivíduos e um dado *sistema de representações* – feixe de *elementos simbólicos* provido de *procedimentos de encenação*, a serem atualizados e praticados (...) Os meios de comunicação, em cujo concerto avulta a televisão (...), compõem relevantes *contextos*, em cujo interior

*indivíduos, grupos e comunidades* elaboram, propõem, celebram, negociam e defendem suas identidades, tomando por base seu autoconceito e sua autocompreensão. (TRINTA, 2007, p. 152-153, grifos do autor).

Portanto, as representações, inclusive as encontradas via televisão, são meios pelos quais as construções identitárias adquirem sentido. Cabe ressaltar que não se trata de um processo tranquilo:

O estabelecimento de representações não é pacífico nem consensual, mas conflituoso, pois se cada grupo ou indivíduo se compreende de uma determinada forma, a legitimação de uma identidade passa pela desqualificação de outras (BELLOTTI, 2004, p. 98).”

A televisão, como produção humana, é um reflexo das demandas e relações sociais, bem como aponta as tensões sociais, culturais, econômicas e de valores que permeiam a sociedade. Mas ela também, como meio-mensagem, promove novos conflitos, tensões, demandas e necessidades.

### **1.2.1. Televisão como laço social: identidade e diferença**

Wolton utiliza o conceito de “laço social” para expressar a forma pela qual a televisão opera no processo de integrar um indivíduo que a assiste a uma série de outros com os quais este possa ter aspectos em comum: “o espectador, ao assistir à televisão, agrega-se a este público potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente, estabelecendo, assim como ele, uma espécie de laço invisível” (WOLTON, 1996, p. 124). Este laço social tem a ver com a representação encontrada na televisão, que possibilita um reconhecimento identitário nos segmentos sociais:

A sociedade se vê – no sentido mais forte do pronome reflexivo – através da televisão, que esta lhe oferece uma representação de si mesma. E ao fazer a sociedade refletir-se, a televisão cria não somente uma imagem e uma representação, mas oferece um laço a todos aqueles que a assistem simultaneamente. (WOLTON, 1996, p. 125)

Desta forma, pode-se perceber que a representação, no entender de Wolton, resulta num processo identitário: “o laço social significa duas coisas: o laço entre indivíduos e o laço entre as diferentes comunidades constitutivas de uma sociedade”. A seu ver, a comunicação consiste em estabelecer o que há de comum entre as pessoas diversas e “a televisão desempenha um papel nesta reafirmação cotidiana dos laços que juntam os cidadãos numa mesma comunidade” (WOLTON, 1996, p.135).

Cabe também, nesse sentido, recordar o conceito de *codificação* e *decodificação*, trabalhado por Stuart Hall, para quem o processo comunicacional, para ser concluído satisfatoriamente, requer que os códigos aplicados na produção do bem cultural sejam entendidos pelo receptor-modelo, a fim de serem decodificados dentro de um limite pressuposto na mensagem. Para Hall, o processo de codificação é feito com base na estrutura dos discursos em dominância. Os produtos endereçados àquele determinado público codificam, portanto, suas mensagens de acordo com o universo de seus receptores. Isso propicia um espaço comum tanto aos receptores em si, em termos de identidades (o que Wolton chamará de laço social), quanto facilitam a relação, neste caso, entre o telejornal e seus espectadores (identificação).

### **1.2.2. Televisão e cotidianidade**

O pesquisador Roger Silverstone (1994) procura estabelecer, em seus estudos, uma espécie de antropologia da audiência de televisão, utilizando-se dos fundamentos teóricos dos Estudos Culturais Britânicos. Para ele, a televisão é um meio doméstico:

A televisão é uma mídia doméstica. Ela é assistida em casa. Ela é ignorada em casa. Discutida em casa. Vista no privado e com membros da família ou amigos. Mas ela é parte de nossa cultura doméstica em outros aspectos também, provenientes de sua programação, de seus modelos de horários e estruturas na vida doméstica ou ao menos em certas versões da vida doméstica. É também um meio de nossa integração

em uma cultura de consumo na qual a nossa domesticidade é tanto construída quanto exibida. (SILVERSTONE, 1994, p. 24, tradução nossa)

Silverstone (1994) apresenta três dimensões de domesticidade: lar (representando a realidade fenomenológica); família (a realidade social) e moradia (a realidade econômica). Em que caibam as ressalvas devido às peculiaridades culturais que diferenciam as famílias brasileiras e europeias (objeto preferencial das investigações dele), o autor coloca alguns pontos interessantes de análise, ao situar a televisão no ambiente familiar, não apenas no sentido de que aí ela é mais assistida, mas também sobre a domesticidade que ela representa e apresenta.

De fato, os programas televisivos em geral e mesmo o telejornalismo procuram passar a impressão de intimidade e domesticidade. O/a apresentador/a de telejornal fala como se fizesse parte da família, cumprimenta o telespectador ao início e ao final de cada edição e utiliza linguagem simples e informal na transmissão das notícias. No site do Jornal Nacional, uma das expressões utilizadas acerca da história do Jornal é exatamente esta: a de que a notícia é levada à “casa do telespectador”.

A maioria das telenovelas, por sua vez, se ambienta aí, retratando aspectos da vida cotidiana, mostrando o quarto, a sala, o banheiro, a vida íntima dos personagens e seu convívio familiar. Isso produz no telespectador um senso de pertença e uma possibilidade de autorreferenciação.

O diálogo com esse referencial teórico revelou-se muito adequado à pesquisa, particularmente na abordagem dos hábitos televisivos dos integrantes dos grupos focais, como poderá ser verificado no Capítulo Quatro.

### 1.3. TELEVISÃO E AUDIÊNCIA

A própria exposição de determinados grupos sociais na mídia, televisiva em particular, tem mudado a maneira como estes são vistos pela sociedade brasileira, conforme seus valores são mais ou menos evidenciados. Sua linguagem, adequação ao mercado e demais aspectos são bem ou mal trabalhados por cada segmento social que tem garantido um espaço midiático, televisivo.

Assim, ao estudar a relação entre televisão e identidades, é imprescindível levar em conta o processo de interação com o receptor, não como um mero recipiente no qual novos conteúdos são introduzidos, senão como aquele ser capaz de dar sentido ao que assiste, recebendo e reinterpretando situações. Suas reações podem incluir a aceitação, mas também a indiferença, a resistência, a negação e a contestação daquilo que está proposto pela mídia televisiva. Isto significa, de alguma forma, indagar: De que formas os sentidos são produzidos a partir do que é visto, ouvido e sentido, a partir dos valores simbólicos transmitidos e do cenário, que também mediam a relação entre a televisão e os grupos sociais?

Além disso, como já dito, mudanças na sociedade incidem na “televisão que se pode fazer, na programação, no perfil das diferentes emissoras” (FRANÇA, 2009, p.31). Ao realizar um estudo sobre a recepção do Jornal Nacional, Carlos Eduardo Lins da Silva (1985) aponta esta perspectiva ao afirmar que as contradições no interior dos meios de comunicação “mudam de acordo com as mudanças que acontecem na sociedade e, por sua vez, influenciam os acontecimentos da sociedade como um todo (SILVA, C., 1985, p. 40).

Cabe ressaltar que a preocupação em estudar a audiência ainda é recente nos estudos acadêmicos e carece, segundo Alfredo Vizeu Pereira Júnior<sup>5</sup> (2006, p.31), de melhor conceituação do termo, pois

o âmbito e a origem das pesquisas de audiência são ainda bastante restritos, seja porque o meio acadêmico só agora começa a se interessar por pesquisas de recepção, seja porque o próprio meio profissional não considera necessário investir –e muito menos para revelar – muitas verdades sobre quem lê, ouve e assiste (PEREIRA JÚNIOR, 2006, p. 31).

Nesta dissertação, há duas concepções acerca da audiência que foram tomadas como referenciais de análise, como será visto, sinteticamente, a seguir. Elas serão retomadas na análise dos telejornais e dos grupos focais, nos respectivos capítulos.

### **1.3.1. Audiência presumida**

Segundo Pereira Júnior, tem-se trabalhado, na prática jornalística, a perspectiva que ele chama de *audiência presumida*, ou seja, “os jornalistas imaginam a audiência a partir deles mesmos, eles se julgam representativos da audiência” (Pereira Júnior, 2006, p.30). Isso acontece porque

quando o jornalista tem que pensar no tipo de notícias para o público, serve-se mais de sua opinião acerca das notícias do que de dados específicos sobre a composição, o gosto e os desejos daqueles com quem está se comunicando (PEREIRA JÚNIOR, 2006, p.29).

Entretanto, perceber a audiência desta forma, ainda que com dados estatísticos comprovados, pode não ser suficiente para compreender a forma como os discursos sociais são construídos, mediados pelos meios de comunicação e circulados em sociedade. Vizeu e Correia afirmam que, “no âmbito do discurso, não podemos falar em passividade da

---

<sup>5</sup> Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior é um autor brasileiro bastante proeminente nos estudos de comunicação. Na bibliografia desta dissertação, porém, há livros deste autor em que ele assina o nome por completo e, em outro, como Alfredo Vizeu. Foi seguida a norma da UFJF em citar o autor conforme aparece na folha de rosto do livro. Por isso, os/as leitores/as devem estar cientes de que Pereira Júnior e Vizeu tratam-se do mesmo autor, em obras diferentes.

audiência, pois ela é acionada a efetuar percursos no interior deste campo, fazendo eles associativos com base no investimento de seus próprios saberes” (VIZEU e CORREIA, 2008, p. 24). Na análise dos dados levantados pelos grupos focais, foram colocadas, lado a lado, algumas percepções acerca do que se presume e do que, ao menos, esta audiência em específico permitiu detectar (Capítulo Quatro).

Também vale sempre lembrar que

a audiência não é audiência só quando interatua com a TV. A audiência são muitas coisas ao mesmo tempo e participa de diversas instituições sociais, de forma que a identificação dos sujeitos receptores não apaga as outras identidades (SIGNATES, 2006, p.66).

Por exemplo, ao lado da recepção da notícia está um mundo de significados, discursos e sentidos que atravessam o telespectador, tais como a influência dos líderes de opinião (pessoas dentro do próprio grupo social que influenciam as demais quanto a consumo, votos, atitudes e modos de comportamento, moda). Além disso, a coesão do próprio grupo e sua dependência mútua podem moldar, em diversos momentos, as atitudes e valores dos seus membros.

### **1.3.2. Modo de endereçamento**

Itânia Gomes, ao estudar a forma pela qual os telejornais se posicionam, não apenas em relação ao acontecimento, mas também em relação ao telespectador, propondo um estilo de apresentação, de construção mesma do produto midiático, parte do conceito de “modo de endereçamento”. Segundo ela,

Modo de endereçamento é aquilo que é característico das formas e práticas comunicativas específicas de um programa, diz respeito ao modo como um programa específico tenta estabelecer uma forma particular de relação com sua audiência (cf. Morley & Brunson, 1978). A análise do modo de endereçamento deve nos possibilitar entender quais são os formatos e as práticas de recepção solicitadas e construídas pelos telejornais. (GOMES, I., 2005, p.2)

O conceito de modo de endereçamento, segundo a autora, vem das análises fílmicas. Seria associada ao conceito uma questão de investigação: “Quem este filme pensa que você é?”. “Na perspectiva da análise televisiva, o conceito tem sido apropriado para ajudar a pensar como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais” (GOMES, I., 2005, p. 2-3). Essa abordagem vem sendo usada nos estudos de recepção que procuram analisar comparativamente “os discursos dos produtos televisivos e os discursos de seus receptores” e compreender “a relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido do texto televisivo” (GOMES, I., 2005, p. 2-3).

#### 1.4. TELEVISÃO E RELIGIÃO

Já é bem forte e evidente a presença da religião na televisão. De modo específico, nesta pesquisa serão apontados especificamente apenas os dados relativos à religião evangélica, envolvida de forma direta na reflexão empreendida nesta dissertação.

Atualmente, no Brasil, os canais de TV aberta contam com uma considerável presença religiosa, em particular, evangélica. Em 2008, a Band possuía 40 horas e meia de programação religiosa semanais. A Record, vinculada à Igreja Universal, 43 horas e meia. A campeã era a RedeTV!: 58 horas semanais destinadas aos cultos religiosos. A Rede 21, pertencente à Band, vendeu 22 horas semanais de sua programação à Igreja Mundial do Poder de Deus (LIMA, 2008).

Na grade de programação semanal das emissoras abertas e de sintonização irrestrita no Rio de Janeiro (TVE, Rede Globo, Rede TV, Bandeirantes, Record e SBT) é possível perceber o número significativamente maior de programas de igrejas evangélicas em relação às demais expressões religiosas existentes no Brasil. A média de programas evangélicos das mais variadas denominações – desde a IURD e Igreja da Graça até Igreja Bola de Neve e Igreja do Evangelho do Bom Retiro – é de

28 por dia. As segundas-feiras e quartas-feiras há uma presença maior de programação evangélica no ar. São 29 inserções. Nestes dias não há manifestação de outra expressão religiosa. Somente aos domingos há um programa espírita de trinta minutos e um da comunidade judaica, de uma hora. Esses números são expressivos da importância atribuída, principalmente, à mídia eletrônica pelos evangélicos pentecostais e neopentecostais na disputa e consolidação da sua presença num universo religioso plural e que dialoga cada vez mais e de forma mais intensa com o curso da globalização.<sup>6</sup>

É possível encontrar atualmente um sem-número de canais específicos, via sistemas de antenas parabólicas, televisão paga ou acessada via internet. No site <http://www.100antena.com>, por exemplo, a categoria de TVs religiosas lista 119 canais. Deve-se considerar também o fato de muitos canais terem alcance apenas regional.

Ao examinar a grade de programação desses canais, pode-se perceber a variedade de temáticas e perfis. Na Rede Super, que alcança 175 cidades via sinal aberto, cabo e VHF, aparecem produções de igrejas diversificadas (Metodista, Batista, Quadrangular, etc.), além de programas do tipo *talk-show*, filmes, jornalismo, clipes, estudos bíblicos, cultos, programas infantis, culinária, beleza, humor, temas do cotidiano.

A RIT, pertencente à Igreja Internacional da Graça, transmite, além do Brasil, para Portugal e Estados Unidos (Flórida). Na grade, programas ligados diretamente à Igreja. Há transmissão de cultos, interação com o telespectador por meio de programas que aceitam pedidos de orações e respondem a dúvidas. Também há telejornais diários, entrevistas e entretenimento, clipes, aconselhamento. Alguns programas se destinam à promoção comercial de CDs, DVDs, grifes evangélicas, livros, revistas e uma série de outros produtos de por subsidiárias como editoras e gravadoras da Igreja.

De qualquer modo, é preciso ressaltar que os grupos evangélicos que detêm atualmente maior dominação cultural sobre seu segmento são aqueles advindos das igrejas conhecidas como neopentecostais, exatamente em função de sua bem-executada inserção

---

<sup>6</sup> Cf. [http://www.iser.org.br/exibe\\_noticias.php?mat\\_id=51](http://www.iser.org.br/exibe_noticias.php?mat_id=51), acesso em 20, mar., 2009.

midiática<sup>7</sup>: Igreja Universal do Reino de Deus; Igreja Mundial do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça, Igreja Renascer em Cristo. De imediato, a própria nomenclatura dessas igrejas nos remete a um caráter identitário: o da abrangência a que se propõem. Ao lado desses grupos, também encontramos alguns considerados mais “tradicionais”, embora revestidos, em muitos sentidos, de uma nova ‘fachada’, como, por exemplo: a Igreja Batista (especificamente a da Lagoinha, cuja sede está em Belo Horizonte) e a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

#### **1.4.1. Canais e programas religiosos evangélicos**

Para Magali do Nascimento Cunha, a “cultura gospel” favorece a grande proliferação de canais religiosos e isso indica uma nova realidade: “O fato de os cristãos terem se tornado um segmento de mercado já pode ser identificado na programação da mídia religiosa eletrônica, o que muda a relação dos produtores religiosos com os meios” (CUNHA, 2007, P. 144).

Uma crítica que se faz hoje à relação entre os grupos evangélicos e a mídia é a percepção de que este segmento tem se tornando economicamente interessante a diversos setores do mercado. A venda de produtos e mesmo o processo de recrutamento de ‘patrocinadores’ se torna a própria razão de ser de muitos programas e canais especificamente evangélicos. O evangélico passa a ser visto e a ver-se como um segmento de mercado, para quem produtos e serviços específicos são oferecidos com o diferencial da religiosidade, o que lhe confere certa ‘superioridade’.

---

<sup>7</sup> Não se faz aqui nenhum juízo de valor, senão ressaltar a capacidade que esses segmentos tiveram para entender o veículo e nele, eficientemente, se posicionar. Essa questão é colocada até mesmo em estudos comparativos entre a adequação desses grupos e outros já tradicionais na mídia, como o próprio Catolicismo.

Os programas e a literatura da mídia evangélica tornam-se os mediadores de uma comunidade de consumidores, em que a vinculação religiosa já não é mais o que importa e, sim, o consumo de bens e de cultura que possibilitem aproximação com Deus e entretenimento 'sadio'. Este é o apelo evangélico em termos de 'cultura gospel'. (CUNHA, 2007, p. 147).

Como se trata de uma representação marcada pelo viés mercadológico, uma identidade evangélica diferenciada vem surgindo, considerando que “as identidades são cada vez mais atravessadas por mensagens simbólicas, especialmente aquelas midiaticizadas” (COUTINHO e FELZ, 2007, p. 110). A representação evangélica passa a ser marcada pelo simbolismo do consumo, gerando uma crise não apenas no aspecto institucional, mas também identitário das igrejas, particularmente nas chamadas históricas, que, por vezes, não conseguem atingir a “eficácia” do discurso midiático.

E, embora se reconheça que o papel do receptor é ativo no processo de acolher, reagir e posicionar-se frente aos conteúdos midiáticos, não se pode ignorar que a mídia tem o poder de efetuar o que Stuart Hall chama de ‘dominação cultural’:

As indústrias culturais têm de fato o poder de retrabalhar e remodelar constantemente aquilo que representam; e, pela repetição e seleção, impor e implantar tais definições de nós mesmos de forma a ajustá-las mais facilmente às descrições da cultura dominante ou preferencial. É isso que a concentração do poder cultural – os meios de fazer cultura nas mãos de poucos – realmente significa. Essas definições não têm o poder de encampar nossas mentes; elas não atuam sobre nós como se fôssemos uma tela em branco. Contudo, elas invadem e retrabalham as contradições internas dos sentimentos e percepções das classes dominadas; elas, sim, encontram ou abrem um espaço de reconhecimento naqueles que a elas respondem. A dominação cultural tem efeitos concretos – mesmo que eles não sejam todo-poderosos ou todo-abrangentes (HALL, 2003, p. 254-255).

O que isso significa, no caso específico das identidades evangélicas? De imediato, vê-se que a grande oferta de canais evidencia o potencial mercadológico proposto por esse tipo de religiosidade no contexto brasileiro atual. Postos em evidência como consumidores de certos tipos de produtos, serviços e, pode-se dizer, cultura, os evangélicos veem sua identidade – ou identidades – em uma grande e profunda transformação.

Pelo fato de haver variadas nuances identitárias no segmento evangélico brasileiro e também por apenas uma pequena parte dele ter acesso à visibilidade televisiva, a

visão que se terá dos evangélicos passa a ser ainda mais fragmentada. Pode-se entender que, neste contexto, os evangélicos padecem pela dificuldade em conseguir um conjunto de sentidos que dê coerência ao seu todo, tornando possível uma representação identitária consistente, ao menos no plano discursivo. Por consequência, põem-se ante o impasse de, pelo menos, duas saídas rápidas possíveis: ou assumem sua identidade plural (correndo o risco de desmanchar-se na sociedade líquida<sup>8</sup>) ou tomam uma parte pelo todo, sendo evangélicos na acepção que lhes der a pasteurização midiática de seu segmento.

Quando se trata de compreender as implicações identitárias relacionadas com os canais de conteúdo evangélico, surgem novos enquadramentos quando esse segmento fala de si para si: o evangélico numa perspectiva focada no consumo; a religiosidade como entretenimento; um descolamento da realidade comunitária (a igreja do fiel) para uma religiosidade de cunho individual, personalista, calcada num laço social diferenciado (comunidade virtual; show da fé; uso de termos como ‘associado’ ou ‘patrocinador’ ao invés de ‘membro’ ou ‘crente’ da igreja tal, o que denota uma mudança de discurso significativa em termos de identificação).

#### **1.4.2. Personagens evangélicos em produções ficcionais**

No caso de outros produtos televisivos, pode-se encontrar a presença do evangélico em produções ficcionais, como a telenovela, na qual transparece, de imediato, uma questão identitária conflitante: a estereotipia. Como parte do processo de manutenção da ordem social e simbólica, o estereótipo simplifica e traz homogeneidade aos problemas na sociedade.

---

<sup>8</sup> Conceito desenvolvido por Z. Bauman em diversas de suas obras. Segundo o sociólogo polonês, as esferas da sociedade contemporânea estão passando por várias transformações que esgarçam o tecido social. Ele cita como principais características da modernidade líquida o desapego, a provisoriedade e o acelerado processo da individualização. É um tempo de liberdade, mas, ao mesmo tempo, de insegurança (BAUMAN, 2001).

Estereotipar é um modo de facilitar as conjunções mentais, estabelecendo ancoramentos frágeis e incompletos, muitas vezes tomando-se a parte pelo todo, essencializando o que não o pode ser. Na contingência e no pragmatismo do cotidiano, a alternativa é acomodar-se a essa maioria ou romper abertamente com ela, visando sua transformação. De fato, quanto mais se tem consciência de como funcionam os mecanismos da estereotipia, mais se tem uma postura crítica que possibilita mudanças de paradigmas essencializados na sociedade. Cabe pontuar aqui um problema identitário levantado por Saulo Baptista:

O problema dessa aguerrida disputa pela identidade evangélica persiste, quando se percebe que evangélico passou a ser categoria guarda-chuva, adotada pelos “de fora”, para designar indistintamente protestantes e pentecostais. Este procedimento costuma ser adotado, também, pelos grandes meios de comunicação, repercutindo, desta forma, o senso comum prevalecente na sociedade (BAPTISTA, 2006).

Também se deve considerar que, embora a telenovela seja apresentada como uma obra fictícia, sem relação com fatos verídicos ou pessoas reais, ela tem uma promessa de realidade, já que consiste em

uma dramatização e representação da vida cotidiana, com todos os seus problemas, conflitos, resoluções e comportamentos. Essa noção de que se trata de uma narrativa que conta ‘como a vida é’ atua como um fator que minimiza a distância entre o personagem e o ator, criando a ilusão de que se trata de uma história real. Este aspecto de veracidade é exatamente o que os telespectadores esperam do gênero (ANDRADE, 2003, p. 58)

Não é difícil observar certa padronização estética, gestual e discursiva entre as personagens religiosas na telenovela, independentemente de se tratar de uma beata católica, uma evangélica ou uma judia ortodoxa. Há, assim, um imaginário acerca da pessoa religiosa, particularmente, da mulher, que envolve uma radicalidade contra a beleza, a sensualidade e a questão sexual, tida como um grande tabu. Em outros momentos, as personagens femininas religiosas manifestam outro comportamento: aparentemente recatadas a princípio, elas podem se tornar extremamente sedutoras em outro, colocando em xeque a ideia da castidade, que de modo naturalizado se atribui à mulher religiosa na sociedade.

Como produto televisivo, a telenovela também contribui para a circulação dos sentidos na sociedade, para o estabelecimento de formações discursivas que conduzirão a reformulações ou reafirmações identitárias dos grupos sociais, entre eles, os evangélicos:

Esse produto ficcional difunde discursos a partir dos quais o sujeito negociará a definição de si mesmo e do “outro”, estabelecendo uma hierarquia de valores e concepções muito dependente de influências advindas da mídia. A telenovela é responsável por elaborar e propagar modelos identitários que serão referência para o espectador, tanto quanto os bordões ou os acessórios usados por um determinado personagem (BRANDÃO e FERNANDES, 2007, p. 5)

Dentre os sentidos produzidos, há também uma percepção identitária do que seja o brasileiro enquanto ser religioso: “A religião e a religiosidade são fortes componentes da construção do *habitus moral* construído pela novela nacional no curso de seus 46 anos de diálogo com o público” (JUNQUEIRA e TONDATO, 2009, p. 183). O Obitel<sup>9</sup> detectou, em 2007, um percentual de 14% do total dos temas tratados em telenovelas envolvendo a religião. Isso ocorreu tanto de forma dominante quanto secundária nas tramas (JUNQUEIRA e TONDATO, 2009, p. 196-197). No caso da novela *Duas Caras*, por exemplo, o núcleo central estava na favela Portelinha, sendo que “a temática da religiosidade e espiritualidade surge nas práticas dos moradores da favela” (JUNQUEIRA e TONDATO, 2009, p. 202).

Na teledramaturgia brasileira, particularmente, a Global, há um acento histórico sobre o Catolicismo como religião hegemônica, o que remete à realidade do país, cuja maioria populacional ainda se declara como pertencente a este segmento. Entretanto, conforme as pesquisas demonstram, tem havido uma mudança e maior presença de outras expressões religiosas nas tramas novelescas. Essa representação inclui as religiões de ordem espírita (religiões predominantes em tramas como “A viagem” e “O profeta”, por exemplo), de origens

---

<sup>9</sup> O Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (Obitel) é um projeto internacional de pesquisa, que tem por objetivo fazer uma análise anual da produção, audiência e repercussão sociocultural de toda a ficção televisiva produzida na América Latina e na Península Ibérica. É responsável também pela organização de um banco de dados quantitativos sobre o tema. Criado em fevereiro de 2005, reúne pesquisadores de nove países: Brasil, México, Venezuela, Colômbia, Chile, Argentina, Portugal, Espanha e Estados Unidos. (<http://globouniversidade.globo.com/GloboUniversidade/0,,AA1673985-8743,00.html>, acesso em 08 de fev. 2011)

africanas (por exemplo, em “Porto dos Milagres” o candomblé ocupava lugar central, embora estivesse presente o sincretismo religioso com o catolicismo, cf. FRANÇA e SIMÕES, 2003, p. 13); as evangélicas (alguns debates sobre a religião evangélica ocorreram em séries como “Decadência” e novelas como “Barriga de Aluguel” e “Duas Caras”) e também orientais (“O Clone” apresentou o islamismo e “Caminho das Índias” abordou o hinduísmo, ainda que numa perspectiva de realismo fantástico, próprio da autora de ambas as novelas).

Também já ocuparam espaço nas tramas telenovelescas religiões ligadas ao esoterismo (Eterna Magia), entre outras. Não poucas vezes em que o tema da religião é abordado na teledramaturgia brasileira, isso ocorre na perspectiva do conflito:

Num país de grandes disparidades étnicas, é interessante perceber como (...) se projetam as dimensões místico-religiosas, que constituem uma temática nem sempre pacífica, como podemos vislumbrar em *O Pagador de promessas* (1988), explorando os conflitos entre a igreja católica e o candomblé, em *Decadência* (1995), uma ficção que problematiza a exploração da fé por um pastor evangélico, e em *A Muralha* (2000), uma narrativa situada no Brasil colonial, em que se exibem as tensões entre os índios e colonos, os cristãos novos e a Inquisição. (PAIVA, s/d, p. 8).

Esta variedade de presenças religiosas na teledramaturgia brasileira não é obra do acaso. Ela reflete as experiências sociais e culturais do povo brasileiro, cuja experiência religiosa é uma característica forte de sua composição. Também há que se levar em conta as consequências dos fenômenos diversos de globalização e a fragmentação presente nos processos da pós-modernidade.

De qualquer modo, há um elemento constitutivo da cultura brasileira no qual a religião ainda ocupa papel relevante e a telenovela não pode esquivar-se deste fato. Devido à sua ampla audiência, ao gênero (que permite uma forma própria, profunda e contínua do tratamento dos temas) e à sua inserção no dia-a-dia do brasileiro, a novela possui uma importância significativa em relação aos temas em pauta na discussão da sociedade, gerando, transformando ou sedimentando sentidos e isso inclui a religião em geral, e os evangélicos em particular.

### 1.4.3. Os evangélicos no telejornalismo

Michel Foucault, ao discorrer acerca da circulação dos discursos em sociedade, fala sobre a “disciplinarização dos saberes” (por meio da “seleção de saberes, institucionalização do conhecimento e, conseqüentemente, o desaparecimento do *sábio-amateur*”, cf. CASTRO, 2009, p.110-117). Tal disciplinarização coloca aos saberes existentes na sociedade a necessidade de comprovação empírica para que alcancem a condição de ciência. No que tange à noção positivista de ciência, a religião, embora constituindo um saber em circulação na sociedade, não possui o status de ciência ou de verdade, mas situa-se na esfera do que é comumente entendido como crença.

O jornalismo, como gênero, possui uma promessa de objetividade e de veracidade que faz com que seu discurso seja atravessado constantemente pelo discurso científico. Esta constatação é importante para verificar que, no telejornalismo, como poderá ser percebido nos capítulos dois e quatro desta pesquisa, a religião em geral e a religião evangélica em particular aparece numa região de fronteiras discursivas.

Segundo Foucault, os saberes fora do status de ciência podem sofrer *segregação*. Neste caso, as premissas do autor poderiam ser aplicadas ao discurso da religião, que, em determinados contextos, “não pode circular como os outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância” (FOUCAULT, 2000, p.10). Em relação ao discurso jornalístico, isso ocorre de modo bastante evidente, por exemplo, quando representantes da religião se manifestam publicamente acerca de temas tidos como científicos, como o aborto, a clonagem e as pesquisas com células-tronco, etc. Sua fala pode ser descaracterizada pelo uso de adjetivos tais como retrógrada, desinformada, preconceituosa ou conservadora.

Há outros momentos, no entanto, em que a segregação ocorre de modo inverso, sendo-lhe atribuídos “estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber” (FOUCAULT, 2000, p.11). Em algumas das matérias selecionadas para esta pesquisa, esta relação discursiva entre a religião evangélica e o jornalismo se dá, por exemplo, na forma como o repórter aborda a capacidade da religião de dar sentido, de transcender o problema do indivíduo, de levá-lo a alguma posição melhor de vida.

De qualquer modo, o lugar de fala da pessoa religiosa é quase sempre testemunhal, particular, subjetivo. Especialistas, muitas vezes, são consultados para dar seu parecer acerca do aspecto religioso abordado, uma vez que, na acepção científica, os religiosos não teriam ‘mérito’ em falar por si mesmos e o fazem somente ao nível da experiência, do emocional, no sentido de possibilitar a aproximação entre o telejornal e seu telespectador. Assim, mantém-se uma identidade evangélica calcada na alteridade, a partir das falas de autoridade dos portadores do saber legitimado e, portanto, detentor do poder de discurso sobre esses grupos. De acordo com essa estratégia fica, ainda, preservada a objetividade, categoria fundamental da projeção identitária do jornalista.

O discurso jornalístico opera, assim, na fronteira do discurso religioso/evangélico. Por vezes, pode ocorrer de o repórter assumir o lugar de fala da religião e até utilizar-se do jargão religioso na constituição verbal da matéria jornalística. Nesses casos, talvez para os não iniciados na religiosidade evangélica, as expressões nada tenham de extraordinário, mas, para esses grupos religiosos, são termos de uso constante, enraizados tanto nas tradições religiosas quanto na própria Bíblia, seu livro sagrado. Acrescente-se ainda a entonação de voz (que no contexto da perspectiva do telejornalismo como narrativa dramática, como será demonstrado no desenvolvimento desta pesquisa, se poderia incluir entre os aspectos da “colocação em cena”), como fator agregador de emoção e certa postura

reverencial de quem fala, evocando a noção de ritual. Este tópico será desenvolvido com maior aproximação da pesquisa nos a seguir, que tratarão particularmente do telejornalismo e suas relações com a identidade ou identidades evangélicas brasileiras.

## CAPÍTULO DOIS: TELEJORNALISMO E IDENTIDADES

*Os telejornais apresentam e representam a realidade aos brasileiros, e contribuem para a construção de sua própria identidade como cidadãos de um país em que o primeiro programa televisivo a ser exibido em rede foi exatamente um telejornal. (Iluska Coutinho e Christina Musse)*

Neste capítulo, serão estudados o telejornalismo e suas possibilidades em relação à circulação de sentidos afins, também, com a formação identitária dos evangélicos no Brasil. Para melhor compreendê-lo no contexto da pesquisa desenvolvida nesta dissertação, será necessário refletir acerca do telejornalismo como gênero, como espaço de circulação de sentidos, como lugar de referência e discurso sobre a atualidade entendendo, por fim, sua relação com a representação.

### 2.1. TELEJORNALISMO: O GÊNERO

Segundo José Aronchi de Souza (2004), o noticiário foi o primeiro formato do telejornal. O apresentador lia os textos para a câmera e não havia muitas imagens nem ilustrações. Atualmente, o telejornal mantém sua fórmula básica: um ou dois apresentadores leem os textos para a câmera e apresentam as reportagens externas, feitas por repórteres. Há, ainda, os comentaristas especializados, que fazem parte dos principais telejornais, que continuam a ser transmitidos ao vivo e permitem a realização de entrevistas em diversos lugares do mundo.

Nas grades da programação das emissoras, pode-se encontrar diversos gêneros jornalísticos, além do telejornal propriamente dito: debates e entrevistas, documentários e

reportagens especiais (SOUZA, 2004, p. 156). O telejornalismo norte-americano teve grande influência sobre o modelo brasileiro, inclusive com a introdução do âncora<sup>10</sup>, figura utilizada em diversos telejornais. Souza acrescenta que alguns formatos do telejornalismo se consagraram como gêneros propriamente ditos, devido à sua importância. Ele lista os seguintes formatos atualmente existentes: nota, reportagem, entrevista, indicadores econômicos, editorial, comentário e crônica (SOUZA, 2004, p. 153).

Iluska Coutinho (2003, p.5) explica que, no telejornalismo, “o conceito de formato, assim como o de gênero, seria tomado por empréstimo dos estudos sobre jornalismo impresso. Entre os gêneros jornalísticos, os formatos podem ser subclassificados em “informativo, opinativo, interpretativo e diversional” (MARQUES DE MELO apud COUTINHO, 2003, p.5).

De fato, há uma grande variedade de conceituações sobre os gêneros no mundo televisivo. Esse sem-número de possibilidades está relacionado com o entendimento dos objetivos do referido programa, suas proposições e também as formas pelas quais os noticiários de TV são recebidos pelos seus telespectadores.

Vera França, por sua vez, define os gêneros a partir do referencial teórico de Bakhtin: tipos relativamente estáveis de enunciados; formas típicas, forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo (FRANÇA, 2009, p. 229). Segundo a autora, esta definição, conquanto simples, apresenta aspectos definitivos: gêneros são da ordem da forma, têm papel estruturador e, principalmente, são formas de enunciados que, por sua vez, “se constituem como elos numa cadeia de comunicação; são seguidos por outros e refletem-se mutuamente” (FRANÇA, 2009, p. 229). Contudo, França percebe que a construção de uma tipologia de gêneros é um trabalho complexo, reconhecendo que os critérios de determinação

---

<sup>10</sup> O âncora, além de dar as notícias, faz inferências sobre os tópicos apresentados e participa da constituição do próprio telejornal, de modo que é mais do que o mero apresentador de notícias.

dos mesmos podem ser de diversas ordens e transversais. Especificamente no caso da televisão, afirma ela, não há consenso, citando em seu artigo diversos estudos e possibilidades (FRANÇA, 2009, p. 232-235).

A validade da análise dos gêneros se sustenta, segundo França, devido ao fato de que o estudo das categorias de um determinado objeto e da nomeação que ele recebe possibilita, a seguir, o avanço na compreensão do tipo de diálogo e de interação aí proposto, bem como o reconhecimento “dos sujeitos e posições de sujeito que se apresentam e se deixam ver nas dinâmicas comunicativas aí instauradas” (FRANÇA, 2009, p. 238).

Já para Jesús Martín-Barbero, o gênero televisivo não é definido por “algo que ocorra no texto, mas sim pelo texto, pois é menos questão de estruturas (...) é, antes de tudo, uma estratégia de comunicabilidade” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.314). Na perspectiva deste autor, as estratégias existentes nos programas de televisão são negociadas em uma comunidade cultural: de um lado, existe uma construção discursiva (conteúdos, linguagem audiovisual) e, de outro, os exercícios que fazem com que o público reconheça o gênero tal como lhe é apresentado.

Para Martín-Barbero, tais exercícios funcionam como formas de recepção imersas na cultura, ou seja, lógicas de uso. Para possibilitar este reconhecimento, os telespectadores se munem de “competências culturais”, construídas a partir da memória e do imaginário compartilhados, e evidenciadas na própria organização discursiva dos programas. O gênero se torna, assim, a estratégia que conecta as lógicas de produção da indústria televisiva e o público. Os telespectadores estabelecem lógicas de usos dos programas de televisão, ao assisti-los, a partir do reconhecimento da organização discursiva de cada um, ou seja, os gêneros que se lhes apresentam. Portanto, a compreensão dos gêneros teria a ver com a percepção de como eles são identificados pelos telespectadores e não como os textos são organizados ou que sentidos oferecem.

Jost, por sua vez, considera o gênero como uma interface que faz a ligação entre emissor (televisão) e telespectador. A marca de cada gênero aparece nos jornais de comunicação e na própria programação televisual. Os gêneros contêm, para Jost, uma promessa ontológica ou constitutiva e são um conceito-chave (JOST, 2004, p. 18, 20). Ele cita uma série de razões para isso: o gênero faz com que a tevê possa agir sobre o espectador no interior de um quadro semântico; a denominação do gênero possui o poder e a função de informar ao telespectador; o gênero permite a arquivagem e isso tem uma relação profunda com todo tipo de pesquisa que se possa empreender; o gênero tem a ver com aspectos de regularização que permitem a exibição do programa em determinados horários e voltados a determinados públicos perante as leis de cada país, com repercussões econômicas importantes; o gênero possibilita às emissoras realizar seus próprios estudos de recepção e reconhecer os programas de maior audiência, escolhendo, assim, de que formas apresentá-los (etiquetá-los); e, por fim e mais evidente, segundo o autor, o gênero permite o direcionamento da interpretação por parte do receptor (JOST, 2004, p. 20-23).

Todos estes pontos assinalam o que Jost aborda, citando outros autores, como um pacto comunicacional, um pacto de leitura entre a televisão e seu telespectador: “Em televisão, pode-se definir a noção de contrato como um acordo graças ao qual emissor e receptor reconhecem que se comunicam e o fazem por razões compartilhadas” (JOST, 2004, p.9). Haveria, pelo menos, três formas pelas quais os estudiosos da Comunicação compreendem como ocorre esse contrato:

A primeira definição adota um ponto de vista semiótico; a segunda se apoia e trabalha com as marcas do discurso, do texto, fundando-se naquilo que foi proposto pela Análise do Discurso (Charadeau); finalmente, a terceira adota um ponto de vista sociológico. Apontou-se para as marcas do discurso, para as estratégias empregadas pelo emissor e para o vínculo e particularização da relação emissor-receptor” (JOST, 2004, p.12).

Após apresentar de modo sintético essas três aproximações e de apontar os limites e críticas que faz a elas, Jost introduz um interessante modelo de contrato entre o

receptor e o emissor, que ele chama de “modelo de promessa”. Neste modelo, os produtos televisivos “prometem” algo ao receptor, a partir de seu próprio gênero. Este modelo contempla dois momentos: a promessa do gênero e a reação do telespectador. (JOST, 2004, p. 18).

Como promessa, o gênero é como “uma moeda de troca que regula a circulação dos textos ou dos programas audiovisuais no mundo midiático” e “uma construção por exemplificação de algumas amostras de propriedades que o texto possui, entre outras” (JOST, 2004, p. 28). Porém, embora seja unilateral de um lado, no sentido de que a empresa televisiva é que rotula os seus programas, o gênero consiste numa promessa enquanto pressupõe o engajamento do outro, o telespectador. Para Jost, é este o diferencial em relação a outras definições de gênero com as quais ele dialoga, pois, para ele, estas impõem a “lei do enunciador” ao receptor. O gênero televisivo e até mesmo o nome de um programa são, assim, promessas do que será encontrado em seu conteúdo e formas de comunicar. E, como promessa, dariam ao outro (o receptor, telespectador) o direito correlato de exigir que seja cumprida (JOST, 2004, p. 28).

Contudo, devido à influência do modelo norte-americano de telejornalismo na realidade brasileira, deve-se ressaltar que, às vezes, é difícil ao telespectador separar o que ele espera como promessa do gênero e o que lhe é dado a esperar como modelo ao qual ele se adaptou.

Por exemplo, o telejornal, como gênero, também possui uma promessa de objetividade, o que tem significado, entre outras coisas, falar mais em menos tempo. Rezende (2000) aponta esta tendência no Jornal Nacional, ao sinalizar que “a rapidez do noticiário está, de fato, sempre presente nos cinco blocos do JN, não importando qual o formato da matéria jornalística divulgada” (REZENDE, 2000, p. 173). Ele informa que a Globo faz periódicas pesquisas, segundo as quais o telespectador brasileiro “gosta de noticiários em linguagem simples, com apresentadores fixos” e “notícias curtas, máximo meia hora de duração e

baseadas em blocos que começam com notícias de impacto e terminam com assuntos leves” (CAMACHO, SANCHES e LEITE apud REZENDE, 2000, p. 173).

Este exemplo serve para pontuar a relação entre a promessa do gênero e o processo de identidade-identificação do telespectador quanto ao que lhe é apresentado. Afinal, “quem nasceu primeiro: aquele modelo de telejornalismo que a Globo consagrou ou os atributos que o público nomeia para caracterizar o jornal do seu gosto?” (REZENDE, 2000, p. 173). Com este modelo, acaba-se tendo, na pressa tanto na transmissão pelo telejornal quanto na apreensão pelo telespectador uma velocidade que prejudica qualquer visão mais abrangente, pois

Na estrutura narrativa hegemônica nos telejornais brasileiros (COUTINHO, 2003), esse ritmo seria acelerado pelas próprias características do meio que estabeleceriam, quase como um padrão, a inserção de matérias curtas, compondo um conjunto marcado pela fragmentação entre pequenos “pacotes de informação”. (COUTINHO, 2009, p. 110)

De qualquer forma, Jost ressalta o gênero como responsável pela ligação entre emissor (televisão) e telespectador. Por isso, neste modelo, deve-se ter sempre em mente como se dá a recepção. “Quando se estuda um programa de televisão, não se deve ficar restrito apenas à consideração do próprio programa, mas tem-se de estudar o que se fala a seu respeito, como se fala dele e o que se diz” (JOST, 2004, p.18). Nesta pesquisa, se procurará verificar como se dá a relação entre telejornal e telespectador, tendo como fundamento teórico a perspectiva do gênero como promessa, conforme Jost.

### **2.1.1. Gênero e promessa no telejornalismo**

Atualmente, 56% dos brasileiros assistem à televisão como principal fonte de informação, sendo o telejornalismo um espaço de destaque no cotidiano (CORREIA e VIZEU, 2008, p. 11). João Carlos Correia e Alfredo Vizeu usam o conceito de *lugar de referência* para

falar da importância deste gênero televisivo no dia a dia do brasileiro. Este lugar seria, assim, similar ao que é ocupado pela família, amigos, escola, religião e consumo (CORREIA e VIZEU, 2008, p. 12).

Existe uma expectativa por parte do telespectador quanto à credibilidade do telejornal e isso se configura, entre outros aspectos, na pessoa do jornalista. Miguel (1999) afirma o jornalismo como *sistema perito*<sup>11</sup>, usando um conceito de Giddens:

O leitor/ouvinte/espectador, no papel de consumidor de notícias, mantém em relação ao jornalismo uma atitude de confiança, similar à dos outros *sistemas peritos*, que pode ser dividida em três momentos: 1) confiança quanto à veracidade das informações relatadas; 2) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização dos elementos importantes ao relato; 3) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização das notícias diante do estoque de "fatos" disponíveis. (MIGUEL, 1999, p. 199).

Apesar das dificuldades existentes, em termos de comprovação da *perícia* do telejornalismo, “muitos telespectadores teriam aprendido a confiar à distância, atuando como fiadores daqueles com quem se ‘encontram’ diariamente via telinha” (COUTINHO, 2009, p. 110).

Neste contexto, os apresentadores se tornam muito importantes para o surgimento de uma relação de confiabilidade para com o telejornal. Em pesquisa desenvolvida em 1997 e publicada em 2000, Rezende fez um levantamento do tempo ocupado pelos âncoras na apresentação dos principais telejornais no ar naquele período. No Jornal Nacional, por exemplo, mesmo com a presença de outros apresentadores especializados (economia, tempo, esportes, etc.), os âncoras (então William Bonner e Lilian Witte Fibe) ocupavam 67,5% do tempo da palavra entre os falantes do telejornal (REZENDE, 2000, p.268-269). Em

---

<sup>11</sup> “O conceito, que elabora motivos weberianos, se refere a ‘sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje’ (Giddens, 1991, p. 35), incluindo saberes, práticas e artefatos” (MIGUEL, 1999, p. 198). Segundo Miguel, esses sistemas possuem duas características principais: “o elevado grau de autonomia em relação àqueles que lhes estão submetidos. O cliente ou consumidor do sistema perito, sendo por definição desprovido da excelência técnica e competência profissional específicas daquele sistema, possui uma capacidade muito reduzida de influenciá-lo”. E a segunda “característica dos sistemas peritos é que eles implicam, da parte dos clientes ou consumidores, uma crença em sua competência especializada” (MIGUEL, 1999, p. 198).

outros telejornais, o índice poderia ser ainda maior, pois, no caso do TJ Brasil, havia um único âncora, Boris Casoy, que ficava, em média, 71,5% do tempo com a palavra (REZENDE, 2000, p. 266).

Assim sendo, percebe-se que o próprio telejornal atribui grande importância ao apresentador que, na atual qualidade de âncora (diferentemente do modelo anterior, no qual era um leitor das notícias), dá a informação e, eventualmente (a depender do perfil do jornal) emite opiniões próprias e dá o toque da personalidade à notícia levada ao ar. Esta importância se reflete, de igual modo, na forma como os telespectadores se relacionam com as notícias a partir dos apresentadores de telejornal. Esta é uma vasta área para a pesquisa, pois, conforme Yvana Fechine (2008):

Se tomarmos a bibliografia brasileira corrente sobre televisão, constataremos que ainda não discutimos suficientemente os papéis, atribuições e caracterizações do apresentador nos diferentes formatos televisuais. Há, no entanto, entre os formatos mais consolidados na TV um em que o apresentador se constrói de modo mais complexo em função do contrato fiduciário proposto pelo gênero ao espectador – o telejornal. A credibilidade do telejornal é influenciada diretamente pela confiança que os espectadores depositam nos seus apresentadores. (FECHINE, 2008, p.1-2)

Os apresentadores também possuem uma importante dimensão enunciativa no telejornal, tanto porque falam em nome da emissora e refletem, aos olhos do telespectador, seus pontos de vista e modos de ser, quanto por serem aqueles que cedem lugar de fala aos demais sujeitos falantes do telejornal, convocando-os, entrevistando-os, etc.

Estando no domínio dos temas a serem trazidos ao conhecimento do telespectador, produz-se toda uma gama de sentidos em torno da identidade do apresentador, do telejornal e do próprio telespectador. Além disso, o elemento não-verbal é outra fonte de promessa de credibilidade para o telespectador e está refletido, entre outras coisas, no cenário do telejornal e na aparência dos apresentadores e repórteres.

De qualquer forma, é relevante que os estudos atuais continuam a apontar a necessidade de entender qual é o lugar do receptor no processo comunicativo, a partir da

perspectiva de sua atividade. Para isso, faz-se necessário superar qualquer abordagem que o tome como sujeito passivo ou condicionado por um esquema de comunicação linear. A relação entre o receptor e o emissor não pode ser tomada como mero efeito entre eles (cf. GOMES, 2004, p.16). Se é possível tomar como fatos que

- a) É através do jornalismo que pessoas de diversos grupos sociais entram em contato com o que acontece no Brasil e no mundo, e constroem, assim, a compreensão da realidade social cotidiana. (...)
- b) O jornalismo televisivo, no Brasil, é a principal fonte de conhecimento dos acontecimentos sociais, embora o acesso à rede mundial de computadores seja cada vez mais expressivo. (...)
- c) (...) os telejornais ocupam lugares estratégicos, vendem credibilidade e atraem investimentos (BECKER, 2007, p.168),

então, o “cumprimento [da promessa do gênero] será necessário conferir no espaço representado pelo próprio programa e com um público mais ou menos crédulo” (JOST, 2004, p. 30). Daí a pesquisa desenvolvida, tendo como método de abordagem os grupos focais, junto a um grupo de evangélicos metodistas e batistas na cidade de Cataguases, a ser analisada no Capítulo Quatro.

## 2.2. TELEJORNALISMO E CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS

Na tela da TV, os eventos surgem para os espectadores mediados por repórteres (literalmente: aqueles que reportam, aqueles que contam o que viram), porta-vozes, testemunhas oculares e toda uma multidão de sujeitos falantes considerados competentes para construir “versões” do que acontece. Por isso mesmo, “o telejornal não pode ser encarado como um simples dispositivo de reflexão dos eventos, de natureza especular, ou como um mero recurso de aproximação daquilo que acontece alhures, mas, antes, como um efeito de mediação” (MACHADO, 2000, p.102).

O trabalho do telejornalismo é dar ao acontecimento sua representação audiovisual (cf. MOTA, 2006, p. 131). Ele atua, portanto, como mediador, produtor e/ou circulador de sentidos e interfere nas questões identitárias, pois esses programas “promovem uma experiência coletiva e cotidiana de nação. Ao representar os fatos sociais, constituem a realidade social e intervêm na expressão das identidades nacionais e nas relações entre política e sociedade” (BECKER, 2007, p. 168). É bom ressaltar que isso acontece ainda que o jornalista construa para si mesmo uma identidade calcada na objetividade e na neutralidade.

De qualquer modo, não escapam ao telespectador as possibilidades de que as coisas não sejam realmente assim. Ao abordar em sua pesquisa pessoas que tiveram informações adicionais, além daquelas surgidas no enquadramento do telejornal pesquisado por ele, Carlos Eduardo Lins da Silva (1985) conclui que “qualquer trabalhador (...) é capaz de ser crítico diante da programação jornalística da televisão, desde que disponha de mínimos elementos que completem sua representação do real” (SILVA, C. 1985, p.135). Como algumas matérias tratavam da localidade dos telespectadores, eles tinham mais condições de questionar a forma pela qual a realidade foi retratada no telejornal assistido.

Ainda assim, a relação entre o telejornal e o telespectador é um elemento constitutivo dos processos identitários na atualidade. Por exemplo, ao obedecer ao aparato que lhe é proposto como referencial identitário (roupas adequadas, concisão e firmeza na transmissão da notícia, eficiência técnica, etc.), o jornalista promove uma identificação que permite ao telespectador associar-se ao telejornal, desenvolvendo uma relação de confiança. Ele pode ser percebido como representante do todo da emissora, retratando a perspectiva da empresa, da mesma forma como é possível encontrar telespectadores que o percebam como fonte de autoridade que transcende o próprio telejornal.

É claro que não se pode ignorar que, dentro do telejornal, ocorrem os enquadramentos, “que buscam conferir significados sociais às relações espaciais”. Tais

enquadramentos organizam a realidade cotidiana, sendo dela parte importante, uma vez que possuem um caráter público. Correia e Vizeu afirmam que

a notícia não só define, redefine, constitui e reconstitui significados sociais, mas também define, redefine, constitui e reconstitui maneiras de fazer as coisas: os processos existentes e as instituições” (CORREIA e VIZEU, 2008, p. 14).

Ao fazê-lo, a notícia encontra, por outro lado, o seu receptor, o qual também possui uma série de significados advindos de sua vida e experiências. Ao receber a notícia, ele também a passa por seus “filtros” sociais, relacionais, religiosos, econômicos, etc. Assim, aquilo que é dito pode possuir uma intencionalidade não recebida por quem ouve e que, por sua vez, responde e recria os discursos e sentidos.

É por esta razão que se pode afirmar que a circulação dos sentidos e a produção dos discursos se dão exatamente neste espaço de interdiscursividade, pois “a notícia produzida será divulgada no espaço público do jornalismo, possibilitando a interpretação pelos destinatários, aos quais cabe recriar a tarefa da representação, imaginando o contexto do evento e atualizando seu conhecimento sobre o fato a partir de seus próprios significados e dos significados produzidos pelo texto jornalístico” (MOTA, 2006, p. 131). Apesar disso, porém, há que se considerar um relevante aspecto no contexto da circulação dos sentidos: o fato de que o discurso jornalístico tem a capacidade, entre outras, de regular, por meio da instituição midiática, a circulação tanto dos sentidos quanto dos discursos e saberes em sociedade. Para compreender melhor este aspecto, esta pesquisa recorreu aos fundamentos teóricos de Foucault acerca do discurso.

### 2.2.1. O discurso telejornalístico e a circulação dos saberes

A relevância do jornalismo, especialmente em sua versão televisiva, traz à tona, de imediato, a reflexão sobre a circulação dos *saberes* (que, em Foucault, tem um conceito distinto de *ciência*) e a luta pelos *poderes* na sociedade. O discurso jornalístico, por sua natureza, transita numa interseção de saberes (estético, religioso, científico, etc.). Embora utilize outras categorias, Fernando Resende comenta algo similar, quando afirma que

O campo dos media vive um processo de correlação de forças com vários campos sociais — políticos, econômicos, culturais, religiosos, entre outros —, já que ele se faz estrutural na constituição e composição desses lugares. Tendo em vista o fato de que ao jornalismo, mais especificamente, cabe a tarefa de dizer sobre e para as demais instâncias sociais, havemos de considerar que um dos lugares possíveis em que se instala a correlação de forças, com todas as suas assimetrias e fragmentações, é o campo do discurso (RESENDE, 2007, p. 81-82).

Para analisar essas correlações de forças, no plano discursivo, entendidas por ele como *lutas pelo poder*, Foucault não se interessa pela macroestrutura, nem pela ideologia ou pelo Estado, mas pelo discurso em si mesmo. Sua busca é “pelo projeto de uma descrição dos acontecimentos discursivos” (FOUCAULT, 2000, p. 30). Para ele, o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1999, p. 10). Portanto, não seria “transparente ou neutro” como pretende fazer crer o jornalismo, mas é um dos lugares onde o poder pode ser exercido das formas mais temíveis (FOUCAULT, 1999, p. 9-10). Desta forma, ao abordar o discurso jornalístico na perspectiva foucaultiana, faz-se necessário relativizar alguns conceitos caros ao exercício profissional do jornalista, tais como a isenção e a imparcialidade, para compreender o discurso nas condições históricas que o fazem possível.

Existe no jornalismo uma pretensão de tradução do mundo. Correia e Vizeu, por exemplo, afirmam que o “*conhecimento do jornalismo* trata dos *acontecimentos* do

mundo, dos diversos *saberes*, dos campos da *experiência* e do cotidiano” (CORREIA e VIZEU, 2008, p. 17, grifos meus). Este caráter de interpretação do mundo se dá pela percepção dos “noticiários como um *lugar de mediação entre o mundo dos fatos*, dos acontecimentos (...) e *a sociedade*” (CORREIA e VIZEU, 2008, p. 17, grifos meus). Desta forma, percebe-se, na leitura do jornalista, uma necessidade de “explicar/traduzir o mundo” e não apenas, como inicialmente pretende, reportar um acontecimento. E na medida em que se produz um discurso sobre o acontecimento, gera-se um domínio, um poder sobre *o que é dito*, *como é dito* e também sobre aquilo que se opta em *não dizer*.

Esta prerrogativa aproxima-se daquilo que Foucault define como “direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala” (FOUCAULT, 1999, p.9). Ela é perceptível nos enunciados dos jornalistas sobre si mesmos, como, por exemplo: “a imagem que a mídia constrói da realidade é resultado de uma *atividade profissional* de mediação vinculada a uma *organização* que se dedica basicamente a interpretar a realidade social (...) a mídia não só transmite, mas *prepara e apresenta* uma realidade *dentro das normas e regras* do campo jornalístico (CORREIA e VIZEU, 2008, p.13, grifos meus).

As expressões em destaque demonstram que tal discurso é proferido por sujeitos autorreferidos como profissionais, organizados, portadores do conhecimento e dos rituais de normas e regras pelas quais elaboram os seus enunciados. É desta forma que o discurso jornalístico se torna restrito, não sendo possível a qualquer pessoa pronunciá-lo, senão aquela que se enquadra no que Foucault entende como um

ritual que define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso (...) que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos (FOUCAULT, 1999, p. 39).

Por isso, é preciso considerar o discurso jornalístico em si mesmo, em sua instância, entendendo que,

em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1999, p. 8-9).

A *ordem do discurso* estabelece, para Foucault (1996), as possibilidades de organizar o real. Esta ordenação, além de possuir uma função normativa e reguladora, age por meio da “produção de saber, de estratégias de poder e de práticas discursivas” (AGUIAR, 2007, p. 2). Desta forma, pode-se depreender que o jornalismo exerce esta *ordem* por meio de “um conjunto de procedimentos de controle, seleção, organização e distribuição do discurso midiático que lhes são inerentes e que lhe conferem poder na sua interface” (SANTOS, 2008, p. 2) com outras esferas de saberes, como a religião, a política, a economia, etc. Por conta deste conjunto de procedimentos, o discurso jornalístico é atingido pelos sistemas de exclusão pontuados por Foucault: “a palavra proibida, a segregação e a vontade da verdade” (FOUCAULT, 1999, p. 19).

A *palavra proibida* refere-se ao fato de que nem tudo pode ser dito e nem todos podem dizer. No jornalismo em geral e no telejornalismo em particular, “qualquer um não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1999, p. 9). Tal interdição se dá, por exemplo, nas etapas de seleção, pauta e edição, onde o que não possui valor-notícia é descartado, ou ainda pela posição do sujeito falante no roteiro da matéria (se seu nome e profissão são citados, o tempo que lhe é destinado, o status com que é apresentado, etc.), o que determina o seu lugar de fala.

Além disso, existe no discurso jornalístico a impressionante força daquilo que Foucault chama de *vontade da verdade*. Os discursos, para o pensador francês, não são nem falsos, nem verdadeiros em si mesmos, mas, na constituição das práticas discursivas, existe

um componente efetivo, que é o “regime da verdade”. “Seguindo essas proposições foucaultianas, podemos entender a ‘verdade’ como um conjunto de procedimentos regulados para a produção, distribuição e funcionamento dos discursos” (AGUIAR, 2007, p.4).

Esta vontade da verdade se apoia num suporte institucional, isto é, há uma gama de estruturas/instituições que a reforçam e reconduzem. Foucault cita a pedagogia, o sistema de livros, as sociedades de sábios de outrora e os laboratórios hoje. A própria mídia ocupa, na sociedade contemporânea, a condição de instituição, pois também regula os discursos e fornece condições para sua existência, circulação e desaparecimento.

Mas Foucault acrescenta que o modo como o saber é aplicado na sociedade, como é “valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 1999, p.17-18) é, igualmente, de fundamental importância neste processo de estabelecimento da vontade de verdade. O fato de ter um suporte e uma distribuição institucional faz com que esta vontade de verdade exerça pressão e poder de coerção sobre outros discursos.

### **2.2.2. O lugar do jornalista na constituição do discurso jornalístico**

A arqueologia do saber de Foucault constitui “um método para a descrição de campos de conhecimento” e “considera o discurso não sob o ponto de vista estrito da epistemologia, que privilegia os requisitos de cientificidade, mas em nível mais amplo dos saberes que independem do rótulo de ciência” (ALVARENGA, 1998, p. 4). Estudos que buscam estruturar a comunicação (e, de modo mais particular, também o jornalismo) como campo do conhecimento investigam e evidenciam suas perspectivas epistemológicas.

Mas a busca por elevar o jornalismo a uma categoria de saber rotulada como científica aparece de outras formas, não só no ambiente acadêmico, mas também no exercício

profissional. Um dos exemplos que evidencia isso pode ser a discussão sobre a obrigatoriedade do diploma para o exercício da função de jornalista. Este debate insere-se na prática discursiva do jornalismo, como lembra Fábio Pereira, ao argumentar que a exclusão de certos profissionais da categoria de jornalistas se prende a uma ideia de “que somente o trabalho realizado nas empresas de comunicação garante a credibilidade e a legitimidade de um trabalho verdadeiramente jornalístico” (PEREIRA, 2009, p.224).

De fato, da mesma forma que a literatura ocidental, citada por Foucault, teve de buscar apoio em saberes considerados mais elevados, “em suma, verdadeiros” (FOUCAULT, 1999, p.18), pode-se notar, no discurso jornalístico contemporâneo, uma constante busca por aquele saber que alcançou o nível de positividade mais elevado na sociedade – o científico.

Assim, parece que o jornalista, no exercício de sua função, busca responder a ele ou respaldar-se nele. “O jornalismo tenta imputar ao discurso que produz uma verdade única e incontestável, aproximando suas rotinas da lógica e da racionalidade presentes no discurso da ciência positivista” (HAGEN, 2008, p.42). Esta vontade de verdade do jornalista manifesta-se “pela autoridade de sua competência; é ele quem conhece o código, a origem, o fundamento e quem se assume, assim como assegura, testemunha e autor da realidade” (CORREIA e VIZEU, 2008, p. 24).

De igual modo, procura estabelecer relações discursivas com outros saberes, fazendo referência a eles, assumindo seus lugares de fala ou fazendo-lhes indagações, conforme o caso. Desta forma, a produção de conhecimento do jornalismo não está dissociada da sua relação com certos domínios do saber. Essas relações discursivas não são internas nem externas ao discurso, mas, de alguma forma, elas

estão no limite do discurso: oferecem-lhe objetos de que ele pode falar, ou antes (...) determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou quais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los, etc. Essas relações caracterizam (...) o próprio discurso enquanto prática (FOUCAULT, 2000, p. 52-53).

Uma ressalva é pertinente: não cabe aqui estabelecer, frente aos enunciados, posturas de certo e errado, verdadeiro e falso, manipulação, ideologia, etc. Na perspectiva foucaultiana, isto não vem ao caso. Também é preciso, na análise do discurso jornalístico, evitar atribuir-lhe o caráter de engodo ou falseamento da verdade:

O enfoque da manipulação das notícias não só favorece uma perspectiva moral ou psicológica da imparcialidade como também dificulta a compreensão do discurso jornalístico enquanto um processo historicamente situado. Desse modo, o que nos interessa é entender que as notícias são construções discursivas que produzem as condições de possibilidade através das quais a realidade se torna visível e dizível. (AGUIAR, 2007, p. 2).

Nesta análise, também não se pode furtar a refletir sobre a relação entre jornalismo e narrativa histórica. Como ocorre no jornalismo em geral, também no telejornalismo, a história se relativiza, as narrativas históricas sofrem o enquadramento do momento, pois trata-se do discurso da atualidade, conforme já citado, “não da atualidade cronológica, já que entre o momento do acontecimento do fato e a notícia, temos um interregno *mediado* pelo telejornal, mas da *atualidade do noticiário televisivo*” (CORREIA e VIZEU, 2008, p. 23, grifos dos autores).

Assim, ocorre que, embora haja “outra história”, na narrativa telejornalística as discussões sistêmicas não se sustentam. Elas são ressignificadas, a cada notícia, dentro da lógica literária adotada muitas vezes no jornalismo e que atua a partir de personagens e eventos-marco. Daí a simplificação e linearidade com que os eventos são recontados no discurso telejornalístico. Esta observação faz lembrar o que já foi dito nesta pesquisa acerca da fragmentação das notícias e da rapidez com que são dadas no telejornal.

### **2.2.3. A circulação dos sentidos e a religião no contexto do telejornal**

A “disciplinarização dos saberes” (por meio da “seleção de saberes, institucionalização do conhecimento e, conseqüentemente, o desaparecimento do sábio-

*amateur*”, cf. CASTRO, 2009, p.110-117) coloca aos saberes existentes na sociedade a necessidade de comprovação empírica para que alcancem a condição de ciência. No que tange à noção positivista, a religião, embora constituindo um saber em circulação na sociedade, não possui o status de ciência ou de verdade, mas situa-se na esfera do que é comumente entendido como crença.

Conquanto não deixem de circular, tais saberes sofrem o que Foucault chama de *segregação*. Neste caso, o discurso da religião, em determinados contextos, “não pode circular como os outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância” (FOUCAULT, 2000, p.10).

Em relação ao discurso jornalístico, isso ocorre de modo bastante evidente, por exemplo, quando representantes da religião se manifestam publicamente acerca de temas tidos como científicos, como o aborto, a clonagem e as pesquisas com células-tronco, etc. Há outros momentos, no entanto, em que a segregação ocorre de modo inverso, sendo-lhe atribuídos “estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber” (FOUCAULT, 2000, p.11).

Foram analisados neste tópico alguns aspectos do papel do jornalista e do telejornal na produção e circulação do discurso jornalístico, sua vontade de verdade relacionada com a perspectiva da objetividade e da imparcialidade, bem como os sistemas de segregação nele presentes. A partir desta perspectiva, torna-se possível estabelecer alguns pontos de reflexão acerca do jornalismo em sua relação discursiva com a religião. Na análise das matérias selecionadas para esta pesquisa, no Capítulo Três, será possível perceber, por meio do estudo das formações discursivas, esta relação entre a religião e o jornalismo.

### 2.3. TELEJORNALISMO E REPRESENTAÇÃO EVANGÉLICA

Os seres humanos manifestadamente denotam seu desejo por um senso de pertencimento. Tal pertencimento se dá, em grande medida, pela capacidade discursiva de estabelecer elos entre os diversos indivíduos, discursos agregadores que lhes permitem uma ancoragem, particularmente no contexto da sociedade pós-moderna e seu constante e ininterrupto movimento e fragmentação. A identidade social, portanto, “é a representação que um indivíduo dá de si mesmo por pertencer a um grupo (...) Trata-se de um processo social dinâmico, em contínua evolução, que se constrói por semelhança e oposição” (MACHADO E KOPITTKÉ, 2002).

Isso significa que um grupo de indivíduos constrói, a partir de ideais, discursos, rituais ou práticas partilhadas, uma ideia de comunidade. Esse conceito possui diferentes conotações, conforme a diversidade dos autores que o analisam. Aqui, ficamos com a definição de Leal, para quem “a imagem de comunidade, grosso modo, é a de um grupo de pessoas vinculadas umas às outras por tradição e laços de solidariedade” (...), bem como a “comunidade seria uma forma de garantir a sobrevivência do grupo, ou seja, possibilitaria condições de vida a todos diante de duras circunstâncias, naturais ou não” (LEAL, 2006, p.183-184). Pertencer a essa comunidade tem, para o sujeito, a capacidade de dizer o que ele é – por associação aos demais do grupo e o que ele não é – pela alteridade em relação a outro grupo.

Entretanto, no contexto da Pós-Modernidade, a visibilidade do que seria alteridade e identidade vem sendo dificultada. Em geral, observa-se que

A dinâmica peculiar do campo religioso brasileiro está relacionada a vários fatores, dentre eles, a perda do monopólio das antigas tradições religiosas como as únicas produtoras de sentido, o trânsito religioso e a atomização da matriz religiosa. Todos esses elementos estão relacionados entre si. A quebra do monopólio de produção das

grandes e antigas tradições religiosas permitiu, por um lado, que novos grupos se desprendessem desse meio, ao mesmo tempo em que proporcionou uma certa autonomia dos sujeitos religiosos. Neste processo, os sujeitos se sentiram mais livres para buscarem novas propostas mais adaptadas a sua realidade de vida presente. Dessa forma, surgiram novos grupos contestatórios das antigas identidades religiosas e que proporcionaram o desenvolvimento de novos grupos, baseadas em modelos que acompanhavam a pluralidade de práticas dos sujeitos religiosos e suas trajetórias de vida. Junto com isso há também uma difusão cada vez maior de grupos religiosos especializados em setores específicos da sociedade, “pulverizando” a antiga matriz de sentido religioso em uma infinidade de grupos diferentes que competem entre si: igrejas para skatistas, surfistas, celebridades do futebol e da TV, góticos. Mas ao mesmo tempo em que vão para mais perto de fatias específicas da sociedade desenvolvendo novas identidades, tais grupos religiosos se aproximam também de crenças e práticas que eram mantidas a distância umas das outras dentro dos grupos religiosos distintos. (MODES, 2007, p.16)

Nesse sentido, as mídias ocupam lugar de extrema importância nas novas configurações de identidade, não apenas individuais, mas também coletivas. Isso pode ser percebido, inclusive, no aspecto das novas espacialidades:

A identificação territorial, tradicionalmente vinculada à cidade e à nação, por exemplo, cede lugar hoje em dia a identificações de outra natureza, nas quais os meios de comunicação têm importância decisiva. (...) Nessas circunstâncias, os laços de fraternidade, de solidariedade se esvaziam ou se pluralizam ao extremo. (LEAL, 2006, p.184).

Apesar disso, persiste, ainda que fragilizada, a necessidade do indivíduo em ser parte do mundo, em pertencer a grupamentos sociais, sejam eles institucionais, profissionais, de interesses ou religiosos, entre outros. De fato,

Não só o sentimento de pertencimento, mas também sua auto-percepção como membro do grupo são as bases requeridas para a identificação social, propiciando assim uma orientação para a ação compatível com sua participação no grupo. A adesão ao grupo requer assim um pensar, agir e sentir-se como integrante, a fim de que todos tenham em comum uma mesma lógica de atuar nas posições sociais que ocupam (Sainsaulieu, 1977). A representação de um grupo é comum porque deriva de histórias vividas em comum e de saberes comuns. As crenças constituem a característica mental de um grupo e exprimem a experiência comum de seus membros. (MACHADO e KOPITTKKE, 2002, p.4)

Por meio da televisão, os grupos religiosos identificados como evangélicos experimentam uma nova espacialidade, na qual, mediados por imagens, também são capazes de “pensar, agir e sentir-se como integrante”. A pertença ao grupo se dá, agora, para além das dimensões geográficas do templo ou da comunidade imediata, aquelas do convívio cotidiano

ou do encontro face a face nas reuniões e cultos. As histórias e os saberes comuns se dão no espaço midiático, quando o púlpito se torna a câmera e o templo é, ao mesmo tempo, o estúdio televisivo e a sala de estar do telespectador. A presença na mídia reforça a autoestima pessoal e coletiva, o sentimento de pertença em relação ao grupo. E isso não é diferente quando se aborda esta presença televisiva no contexto do telejornal.

De fato, “a linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação; e um modo de produção social” (BRANDÃO, 1998, p.12). Todas as vezes em que as matérias dos telejornais abordam a temática do evangélico, uma forma de representação é ali, no discurso, potencialmente construída, destruída, reforçada ou rechaçada. Desta forma, pretende-se que aquilo que será apresentado seja entendido como o ser evangélico – e não qualquer outra coisa – determinando, portanto, por meio das imagens e dos textos, o que seria a identidade evangélica na concepção daquele telejornal, isto é, elegendo uma representação da mesma:

É por meio da representação (...) que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar, neste caso, significa dizer: “essa é a identidade”; “identidade é isso”. É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade.” (SILVA, 2000, p.91).

Assim, trata-se da opção do repórter/da emissora por determinar quem é este evangélico cuja representação pretende estabelecer. Portanto, cabe aqui perguntar também pelas ausências. Considerando o caráter fragmentado da notícia no telejornal, como já discutido, a pergunta deve se dar caso a caso: Quem são os evangélicos não-retratados? Que razões levam alguns grupos a estarem presentes na matéria em questão e outros, não?

Por meio do discurso jornalístico, pode ser construída uma representação que suplante, da mesma forma, as nuances históricas distintas dos grupos evangélicos, fazendo um

amálgama que se apresenta aos olhos como uma herança histórica comum, uma memória coletiva. De fato, “para se ter uma memória coletiva, é preciso interligar as diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificado como proprietário daquela memória” (ENNE, 2004, p.103). Porém, a forma como essa memória é construída bem como os discursos produzidos acerca do passado são muito importantes na percepção identitária. Enne afirma, por exemplo, “que conhecimentos sobre o passado dão ao seu portador autoridade” – e é o que acontece no telejornalismo.

Ao recontar o passado, muito embora seu discurso seja apenas uma versão, uma possibilidade, uma apropriação e uma forma de atuar como “guardião da memória”, o jornalista posta-se como autoridade sobre o tema e adquire a confiança do telespectador quanto à informação. Assim, por exemplo, não são discutidas na matéria “A” questões que, num dado momento histórico, foram mais relevantes e estiveram presentes na matéria “B”. Mais uma vez, devido à fragmentação do noticiário, torna-se mais difícil para o telespectador detectar as quebras dos fios narrativos. Enne chama a isso de “enquadramento da memória. É preciso escolher o que vai ser lembrado e o que deve ser esquecido” (ENNE, 2004, p.105). Aqui se estabelece uma questão de poder que se pode notar muito fortemente na mídia:

Há sempre um saber em disputa quando se configuram as redes de memória e identidade. E esse saber, objeto de conflitos, é revestido por um status de verdade, como indica Foucault. Portanto, a disputa por saber é relevadora de uma disputa por poder, pelo controle da informação, pela construção de uma versão que se sobreponha às demais e receba o estatuto de verdade, o que implica uma disputa pela própria posição social ocupada por esses agentes (ENNE, 2004, p.109).

Enne fala ainda que as estratégias usadas pelos agentes podem ser entendidas como parte de uma estratégia maior, qual seja, de controle do saber acerca da história, que podem levar tais agentes a conquistas coletivas, como a penetração junto a outras esferas de poder (ENNE, 2004, p.109-110). Sendo a religiosidade uma grande força mobilizadora na sociedade, tendo em vista a ascensão midiática dos grupos evangélicos, não seria de

surpreender a preocupação das emissoras em estabelecer um relacionamento em novas bases com este grupo. A Rede Globo, por exemplo, possui a histórica indisposição para com os segmentos evangélicos, notadamente a partir do advento da Igreja Universal do Reino de Deus. Enne destaca o papel do jornalismo nesse processo de construção social da memória como sendo um aspecto central. Ela afirma que “os agentes ligados aos processos midiáticos exercem um papel fundamental, pela forte penetração dos seus discursos e pela configuração de um senso comum avalizado pela categoria sancionada da objetividade” (ENNE, 2004, p.115).

Nesta direção, cabe lembrar a definição de Costa acerca das identidades tematizadas, que “seriam estratégias deliberadas e reflexivas de colocação pública de uma situação social qualquer sob a égide da problemática identitária, em geral com vistas à constituição ou à potenciação de dinâmicas de ação social” (COSTA, 2002). Para ele, “ser capaz de mobilizar para a ação coletiva parece requerer o estímulo à constituição de identidades culturais redutoras e reificadas” (COSTA, 2002, p.27-28).

Ao construir representações dos evangélicos no noticiário, os telejornais, tendo como sujeitos dos enunciados os repórteres, os entrevistados, os próprios evangélicos e demais personagens da trama jornalística, geram um processo de autopercepção, por parte do público evangélico, frente ao discurso jornalístico que retrata esses grupos. Isso interessa particularmente aos estudos de comunicação, pois os indivíduos

forjam identidades a partir de marcadores que culturalmente passam a ser definidos como relevantes. (...) À medida que essa discursividade encontra repercussão no tecido social, ela alimenta práticas e produz sujeitos que passam a agir e a reconhecer-se a partir de determinadas posições (GUARESCHI, 2006, p.84).

Por meio dessas representações, eventuais conflitos identitários –especialmente os relacionados com a prática cotidiana e as dificuldades de interação social com outros segmentos sociais – podem ser superados pelo estabelecimento de um discurso unificador, de

cunho positivo, em determinados conjuntos de matérias dos telejornais. Porém, pode acontecer de, em outros momentos, a representação se dar pelo viés negativo, gerando no tecido social uma série de “ondulações” que tendam a provocar no telespectador evangélico uma perspectiva de alteridade. De qualquer modo, a questão identitária transparece de forma acentuada: nem todos os evangélicos podem se sentir representados pelo estereótipo proposto, quer num caso, quer no outro, pois

O problema dessa aguerrida disputa pela identidade evangélica persiste, quando se percebe que evangélico passou a ser categoria guarda-chuva, adotada pelos “de fora”, para designar indistintamente protestantes e pentecostais. Este procedimento costuma ser adotado, também, pelos grandes meios de comunicação, repercutindo, desta forma, o senso comum prevalecente na sociedade (BAPTISTA, 2006).

Por isso, ocorreria uma perda no impacto identitário desses grupos e em suas interações sociais: o empobrecimento das representações (cf. WOLTON, 1996, p.127), com maior risco de um nivelamento (normalmente por baixo) e da criação/manutenção de estereótipos cada vez mais sedimentados.

### **2.3.1. O telejornal e o telespectador**

Ainda é forte, no processo de produção das matérias, o aspecto intuitivo do jornalista, em função das limitações de tempo, tanto da produção da matéria quanto de sua exibição, bem como a atividade dos demais profissionais envolvidos no processo, como os editores e a própria perenidade da notícia, que é breve.

Em função de tudo isso, Pereira Júnior afirma que suas pesquisas junto aos jornalistas demonstram que “a audiência é presumida no próprio processo de produção jornalística, ou seja, o outro, que compôs a cadeia interativa da atividade jornalística, não é só um personagem revestido de certas marcas de indicadores sociais, mas alguém construído na

própria produção imaginária dos organizadores e enunciadores do discurso” (PEREIRA JÚNIOR, 2006, p.38). Daí que estudar tão somente o produto final, o telejornalismo e seus enunciados não será suficiente para compreender a dinâmica da produção e circulação dos sentidos acerca da representação.

A credibilidade do telejornalismo também não é absoluta. “As pessoas podem não saber verbalizar, podem não compreender os motivos e, por isso, não demonstrar espírito crítico, não agir e – até mesmo – aceitar as versões do mundo da TV e conformar, em alguns casos, sua visão da realidade a elas. Mas são poucas as que aceitam tudo o que a TV diz como verdadeiro” (SILVA, 1985, p. 86).

Aqui entra a contrapartida da noção de promessa em Jost: “Todo gênero, com efeito, repousa na promessa de uma relação com o mundo cujo modo ou grau de existência condiciona a adesão ou a participação do receptor” (JOST, 2004, p. 33). E, na qualidade de promessa, o gênero televisivo “confere ao outro o direito correlativo de exigir”, pois a promessa não se “atualiza a não ser na confiança mútua”. No que tange tanto ao receptor quanto ao emissor, esta promessa não está dada como pronta.

Por estas razões, entre outras, inclusive para as pesquisas que abordam a epistemologia do telejornalismo, é necessário refletir acerca da “forma de apropriação dos telejornais por seu público, e avaliar em que medida o público acompanha esse tipo de programa como ato ou prática social, conhecer suas lógicas de uso (COUTINHO, 2009, p. 118).

Diversas pesquisas, ainda que limitadas a grupos específicos de telespectadores, apresentam informações e dados que mostram modos particulares de recepção do telejornal, o que faz desta instância também uma produtora do conhecimento embora, como visto nos pressupostos teóricos foucaultianos e apontado pelas análises desta

pesquisa, o discurso telejornalístico é fortemente legitimado e legitimador na sociedade brasileira.

Coutinho destaca que o telejornalismo seria capaz de “estimular as relações de projeção identitária em um grupo de telespectadores que, a despeito de suas diferenças geográficas, políticas, econômicas, culturais, entre outras, se reconhece como a nação narrada nos telejornais” (COUTINHO, 2009, p. 119).

No Capítulo Três, será desenvolvida uma análise das matérias jornalísticas selecionadas, à luz dos pressupostos teóricos presentes nos Capítulos Um e Dois. E, no Capítulo Quatro, será verificada a relação discursiva dos telejornais com as percepções identitárias dos evangélicos, a partir dos referenciais de metodistas e batistas na cidade de Cataguases, MG. Como se poderá perceber, ainda que haja críticas e percepções divergentes dos enunciados apresentados pelos telejornais, há uma busca por identificação com o discurso midiático sobre a religião, um desejo inerente de ver-se adequadamente representado, uma necessidade de “ser notícia” por parte do telespectador, neste caso, evangélico oriundo do Protestantismo Histórico.

### **2.3.2. Telejornalismo e narrativa dramática**

Também é importante, no contexto desta pesquisa, reconhecer de que modo o discurso jornalístico emerge na realidade social e no cotidiano. Dentre as possibilidades de abordagem existentes, interessa a esta pesquisa a forma pela qual o telejornalismo brasileiro tem realizado uma apropriação da dramaturgia para estabelecer maneiras de transmitir a notícia.

Coutinho (2005) estuda o fato de que os telejornais têm adotado como tendência o uso de estruturas narrativas para a veiculação das notícias. Segundo a pesquisadora,

A estruturação das notícias e reportagens veiculadas na televisão como uma narrativa, dramática, é uma realidade no produto veiculado em nível nacional pelas emissoras de TV brasileiras. A existência do que denominamos como Dramaturgia do telejornalismo brasileiro, em uma tentativa de estabelecer um paralelo entre notícia e drama como forma de analisar a informação na TV, foi evidenciada durante pesquisa de doutorado realizada entre 2001 e 2003. (COUTINHO, 2005, p.1)

Segundo Coutinho, essa estrutura possui algumas características específicas na forma como a notícia é construída. A primeira característica apontada por ela seria a *existência de conflitos*, narrados pelo repórter ou apresentador. Problemas, ações e disputas seriam os eixos em torno dos quais a notícia é construída.

Articulado a esse conflito, temos também a *existência de um enredo*. “A forma de contar uma história em nossos telejornais, especialmente o padrão ou roteiro para construção de uma matéria com texto, som e imagem, seria o segundo aspecto dessa dramaturgia” (COUTINHO, 2005, p.2).

A força das narrativas televisivas é que a trama, a dramaturgia, os efeitos visuais e sonoros podem formar um todo difícil de ser ignorado pelo telespectador, devido à ambiência e atmosfera de suspense que é criada. Tais narrativas exploram o potencial dramático do meio (EKSTRÖM apud GOMES, 2008, p.61).

Como numa história, o apresentador assume o papel de narrador, aquele que contará os fatos a partir de determinado lugar de fala. Os elementos não-verbais são também parte fundamental na construção da *trama jornalística*, uma vez que por meio deles se constitui certo estado de espírito no qual se planeja inserir o telespectador, fazendo-o posicionar-se frente ao narrado. Os estudos que abordam a dramaturgia no telejornalismo chamam a esta perspectiva de *colocação em cena* do apresentador ou jornalista. Não se trata,

neste caso, apenas de informar, mas, por meio da estrutura narrativa, despertar os sentimentos do telespectador, particularmente, no caso desta dissertação, aquele que se enxerga identitariamente conectado ao segmento evangélico. Esse sentimento se torna exacerbado quando percebemos a constatação de que, na sociedade hodierna, “tendemos a viver em constante estado de alerta, desconfiados das intenções perversas latentes em certos grupos ou categorias específicas de pessoas” (FREIRE FILHO e MARQUES, 2008, p.83).

Para tanto, a estrutura narrativa da notícia pode recorrer a enunciados que trazem à memória eventos passados, os quais podem ser atualizados e ressignificados, conforme o local de onde fala o enunciador/narrador e de onde o telespectador se coloca. Não se trata, portanto de uma escolha aleatória de palavras, pois

o sentido de uma palavra ou de um conjunto de palavras não existe em si mesmo; ele resulta das posições ideológicas presentes no processo sócio-histórico: as palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inserem (BACCEGA, 1988, p.90).

O conflito proposto pelo discurso jornalístico torna-se a base para a construção de *representações e formações ideológicas* que visam produzir uma resposta de cunho apologético no telespectador frente ao enunciado. Portanto, estabelecido o conflito pela fala do apresentador, que introduz o enredo da trama que se desenrolará, segue-se outra característica apontada por Coutinho: a *existência de personagens* (COUTINHO, 2005, p.2). Todos os indivíduos presentes ou referidos no contexto da notícia se transformam em personagens da notícia (a mocinha, o bandido, o herói, a vítima, os figurantes).

A presença desses personagens é incrementada com elementos de *construção audiovisual* (no caso, os cenários) que lhes dão credibilidade e ajudam também a reforçar elementos estereotípicos: profissões, crenças, condição social, etc. Assim, ao se tratar de um advogado, no contexto noticioso, este aparecerá, provavelmente, numa mesa, tendo à frente

um computador, e atrás de si uma estante de livros. Um médico aparecerá em seu consultório, vestido de branco, etc.

O texto jornalístico, em diversos momentos, poderá convidar o telespectador a considerar roupas ou posturas dos personagens a partir do convite indireto, com expressões do tipo: “é possível ver...”, “veja agora”, etc. Essa expressão tem por objetivo estabelecer uma proximidade entre o telespectador e o narrador da notícia, fazendo-o partilhar um olhar, uma observação e, conseqüentemente, um ponto de vista e uma conclusão acerca do que é projetado na tela da televisão. Também há o “gran-finale” quando o conflito atinge seu clímax, com o qual o acontecimento tem sua narrativa jornalística finalizada.

A construção da notícia, usando da dramaturgia, pode confundir informação e entretenimento, misturar real e ficção e provocar reações as mais diversas nos telespectadores, para além da transmissão do fato. Um enunciado jornalístico carrega sentidos, transforma ou solidifica realidades, estabelece e/ou consolida e/ou transforma estereótipos no meio social. De fato, diversos estudos atuais apresentam preocupação com aquilo que é considerado a espetacularização da notícia:

Sensacionalismo, dramatização, tabloidização, trivialização e infotainment são atribuídos ao caráter comercial do jornalismo e traduzem, ao mesmo tempo, uma preocupação com o embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento, realidade e ficção, um desencantamento – a época de ouro do verdadeiro jornalismo teria acabado – e um reconhecimento da inevitabilidade do fenômeno – a popularização seria uma tendência da mídia contemporânea e não deixaria de fora a produção da notícia (GOMES, 2008, p.58).

O papel do jornalista torna-se, em casos assim, passível de questionamentos e sua posição como um tradutor da realidade fragiliza-se. “O que deve ser constatado é que no imaginário desses telespectadores, o telejornal é uma alternativa para a solução dos seus problemas. Eles têm mais confiança nos jornalistas do que nos governantes” (GOMES, 2006, p.2).

O enunciado jornalístico, num mundo cada vez mais mediado pelos meios de comunicação e por eles interpretado, corre o risco de ser tomado, por vezes, não como uma construção social do fato, mas pelo fato em si, com peso e valor simbólico e repercussões sociais inesperadas podem disso advir. A identificação proveniente da visualização das matérias gera agregamento: “O sujeito fragmentado descrito por Hall se identifica com seus concidadãos quando partilha com eles os problemas do cotidiano” (GOMES, 2006, p.2).

O desafio da conscientização quanto à força dos enunciados jornalísticos deve impulsionar o jornalista e o pesquisador a questões cada vez mais profundas sobre o poder da comunicação para promover/difundir discursos e, por eles, influir decisivamente nas identidades. Tanto os que produzem a notícia quanto os que a recebem e os que pesquisam acerca dela possuem uma responsabilidade própria:

Nesse processo, nos descobrimos não apenas como consumidores de eventos, mas também como sujeitos envolvidos com eles de alguma maneira. Somos chamados a marcar posições, a formar uma opinião ou mesmo a assumir responsabilidades por questões e circunstâncias próprias de um mundo em constante movimento de interconexão. Em um país como o nosso que se conhece e se reconhece pela televisão, onde é ela a responsável por fornecer a primeira e a última imagem sobre todos os assuntos, o exercício da crítica é antes de tudo, uma possibilidade de pesquisa sobre relações de poder na cultura nacional’ (PALHA, 2006).

O trabalho da pesquisa, ao desconstruir a notícia, examiná-la e refletir sobre ela, constitui o esforço de deixar de operar por esquemas mentais já previamente recebidos no convívio social e descobrir-se no potencial de melhor administrar e gerenciar os discursos que atravessam os sujeitos. É o que se buscará realizar na análise das matérias do Jornal Nacional e do Jornal da Record relacionadas com a temática do evangélico no Brasil, à luz da teoria da dramaturgia telejornalística.

## 2.4. JORNAL NACIONAL E JORNAL DA RECORD: PECULIARIDADES RELEVANTES

Tendo em vista a grande quantidade de trabalhos relevantes na área, que trazem exaustivamente os aspectos históricos do telejornalismo brasileiro, não se faz necessário um aprofundamento da trajetória dos telejornais em face desta pesquisa. Contudo, algumas reflexões são pertinentes para compreender a relação entre a produção noticiosa sobre o evangélico e a construção/narração de sua identidade ou identidades nestes telejornais.

No contexto desta dissertação, será preciso levar em conta os entrelaçamentos sociais presentes na história da Rede Globo. É sabido que as relações entre a Igreja Católica e a ditadura militar no Brasil eram estreitas.

No decorrer do séc. XX, a Igreja Católica demonstrara uma habilidade excepcional para desenvolver laços sólidos com o Estado e trabalhara regularmente com autoridades públicas para seu mútuo benefício político e pelo bem comum. A cooperação entre a Igreja e o Estado torna-se um emblema do Brasil moderno. (SERBIN, 2001, p. 21)

A Rede Globo, por meio de Roberto Marinho, iniciou suas atividades de modo bastante afinado com os interesses governamentais. Por consequência, alinhada ideologicamente à Igreja Católica, especialmente aos seus setores mais conservadores. A amizade entre Roberto Marinho e D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro (de postura conservadora e anticomunista, aliado aos militares) é fato conhecido, mas, nos limites desta dissertação, foi impossível avaliar a extensão da proximidade institucional entre a emissora e a Igreja Católica, pela não obtenção de bibliografias que tratassem diretamente do tópico em pauta. De qualquer modo, o vínculo é perceptível, até mesmo porque o único programa de cunho explicitamente religioso até hoje na grade da emissora é a missa católica (que vai ao ar aos sábados e domingos pela manhã). O programa é descrito no site da Rede Globo nos seguintes termos:

Mais antigo programa da TV Globo, a Santa Missa foi transmitida pela primeira vez em 4 de fevereiro de 1968, com missa solene celebrada pelo arcebispo do Rio de Janeiro, na época o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara. A missa foi assistida por autoridades civis e militares e concelebrada por vários bispos<sup>12</sup>.

Há, ainda, uma série, chamada Sagrado, que vai ao ar todos os dias às 6:05 da manhã, mas propõe-se a ser um espaço para a discussão de temas da contemporaneidade, sob o prisma de diversas religiões, com participação de representantes de cada segmento e atores do *cast* da emissora afinados com a proposta de cada religião. Desta forma, a Rede Globo tenta assegurar a diversidade religiosa, como a emissora afirma no seu site, mas isso se dá muito mais pelo aspecto educativo e elucidativo. Como espaço de ministração religiosa aberta, portanto, permanece somente a missa católica. Este dado é relevante no contexto desta pesquisa, como se poderá perceber no seu desenvolvimento.

No ar desde 1º de setembro de 1969, o Jornal Nacional se consolidou na televisão brasileira como o padrão nacional de telejornalismo. Atualmente, apresentado pelo casal William Bonner e Fátima Bernardes, o jornal representa “a família brasileira”, por cerca de meia hora diária. A presença do casal em cena foi uma mudança estratégica da Rede Globo:

Ao buscar um descolamento do regime militar – intimamente associado ao JN e ao locutor Cid Moreira, carismático apresentador que atuou de 1969 a 1995 –, a Globo testou novos formatos, e em 1998 concede o cargo de editor-chefe e apresentador a William Bonner, ao mesmo tempo em que a mulher dele, Fátima Bernardes, assume o cargo de apresentadora e editora. (HAGEN, 2007, p. 2)

Seu formato e estética são recopiados vezes sem fim por outras emissoras. Para compreender o peso da influência do telejornal sobre as concorrentes, basta comparar os logotipos, legendas, cenários, etc., dos programas do gênero. A competição entre o Jornal Nacional e o Jornal da Record é direta, neste aspecto. Um casal de apresentadores e padrão gráfico bastante similar são utilizados, conforme se pode observar nas imagens abaixo:

---

<sup>12</sup> <http://redeglobo.globo.com/TVG/0,,TG2541-3914,00.html>



Por sua vez, a Rede Record, fundada em 1953 por Paulo Machado de Carvalho, foi comprada primeiramente pelo Grupo Sílvio Santos e depois, no final da década de 1980, adquirida pelo bispo Edir Macedo. O processo de controle acionário da emissora é bastante controvertido e alvo de divergências políticas e jurídicas. Atualmente, a Record é a segunda na disputa pela audiência.

Tem sido adotada uma estratégia de apagamento da própria Igreja Universal do Reino de Deus nos discursos da emissora. Em inúmeras entrevistas, pessoas ligadas aos processos de produção da Record afirmam o caráter comercial da emissora, seu interesse em falar de modo geral a todo telespectador. Contudo, a temática religiosa está subjacente a uma série de disputas por audiência entre as duas emissoras (cf. TORRES, 2009).

## CAPÍTULO TRÊS: O TELEJORNALISMO BRASILEIRO E A REPRESENTAÇÃO EVANGÉLICA

*A identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (Stuart Hall)*

O jornalismo pode ser entendido, dentre as diversas conceituações possíveis, como informação de interesse público materializada em um discurso. Neste trabalho, o discurso é entendido *na acepção de uma regularidade de sentido, constituída na história, com função mediadora*. “O caráter de mediação, pressuposto nos discursos, refere-se ao seu aspecto de construção do mundo, apontando para a indissociabilidade entre campo discursivo e campo social (SOARES, 2008, p. 14). Por esta compreensão, pode-se ainda depreender o jornalismo como um lugar de circulação e produção de sentidos.

A Análise de Discurso Francesa será utilizada neste capítulo como uma metodologia para a pesquisa dos textos telejornalísticos que constituem o corpus empírico desta dissertação, sendo Foucault a principal referência teórica. Diversamente de outros autores, que utilizam um conjunto de categorias prévias de análise, será adotada uma perspectiva foucaultiana de análise, entendida como “arqueologia do discurso”.

O discurso aparece no pensamento de Foucault como objeto de estudo, porque sua preocupação é conhecer o que torna este ou aquele discurso possível, ou seja, porque determinados discursos são aceitos como verdadeiros e não outros em seu lugar. Sua preocupação não é com o discurso, enquanto expressão de uma ideia ou de uma linguagem, mas enquanto suas condições de possibilidade, o que o autor denomina como as condições da “formação discursiva”. (VANDRESEN, 2008, p. 3)

A pesquisa buscará evidenciar as camadas discursiva e pré-discursiva (saberes anteriores, algo externo e anterior à produção do discurso telejornalístico e que o determina).

Ao falar em texto, considerando o formato televisão, aborda-se não apenas a fala dos jornalistas e demais sujeitos falantes, como também os aspectos relacionados com cenário, entonação de vozes, enquadramentos, marcadores de edição e demais elementos que compõem o “texto audiovisual” do qual é feito o conjunto das matérias pesquisadas.

Ainda que não necessariamente sejam analisadas, há que se ter no horizonte as condições de produção ou existência da notícia: a realidade ou os aspectos manifestos dos acontecimentos; os fatores que constroem os jornalistas no sistema organizacional, as narrativas que orientam a escrita jornalística, as rotinas de trabalho, os valores-notícia dos jornalistas, as identidades e interesses das fontes de informações (BENETTI, 2007, p. 110-111)

### 3.1. O CORPUS DA PESQUISA

Para o levantamento e a composição de um corpus para esta pesquisa, foram tomadas as edições do Jornal Nacional e do Jornal da Record, veiculadas entre agosto de 2009 e abril de 2010. Foram utilizados como critérios de seleção: a abordagem da temática evangélica e as datas comemorativas cristãs (notadamente Páscoa e Natal) nas quais a religião fosse explorada de forma explícita, bem como as que, por desdobramento os incluíssem no desenvolvimento dos assuntos, de modo relevante.

Foram selecionadas 20 matérias do Jornal Nacional, incluindo uma série especial de quatro dias exclusivamente sobre os evangélicos; e 05 matérias do Jornal da Record. As matérias foram, a seguir, transcritas em forma de tabelas, contendo: a) os sujeitos que falam; b) os conteúdos, textos das falas; c) a descrição dos cenários; d) o tempo da

matéria; e) identificação do formato (se nota pelada, nota coberta ou reportagem), conforme apêndices desta dissertação.

Cabe ressaltar a percepção inicial de que o número de matérias do Jornal Nacional, muito superior ao de matérias do Jornal da Record, colocou-se como um importante fator de análise, considerando que a pesquisa está interessada em verificar se existe ou não um processo de identificação com o discurso evangélico por parte de um telejornal vinculado a uma emissora institucionalmente ligada a uma igreja evangélica, como é o caso da Record e se existiria um marcador discursivo de alteridade no discurso jornalístico do Jornal Nacional, vinculado a uma rede de televisão cujas relações institucionais estão mais ligadas ao Catolicismo, conforme indicado no Capítulo Dois. Isso é importante, embora ainda não pontue aqui uma conclusão preliminar, pois que as matérias serão, posteriormente, sujeitas à análise de seus enunciados no âmbito desta dissertação.

### 3.2. MAPEAMENTO DAS VOZES E DOS SENTIDOS NO DISCURSO TELEJORNALÍSTICO SOBRE OS EVANGÉLICOS

Uma primeira abordagem do jornalismo, em qualquer de seus suportes, afirma seu aspecto polifônico, isto é, como um espaço onde circulam diversas vozes. De imediato, uma matéria telejornalística contaria com as vozes dos produtores, repórteres, apresentadores, cinegrafistas, editores, donos do canal, fontes diversas. De algumas formas, também se faz ouvir a voz dos anunciantes e patrocinadores<sup>13</sup>.

Todas essas vozes se complementam, concorrem ou contrapõem, fazem falar os discursos que circulam na sociedade e que, juntas, a partir de um local - a

---

<sup>13</sup> Um exemplo talvez mais evidente seja o caso do Estado, na qualidade de um dos maiores investidores em propaganda televisiva. A condição econômica pode ser vista, em diversos estudos, como um fator presente na forma de abordagem da temática política nos telejornais, interferindo diretamente nos enunciados.

mídia – produzem também um discurso, o jornalístico, que tem um funcionamento próprio, com regras estabelecidas ao longo de sua existência. (FELIPPI, 2001, p. 12)

Tanto no Jornal da Record quanto no Jornal Nacional, pode-se perceber, num primeiro nível de definição de vozes, as três instâncias de sujeitos inscritos num discurso pontuadas por Brandão (1998): o locutor, o alocutário e o delocutário. O *locutor* é aquele que fala (tanto aquele que pronuncia o discurso quanto os sujeitos que falam por meio dele) – o repórter, o âncora, o veículo, as fontes, o editor, etc. O *alocutário* é aquele a quem o texto se dirige – neste caso, o telespectador, que tanto pode ser um sujeito anônimo quanto um sujeito determinado, dependendo do conteúdo da matéria em análise naquele momento (*presumido*, como abordado no Capítulo Um, ou não). O *delocutário* é aquele de quem se fala, o objeto do discurso. Essas instâncias às vezes podem se misturar no discurso midiático e, embora não deem conta da totalidade de análise, são interessantes de se pontuar num primeiro momento.

Foucault, porém, vai além e entende que o sujeito do discurso é disperso e descentralizado. Este assume diferentes lugares de fala, dependendo do contexto da produção do discurso e, da mesma forma, o chamado alocutário, o sujeito ao qual o discurso se dirige, também se move nesta mesma dispersão e descentralização. Ressalte-se, ainda, que o fato de haver muitas vozes nem sempre quer dizer que há vários enunciadores.

Os lugares de fala podem ser aqueles determinados pela mídia (como força reguladora), do veículo mesmo ou de seus proprietários; do Estado (a depender do assunto ao qual a matéria se relaciona), entre outros. Mas também há enunciadores que são apagados neste processo, o que resulta numa unificação do conjunto das vozes. Essa unificação interfere nos efeitos de sentidos do discurso. O contrário também pode acontecer: um mesmo locutor pode alternar entre posições enunciatórias diferenciadas, como, por exemplo, numa matéria em que a postura da empresa não fique bem marcada.

Assim, os lugares de fala e de recepção do discurso são ocupados por esses sujeitos, isto é, são construídos fora do discurso telejornalístico, de acordo com determinações históricas, sociais e culturais. E um terceiro aspecto a considerar neste mapeamento é que os sentidos se configuram em torno das formações discursivas, as quais contêm a posição dos sujeitos que as determinam.

Nesse sentido, conforme as análises das matérias específicas poderão demonstrar, há momentos em que o repórter se coloca no lugar de fala da empresa e o seu discurso, desde esta perspectiva, será marcado pela alteridade em relação ao evangélico, com base no enunciado da impessoalidade e imparcialidade jornalística. Este evangélico é, ao mesmo tempo, receptor e objeto do discurso. Porém, em outros momentos, o conteúdo das formações discursivas do repórter evidencia sentidos do lugar de fala do evangélico. Essa dispersão é importante compreender, pois é decorrente de condições históricas, sociais e culturais que determinam o discurso telejornalístico neste momento da pesquisa.

Benetti (2007) parte da perspectiva de Ducrot, um autor que ela associa à AD Francesa, para identificar as vozes presentes no telejornal, apontando os locutores (os sujeitos que falam e podem ser identificados imediatamente como os responsáveis pelo enunciado de modo mais direto) e enunciadores (os autores empíricos do enunciado, seus produtores, as pessoas sob cujo ponto de vista são apresentados os acontecimentos). Além disso, deve-se, segundo Benetti, buscar as posições de sujeito ocupadas pelos protagonistas do discurso e as perspectivas de enunciação dominantes. É este exercício que se buscou desenvolver na análise das matérias do corpus empírico selecionado para esta pesquisa. Ela ainda ressalta as distintas representações dos enunciadores, tais como postuladas por Orlandi, Guimarães e Tarallo, que podem ser:

um enunciador individual – que pode ou não coincidir com o locutor –, um enunciador genérico – representação da voz do senso comum e que traz para o texto crenças historicamente constituídas –, um enunciador universal – voz

que se apresenta como se os fatos falassem por si –, e um enunciador coletivo – que representa a voz de uma comunidade específica (BENETTI, 2001, p. 8)

Essas definições ajudarão, no processo de análise das matérias, a identificar as vozes, os lugares de fala e, a partir daí, buscar os sentidos circulantes na sociedade e verificar algumas das possíveis condições históricas que viabilizam os discursos encontrados neste momento e que estão inseridos nos processos identitários dos evangélicos, expressos no telejornalismo pesquisado.

Dentre as 20 matérias exibidas no Jornal Nacional relativas à temática da pesquisa e coletadas, foram separadas quatro do cotidiano, uma de uma série especial sobre a Amazônia, e a série especial de quatro matérias. Outras, como já mencionado, relacionavam-se à Igreja Universal do Reino de Deus e, por esta razão, embora esta seja uma igreja evangélica, não foi este o foco da cobertura jornalística, descaracterizando-as para a pesquisa. Da mesma forma, foram selecionadas duas matérias sobre o julgamento dos líderes da Renascer, que também foram descartadas por não conterem menção sequer à palavra “evangélicos” e limitar-se aos aspectos legais relacionados com o crime de evasão de divisas, sem abordar a questão religiosa, descaracterizando-as para a pesquisa.

No corpus selecionado, encontram-se duas matérias sobre a Marcha para Jesus. Uma foi exibida no dia 02 de novembro de 2009, tendo um minuto e vinte e nove segundos de duração. Já se estabelece uma diferença, a ser discutida posteriormente, quanto à cobertura do Jornal da Record, que lhe dedicou dois minutos e 29 segundos. A outra referência ao mesmo evento foi exibida no dia 03 de setembro, constituindo uma nota pelada de 15 segundos, sobre a sanção da lei que institui o Dia Nacional da Marcha para Jesus.

Interessante ressaltar que houve diversas matérias sobre o Natal no final do ano, mas apenas uma delas, exibida no dia 25 de dezembro de 2009, teve temática religiosa,

mesmo assim relacionada com a violência e o terrorismo. As demais abordaram temas como consumo, decoração e festas.

Houve duas matérias sobre a Páscoa, exibidas na mesma edição do dia 02 de abril de 2010, sendo uma nota coberta sobre a páscoa dos cristãos ortodoxos e a outra, uma reportagem sobre a Páscoa em Jerusalém.

A série “Os evangélicos” foi exibida entre os dias 26 e 29 de maio de 2009, abordando o trabalho social desenvolvido pelos evangélicos no País. Foram apresentados projetos sociais dos presbiterianos, assembleianos, batistas, metodistas, adventistas e luteranos. Também no contexto de uma série especial, chamada Amazônia, uma matéria abordou o conflito entre a religião e a cultura indígena. Esta matéria foi ao ar no dia 24 de setembro de 2009. As matérias podem ser encontradas no site da Rede Globo, onde também se encontram os textos jornalísticos e outras informações relacionadas com as séries.

O Jornal Nacional produz séries de reportagens especiais para tratar temas variados, sem uma periodicidade específica. Essas reportagens são exibidas em matérias que duram entre três e seis minutos, abordando temas sazonais ou macrotemas; em geral, de modo mais aprofundado devido ao maior tempo que lhes é dedicado. Ainda que seja sugerida uma ideia de prosseguimento, as séries se apresentam mais como episódios do que como capítulos, pois cada matéria é completa em si mesma, sendo desnecessário conhecimento prévio das reportagens anteriores (cf. ROCHA, ALBUQUERQUE e OLIVEIRA, 2008, p.7).

Nesse formato, tem-se maior tempo para explorar o assunto em questão, relativa liberdade em relação ao tema (sem a exigência da factualidade, novas perspectivas de aproximação e abordagem, maior elaboração na edição, explorando-se, desta forma também, as possibilidades de exercitar a dramaturgia no telejornalismo). As séries especiais contam com trilhas sonoras, vinhetas de abertura e “cenas dos próximos capítulos” numa estrutura que evoca as telenovelas, conforme Coutinho:

O formato série de reportagem, para utilizar o termo com que os apresentadores dos telejornais da Rede Globo anunciam este tipo de material jornalístico, se aproximaria de uma espécie de novela informativa, em que cada capítulo possibilitaria o aprofundamento de um tema ou aspecto da realidade retratado na TV. (...) É importante considerar aqui que a própria existência de uma vinheta já denota a importância atribuída ao tema pela emissora, na edição do telejornal. Isso porque a criação de uma vinheta envolve outros setores da emissora, como o departamento de arte, que é acionado pelos editores do telejornal que utilizará a marca, desenvolvida a partir de uma descrição do caráter da cobertura, emoção que se pretende destacar. (COUTINHO, 2008, p.4-5; 12).

Para a autora, as séries de reportagens estariam próximas ao conceito de jornalismo interpretativo de Luiz Beltrão, pois apresentam um maior aprofundamento na abordagem das matérias. Possuem também maior ênfase didática em sua própria constituição, contando ainda com os recursos gráficos diferenciados, uma apreciação maior dos contextos e maior perenidade, uma vez que algumas dessas séries são disponibilizadas via web, bem como em pontos de vendas, em formato de DVD, como bancas de jornais, etc.

Embora sejam analisadas, de modo equitativo a esta pesquisa, seis matérias de um telejornal (JN) e cinco de outro (JR), faz-se necessário analisar a série especial, levada ao ar no período de coleta das matérias, considerando sua especificidade, sua relevância e a possibilidade de uma discussão sobre os sentidos que emergem de matérias do cotidiano e os sentidos que emergem de uma série especial.

Já o estudo dos sentidos tem a ver, no caso desta pesquisa, com a percepção da estrutura do texto telejornalístico, entendendo que este é decorrência de um movimento de forças que lhe é exterior e anterior. Segundo Benetti, isso significa ir além da camada discursiva, utilizando a arqueologia do discurso, proposta por Foucault (BENETTI, 2007, p. 111). A autora fala em buscar a camada ideológica, contudo, é discutível a perspectiva de trabalhar o conceito de ideologia, que possui tantas acepções diferentes, de acordo com as diversas ciências que se apropriam do mesmo. Ademais, o próprio Foucault parece distanciar-se dessa concepção, procurando tratar mais acerca dos saberes em circulação na sociedade e

da relação entre os mesmos na busca pelo controle do discurso, este sim, o espaço da verdadeira disputa.

De qualquer modo, busca-se, neste caso, as chamadas FDs, formações discursivas, que, segundo a metodologia adotada neste trabalho, são uma “espécie de região de sentidos” (BENNETTI, 2007, p. 112). As FDs (formações discursivas) são circunscritas por um limite interpretativo que exclui o que invalidaria aquele sentido. Por exemplo, ao buscar a identidade (como marcador discursivo), é preciso que as formações discursivas manifestem uma clareza incontestável de aproximação ou ocupação do lugar de fala do telespectador evangélico ou com seu discurso. Este segundo sentido (o ocultado, esquecido ou excluído) constitui uma segunda FD a ser investigada. Assim, o movimento desta análise permite a percepção do que é dito e do que não é dito (ocultado ou esquecido) no discurso composto por essas formações.

A lógica orientadora da análise proposta diz que um sentido *representa o que pode ser dito, em tal conjuntura, por tais sujeitos específicos, que são instados ideológica e imaginariamente a dizer algo e não outro algo qualquer*. A tarefa, portanto, desta etapa de análise das matérias nesta pesquisa é a constituição de um quadro de FDs justificadas pelos textos que estaremos analisando, de modo a evitar interpretações e impressões particulares (cf. BENETTI, 2007, p. 112).

Foucault entende que as formações discursivas são determinadas por regras que se apresentam como um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. Todos esses elementos caracterizam a formação discursiva em sua singularidade, possibilitando a passagem da dispersão discursiva<sup>14</sup> para a regularidade (cf. GRANGEIRO, 2005, p. 6).

---

<sup>14</sup> Neste contexto, como exemplificado no início deste Capítulo, é buscar a regularidade do discurso telejornalístico, mesmo considerando que o repórter se disperse em diversos lugares de fala, tais como o lugar de fala da empresa, o lugar de fala do sujeito-jornalista (em seu ethos de objetividade e imparcialidade), o lugar de fala do público-alvo, etc.

Será feito, nas matérias analisadas, um levantamento das FDs relacionadas com identidade e as FDs relacionadas com alteridade, no discurso jornalístico acerca do evangélico brasileiro. Para tal levantamento, considerando o arcabouço teórico de Foucault e dos demais teóricos da AD Francesa, a pesquisa levará em conta o alerta de Benetti, quanto ao fato de que

não há uma fórmula a ser aplicada, ficando a cargo do analista utilizar sua capacidade interpretativa dentro de parâmetros de rigor. Está proibido, evidentemente, pinçar apenas os sentidos que confirmam a hipótese do pesquisador, desconsiderando as marcas que a invalidam (BENETTI, 2007, p. 115).

Deve-se considerar uma formação discursiva como aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e não deve ser dito. A autora ressalta a necessidade de que as formações discursivas apresentadas sejam justificadas explicitamente pelos textos em análise e esta análise deve ser feita em torno de um problema de pesquisa. Portanto, no caso desta pesquisa, a busca é pelos marcadores de identidade e de alteridade presentes nos discursos nos dois telejornais, relacionados com os evangélicos como grupo social, presentes no discurso dos dois telejornais, considerando a postura das emissoras, enquanto instituições, quanto à religião.

Por fim, a metodologia requer que, depois de levantados os sentidos principais e reunidos em torno de FDs mínimas, seja buscada, fora do âmbito do texto analisado, a constituição dos discursos outros que atravessam o discurso jornalístico (cf. BENETTI, 2007, p. 113). Ao lado desta análise, também será buscada a percepção da forma pela qual o discurso emerge, qual seja, a dramaturgia do telejornalismo, verificando que papel de personagem cada sujeito ocupa na trama jornalística, conforme os pressupostos teóricos já explicitados no Capítulo Dois.

### 3.2.1. Mapeamento de vozes e dos sentidos nas matérias do Jornal Nacional

A seguir, serão apresentados os mapeamentos das vozes, visando identificar os locutores (sujeitos falantes) presentes nas matérias analisadas e buscar seu lugar de fala, com o objetivo de identificar os enunciadores, isto é, a partir de onde os locutores estão falando, quem são estes sujeitos no processo enunciativo.

Ao mesmo tempo, quando um sentido significativo ligado à representação evangélica emergir, este sentido também será mapeado, a partir dos dois marcadores discursivos apresentados como fundamentais nesta pesquisa: *identidade* (assumir seu lugar de fala ou dirigir-se a ele diretamente) e *alteridade* (busca pela imparcialidade jornalística, isenção). Em cada matéria, será apresentado um quadro para auxiliar na visualização dos locutores e na identificação primária de seus lugares de fala.

#### 3.2.1.1. Matéria 1: A Marcha para Jesus

**Tabela 1: Cobertura da Marcha para Jesus (Jornal Nacional)**

Locutor (L)	Locutor enquanto pessoa socialmente construída (&)	Personagem na trama jornalística
Carla Vilhena e Heraldo Pereira	Âncoras/apresentadores	Narrador
José Roberto Burnier	Repórter	Narrador
Douglas Madeira	Estudante (entrevistado)	Protagonista
Pessoas não-identificadas (Fala povo)	Coletividade, público-alvo do evento, evangélicos identificados na matéria como “fiéis de várias regiões do país”	Protagonistas, na qualidade de heróis
Polícia Militar	Fonte	
Organizadores do evento	Fonte	
Corpo de Bombeiros/ Serviço Médico		Coadjuutores dos protagonistas

Esta matéria, levada ao ar durante um minuto e vinte segundos, possui todos os locutores esperados numa reportagem telejornalística. Na locução dos âncoras e do repórter, percebem-se enunciados característicos da posição do *sujeito jornalista*, marcados pela impessoalidade e objetividade. Do ponto de vista da dramaturgia, esta é a posição do narrador, que, neste caso, a partir da terceira pessoa, coloca-se como um observador externo ao acontecimento, mas aponta ao telespectador um ponto de vista a partir do qual o evento adquire sua forma jornalística:

“*Um milhão de pessoas* participaram hoje de uma marcha, *organizada por diversas igrejas evangélicas*”.

Esta é a frase que abre a matéria. Mais adiante, sobre a imagem aérea da Avenida Paulista e da multidão ali presente, o repórter, em off, repassa a informação fornecida pela fonte autorizada:

“uma caminhada que, *segundo a Polícia Militar*, reuniu um milhão de pessoas”.

Ao falar do tema do evento, o repórter apresenta o seu significado a partir de outra fonte:

“O tema deste ano? Derrubando gigantes que, *segundo os organizadores*, são figuras espirituais”.

Itânia Gomes explica que, “na maioria dos programas brasileiros, a fonte oficial é tratada de modo a transferir sua credibilidade para o programa, através do recurso à voz autorizada” (GOMES, 2005, p. 5). No caso da Polícia e dos organizadores do evento, podem ser consideradas, no contexto da matéria, uma fonte de *autoridade*.

É ainda interessante ressaltar, do ponto de vista da dramaturgia, que o jornalista formula uma pergunta que seria feita pelo telespectador, estabelecendo, assim, um ponto de contato discursivo com o mesmo. Contudo, é também possível inferir, a partir da narrativa telejornalística, que os termos destacados abaixo, são, igualmente, significativos de uma

formação discursiva (FD) relacionada com o discurso da identidade evangélica que se apresenta como diversa, mas, ao mesmo tempo, una:

Repórter: “Os fiéis, *de várias regiões do país*, se concentraram no centro da cidade”.

Repórter: “Esses *três amigos* viajaram 300 quilômetros para *participar* da Marcha. *Cada um é de uma igreja evangélica diferente*”.

Entrevistado: “A simples satisfação da (sic) gente estar aqui é enorme e tar (sic) *reunindo aqui as várias igrejas, independente das denominações e das doutrinas*.”

Percebe-se, nos enunciados que, apesar dos diferentes locutores, o discurso é unificado e tem a ver com uma representação evangélica que se quer apresentar, pelo viés da identidade e da uniformização. Tanto os âncoras quanto o repórter e o entrevistado falam de um mesmo lugar que, neste momento da matéria, é o espaço da convivência, da conciliação entre os diferentes. As expressões: *várias regiões, amigos, cada um, várias igrejas e diferente* marcam a busca pela aproximação, proposta no teor global da matéria, por virem lado a lado com termos como *concentrar, participar e reunir*. Este discurso é também expresso visualmente pela quantidade de imagens da multidão, de grupos de pessoas, de indivíduos em expressões felizes, cantando e erguendo as mãos, em consonância com a fala do repórter, quando em off.

Na estrutura dramática, os enunciadores emergem como personagens positivos, pois os adjetivos utilizados os caracterizam como amigos e fiéis. Destaca-se a figura do herói quando o repórter evidencia que os amigos venceram um grande obstáculo em busca do ideal de participar da Marcha: a viagem de 300 quilômetros.

Contudo, como lembra Foucault, o indivíduo se fragmenta em vários sujeitos e desloca-se em seu lugar de fala. Por isso, um olhar mais atento permitirá encontrar, nesta mesma matéria, outros lugares de fala do *sujeito-jornalista*, nos quais ele assume enunciados universais, lembrando que isso se relaciona com a voz que aparece como se os fatos falassem

por si. Quando se refere ao calor que fazia no momento da Marcha, este enunciado se evidencia:

Repórter: *“Vencer dificuldades era a mensagem principal”*.

Neste momento, a imagem projetada é a do palco, onde aparece uma pessoa não-identificada com um microfone na mão. Alude-se, portanto, a um discurso pronunciado aos presentes, ainda que isso não seja explicitado no áudio da matéria. No contexto dramaturgico, esta fala faz emergir toda a multidão, nos diversos contextos em que foi apresentada até o momento, como heroína, uma vez que faz sacrifícios em nome de sua fé, vence obstáculos diversos e supera-se na conquista de algo, como descrito pelo repórter.

As imagens projetadas apresentam pessoas agitando os chapéus como leques, água sendo jogada para cima, o carro de bombeiros passando no meio da multidão, pessoas sendo carregadas. O conflito presente na trama jornalística desta matéria não é o confronto entre o bem e o mal, mas entre a fé e os elementos da natureza, dando um caráter épico à narrativa deste ponto em diante. Cabe destacar o papel coadjutor do Corpo de Bombeiros, que aparece no cenário, de modo apenas visual, mas suficiente para mostrar a “vitória” do ser humano sobre a natureza:

*“E hoje, uma das maiores dificuldades foi o calor, de mais de trinta graus”*.

*“Por causa do calor, mais de 100 pessoas foram atendidas pelo serviço médico”*.

Na sequência, o repórter entrevista uma mulher não-identificada. Ela responde à pergunta de modo enfático, erguendo o braço num gesto que exprime firmeza e decisão:

Repórter: *“Vai aguentar o dia todo debaixo deste sol?”*

Mulher: *“O dia inteiro!”*

O aspecto sacrificial da fé é evidenciado pelo acontecimento do calor e a resistência dos participantes da Marcha, vinculados, pelo enunciado tal como proferido pelo jornalista, com o tema do próprio evento. De fato, o sacrifício é um elemento que compõe a identidade cristã, seja na vertente católica ou em quaisquer outras, inclusive evangélica. É claro que, em termos de conceituação, pode haver diferenças nos designativos, mas não na ação concreta, em si. Ao estudar este fenômeno, Pereira Filho afirma:

O *sacrifício* (...) existe em dois planos: objetivo e subjetivo. No primeiro, quando o fiel escolhe a penitência, esforço físico (objetivo), como sua maneira de quitação. Geralmente é o corpo que ele submete ao sacrifício. Na religião cristã os adeptos desse ritual têm no sofrimento de Jesus Cristo a referência para suas práticas. O sacrifício subjetivo é praticado como abdicção de algo que a pessoa aprecia muito. É, portanto, na ausência, que ele se estabelece, porque é na satisfação da presença desse elemento na vida dela que se dá à realização. Isso tanto pode acontecer no plano material quanto no espiritual, é questão de escolha do penitente. (PEREIRA FILHO, 2008, p. 6)

Deve-se levar em conta a entonação vocal usada pelo repórter nesta etapa da matéria, que demonstra espanto pelo fato de a mulher permanecer sob o sol. Este enunciado possui pelo menos duas percepções possíveis, que mostram a fragmentação do sujeito enunciator entre a identidade e a alteridade, o sujeito narrador entre a primeira e a terceira pessoas. Uma possibilidade é reforçar a figura do heroísmo, como já analisado. Uma expectativa diversa parece ser provocar no telespectador (já que o acontecimento “fala por si”), que existe algo de anormal ou fanático no comportamento desses fiéis.

De fato, esta percepção pareceu se concretizar, durante a realização dos grupos focais, na percepção de, pelo menos, uma das pessoas entrevistadas (Capítulo Quatro). Esta pode ser considerada, desde essa perspectiva, uma FD calcada no senso comum de que a religião é algo não-racional, marcando uma postura de alteridade do telejornal em relação ao evangélico, na posição de objeto do seu discurso. E neste ponto, talvez se possa falar, ao menos, em dois enunciadores presentes no discurso: de um lado o sujeito-jornalista e de outro a multidão em geral e os entrevistados em particular, sendo que estes pronunciam seus

enunciados a partir de seu lugar como *sujeitos evangélicos*, num lugar de fala marcado pela crença de um grupo.

### 3.2.1.2. Matéria 2: Dia da Marcha para Jesus

**Tabela 2: Nota Pelada sobre o Dia da Marcha para Jesus (Jornal Nacional)**

<b>Locutor (L)</b>	<b>Locutor enquanto pessoa socialmente construída (&amp;)</b>	<b>Personagens da trama jornalística</b>
Fátima Bernardes	Âncora/apresentadora	Narradora
William Bonner	Âncora/apresentador	Narrador
Luis Inácio Lula	Presidente da república, objeto do discurso	Figurante

A nota pelada sobre o Dia Nacional da Marcha para Jesus (03/09/2009), sancionada pelo presidente Lula, foi anunciada pelos dois âncoras do telejornal, William Bonner e Fátima Bernardes. O texto é construído em terceira pessoa, marca da objetividade e impessoalidade e, do ponto de vista da dramaturgia, o lugar do narrador. É interessante destacar o uso da voz passiva na abertura da matéria, por Fátima Bernardes:

*“Foi sancionada, pelo presidente Lula, a lei que institui o Dia Nacional da Marcha para Jesus”.*

Neste tipo de enunciação, a força discursiva recai sobre o aspecto legal da Marcha, mais do que o aspecto político, que seria mais evidente se a narrativa telejornalística colocasse o presidente Lula como o autor da ação que levou a lei a efeito. É acrescentada a informação, por Bonner, de que

*“A data será comemorada sempre no primeiro sábado depois de passados sessenta dias da Páscoa”*

*“A Marcha para Jesus começou em Londres e hoje é realizada em muitos outros países”.*

O fato de a Marcha estar vinculada à mais importante celebração cristã, a Páscoa, é um indicador de que se trata de um evento de cunho religioso. É perceptível o silenciamento das demais vozes que poderiam estar presentes neste discurso. A fonte não é explicitada: seria o governo, seriam as igrejas evangélicas? A informação sobre a origem da Marcha deixa a desejar, não indicando a data de ocorrência da primeira, nem as instituições vinculadas a esta celebração ou seus motivos.

Também não é explicado para o telespectador em que consiste a sanção desta lei e suas implicações, seja no calendário do país (exceto pela data, não é informado se trata de um feriado nacional ou não); seja na economia (isso significa a injeção de recursos estatais no evento?); seja de seus realizadores, não identificados no contexto da matéria. Se ela foi sancionada pelo presidente Lula, de quem foi a proposta? A quais interesses está ligada?

Considere-se o aspecto da temporalidade: esta nota foi ao ar dois meses antes da Marcha acontecer em São Paulo, seu espaço mais significativo do ponto de vista de valor-notícia. Em telejornalismo, trata-se de uma data muito distante para que a informação seja dada sem maior contextualização para o telespectador. Apesar de ser apenas uma nota, esta matéria tornou-se relevante devido aos silenciamentos presentes, conforme poderá ser melhor percebido após a análise da mesma cobertura pelo Jornal da Record.

### 3.2.1.3. *Matéria 3: Cristãos ortodoxos celebram a Páscoa*

A seguir, serão analisadas, na sequência, três matérias do Jornal Nacional relativas à Páscoa de 2010:

**Tabela 3: Nota Coberta sobre “Cristãos ortodoxos celebram Páscoa (Jornal Nacional, 02/04/2010)**

<b>Locutor (L)</b>	<b>Locutor enquanto pessoa socialmente construída (&amp;)</b>	<b>Personagens da trama jornalística</b>
Alexandre Garcia	Âncora/apresentador	Narrador

Multidão passeata	em	Fiéis ortodoxos	Protagonistas
Homem carregado	sendo	Líder ortodoxo	Protagonista

Nesta nota coberta, de 27 segundos, Alexandre Garcia, apresentador do Jornal Nacional neste dia, traz a celebração do rito do fogo sagrado, realizado pelos cristãos ortodoxos. É interessante esta matéria no contexto da seguinte, exibida no mesmo dia, da qual será feita a análise pela perspectiva do apagamento, pois, embora trate de um feriado celebrado pelos cristãos, nos quais se incluem os evangélicos, a cobertura da Rede Globo mostrou apenas católicos e ortodoxos (estes são uma minoria religiosa no Brasil e, exceto por alguns países, na maioria do mundo ocidental). Quanto ao posicionamento do enunciador nesta nota, o que mais chamou a atenção na análise foi a perspectiva do sujeito-jornalista. Ao descrever o rito, o âncora diz:

“O patriarca da Igreja Ortodoxa Grega entrou no lugar onde, *segundo a tradição*, está o túmulo de Jesus. Ao sair, ele levou aos fiéis a chama, *que é considerada* o sinal de que Cristo não esquece os seus seguidores”.

Essas expressões colocam o enunciador num lugar de alteridade, partindo da perspectiva de que o conteúdo do enunciado é a crença de outro, à qual ele não está discursivamente associado, constituindo-se, assim, o narrador da trama jornalística. Vale dizer que esse posicionamento discursivo guarda consonância com o próprio ethos da profissão que pressupõe que o jornalista atue como comunicador desinteressado.

Em um enunciado não-verbal, aparece a multidão, identificada pelo sujeito jornalista como sendo cristãos ortodoxos. Este grupo emerge no discurso como uma coletividade religiosa, marcada pelos cânticos, gestos e roupas característicos, bem como por localizar-se naquela data religiosa e naquele lugar sagrado. Constituindo-se o eixo em torno do qual a narrativa acontece, pode-se dizer que se trata dos protagonistas, ainda que estes não tenham voz no discurso verbal.

Apesar da objetividade e impessoalidade do locutor, percebe-se, na forma como o discurso é pronunciado, que ele enfatiza determinadas palavras como: *terra santa*, *fogo sagrado*, *milhares de fiéis*, *túmulo de Jesus*, *chama* e a expressão: *Cristo não esquece dos seus seguidores*.

Isso faz emergir a reflexão proposta por Benetti, segundo a qual um mesmo locutor se posiciona ora de uma perspectiva, ora de outra e “o que seria monofônico pode ser, na verdade, polifônico” (BENETTI, 2007, p. 119). Dando ao seu discurso determinada entonação, que pareça “piedosa”, o jornalista pode propiciar um endereçamento desta notícia ao telespectador que se identifica com a fé manifesta pelos cristãos objeto da matéria, criando uma relação de identidade com estes e, por consequência, com o telejornal que os apresenta. Gomes comenta este aspecto ao dizer que

Os mediadores do Jornal Nacional exibem as notícias e esforçam-se para não comentá-las. Mas a expressividade que transmitem, tanto na entonação da voz quanto nas expressões faciais, os caracteriza como intérpretes da notícia. O jogo parece ser criar um efeito de suporte “neutro”, “objetivo” através dessa aparente redução do “contato”. (GOMES, I., 2005, p. 10)

Do ponto de vista da dramaturgia do telejornalismo, acontece o que já foi teorizado no Capítulo Dois: *a colocação em cena*, o que é muito relevante, uma vez que

as palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inserem (BACCEGA, 1988, p.90).

Desta forma, percebe-se que a maneira de portar-se enquanto narra é tão importante quanto o fato narrado, por constituir também uma fonte de sentidos.

3.2.1.4. *Matéria 4: A Páscoa em Jerusalém***Tabela 4: A Páscoa em Jerusalém (Jornal Nacional, 02/04/2010)**

<b>Locutor (L)</b>	<b>Locutor enquanto pessoa socialmente construída (&amp;)</b>	<b>Personagem na trama jornalística</b>
Alexandre Garcia	Âncora/apresentador	Narrador
Ari Peixoto	Repórter correspondente	Narrador
Pessoas não identificadas	Peregrinos cristãos	Protagonistas
Policiais	Policiais israelenses	Antagonista
Entrevistado não-identificado (Fala Povo)	Padre brasileiro	Figurante

Esta matéria apresenta-se como reportagem, contendo quase todos os elementos característicos do telejornalismo: cabeça de locutor, off, passagem e entrevista. Na abertura, já se percebe uma marca identitária do jornalista no discurso:

*Os últimos passos de Jesus também foram revividos por peregrinos cristãos na Terra Santa, como mostra o correspondente Ari Peixoto.*

Mostrar, isto é, tornar visível, ainda que sob determinado enquadramento de realidade, é uma das marcas distintivas da televisão como veículo de comunicação. A visibilidade televisiva é, de certo modo, garantia de realidade, lembrando Jost (Capítulo 1). E também é possível perceber a prática do telejornal, como destaca Gomes, colocando o repórter na condição de voz autorizada no contexto da emissora:

O JN valoriza sua cobertura jornalística mostrando ao telespectador a fonte das notícias e dando destaque ao trabalho dos repórteres. Nesse caso, os enviados especiais sempre recebem destaque dos apresentadores, que dizem seu nome na abertura das matérias: “da capital da Ucrânia, as informações são do enviado especial da Rede Globo, Marcos Losekann”. Essa estratégia legitima a fala do repórter que está no local do acontecimento (...) A credibilidade do Jornal Nacional, ao invés de estar marcada pelo distanciamento do fato, pela ilusão de transparência, está fundada na proximidade do fato, na atitude de viver os fatos, emocionar-se, indignar-se e alegrar-se com eles, ou tratá-los com a seriedade ou sobriedade que exigem. (GOMES, I., 2005, p. 7).

Esta postura lembra também as reflexões de Foucault sobre a ordem do discurso, como abordado anteriormente. A multidão é designada pelo repórter Ari Peixoto como composta de dois segmentos cristãos específicos:

Com a coincidência da *celebração dos cristãos ortodoxos e dos católicos*, a Sexta-Feira Santa em Jerusalém foi mais cheia do que em outros anos.

O telespectador não é informado, primeiramente, de que os cristãos não celebram a Páscoa na mesma data em todo o mundo. Apenas para efeito de informação, a diferença entre católicos e ortodoxos, neste caso, se deve a uma questão histórica, baseada na astronomia e em mudanças de calendário ocorridas na Igreja Católica em 1582, quando o Papa Gregório XIII modificou o calendário até então utilizado universalmente entre os cristãos, adiantando-o em 13 dias. A Igreja Ortodoxa continuou usando a versão anterior, aprovada no Concílio de Niceia, em 325 d.C. Por esta razão, a Páscoa destes dois segmentos só coincide de quatro em quatro anos.

De qualquer modo, o repórter exclui, em seu enunciado, os demais cristãos da celebração de Páscoa em Jerusalém, tornando-os apagados ou esquecidos. No aspecto da dramaturgia, as imagens se alternam para identificar visualmente católicos e ortodoxos, porque estes últimos possuem particularidades quanto ao tipo de vestimentas, penteados e barbas, no caso dos homens. Assim, o telespectador diferencia visualmente os dois grupos, simultaneamente à fala do repórter, gerando uma formulação identitária baseada, neste caso, no estereótipo, no visual, no icônico.

Aparece novamente o marcador da alteridade quando o repórter, em off, fala sobre o percurso da procissão:

Milhares de peregrinos de todo o mundo *caminharam pelas ruas estreitas de pedra, seguindo os passos de Jesus Cristo na via dolorosa. Segundo a tradição, as procissões percorrem os mesmos lugares por onde Jesus passou no dia da crucificação.*

Desta forma, constrói-se a imagem de protagonistas dos peregrinos cristãos, os quais vencem desafios (neste caso, *as ruas estreitas de pedra*). O caráter de fidelidade, um marcador do herói na dramaturgia, é demonstrado pelo repórter em duas expressões: *seguindo os passos de Jesus e percorrem os mesmos lugares por onde Jesus passou*, não obstante a repetição que, na verdade, acentua o aspecto didático da fala do repórter, colocando-o na dimensão da “vontade de verdade”, tal como a expressa Foucault.

Descrevendo o rito que acontece na Igreja do Santo Sepulcro, o repórter afirma:

Na Igreja do Santo Sepulcro, também lotada, velas acesas e a bênção do mármore onde *o corpo de Cristo teria sido colocado após a morte*.

Este é, de igual modo, um enunciado de alteridade – o tempo verbal indica uma possibilidade de incerteza quanto à informação dada, pois, neste caso, ela se baseia num critério de fé e não de cientificidade e objetividade.

O repórter faz uma recuperação da narrativa histórica, trazendo à mente do telespectador que se trata de uma região de conflitos, na qual a presença policial é uma constante. Contudo, na teledramaturgia da notícia, ele polariza a questão entre os cristãos e a polícia, de modo a construir esta última como antagonista da fé:

*Há muito tempo não se viam tantos policiais israelenses na via dolorosa, em torno da cidade velha. E foi essa presença ostensiva, aliada a controles de segurança rígidos, que acabou gerando incidentes com os fiéis.*

Esses enunciados contêm uma formação discursiva relativa à Polícia que é bastante interessante: a de que o aparato policial é responsável pelo surgimento do conflito. Esta formulação poderia estar evidenciando outra, a de que pessoas religiosas seriam, por sua própria condição, ordeiras e pacíficas e que a ostentação policial, impedindo a manifestação da fé, é a responsável pelos “incidentes”, outra expressão de valor semântico interessante neste contexto. Também se pode pensar em termos da “religião do outro” – afinal, a Polícia é

israelense, em tese, composta por praticantes do Judaísmo. Desta forma, subliminarmente transparece um conflito religioso entre cristãos e judeus pelo direito de trafegar nas ruas da cidade que é santa para ambos os grupos.

A Polícia é uma das instituições públicas que também podem aparecer no noticiário de modo alternado tendo em vista os marcadores da identidade e da alteridade, dependendo dos interlocutores encontrados nos processos. A expressão “presença ostensiva” é utilizada frequentemente nos noticiários televisivos e impressos para tratar da forma como a polícia se posiciona frente a situações de conflitos ou patrulhamento e tanto pode adquirir conotação positiva quanto negativa, a depender do contexto.

É muito peculiar a descrição de um dos incidentes:

*No mais grave, uma barreira policial montada perto do Santo Sepulcro parou uma procissão de árabes cristãos que vivem em Jerusalém. Houve uma discussão, até que a onda de peregrinos avançou para cima da barreira. Uma cruz foi usada para abrir caminho. E os policiais não conseguiram impedir que os fiéis seguissem adiante. Por sorte ninguém ficou ferido.*

O incidente ocorre exatamente frente às câmeras da televisão. Seria o potencial imagético deste acontecimento o fator que agrega ao repórter a condição de defini-lo como “o mais grave”? A localização da barreira policial, perto do lugar fundamental da peregrinação, é o ponto de partida para a narrativa do conflito. O embate entre o bem (os fiéis) e o mal (a polícia) é descrita em termos de confronto: *avançou, abrir caminho*. E a vitória do bem (o prosseguimento da procissão) se dá pela descrição da inadequação do oponente (os policiais *não conseguiram impedir*).

Percebe-se que o lugar de fala do repórter, embora textualmente se apresente como objetivo, apresentando a narrativa em terceira pessoa, escolhe expressões que o aproximam, que identificam seu discurso com o religioso. Não houve, por exemplo, uma agressão verbal, mas uma *discussão*. A onda de peregrinos avança – a palavra *peregrinos* tem

forte conotação religiosa no contexto dado. A cruz foi usada para *abrir caminho* frente ao obstáculo à fé representado pela barreira policial. Articulada positivamente, a palavra *fiéis*, muito utilizada no discurso jornalístico do Jornal Nacional para se referir aos católicos, serve como designação e assujeitamento, neste caso, dos cristãos árabes.

E, por fim, uma emissão de juízo de valor, que aparece como uma opinião do repórter na qualidade de pessoa, de modo subjetivo, particular: “*Por sorte*, ninguém ficou ferido”. Novamente, a relação de identidade entre católicos e ortodoxos é trabalhada na matéria, quando o entrevistado aparece:

Repórter: *Apesar da tensão*, o padre brasileiro que viveu pela primeira vez a Sexta-feira Santa em Jerusalém, está satisfeito.

O padre, não identificado pelo nome ou legendas, aparece caminhando entre os turistas, próximo ao muro das lamentações, e declara:

Entrevistado: Saio daqui muito feliz, e posso dizer até assim, renovado nesta experiência.

A seguir, a reportagem encerra-se com um close em uma mulher ortodoxa que leva uma cruz, em atitude de oração, próxima do seu rosto, vinculando sua experiência religiosa à do padre previamente apresentado. Desta forma, a matéria conclui-se em tom de final feliz, a partir da fala do padre, incluído narrativamente entre os protagonistas.

### 3.2.1.5. Matéria 5: *Show gospel*

**Tabela 5: Show Gospel (Jornal Nacional, 02/04/2010)**

Locutor (L)	Locutor enquanto pessoa socialmente construída (&)	Personagens da trama jornalística
Alexandre Garcia Heraldo Pereira	Âncoras/apresentadores	Narradores
Multidão em show	Evangélicos celebrando a Páscoa, objetos do discurso	Protagonistas

Na cobertura da Páscoa, apenas uma nota coberta de 15 segundos sobre um show gospel. As matérias foram exibidas na sequência, de modo que se vinculam ao contexto das celebrações pascoais, ainda que não seja mencionada a razão do show em nenhum momento. Embora apareçam os dois âncoras na bancada no momento de início da narração, quem dá a notícia é Alexandre Garcia:

Um *show de música gospel* reuniu 250 mil pessoas no Rio de Janeiro. A *celebração* foi na Quinta da Boa Vista, um grande parque na Zona Norte da cidade. E *levou ao palco os principais cantores gospel* do Brasil.

Há uma série de peculiaridades discursivas muito interessantes. O evento que reúne os evangélicos, ainda que estes não sejam explicitados no texto da matéria, é chamado de *show e celebração*. A primeira expressão está vinculada às artes, às apresentações de entretenimento e a segunda é muito utilizada para designar as reuniões religiosas de caráter solene, tais como cultos e missas, entre outros. Esta alternância é relevante, e remete ao sentido da fé na Pós-Modernidade, pois, neste contexto,

Programação de rádios FMs, shows evangélicos e concentrações evangelísticas (...) tornam-se opções de lazer e trazem no bojo a incorporação da cultura dos meios de comunicação de massa, rompendo com alguns costumes estabelecidos por ditames evangélicos. Ou seja, se por um lado, ser evangélico é abster-se, por exemplo, de dançar em locais considerados profanos, não o é em shows evangélicos sob canções que adorem a Deus. (PIGNATARI, 2009, p. 84)

Desta forma, não é de se estranhar, nos sentidos circulantes sobre o evangélico na atualidade, que a palavra *show* apareça associada a um evento religioso, bem como os que até então seriam *ministros da música* sejam entendidos, popularmente, como *cantores* e que, como num evento de entretenimento, apresentem-se num *palco*. Este discurso seria inviável num contexto diverso, mas as condições econômicas, culturais e sociais da Pós-Modernidade o fazem possível, colocando-o na ordem, segundo as acepções foucaultianas possibilitam refletir. O show é designado como “gospel” que, segundo Magali Cunha,

É o termo originado nos Estados Unidos, onde é comumente utilizado para classificar a música religiosa moderna ou a Música Contemporânea de Igreja (Contemporary Church Music / CCM). Na origem, porém, o gospel dizia respeito não a toda música religiosa contemporaneizada, mas a um tipo nascido no início do século XX, em comunidades protestantes negras. As raízes deste gênero musical encontram-se nos “negro spirituals”, que estão na base de toda a música negra estadunidense, no blues, no ragtime e nas músicas religiosas populares do movimento urbano do revival (reavivamento) do século XIX. (CUNHA, 2007, p. 27)

Estas considerações ajudam a entender uma série de formações discursivas presentes na fala sobre o evangélico na contemporaneidade, incluindo o telejornalismo, como será pontuado no item 3.3 desta dissertação, sobre as condições de emergência do discurso.

3.2.1.6. *Matéria 6: Matéria da Série Amazônia sobre religião e indígenas*

**Tabela 6: Série Amazônia sobre religião e indígenas (Jornal Nacional, 24/09/2010)**

<b>Locutor (L)</b>	<b>Locutor enquanto pessoa socialmente construída (&amp;)</b>	<b>Personagens da trama jornalística</b>
Fátima Bernardes William Bonner	Âncoras/apresentadores	Narradores
Marcelo Canellas	Repórter/Jornalista	Narrador
Personagem não-identificado	Sujeito cristão	Figurante
Personagem não-identificado	Sujeito indígena	Figurante
Genésio Savazza	Padre salesiano, especialista, entrevistado	Voz de autoridade
Personagem não-identificada, Fala-povo	Mulher de origem indígena e adepta da religião evangélica	Figurante
Grupo de pessoas	Indígenas adeptos da religião evangélica, objetos do discurso	Figurantes representando o ato batismal;
Wellington da Silva Monteiro	Pastor da Igreja Assembleia de Deus, entrevistado	Antagonista
Domingos Sávio Barreto	Índio Tukano	Protagonista
Edson Damian	Líder religioso católico	Herói, defensor dos índios
Celânio Benjamin da Silva	Líder religioso evangélico	Herói, defensor dos índios
Grupo de pessoas	Indígenas em dança ritual, objetos do discurso	Figurantes

Os apresentadores/narradores abrem a matéria colocando, de imediato, o conflito que norteará a dramaturgia da notícia, na voz de William Bonner:

Na quarta matéria da série especial que o Jornal Nacional tem apresentado nesta semana, Lúcio Alves e Marcelo Canellas mostram hoje *como a religião mudou crenças, mitos e costumes dos povos indígenas*.

A postura do locutor, na condição de sujeito-jornalista, torna-se bastante marcante pela colocação em cena. Ao falar “a religião mudou”, Bonner faz um gesto amplo, abrindo os braços e modificando a entonação de voz de modo significativo. Assim, ao mesmo tempo em que o aspecto textual do discurso se pretenda neutro, a entonação serve para indicar quem será o antagonista na narrativa que virá a seguir. A postura, portanto, inicialmente constitui-se como um marcador de alteridade em relação ao discurso religioso.

A seguir, entra a vinheta de abertura, um recurso bastante utilizado nas séries do Jornal Nacional, que evidencia a perspectiva da dramaturgia de modo mais acentuado que o cotidiano do telejornal. Nela, é exibida a imagem aérea da floresta, evocando, em forma arredondada, o globo terrestre. Um rio corta a imagem da copa das árvores e a palavra Amazônia aparece, como num espectro de luz que corta a selva. Ouve-se o som de instrumentos de sopro, num ritmo que evoca a memória de canções indígenas.

A matéria é aberta com a imagem da noite na selva, sons de animais noturnos, chuva e relâmpagos. De repente, contra a luz dos raios, o contorno de uma torre de igreja. Ouve-se a voz não identificada lendo os versículos de Gênesis Um, enquanto imagens da Bíblia, no texto lido, se alternam. Do ponto de vista da dramaturgia, pode-se identificar esta voz com a do figurante. No mapeamento de vozes e sentidos, o que se tem é a narrativa desde o lugar de fala da pessoa religiosa, portanto, é o sujeito que pronuncia o enunciado religioso cristão.

Figurante 1: No princípio, criou Deus os céus e a terra.

Ouve-se outra voz, em meio à fumaça de cigarro contra um fundo escuro:

Figurante 2: A partir da fumada da baforada do cigarro do avô do universo...

Este também é outro figurante, mas o seu lugar de fala é desde o ponto de vista do povo indígena na Amazônia. As imagens visuais relacionam-se com as percepções de mundo apresentadas pelas narrativas de ambos, que provêm de seus códigos de crença e, portanto, estão no contexto dos saberes religiosos. É por isso que, de início, o narrador os descreve como “crenças, mitos e costumes”.

A leitura de ambos os figurantes continua:

Figurante 1: E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.

Figurante 2: Apareceu o ser humano, em forma de redemoinho.

Desta vez, a imagem dos dois figurantes aparece enquanto eles falam. Por seus aspectos físicos (cor da pele, cor dos cabelos, formato dos olhos, etc.), percebe-se que ambos pertencem a alguma etnia indígena. Porém, é possível detectar outros estereótipos: o primeiro fala ao microfone, usando camisa de alfaiataria e o segundo, com um corte de cabelo típico do indígena.

A seguir, é mostrado um vitral de igreja com a cena da crucificação. Em off, o repórter-narrador pergunta, dirigindo-se ao telespectador, numa fala retórica:

Repórter: No fundo, não seria o mesmo?

Aparece, então, um especialista, a voz da autoridade, cujo discurso é inserido/permitido no contexto da reportagem. Pelos créditos, trata-se de um padre salesiano, que explica:

Padre salesiano: O *mito* é o *Gênesis* da Bíblia na cultura indígena. O mito, isso explica tudo...

A fala deste entrevistado apresenta-se, na verdade, como totalmente desnecessária e até mesmo desarticulada, dada sua má colocação em cena: gagueja, deixa a frase no ar. Contudo, “mesmo cientes do espaço miúdo que lhes será concedido, os peritos convocados pela mídia não se furtam a tecer conjecturas e fornecer recomendações, em benefício do esclarecimento público” (FREIRE FILHO e MARQUES, 2008, p.90).

O repórter, então, introduz o elemento do conflito:

Repórter: Mas nem toda pregação é assim tão flexível.

São mostradas cenas de dança num local indígena e, a seguir, noutro contexto, o repórter pergunta a uma entrevistada:

Repórter: *Dançar, não pode?*

Entrevistada: Dançar eu posso... assim... mas para Jesus.

O repórter, na posição de sujeito-jornalista, apresenta neste enunciado um sentido acerca da religião evangélica que circula em sociedade: os aspectos restritivos da mesma, da negação dos prazeres do corpo e da cultura. Este sentido encontra respaldo na história, uma vez que

a base da construção do jeito de ser evangélico foi a negação das manifestações culturais populares e do catolicismo, a qual pode ser compreendida levando-se em conta duas de suas bases: a herança europeia puritana da reforma da cultura popular e o destino manifesto. (...) Os reformadores tinham objeções particularmente contra formas de religião popular, dramatizações populares, canções, danças, imagética, jogos, festas sazonais e, mais especificamente, o Carnaval. (CUNHA, 2007, p. 37-38)

Quando é mostrada uma cena de batismo, o repórter a situa no contexto negativo. Pode-se dizer que o marcador discursivo é o da alteridade, segundo o ponto de vista do evangélico, por apresentá-la sob a forma de um paradoxo (índios versus batismo), quando a primeira palavra de sua fala é dita sob uma grande ênfase. Apesar da expressão “em massa”, são mostrados apenas quatro indígenas:

*Índios num batismo em massa no rio Negro. Os pastores dizem que é um ato de renúncia e muitas vezes de adesão irrestrita a um novo conceito de Deus.*

O conflito é evidenciado pela alternância entre os enunciadores. De um lado, um pastor evangélico e de outro, um líder indígena, embora locutores individuais, estão num lugar de fala de enunciadores coletivos, falando a partir de seus grupos sociais:

Pastor assembleiano: A gente tem que ensinar. Eles não conhecem que tem um Deus que criou eles, que não é Deus Sol, Deus Lua, mas sim, um Deus que está escrito na Bíblia.

Líder indígena: Deus é a natureza, suas árvores, a própria casa, a própria pescaria.

A partir da figura do líder indígena, cuja imagem é bastante explorada no desenvolvimento da matéria, a reportagem de Marcelo Canellas faz uma revisão histórica da inserção da religião cristã no contexto indígena e apresenta os evangélicos como a nova força opressora religiosa:

Repórter: Domingos acha que *os evangélicos estão fazendo agora o que os católicos já fizeram antes.*

Líder indígena: Eles nos ensinaram dizendo: *Isso que vocês têm não serve, não presta.*

O entrevistado emerge como protagonista e como enunciador coletivo (ele é a voz do povo indígena), em oposição tanto aos evangélicos atuais quanto aos católicos do passado, uma voz de autoridade e de resistência contra os dominadores:

Repórter: *Ex-padre, foi um dos alunos das grandes missões católicas, inacreditavelmente construídas no meio da selva, numa época em que o acesso era muito mais difícil. A partir de 1914, quando começaram a chegar aqui, os padres salesianos foram proibindo tudo: malocas coletivas, rituais, línguas...*

Líder indígena (2): *Disseram, né, através dos missionários, que a nossa cultura era coisa do demônio...*

Repórter: *A nudez dos índios era considerada obscena. (...) Horácio, como todos os de sua aldeia, também chegou nu ao Colégio, há mais de 50 anos. Mas os padres o transformaram no primeiro alfaiate indígena da Amazônia.*

A partir deste momento, acontece uma reviravolta na trama jornalística. O passado é revisitado e recontado, com vistas a demonstrar ao telespectador uma mudança de postura adotada pelos católicos, que estavam relacionados ao Mal (no caso, a partir do ponto de vista indígena) para agora passarem a estar relacionados com o Bem, trabalhando em favor dos povos amazônicos. Cabe refletir que o jornalismo, dada a necessidade de ser objetivo e breve, faz uma série de apagamentos históricos, promove certa linearidade narrativa, postula determinados enquadramentos, que podem funcionar num momento e em outro não. Deve-se ter sempre em vista, ainda, a dispersão do sujeito que fala, a partir de seus lugares de fala e das condições que possibilitam seu discurso, conforme postula Foucault.

*Repórter: Durante quase um século, os rituais romanos tomaram o lugar dos mitos ancestrais. A obsessão católica da conversão dos selvagens foi diminuindo com o tempo. A ideia de que há almas pagãs vagando na floresta e de que elas precisam ser salvas a qualquer custo já não é mais aceita pela direção da igreja. O novo chefe da diocese de São Gabriel da Cachoeira chegou aqui com a fama de ser o bispo dos índios.*

A forma pela qual o repórter reconta a história também pontua a possibilidade de se refletir sobre o que se deseja representar: o católico apresentado na narrativa, para o qual se busca um marcador de identidade, é este aqui e não outro. Até então, o que havia era a invasão (tomaram o lugar), a irracionalidade (obsessão católica, almas pagãs vagando, salvas a qualquer custo), preconceito (conversão dos selvagens). A partir deste momento, o que se apresenta na narrativa evangélica é o salvador, o resgatador, o herói: “fama de ser o bispo dos índios”. O bispo também aparece como um enunciador coletivo, falando em nome dos católicos identificados com esta nova representação, de benfeitores das nações indígenas.

A narrativa apresenta os argumentos pelos quais pode haver uma identificação entre esta representação do católico e o povo indígena:

*Repórter: A ordenação episcopal foi uma festa indígena. O gaúcho Edson Damian foi benzido e ganhou um cocar. Rezou a primeira missa numa igreja em forma de maloca e veio disposto a rever o conceito de conversão.*

Os apagamentos, muitas vezes, não estão nítidos ao próprio enunciador, fragmentado como sujeito que é. Esta é uma abordagem bastante possível nesta matéria, em que, na verdade, os elementos do cenário, as imagens, contradizem o texto. Do ponto de vista imagético, não há, por exemplo, diferença entre os rituais realizados pelos antigos padres e pelo novo chefe da Igreja, ambos mostrados na matéria. Aparecem imagens de indígenas carregando imagens católicas numa procissão, fazendo orações no templo, erguendo as mãos e realizando, em voz audível, a oração do Pai-Nosso, marca identitária do Cristianismo.

Na trama narrativa, os conflitos religiosos e culturais persistentes são tirados de vista. Há elementos indígenas na consagração, mas esta segue os ritos católicos (roupas, posturas, litanias). Embora a igreja mostrada tenha o formato de maloca, a cerimônia que se realiza nela é católica. E o conceito de conversão proposto pelo bispo passa pelo critério da organização social (luta pela saúde, luta pela terra, beleza da cultura) e até mesmo por uma idealização do indígena (comparados aos cristãos primitivos) e não do conceito de Deus, como o repórter havia levantado no início da matéria. Isso também é observável quando o repórter busca a perspectiva de outro evangélico, uma representação distinta das anteriores:

Repórter: Dom Edson não está sozinho. *Há, entre os evangélicos, quem busque conciliar transcendência e vida concreta.*

Pastor assembleiano: A cultura só tem valor quando tem vida. Se não tiver vida, não tem valor a cultura. *Então alguém tem que cuidar da saúde do índio, da vida do índio, do bem-estar social do índio.*

Este *outro evangélico* representado na matéria pelo segundo pastor entrevistado (outro enunciador coletivo, que fala a partir do seu grupo social) é apresentado como alguém que possui um ponto de vista superior ao de autoritarismo demonstrado pelo anterior. Contudo, o caráter de sua fala é assistencialista (“Alguém tem que cuidar do índio...”), tirando do indígena a condição de protagonista de sua própria história, fazendo-o ocupar o papel reservado, na dramaturgia, à pessoa que necessita de salvação e resgate, como

a mocinha, o desamparado, a vítima. E, por outro lado, o critério do respeito ao indígena passa pela provisão de alguns aparatos sócio-econômicos e não religiosos, como a matéria apresenta em seu início. E se, de fato,

No telejornalismo, imagem e texto interagem para a representação do real, criando efeitos de real e efeitos de sentidos. A imagem é editada de forma a legitimar o que o texto afirma, ampliando o efeito de real e ambos – texto e imagem – produzem sentidos sobre o acontecimento (MOTA, 2006, p.139).

evidencia-se uma contradição entre as imagens e o texto, uma vez que se diz que há uma relação entre a cultura/religião indígena e a religiosidade cristã do católico e do evangélico enquanto, tanto durante a fala do bispo quanto a do pastor, o que se projeta na tela são indígenas em igrejas cristãs, praticando rituais cristãos, num apagamento imagético da religiosidade indígena que se pretende ressaltar.

Esta complexidade não deve passar despercebida ao pesquisador, conquanto o possa ao próprio repórter e ao telespectador, pois

De fato, todas as etapas da produção da notícia (da seleção à textualização final) estão vinculadas a um princípio complexo de organização, e o discurso que ali se constitui revela-se, dialeticamente, “soberano e prisioneiro”. Esse espaço discursivo, constituído intertextualmente, e, por sua vez, interdiscursivamente, diz respeito “àquilo ao qual o homem cede, que o conduz em sua superfície translúcida, que age e pensa por ele, que dita os enunciados necessários e autoriza os enunciados possíveis”. (MOURA, s/d, p. 5).

Na perspectiva da narrativa dramática, a matéria, que começou com imagens noturnas, de tempestades, além de tomadas feitas em locais fechados, mostrando pessoas com expressões sisudas, muda de tom, assumindo a claridade de exteriores e sons festivos, com indígenas dançando, emocionando-se em orações, etc.

O repórter apresenta, como saída para os problemas enfrentados pelos indígenas, uma parceria entre evangélicos e católicos, de fato ausente na matéria, que os apresentou de modo paralelo, não integrado:

Repórter: *O esforço ecumênico de salvar a alma sem acabar com a tradição.*

Preserva-se, assim, na narrativa, o happy end característico da dramaturgia no telejornalismo brasileiro. De fato, como pontua Gomes (2005), o brasileiro como o sujeito otimista, que sofre, passa dificuldades, mas que acredita no futuro e mostra-se solidário é uma representação construída frequentemente no telejornal.

### 3.2.1.7. *Matérias 7-10: Matérias da Série Os evangélicos*

A seguir, será abordada a série especial sobre os evangélicos. Por entendê-la como um bloco temático, será apresentado o quadro geral das vozes e os sentidos serão tratados a partir das expressões e formações discursivas mais relevantes, identificando, caso a caso, de que matéria específica da série o enunciado foi retirado.

**Tabela 6: Série Especial Os Evangélicos (Jornal Nacional, 26-29/05/2009)**

<b>Locutor (L)</b>	<b>Locutor enquanto pessoa socialmente construída (&amp;)</b>	<b>Personagem da trama jornalística</b>
William Bonner Fátima Bernardes	Âncoras/apresentadores	Narradores
Flávio Fagel	Repórter e produtor	Narrador
Tyndaro Menezes	Produtor	Narrador
Gilberto Oliveira	Entrevistado, músico, membro da Igreja Assembleia de Deus	Protagonista
Nelson dos Anjos	Entrevistado, Pastor da Assembleia de Deus	Protagonista
Maria das Dores Machado	Entrevistada, socióloga, especialista	Autoridade
Benjamin Bernardes	Reverendo da Igreja Presbiteriana, entrevistado	Autoridade
Audrey Taylor	Entrevistada, missionária inglesa entre os índios no MS	Protagonista
Natanael Cárceres	Entrevistado, índio caiuíá	Vítima/coadjuvante
Valdelice Veron	Entrevistado, índia caiuíá	Vítima/coadjuvante
Paulo César de Oliveira	Auxiliar de serviços gerais, entrevistado	Vítima/coadjuvante

Marcos Antonio Garcia	Pastor da Igreja Metodista, entrevistado	Protagonista
Antonio José de Souza	Recuperando de drogas e álcool, entrevistado	Vítima/coadjuvante
Christina Vital da Cunha	Antropóloga, entrevistada, especialista	Autoridade
Luis Wilson Pereira de Souza	ex-sentenciado, entrevistado	Protagonista
Bruna Ferreira	13 anos, entrevistada, abrigada numa instituição para crianças	Vítima/coadjuvante
Vinícius	14 anos, entrevistado, abrigado numa instituição adventista	Vítima/coadjuvante
Gislaine Monteiro Freitas	assistente social, coordenadora de um abrigo para crianças, entrevistada	Protagonista
Glauçiete da Cruz Batista	coordenadora do Centro Adventista, entrevistada	Protagonista
Maria das Dores Machado	Socióloga da UFRJ, entrevistada, especialista	Autoridade
Ellemer Wojahn	coordenador da IECLB, entrevistado	Protagonista
Romil Mühlenberg	Agricultor, entrevistado	Vítima/coadjuvante
Rita Sorita	coordenadora da IECLB	Protagonista

### **Análise das vozes, sentidos e construção dramática dos especialistas**

Por se tratar de uma série, o tratamento dado à temática se torna diferenciado. Um dos aspectos a pontuar, já de início, é um tipo diferente de entrevistado: o especialista. Isto se deve, como já mencionado no Capítulo Dois, ao fato de o discurso jornalístico contemporâneo possuir uma constante busca por aquele saber que alcançou o nível de positividade mais elevado na sociedade – o científico. Desta forma, este sujeito aparece no decorrer da série com a intenção de informar ao telespectador a que se refere a matéria, desde o ponto de vista da ciência e, por esta razão, num lugar de fala da alteridade, analisando o evangélico como fenômeno social, cultural, antropológico.

Tais participações “muitas vezes se prestam apenas para reiterar o enquadramento do Jornal, criar maior identificação com o público telespectador ou abrir a possibilidade de que aquele tema possa ser visto sob outra perspectiva” (ROCHA, ALBUQUERQUE e OLIVEIRA, 2008, p.10-11). Esses especialistas têm sua imagem acompanhada pela legenda de seus nomes e profissões, “donde podemos inferir que elas recebem uma espécie de ‘autorização’ para falar” acerca do tema proposto (ROCHA, ALBUQUERQUE e OLIVEIRA, 2008, p.8).

Os especialistas, no contexto das matérias, ilustram a *restrição do discurso* que se manifesta pelo *ritual*, na abordagem foucaultiana: quem fala é um sujeito qualificado, do ambiente acadêmico, que faz uma recitação acerca do tema proposto. Há uma série de gestos, comportamentos, circunstâncias e signos que acompanham o discurso científico: a postura professoral, os livros ao fundo, a legenda que tanto identifica quanto atribui autoridade ao sujeito falante (diferentemente do chamado “fala povo”, muito usado no telejornalismo, no qual o *povo* não tem nome nem profissão). A palavra lhe é dada, portanto, num contexto que não seria possível a outro falar, senão este, nestas condições e não em outras, viabilizando estes enunciados e não outros.

Como personagens da narrativa dramática, eles aparecem, ainda, com certo didatismo, com postura professoral, sendo aqueles que irão traduzir as falas dos demais personagens ao nível de entendimento do telespectador. Na primeira matéria, logo após a informação sobre a origem histórica do Protestantismo, a socióloga Maria das Dores Machado explica a religião protestante nos seguintes termos:

Com o Lutero, *você vai ter toda uma nova teologia muito calcada na interpretação, na leitura da Bíblia. Você tem que assumir para você que está tudo ali na Bíblia. As suas orientações estão na Bíblia para a sua vida.*

Tais enunciados dão ao protestantismo um caráter de crença e de subjetividade. A interpretação e leitura da Bíblia são dadas como a partir do indivíduo. Ao dizer, “Você tem

que assumir”, este *você* é o indivíduo que adere à fé protestante. A socióloga também apresenta Lutero como o marco inicial desta forma de pensar, o que constitui, a partir da Teologia como disciplina, um reducionismo histórico. Há uma série de outras personalidades que, anterior e simultaneamente, operam as transformações das expressões de fé cristãs no mundo, apagadas na narrativa telejornalística, que assume como verdade o discurso do especialista.

De igual modo, são silenciadas as referências de que a leitura e interpretação das Escrituras, embora sejam tornadas acessíveis ao povo de modo mais significativo a partir de Lutero (mesmo porque a imprensa de Gutenberg foi um fator histórico de relevância nesse processo), isso se deu muito mais pelo acesso à Bíblia em seu próprio idioma do que por uma liberalidade interpretativa. Outro olhar poderia mostrar que os doutores de Teologia e as igrejas reformadas, enquanto instituição, por exemplo, criaram mecanismos para manter a interpretação bíblica dos fiéis dentro de alguns padrões de entendimento e conduta.

Na segunda matéria, a especialista é a antropóloga Christina Vital da Cunha, do Instituto de Estudos da Religião. Ela afirma:

*a fé é uma crença importante porque acaba tendo uma interferência na vida dos indivíduos.*

Embora os enunciados apresentados possam ser enquadrados naquilo que se entende como “senso comum” (ou seja, poderiam ser ditos por qualquer um, não possuem linguagem especializada nem códigos que necessitem ser explicitados ao telespectador), eles se tornam autorizados e revestidos de verdade porque a Antropologia e a Sociologia são ciências sociais (embora com um grau de certeza ainda inferior às ciências entendidas como exatas, porém, mais qualificadas que outros saberes sociais). Suas vozes são autorizadas porque os âmbitos institucionais que circundam os falantes são os da academia, os da ciência,

e também a própria mídia, capaz de dar visibilidade à verdade e, portanto, outorgadora de condições, rituais e circunstâncias nos quais os discursos podem ou não circular.

Mesmo assim, tais enunciados não “fazem outra coisa senão repetir e retomar o que se diz nos textos primários, a fim de trazer à luz uma pretensa verdade originária que permaneceu oculta” (CASTRO, 2009, p.119). Mas aqui também se manifesta, tanto nos enunciados do repórter quanto nos dos especialistas, a luta pelo poder e pelo saber – uma espécie de “quem dará a última palavra”, “quem exercerá o controle final do discurso?”

A presença dos especialistas é que caracteriza, à luz do que se percebe nesta pesquisa, que nas matérias desta série ocorre, de modo bastante nítido, a *segregação* de que fala Foucault. O religioso, a partir da perspectiva da ciência (com a autorização de fala dada pelo jornalista), “não tem verdade nem importância” (FOUCAULT, 2000, p.10). A religião é descrita como *uma crença* que tem uma *interferência* na vida das pessoas. Tais escolhas semânticas são valorativas deste saber em sociedade.

Nas matérias analisadas, as falas dos especialistas retomam o que foi anteriormente dito pelo repórter ou ele, logo depois, apresenta uma evidência que as corroboram. Por exemplo, na primeira matéria, o repórter fala sobre Martinho Lutero e Calvino:

Repórter: A origem das igrejas evangélicas está no distante Século XVI, *na decisão de homens como o monge Martinho Lutero e o teólogo João Calvino, em romper com a Igreja Católica*. O primeiro por não concordar com o pagamento das indulgências, a possibilidade que existia, na época, de comprar o perdão divino. O segundo por querer uma grande reforma na organização dos ritos católicos. *O movimento é conhecido como Protestantismo, de onde derivam a imensa maioria dos evangélicos de hoje*.

Em seguida, a socióloga explica “o modo de vida” proposto por eles aos protestantes e fala da centralidade da Bíblia nesta prática, como citado acima. Na sequência, o repórter diz: “E lá *está escrito*”, ou seja, a fala da especialista é que dá sustentação à argumentação desenvolvida pelo jornalista no restante da matéria. Trata-se de um jogo de

saber-poder, uma negociação que se estabelece no plano discursivo e que depende, ainda, de uma série de fatores que interferirão na atividade do repórter em todos os momentos do processo de produção das matérias.

O uso dos especialistas é que possibilita ao repórter, em diversos momentos das matérias analisadas, a manter a representação de uma identidade evangélica calcada na alteridade, a partir das falas de autoridade dos portadores do saber legitimado e, portanto, detentor do poder de discurso sobre esses grupos. Fica, ainda, preservada a objetividade, categoria fundamental da projeção identitária do jornalista.

### **Análise das vozes, sentidos e construção dramática dos coadjuvantes**

A abordagem feita pelas matérias desta série às pessoas que são o alvo da ação dos evangélicos faz emergir a segregação do discurso também na segunda acepção foucaultiana, no sentido de possuir “estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber” (FOUCAULT, 2000, p.11), como já citado no Capítulo Dois.

Aqui, a relação discursiva entre a religião e o jornalismo, estabelecida a partir dos personagens que aqui são entendidos no contexto da dramaturgia como vítimas e/ou coadjuvantes, é que possibilita uma perspectiva de identidade, de aproximação com o telespectador evangélico. Essa representação se dá, por exemplo, na forma como o repórter abordou a capacidade da religião de mudar a vida das pessoas. No contexto da dramaturgia, isso permite também a construção do personagem evangélico como herói, que vem salvar as vítimas (nesse caso, vítimas dos problemas sociais brasileiros) conforme estes enunciados da abertura e da segunda matéria da série:

Âncora (William Bonner): O Jornal Nacional vai apresentar, a partir desta terça-feira, uma série de reportagens sobre *obras sociais de algumas das dezenas de igrejas evangélicas presentes no Brasil*.

Âncora (William Bonner): Nesta semana, nós vamos ver *o trabalho que os evangélicos estão fazendo não só em cidades grandes como o Rio de Janeiro, mas também em comunidades menores, do interior do país, apoiando populações que frequentemente são esquecidas pelo poder público*.

Repórter: É um caminho que parece não ter volta. Viver na rua transforma a vida das pessoas por fora e também por dentro. *Sensações de raiva, angústia, fome, medo vão se multiplicando*. A prefeitura de São Paulo estima que 12 mil pessoas vivam dessa forma, *numa espécie de prisão a céu aberto*, nas ruas da cidade. Pois quis a ironia que justamente no bairro da Liberdade, *uma porta aberta para dentro de um viaduto se transformasse numa saída, numa chance para quem não tem mais nada*.

Repórter: *Quem acreditaria que o vigia Antônio José de Souza, afundado nas drogas, alcoólatra, abandonado pela família, mendigando nas ruas, teria uma chance de sobreviver?*

Repórter: *De ex-detento, o antigo capitão passou a ser salvador de almas. Luis deu a Antônio o conforto e a chance de que ele precisava. Mudança iluminada: do esquecimento das ruas para uma vida intensa*.

Repórter: *São 38 anos vivendo na rua. Bastaram três conhecendo a compaixão dos metodistas para que Antônio e Tereza recuperassem a dignidade*.

O mesmo ocorre nas descrições feitas pelo repórter acerca das transformações sofridas pela lavoura no Rio Grande do Sul, na quarta matéria da série:

Repórter: Durante quatro gerações, eles *plantaram para patrões, venderam para atravessadores, perderam a relação de liberdade que tinham com a terra*. Hoje, 150 anos depois, *a fé que os acompanhou nos barcos das grandes travessias do Atlântico, e que nunca foi esquecida, conseguiu começar a mudar essa história*. Uma chegada *cheia de esperança nas promessas de terra farta e de felicidade*. Nas malas, carregavam o pouco que tinham. Nos corações, *traziam uma fé incomum no Evangelho e na Igreja Luterana*.

Repórter: Com o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, *a igreja, de certa forma, devolveu aos fiéis a capacidade que os antepassados perderam: de sobreviver da terra sem depender de ninguém*.

Repórter: Vantagem? O lucro de cada um não é dividido com mais ninguém. *Mas o ganho maior para todos eles vem na esperança de ver a família continuar unida na fé e na terra dos antepassados*.

Repórter: Preocupados com o mais básico – sobreviver – *índios e quilombolas foram deixando os costumes para trás. Agora, os luteranos ajudam essas pessoas a se reencontrar com a própria cultura.* Estimulando os mais velhos a ensinar o que sabem aos mais novos. Assentados na reserva, *os índios tiveram sorte.* Podem agora ensinar às crianças guaranis que seu povo vive da terra. *E que apesar do que sofreram com os brancos, continuam de braços abertos a quem quiser vir ajudar.*

Ainda assim, o lugar de fala da pessoa religiosa nas matérias analisadas é sempre testemunhal, particular, subjetivo. Trata-se, também, de uma postura adotada pelo telejornal, buscando a humanização da narrativa, no sentido de possibilitar a aproximação entre o telejornal e seu telespectador:

A humanização do relato, recurso próprio da prática jornalística que consiste em contar a história de um personagem que vai exemplificar a situação de muitos outros, é uma das estratégias mais utilizadas pelo Jornal Nacional para se aproximar da sua audiência. A identificação aqui resulta justamente deste caráter “humano” das reportagens, que estabelecem um jogo de cumplicidade com o telespectador. A intenção é dar um “rostro”, uma “cara” a cada história. (GOMES, 2005, p. 13)

Na primeira reportagem, sobre a presença evangélica numa tribo indígena, Flávio Fachel deixa a “confissão de fé” para uma índia atendida na missão presbiteriana. O repórte assume com a ela o discurso religioso, entretanto, a sua fala conduz a narrativa:

Repórter: Ensinar, aprender, proteger e ajudar. Na missão evangélica encravada no cerrado, *são os próprios índios os primeiros a reconhecer...*

Entrevistada: *Foi Deus que mandou a missão, tanto os caciques, os rezadores falam disso também.*

### **Análise das vozes, sentidos e construção dramática dos protagonistas**

Os personagens evangélicos retratados aparecem na perspectiva do heroísmo, vindo “salvar” indígenas, moradores de rua, crianças abandonadas e agricultores espoliados de sua situação social desfavorável, cumprindo o papel que o governo deveria realizar, como deixa claro o enunciado da abertura da série.

Na primeira matéria, a narrativa parece querer corrigir certo “equivoco”, atribuído pelo repórter ao senso comum. Apagam-se as referências, no próprio telejornal, aos aspectos em que as igrejas evangélicas são relacionadas, por exemplo, com desvio de verbas ou evasão de divisas (casos como da Universal e da Renascer, ainda em pauta na mesma época da série):

Repórter: Nas oficinas da igreja, ele se descobriu como músico de talento. Uma *atividade mantida com uma parte do dízimo, das doações que vem dos fiéis.*

Repórter: O que é que as pessoas costumam ouvir, e *que acabam ouvindo errado?*

Entrevistado (pastor): Que a igreja só existe para pegar dinheiro do povo, que a igreja só existe para enganar o povo... *Os pastores são tidos como charlatões, pegadores de dinheiro.* Mas ninguém vê o processo social, os acontecimentos sociais que a igreja promove.

Na segunda reportagem, sobre o trabalho dos metodistas junto aos moradores de rua de São Paulo, Fachel faz uso de expressões como: “De ex-detento, o antigo capitão passou a ser *salvador de almas*”. A expressão “salvador de almas” vem do discurso dos missionários norte-americanos que primeiramente aportaram no Brasil, desde o início do século XIX e seu sentido está ligado ao proselitismo, ou seja, a conversão de pessoas à fé evangélica.

Na terceira matéria, sobre as crianças atendidas em um abrigo, Fachel afirma: “o *abençoado pão de cada dia* vem pelas mãos dos integrantes da Igreja Batista”, numa clara alusão à oração do Pai Nosso, citada por Cristo nos evangelhos da Bíblia e repetida nos cultos cristãos. Também diz: “*seguidores do Evangelho* viraram *pescadores* de crianças”. Essas expressões também encontram-se no discurso evangélico, baseadas em citações atribuídas a Jesus na Bíblia, chamando-os de “pescadores de homens”. Outra fala do repórter (“quem vive na prática *os ensinamentos de Jesus*”) utiliza-se do jargão religioso para descrever os integrantes da Igreja. Acrescente-se ainda a entonação de voz como fator agregador de

emoção e certa postura reverencial de quem fala, evocando tanto a ideia do ritual (análise do discurso) quando da colocação em cena (dramaturgia do telejornalismo). Desta forma, a constituição do discurso jornalístico e a forma como este emerge manifestam complementariedade, alcançando maior eficiência na identificação do telespectador evangélico com a representação identitária que se quer transmitir.

Na quarta matéria, sobre os luteranos e seu trabalho junto aos agricultores pomeranos, uma expressão típica do evangélico: “*Uma bênção* que ecoa há 15 décadas”. E ainda: “Nos corações, traziam uma *fé incomum no Evangelho*”, evangelho aqui como referência à pregação e à Bíblia, outra expressão bastante encontrada em falas e textos cristãos em geral. Talvez para os não iniciados na religiosidade evangélica, as expressões nada tenham de extraordinário, mas, para esses grupos religiosos, são termos de uso constante, enraizados tanto nas tradições religiosas quanto na própria Bíblia, seu livro sagrado.

Por meio de seu discurso, a série especial do Jornal Nacional, durante quase toda a semana, postulou marcadores para a auto-percepção dos evangélicos, afetando sua identidade e sua discursividade a esse respeito. De acordo com a acepção do telejornal, sua atuação consiste em “ensinar, aprender, proteger e ajudar” (26/05); são conhecidos “por não perderem a esperança nas pessoas” e por demonstrarem “compaixão” capaz de mudar a vida das pessoas (27/05); são “uma grande família unida pela fé, que tem suas regras” e suas atividades têm a função “de ensinar a palavra de Deus e fazer sorrir, por dentro e por fora” (28/05) e as pessoas atendidas têm a oportunidade de “crescer no rumo do bem, pelas mãos de quem vive na prática os ensinamentos de Jesus” (29/05).

Observando a série como um todo, pode-se perceber a construção da notícia como narrativa dramática a partir dos elementos que a compõem: uma abertura (na qual prevalece um tom iluminado de sol, mãos dadas, mãos erguidas, música suave); a constituição em capítulos, deixando na fala do âncora a sensação das “cenas dos próximos capítulos”; a presença do conflito, representado nas dificuldades econômicas e sociais de segmentos específicos, que aparecem como sendo “esquecidos pelo poder público” (que, por omissão,

torna-se o antagonista da narrativa); os personagens (como estratégia de humanização, de dar rosto à história) e o final de cada capítulo, em que é demonstrado o poder da fé de determinado grupo evangélico para a superação dos problemas encontrados.

Por fim, é preciso referenciar as ausências. Nenhuma das igrejas abordadas pertence ao ramo conhecido como neopentecostal, embora sejam conhecidas iniciativas como a Fundação Renascer, ligada à Igreja de mesmo nome e a Fazenda Esperança, ligada à Igreja Universal. Assim, fica evidente que a representação identitária que se quer construir na série é esta e não outra qualquer.

### *3.2.1.8. Conclusões preliminares da análise das matérias do Jornal Nacional*

Pode-se perceber, no discurso jornalístico das matérias analisadas, na sua forma de aparecer, de circular e nos efeitos gerados, as lutas dos saberes e poderes que interessam à análise de discurso preconizada por Foucault. Também é perceptível na análise que estes discursos emergem no Jornal Nacional a partir de uma estrutura que os caracteriza como uma dramaturgia do telejornalismo.

Puderam ser analisados nas matérias alguns aspectos do papel do jornalista na produção e circulação do discurso jornalístico, sua vontade de verdade relacionada com a perspectiva da objetividade e da imparcialidade, bem como os sistemas de segregação nele presentes. Também se buscou evidenciar os locutores (as vozes) e seus lugares de fala a partir das chaves de leitura da alteridade e da identidade, os marcadores estabelecidos nesta pesquisa.

Nesta análise, não se pode furtar a refletir, ainda que brevemente, sobre a relação entre jornalismo e narrativa histórica. Como ocorre no jornalismo em geral, também no telejornalismo, a história se relativiza, as narrativas históricas sofrem o enquadramento do

momento, pois trata-se do “discurso da atualidade. Não da atualidade cronológica, já que entre o momento do acontecimento do fato e a notícia, temos um interregno *mediado* pelo telejornal, mas da *atualidade do noticiário televisivo*” (CORREIA e VIZEU, 2008, p. 23, grifos dos autores).

Por isso, em diversos momentos em que as matérias fizeram uma revisão histórica, determinado ponto de vista é adotado, em detrimento de outros, apagados na narrativa. Por exemplo: na primeira matéria da série sobre os evangélicos, o repórter conta como se deu o surgimento do protestantismo no mundo, numa leitura histórica a partir do ponto de vista católico (são conhecidas as relações entre a Rede Globo e o catolicismo, particularmente de direita – esta é uma condição histórica relevante para o discurso jornalístico da Rede Globo acerca da religião em geral). Segundo o repórter, Martinho Lutero e João Calvino, reformadores, “tomaram a *decisão de romper com a Igreja Católica*”. Embora haja documentos históricos que contem “outra história”, na narrativa telejornalística as discussões sistêmicas não se sustentam. Logo elas são ressignificadas dentro da lógica literária adotada muitas vezes no jornalismo e que atua a partir de personagens e eventos-marco. Daí a simplificação e linearidade com que os eventos são recontados. Outros exemplos poderiam ser dados no contexto da análise.

Também se deve levar em conta não somente o que o discurso diz, mas, igualmente, o que ele faz. Por meio do discurso, estabelece-se, ao menos com o telespectador deste segmento religioso, uma série de relações que podem ser de aproximação (identidade) ou distanciamento (alteridade). Cabe a ressalva apontada por Resende, de que não basta saber o que se passa em relação àquilo de que o discurso jornalístico fala, “mas também dos modos que sobre [eles] se fala, instâncias nas quais várias vozes e vários sentidos podem, por vezes, revelar-se” (RESENDE, 2007, p.92).

De diversas formas, o discurso do Jornal Nacional busca na cientificidade um reforço de sua vontade de verdade; uma referência aos seus próprios enunciados. Isso é perceptível pelo uso dos especialistas, pelas referências às fontes de autoridade, pelo uso de números, estatísticas, percentagens e resgates históricos. De fato, o que se verifica na análise das matérias é a persistências de caracteres do campo, como o fato de que

é dada ao campo do jornalismo a tarefa de produzir saber acerca dos acontecimentos do mundo, tarefa que lhe é outorgada tanto porque detém a tecnologia — uma força maquínica incomensurável — como também porque outras instituições produtoras de saber — estas, de caráter pedagógico — conferem aos que proferem os discursos da mídia o direito da fala (RESENDE, 2007, p.83).

Ao mesmo tempo, porém, ocorreu, em diversos momentos, uma restrição do discurso científico sobre a religião, tanto no sentido de que os sujeitos falantes apresentam seus enunciados sob a égide do *comentário*, isto é, repousam sobre o já-dito (o que os faz, como enunciadore, ocupar o lugar de fala do enunciador genérico, que fala a partir do estabelecido pelo senso comum), quanto no sentido de que é o jornalismo global a instância que determina as condições em que o discurso científico se apresenta.

As matérias, em geral, trazem uma abordagem acerca da presença social desses grupos que os apresenta como relevantes à sociedade. Na abertura da série especial sobre os evangélicos, por exemplo, o âncora William Bonner, diz que eles estão “não só em cidades grandes como o Rio de Janeiro, mas também em comunidades menores, do interior do país, apoiando populações que frequentemente são esquecidas pelo poder público”. Esta fala evoca a forma pela qual os meios de comunicação contribuem, de modo efetivo, para a *construção social da realidade* (BERGER e LUCKMANN, 2004). Tendo em vista a ascensão midiática dos grupos evangélicos, não seria de surpreender a preocupação da Rede Globo em estabelecer um relacionamento em novas bases com este grupo, dada a histórica indisposição

para com os segmentos evangélicos, notadamente a partir do advento da Igreja Universal do Reino de Deus<sup>15</sup>.

### 3.2.2. Mapeamento de vozes e dos sentidos nas matérias do Jornal da Record

Foi interessante observar que as matérias selecionadas do Jornal da Record coincidiram em diversos assuntos com a cobertura feita pelo Jornal Nacional. Desta forma, a análise permitirá uma comparação mais apropriada sobre a representação evangélica em ambos os telejornais.

#### 3.2.2.1. Análise da Matéria *Marcha para Jesus*

A análise começará pelas matérias relacionadas com a Marcha para Jesus. A cobertura do evento teve um tempo de 2 minutos e 29 segundos neste telejornal, sendo, portanto, maior o tempo dedicado à temática do que no Jornal Nacional.

**Tabela 7: Marcha para Jesus (Jornal da Record, 02/11/2009)**

<b>Locutor (L)</b>	<b>Locutor enquanto pessoa socialmente construída (&amp;)</b>	<b>Personagem da trama jornalística</b>
Celso Freitas Ana Paula Padrão	Âncoras/apresentadores	Narradores
Ogg Ibrahim	Repórter	Narrador
Multidão	Evangélicos descritos como crianças, idosos, gente de todas as idades	Protagonistas
Pessoas não-identificadas	Entrevistado, fala-povo	Protagonistas
Marcelo Crivella	Entrevistado, político, autoridade	Coadjuvante, autoridade

<sup>15</sup> De fato, em palestra proferida durante o Seminário Globo/Intercom 2009, um dos dirigentes de jornalismo daquela empresa afirmou a atenção dada pela Globo a este segmento, uma vez que, nas palavras dele, “num país democrático, não estamos isentos da possibilidade de ter um presidente evangélico”.

Sandra Bolognini	Entrevistada, organizadora do evento, autoridade	Protagonista
------------------	--	--------------

A matéria tem um minuto e nove segundos a mais do que a versão global do evento, e também possui todos os locutores esperados numa reportagem telejornalística. Na locução dos âncoras e do repórter, percebem-se enunciados característicos da posição do *sujeito jornalista*, marcados pela pretensão de impessoalidade e objetividade.

Como narradores, os apresentadores e o repórter colocam-se como observadores externos do acontecimento. Como anteriormente, eles também apontam ao telespectador um ponto de vista do qual olhar:

Âncora (Celso Freitas): Em São Paulo, *uma demonstração de fé* dos evangélicos.

Âncora (Ana Paula): *Milhões de pessoas caminharam pelas ruas da metrópole* e se reuniram num show que ainda está acontecendo.

Repórter: De cima, *uma multidão de fiéis*.

As expressões “demonstração de fé” e “multidão de fiéis” inserem, de imediato, os enunciados numa posição de identidade, qualificando positivamente o evento aos olhos do telespectador evangélico. É pertinente lembrar que o uso da palavra “fiéis” geralmente acontecia no contexto católico. Uma importante diferença aparece na quantificação dos presentes: “milhões” já é mais o que o apontado pela Polícia Militar na matéria da Rede Globo, mas a fonte da informação ainda não é dada pela âncora do telejornal. Embora haja um caráter de alteridade no texto, a colocação em cena aponta para a identidade, com a entonação de voz dos jornalistas reforçando a quantidade de pessoas no evento, o que busca aumentar seu potencial midiático.

Também, na narrativa telejornalística da Record, é perceptível a formação discursiva (FD) relacionada com o discurso da identidade evangélica que se apresenta como diversa, mas, ao mesmo tempo, una:

Repórter: *Eles eram crianças, idosos, gente de todas as idades e não perderam a animação nem debaixo do sol forte.*

Repórter: A marcha percorreu quatro quilômetros, embalada pelo som de cinco trios elétricos. *E reuniu igrejas evangélicas de todo o Brasil num único evento.*

Percebe-se, nos enunciados que, apesar dos diferentes locutores, o discurso é unificado e tem a ver com uma identidade evangélica que se quer apresentar, pelo viés da identidade e da uniformização. Os diversos protagonistas, ainda que anônimos, reforçam a identidade baseada na fé, na superação de obstáculos e na ideia do sacrifício:

Mulher jovem, de boné, não identificada: Difícil, mas a gente consegue.

Homem jovem, com a camiseta do evento, não identificado: Vale o sacrifício.

Homem jovem, não identificado: Uma grande bênção.

Mulher não identificada: Ah, é um grande marco na nossa vida, né?

Mulher idosa não identificada: Esta marcha é muito importante para a minha vida.

Ainda assim, mesmo que do ponto de vista da dramaturgia se possa dizer que os evangélicos sejam os protagonistas, do ponto de vista do discurso, eles não vão além de objeto do mesmo no contexto da matéria. Como enunciadore, sujeitos do discurso, operam ao nível genérico. Quando o repórter diz: “história de gente que superou obstáculos pela fé”, as histórias não são contadas. O que se tem é uma profusão de frases baseadas no senso comum. Da mesma forma, observa-se que a afirmativa de Leal sobre o Jornal Nacional pode também aplicar-se ao Jornal da Record:

as personagens têm pouca força, pois servem à necessidade da narrativa: elas contribuem para confirmar o que o telejornal afirma sobre o mundo. A complexidade e a singularidade dos indivíduos são, então, apagadas pelo lugar ou papel social que passam a representar na narrativa. (LEAL, 2009, p. 97)

O repórter constrói os enunciados acerca dos evangélicos presentes a partir da superação, colocando como dificuldade a ser vencida o calor no dia do evento:

Repórter: Na caminhada, histórias de *gente que superou obstáculos pela fé*.

Repórter: A Marcha para Jesus existe há 16 anos. Nesta edição, um público estimado em cinco milhões de pessoas, *enfrentou o calor de mais de 30 graus em nome da fé*. Essa caminhada já é considerada um dos eventos religiosos mais importantes do mundo.

Repórter: No palco, apresentações de *música gospel e palavras que reforçam a fé em Cristo*.

Na estrutura dramatúrgica, os enunciadores do discurso evangélico emergem como personagens positivos. Destaca-se o heroísmo dos participantes (caminhada de quatro quilômetros, calor de 30 graus), sua unidade (diversas igrejas de todo o Brasil) e a importância do evento no cenário religioso mundial, pelo resgate da história da Marcha. O tratamento dado às pessoas que se sentiram mal ocupou menos espaço na cobertura do Jornal da Record do que no Jornal Nacional, o que se pode atribuir ao caráter maior de identidade da emissora, neste aspecto, enfatizando a ideia de vitória sobre os obstáculos, muito embora o tema do evento sequer tenha sido citado.

Esta é uma característica que acaba por aproximar, do ponto de vista de como o discurso emerge, os dois telejornais, pois no Jornal da Record, como no Jornal Nacional, “o Brasil e os brasileiros são construídos em discursos que trazem a marca do conservadorismo, do civismo e do *dramático*” (GOMES, 2006, p. 1). Neste caso, o elemento do civismo engloba também a religiosidade como marca identitária brasileira, pela qual se fazem sacrifícios e superam-se barreiras. Isto pode se dever ao fato de que “características que são do JN acabam por se confundir com elementos mesmo do *gênero telejornal*.” (GOMES, 2006, p. 1).

A matéria tem uma preocupação didática, de informar ao telespectador toda a trajetória histórica do evento em pauta:

Repórter: *A Marcha para Jesus existe há 16 anos.* Nesta edição, um público estimado em cinco milhões de pessoas, enfrentou o calor de mais de 30 graus em nome da fé. Essa caminhada já é considerada um dos eventos religiosos mais importantes do mundo.

Repórter: *A Marcha para Jesus começou na Inglaterra, em 1987 e chegou ao Brasil em 1993.* Para os organizadores, o evento deste ano superou as expectativas e foi bem maior que as edições anteriores.

Esta é uma diferença marcante em relação à cobertura do Jornal Nacional. Considerando os vínculos da emissora com a Igreja Universal do Reino de Deus, esse dado se torna relevante, uma vez que a cobertura faz um vínculo entre o evento e o projeto de lei que a regulamenta, apresentado pelo senador Marcelo Crivella. É interessante que, embora Crivella seja bispo da Universal, este dado não tenha sido explicitado pelo repórter ou na edição (ao inserir os créditos da entrevista), que apenas sinaliza sua função política e o partido:

Repórter: *O projeto do senador Marcelo Crivella tornou a marcha para Jesus um evento oficial no Brasil.* Este ano, passa a fazer parte do calendário nacional e será realizada sempre dois meses após a Páscoa.

Marcelo Crivella: *Acho que dá mais legitimidade ao movimento com o reconhecimento do Congresso Nacional e do Presidente da República, de que há liberdade de expressão religiosa no Brasil...*

O entrevistado, falando a partir do lugar de fala da autoridade (uma vez que há um ocultamento de seu papel religioso), é apresentado, na estrutura dramática do telejornalismo, como um defensor dos evangélicos, aquele que os coloca no contexto da legitimidade frente ao poder público, por ter sido o autor do projeto de lei. A frase de Crivella também é ambígua: o governo reconhece a Marcha ou reconhece a liberdade religiosa? Esta ambiguidade revela um espaço discursivo de disputas por poder, no âmbito religioso e também político, que tem a ver com a noção de dispersão do sujeito:

A noção de dispersão permite definir o jornalismo como espaço discursivo complexo, onde interagem várias enunciações: a dos jornalistas, evidentemente, mas também aquelas das fontes e dos públicos. Dito de outra forma, os discursos do legislador, do professor, do pesquisador, do sindicalista, dos empresários da imprensa ou do anunciante interferem sobre a definição social do jornalismo. (RIGOOT, 2006, p. 138)

À luz da perspectiva da dispersão, fica a pergunta: é possível que os interesses dos empresários desta emissora televisiva em particular possam operar no âmbito do discurso religioso com vistas à atuação política? Não cabe aqui responder, mas esta perspectiva pode ser mantida no horizonte da pesquisa.

Outra perspectiva de identidade presente nos enunciados desta matéria refere-se à busca de maior projeção midiática do evento, feita na abordagem do Jornal da Record. Na cobertura global, por exemplo, tendo como fonte a Polícia Militar, foi dada a informação de que havia um milhão de pessoas na Marcha. A cobertura do Jornal da Record afirma, tendo como fonte os organizadores, que havia cinco milhões de pessoas presentes. A discrepância de quatro milhões é explicada pelo repórter:

Repórter: *Segundo os organizadores, essa multidão é calculada com base nas pessoas que estiveram no evento ao longo de todo o dia. A concentração final foi na Praça dos Heróis da Força Expedicionária Brasileira, na Zona Norte de São Paulo.*

Diversas vezes, ao longo da matéria, essa projeção de amplitude do evento, em termos numéricos e de importância nacional e internacional, é reforçada:

Âncora: *Milhões de pessoas* caminharam pelas ruas da metrópole e se reuniram num show que ainda está acontecendo.

Repórter: De cima, uma *multidão de fiéis*.

Repórter: A marcha percorreu *quatro quilômetros*, embalada pelo som de *cinco trios elétricos*. E reuniu *igrejas evangélicas de todo o Brasil* num único evento.

Repórter: Nesta edição, *um público estimado em cinco milhões de pessoas*, enfrentou o calor de mais de 30 graus em nome da fé. Essa caminhada já é *considerada um dos eventos religiosos mais importantes do mundo*.

Repórter: O projeto do senador Marcelo Crivella tornou a marcha para Jesus um *evento oficial* no Brasil. Este ano, *passa a fazer parte do calendário oficial* e será realizada sempre dois meses após a Páscoa.

Repórter: (...) Para os organizadores, *o evento deste ano superou as expectativas e foi bem maior que as edições anteriores*.

Organizadora: Hoje, *nós podemos considerar a Marcha para Jesus aqui no Brasil uma das maiores.*

O agigantamento também se mostra pelo aspecto imagético. As cenas de multidão são mostradas à exaustão durante os offs de repórter, feitas no meio da caminhada, do alto dos palcos, em helicópteros que propiciam a captação de imagens capazes de reforçar o enquadramento da matéria nesta perspectiva. Também é perceptível que a organização do evento planeja as suas ações visando à publicização midiática, ações, portanto, programadas, estratégicas, com fins específicos (cf. LEAL, 2009, p. 95) para projetar o evento midiaticamente: quanto maior ele parecer na tela, maior será sua projeção de realidade.

### 3.2.2.2. Análise da Matéria: Dia da Marcha para Jesus

A sanção da lei que regulamenta o Dia Nacional da Marcha para Jesus foi apresentada sob a forma de uma nota coberta, de 40 segundos no Jornal da Record.

**Tabela 8: Dia da Marcha para Jesus (Jornal da Record, 03/11/2009)**

Locutor (L)	Locutor enquanto pessoa socialmente construída (&)	Personagem da trama jornalística
Celso Freitas Ana Paula Padrão	Âncoras/apresentadores	Narradores
Multidão	Evangélicos (extraídos de imagens de arquivo da Marcha)	Protagonistas
Luiz Inácio Lula da Silva	Presidente	Coadjuvante
Marcelo Crivella	Entrevistado, político, autoridade	Autoridade, coadjuvante

Esta notícia também ocupou mais espaço no Jornal da Record do que no Jornal Nacional, embora ambas tenham sido notas (esta, coberta e a outra, pelada).

Do ponto de vista do cenário, espaço importante na dramaturgia, as imagens mostram o presidente Lula sentado ao lado de seus assessores, quanto uma pessoa não identificada fala ao microfone. Não se distingue o que ela diz.

A ambiguidade noticiosa: a lei é sancionada pelo presidente, mas este parece encontrar-se à margem do próprio acontecimento, como um figurante, sentado, sem o uso de nenhum recurso, como uma vinheta, para identificá-lo entre os seus pares, assim como os demais, que aparecem em cena, mas não ocupam nenhum lugar relevante.

O caráter oficial do evento no cenário nacional é a ênfase da cobertura, conforme enuncia a âncora, Ana Paula Padrão:

Âncora: *A Marcha para Jesus, comemorada no Brasil e no mundo há mais de 20 anos, agora é data oficial do calendário brasileiro.*

O fato de realizar-se há duas décadas, portanto, um período considerável, também é reforçado. A maioria do tempo o off da âncora se dá sobre imagens de arquivo, em panorâmica, da Marcha para Jesus, destacando, como na análise anterior, a ênfase na grandiosidade do evento:

Âncora: *O movimento, que reúne milhões de cristãos em todo o mundo, foi comemorado pela primeira vez no Brasil em 93, em São Paulo.*

Ao final da nota, uma entrevista com Marcelo Crivella recoloca a Marcha no cenário político. Como sujeito político, falando do lugar da autoridade, uma vez que é indicada pela legenda sua condição de senador, Crivella faz um discurso de fronteira com o religioso:

Senador: *É a Marcha por Justiça Social, por menos desigualdades, pela distribuição de renda mais justa no país.* Enfim, Marcha para Jesus lembra marcha dos ideais de Cristo.

A matéria se encerra com a entrevista. Outra vez, tem-se um enquadramento que coloca fora de vista questões que poderiam ser cruciais na cobertura. No dia anterior, quando a Marcha foi coberta pelo telejornal, nenhum aspecto ressaltado como sendo objetivo da Marcha foi abordado. Ao falar sobre os espaços discursivos do evento, a matéria apenas informou tratar-se de cânticos gospel e palavras de fé sobre Jesus.

Permanece o questionamento sobre o ponto de vista do evangélico sobre o evento e o ponto de vista dos demais segmentos sobre ele. Quem vê o evento e como o evento é visto são perguntas de fundo que se levantam ao observar a cobertura feita pelo Jornal da Record. O processo da edição ressalta o lugar de fala da emissora e dos seus acionistas no discurso do telejornal.

### 3.2.2.3. *Matérias sobre a cobertura da Páscoa*

Foram levadas ao ar três matérias sobre a cobertura da Páscoa 2010, uma no dia 02/04 e as demais no dia 05/4/2010. A primeira mostrou a celebração em todo o mundo e as demais apresentaram o evento a partir das denúncias de pedofilia na Igreja Católica, estabelecendo um olhar diferenciado sobre a temática, como se verá na análise.

**Tabela 9: A Páscoa no mundo (Jornal da Record, 02/04/2010)**

<b>Locutor (L)</b>	<b>Locutor enquanto pessoa socialmente construída (&amp;)</b>	<b>Personagem da trama jornalística</b>
Celso Freitas	Âncora/apresentador	Narrador
Multidão	Cristãos	Protagonistas
Bento XVI	Papa, líder da Igreja Católica	Coadjuvante

A nota coberta mostra celebrações diversas em todo o mundo. O discurso do sujeito-jornalista, embora apresente marcadores relacionados com a alteridade, aproxima-se do discurso religioso por suas ênfases enunciativas e uso dos tempos verbais no que se refere a afirmar como verdade os eventos relacionados com a vida de Cristo:

*Âncora: Cristãos do mundo inteiro celebram a Sexta-Feira da Paixão, data que marca a crucificação de Jesus.*

*Milhares de pessoas visitaram a cidade velha, em Jerusalém, para refazer a via crúcis, o trajeto percorrido por Jesus da condenação à crucificação.*

Contudo, causa um estranhamento inicial a percepção da ausência dos evangélicos. Há um conjunto de informações sobre celebrações católicas, ainda que com particularidades regionais. Há marcadores de alteridade interessantes em relação aos católicos. De fato, a cobertura da Páscoa caracterizou-se por um anticatolicismo que parece querer construir a identidade evangélica baseada na negação e oposição. Daí sua relevância para este trabalho de pesquisa:

*Âncora: Na Itália, o papa Bento XVI comandou a tradicional procissão no Coliseu de Roma, acompanhado por mais de 20 mil fiéis.*

*Âncora: Nas Filipinas, rituais de autoflagelação e crucificações reais. A reconstituição do Calvário de Cristo é tradição no vilarejo de São Pedro Cutut, no centro do país, há mais de meio século.*

O uso de uma palavra de cunho militar no contexto da celebração católica ilustra o posicionamento anticatólico da cobertura. Embora não haja referências diretas no texto, a colocação em cena do enunciador remete a uma postura negativa quanto aos rituais de autoflagelação, outra marca da cultura católica nas Filipinas. Herdeiros da memória protestante, embora partilhem das ideias de sacrifícios pela fé, os evangélicos manifestam rejeição explícita à prática do autoflagelo e às penitências em sua acepção católica. Contudo, deve-se resguardar o fato de que, apesar desta aparente rejeição, houve

um reprocessamento da religiosidade matricial, adicionando-lhe novos valores, isto é, a matriz permanece intacta mas é realocada em um novo esquema religioso, bíblicamente fundamentado. Os valores estão relacionados à organização daquilo que pertence a Deus e daquilo que está sob o domínio do Diabo (CUNHA, 2007, p. 37)

Este reprocessamento é o que permite aos atuais movimentos neopentecostais a apropriação de práticas católicas, inclusive as penitências, em novo contexto. Assim, aquilo que aparece como rejeição no primeiro momento pode ser visitado de outra forma no momento seguinte.

O apagamento do evangélico nas matérias da Record sobre temas nos quais se esperava a presença maciça do segmento, dados os vínculos da emissora, é fator relevante. Na forma como o discurso emerge tem-se, no aspecto da dramaturgia, a ênfase no antagonista, representado, em certa medida, como retrógrado (a palavra “tradicional” tem um profundo sentido negativo no aspecto religioso, quando o lugar de fala é o neopentecostal, seja referindo-se ao evangélico, seja ao católico); como supersticioso e irracional (a partir da forma como as imagens de autoflagelo e crucificação são abordadas textualmente). E nesta pequena nota, a tradição aparece duas vezes relacionada ao catolicismo, sendo um marcador enunciativo que, provavelmente, não passaria despercebido ao telespectador evangélico.

#### 3.2.2.4. *Matéria sobre a cobertura da Páscoa (1)*

Diferentemente da cobertura do Jornal Nacional, que enfatizou os ritos pascais em todo o mundo, o Jornal da Record reforçou uma postura calcada no anticatolicismo, como já dito. Esta construção da identidade evangélica pela negação é uma marca histórica desta religiosidade no País e ainda não foi de todo superada (CUNHA, 2007, p. 37), embora possa ser tomada, no contexto da Rede Record, também como uma estratégia de projeção midiática.

**Tabela 10: A Páscoa no mundo (Jornal da Record, 05/04/2010)**

<b>Locutor (L)</b>	<b>Locutor enquanto pessoa socialmente construída (&amp;)</b>	<b>Personagem da trama jornalística</b>
Marcos Hummel	Âncora/apresentador	Narrador
Entrevistada não-identificada	Católica	Figurante
Bento XVI	Papa, líder da Igreja Católica	Antagonista
Thaís Furlan	Repórter, correspondente	Narradora
Danielo Rastelaneza	Padre, liderança religiosa	Coadjuvante do antagonista
Gabriel Amorti	Padre, liderança religiosa	Coadjuvante do antagonista
Repórter do New York	Repórter	Coadjuvante

Na busca pelas vozes e sentidos, pode-se perceber que o sujeito-jornalista calca sua fala na alteridade em relação ao católico, mas, ao mesmo tempo, o introduz como antagonista no contexto narrativo. É interessante ressaltar que esta é uma estratégia que a própria Record, em outros momentos, acusou a Rede Globo de praticar (TORRES, 2009):

Âncora: Na missa de Páscoa, no Vaticano, *o papa Bento XVI silencia sobre as denúncias de abuso sexual que abalam a Igreja Católica.*

A colocação em cena do âncora é fundamental para compreender o antagonismo: nas palavras “silencia” e “abalam”, a entonação de voz do enunciador não deixa dúvida sobre seu lugar de fala, ecoando os interesses da empresa comunicacional.

De igual modo, é importante para a análise perceber a forma pela qual o valor-notícia é construído na matéria, uma vez que a repórter Thaís Furlan é a correspondente internacional destacada para a cobertura da missa. No Jornal Nacional, o evento mereceu uma rápida menção, sob a forma de nota coberta.

Repórter: Quebra de protocolo na *tradicional missa de Páscoa*. O cardeal abriu a celebração *defendendo o papa*. Angelo Sodan diz que *os fiéis não se abalaram* por aquilo que chamou de fofocas mesquinhas. O termo foi usado para *se referir às denúncias de pedofilia na Igreja Católica*. Mas, no sermão do papa, *nenhuma palavra sobre os escândalos*.

Entrevistada: Bento XVI *não pode fugir da responsabilidade*.

Repórter: Neste domingo, *o padre Danielo Rastelaneza pediu desculpas pela comparação de abuso sexual na Igreja ao antisemitismo*. A *polêmica* chegou à imprensa. O *exorcista italiano Gabriel Amortti acusou* as reportagens do New York Times de serem *obra do demônio*. A colunista do Jornal *reagiu*. “O diabo não me fez escrever a reportagem. Os fatos fizeram”.

Repórter (passagem): Na Europa, *é cada vez maior o número de protestos contra a postura do Papa e do Vaticano* nos escândalos de pedofilia que abalam a Igreja Católica. Aqui na Inglaterra a população fez um abaixo-assinado, na página eletrônica do governo, contra a visita de Bento XVI ao país, marcada para setembro.

Novamente aparece o marcador “tradicional missa de Páscoa”, conforme citado na matéria anterior. Pode-se dizer que a missa, de fato, se torna apenas o pretexto para o foco

real que a matéria toma: a questão da pedofilia, descrita em termos como: polêmica, escândalos, denúncia, abalos, protestos.

Assim, constrói-se uma imagem do catolicismo pela negatividade, reforçando, pelo apagamento, a imagem do evangélico como positiva, uma vez que a matéria silencia sobre a existência de escândalos de quaisquer ordens em outras instâncias religiosas. Da mesma forma que o âncora, também a repórter usa a frase: “escândalos que abalam a Igreja Católica”, com a ênfase recaindo sobre a palavra “abalam”. Este reforço parece buscar contradizer os enunciados provenientes das figuras de autoridade católicas, para as quais as questões aparecem como: “fofocas mesquinhas”, “obra do diabo”, “antissemitismo”. O papa, na qualidade de líder religioso, é enfraquecido pelo discurso jornalístico por precisar ser *defendido* pelo cardeal e por “manter silêncio”, ou seja, omitir-se frente ao assunto em pauta.

Ao mesmo tempo em que o texto aborda os escândalos, as imagens enfatizam a suntuosidade das celebrações, mostram os ritos e as multidões presentes à missa, destacam o distanciamento entre o papa e a população, por colocar o zoom na janela onde o papa aparece e depois abrir a câmera em uma panorâmica da multidão.

A estrutura narrativa da matéria busca apresentar, em torno do conflito representado pelas denúncias de pedofilia, um cenário em que a Igreja Católica parece mergulhar em alguma situação de caos, uma vez que é “abalada”, termo que remete tanto a um terremoto quanto à perda das bases estruturais que sustentam uma construção. Não é possível desconsiderar, neste contexto, a vinculação institucional da emissora, que posiciona os enunciadore s âncora e repórter no contexto tanto da disputa religiosa quanto midiática. De fato,

uma das principais características detectadas na análise da mídia religiosa é a correspondência entre a necessidade de expansão doutrinária e o número de ataques às instituições concorrentes. O crescimento do número de fiéis parece coincidir com essa estratégia concorrencial que tem por objetivo abalar a credibilidade da concorrência (MARTINO, 2003, p. 58).

É por esta razão que, mesmo não trazendo o evangélico em seus enunciados, os locutores-narradores continuam, de modo disperso, a oscilar entre estes dois lugares de fala: o a alteridade, na qualidade de narradores, e o da identidade, pela desqualificação dos concorrentes (neste caso, os católicos). O apagamento, neste caso, se torna uma estratégia de identificação e legitimação que talvez se mostre mais eficaz do que uma comparação direta, mais sujeita a contra-argumentos.

Outro destaque a fazer é quanto ao *ethos* do jornalista. Uma repórter do New York Times responde à crítica de um líder católico, que declarou: “Isso é obra do diabo”, referindo-se à cobertura dos casos de pedofilia na Europa. Na matéria, aparece a página do jornal na internet, com a foto da repórter e o destaque ao texto que diz: “O diabo não me fez escrever a notícia; os fatos fizeram”. Da forma como se construiu a narrativa, pode-se dizer que a identidade dos jornalistas do Jornal da Record é, igualmente, ressaltada e resguardada. No lugar de fala do sujeito-jornalista, ocupando a posição enunciativa de “narradores da realidade”, eles acabam por afirmar que também dão a notícia em virtude “dos fatos” e não por outra motivação qualquer.

### 3.2.2.5. *Matéria sobre a cobertura da Páscoa (2)*

Na sequência, o telejornal apresentou a questão da pedofilia no contexto brasileiro, promovendo uma aproximação da realidade católica na Europa ao contexto nacional. Vale, mais uma vez, ressaltar que a cobertura foi feita no contexto da Páscoa.

**Tabela 11: A Páscoa no mundo (Jornal da Record, 05/04/2010)**

<b>Locutor (L)</b>	<b>Locutor enquanto pessoa socialmente construída (&amp;)</b>	<b>Personagem da trama jornalística</b>
Marcos Hummel	Âncora/apresentador	Narrador
Ana Paula Padrão	Âncora/apresentadora	Narradora

José Afonso Dé Raimundo Santana dos Reis Monsenhor Luiz Barbosa Dilson Duarte Monsenhor Raimundo Gomes do Nascimento Hélio Aparecido de Oliveira	Líderes religiosos, padres acusados	Antagonistas
Crianças não-identificadas	Menores, vítimas de abuso	Vítimas, coadjuvantes
Pedro Strosenberg	Entrevistado, especialista, autoridade em religião	Autoridade
Rita Dantas Souza	Entrevistada, psicóloga, especialista	Autoridade
Pessoas não identificadas	Entrevistadas, mães de vítimas	Vítimas, coadjuvantes
Graciela Ambrósio	Delegada de Polícia, autoridade	Protagonista/ herói/ defensor das vítimas
Emerson Ramos	Repórter	Narrador

Ana Paula Padrão faz o vínculo entre esta matéria e a anterior no enunciado a seguir:

Âncora: E aqui no Brasil, *também*, as denúncias de pedofilia *assombram* os padres católicos.

O lugar de fala da jornalista é marcado por sua entonação vocal: “também” e “assombram” são dois termos de destaque na frase, marcando a estrutura narrativa que se sucede, na voz de Marcos Hummel:

Âncora: *Vários religiosos que cometeram abusos sexuais* contra menores são *investigados pela Polícia*.

Repórter: Franca, interior de São Paulo, a cidade está no centro de *um dos mais recentes escândalos que envolvem padres católicos* e crianças no Brasil.

Ao apresentar os religiosos como objeto de investigação da Polícia, a narrativa os coloca na posição de antagonistas, de vilões. Também se objetiva dar maior magnitude aos eventos, classificando o episódio que será descrito como “o mais recente” entre os escândalos.

A matéria ressalta a universalidade do problema que quer colocar em pauta, citando as cidades: Franca (interior de São Paulo); Mariluz (Paraná, 600km da capital); Rio Claro (interior de SP) e Arapiaca (agreste de Alagoas). Desta forma, transmite ao telespectador uma ideia de que a ameaça às crianças está por toda a parte. Numa das entrevistas, uma adolescente afirma, reforçando esta perspectiva:

Entrevistada: É um absurdo, né? *A gente fica até com medo de entrar na igreja e nesses cantos assim.*

Embora normalmente a palavra “padre” já esteja vinculada ao catolicismo, o repórter qualifica o religioso: “padre católico”, reforçando o conceito de identidade a partir do viés da diferença. As citações que se referem aos padres envolvidos nos escândalos prosseguem na construção identitária que associa os religiosos à figura do vilão. A entrevista da delegada reforça a realidade do acontecimento, uma vez que se trata de “fatos”, os quais dão origem à “convicção de culpa”:

Repórter: Crianças que afirmam *ter sido vítimas de abuso cometidos pelo padre José Afonso Dé* (neste momento, a câmera dá um close no rosto do padre).

Delegada: São relatos bastante semelhantes, coerentes. Tem os fatos anteriores que têm uma semelhança, uma coerência, então *tudo isso serve até de indícios para que a gente formule a nossa convicção.*

É citada uma entrevista do padre, dada ao Domingo Espetacular, outro programa da emissora, na qual o padre procura se defender das acusações. Contudo, o repórter segue na linha dramática, privilegiando a perspectiva do conflito e ressaltando o papel da vítima, apresentando a contra-argumentação, enfatizando a palavra “confirma” em seu enunciado:

Repórter: Mas, por telefone, um dos meninos *confirma* as acusações.

As demais *vítimas do conflito dramático* são descritas pelo jornalista, de modo a provocar identificação no telespectador, humanizando os personagens pelo detalhamento de suas condições:

Repórter: Um adolescente de *dezesseis anos, portador de deficiência mental*, teria sido *vítima de um padre católico*.

Repórter: Um DVD mostra *o relacionamento sexual de um padre católico de 82 anos e um ex-coroinha*. O vídeo é vendido pelos camelôs e chegou à internet. A gravação ganhou o apelido de “o DVD do padre”. As *imagens chocaram os moradores* da cidade. Além do monsenhor, *outros dois religiosos foram acusados* de manter relacionamento sexual com menores de idade.

Repórter: *Casos que se repetem, de crimes cometidos entre quatro paredes, que deixam cicatrizes profundas, vítimas indefesas e amedrontadas, muitas sofrendo em silêncio*.

E num caso em particular, de uma acusação feita a um padre que era diretor de um colégio católico, o repórter descreve o caso fazendo uma generalização, ao usar o plural:

Repórter: Crianças entre 08 e 12 anos, que estudavam no colégio, foram *vítimas de abusos sexuais* cometidos por *criminosos de batina*.

O repórter também vincula a falta de punição por parte da Igreja Católica aos traumas das vítimas, ao fazer a conexão entre a sua fala e a palavra da psicóloga que é convocada a falar em nome da autoridade médica:

Repórter: Condenado pela justiça, *o padre não foi punido pela Igreja Católica*. Para as vítimas da pedofilia, diz esta psicóloga, *pode ser impossível superar o trauma*.

Psicóloga: Marcas essa criança vai ter pela vida inteira. Essa pessoa, ela pode vir a não querer se relacionar com outra pessoa, a não querer casar, não ter família...

A matéria também insere a Igreja Católica no âmbito da ilegalidade, pois não respeitou a condenação da Justiça ao não conceder nenhuma punição eclesial ao padre acusado. E termina em tom fatalista, com esta fala da especialista, reforçando a atmosfera de receio e desconfiança ao Catolicismo construída no roteiro dramático da notícia.

O tom generalizante da matéria, a ênfase na quantidade de casos, na variedade de locais, na quantidade de perpetradores e vítimas constrói uma região de sentidos significativa para a religiosidade católica e, por consequência, da religiosidade evangélica no contexto do Brasil. Desta forma, pela oposição, constroem-se as referências identitárias católicas e evangélicas que disputam a hegemonia religiosa.

Os apagamentos reforçam a positividade do grupo evangélico, ausente do discurso, mas presente no contexto e na interdiscursividade que acontece quando a matéria vai ao ar e o telespectador responde a ela. Isso pode ser observado nas discussões dos grupos focais quando da exibição da matéria. Ademais, outros fatores devem ser levados em conta neste cenário social, que serão analisados no próximo item.

#### *3.2.2.6. Conclusões preliminares sobre as matérias do Jornal da Record*

Foi interessante observar de início que, ao contrário do que se poderia pensar num primeiro momento, por ser a emissora vinculada a uma instituição deste segmento, a presença evangélica no telejornal não foi tão evidente e sistemática. Houve muito mais menções diretas aos evangélicos no Jornal Nacional.

Nas matérias da Marcha para Jesus, o vínculo entre religião e política explicitou-se, apresentando um político vinculado à Igreja Universal como porta-voz dos interesses evangélicos, ainda que sem referência direta a essas ligações. Também adotou-se uma linguagem que primou pela uniformização e generalização, colocando todos os evangélicos sob o mesmo prisma de cobertura, sem levar em conta as nuances identitárias diversificadas. Construiu-se uma imagem do evangélico calcado na adesão religiosa, na unidade, na fé, na capacidade de superar obstáculos. Houve um ocultamento dos vínculos

entre a Igreja Universal e a emissora no enquadramento dado, mas isso não escapa à percepção quando se tratou de estudar os sentidos presentes nos enunciados.

Por outro lado, como já ocorreu em diversas matérias do Jornal Nacional, a identidade criada pela diferença foi uma estratégia utilizada para promover a adesão a um modelo identitário que aparece nos sentidos, conquanto aparentemente ausente do discurso enquanto texto. Para isso, a dissimulação – a temática da Páscoa usada como ponto de partida – foi um caminho para a construção de duas das matérias analisadas.

Restou, na análise dos grupos focais, perceber de que forma esses sentidos encontraram ressonância nos entrevistados, colocando em evidência as interdiscursividades que tornam as construções identitárias possíveis.

### 3.3. CONDIÇÕES POSSÍVEIS DO DISCURSO TELEJORNALÍSTICO SOBRE OS EVANGÉLICOS

Já houve outros momentos em que o discurso jornalístico sobre a religião evangélica no Brasil não se manifestava da forma como o encontramos nas matérias em análise. Ao abordar este aspecto, coloca-se em evidência a necessidade de considerar as situações históricas que possibilitam a emergência dos discursos, como pontua Foucault.

Diversas das atuais pesquisas acadêmicas que tratam do tema do evangélico informam, de imediato, que este segmento está passando por um crescimento significativo no Brasil, tanto no aspecto numérico quanto na participação social e política:

Dos cerca de 170 milhões de brasileiros, 26 milhões – ou seja, quinze por cento do total – se declararam, em 2000, como pertencendo à religião evangélica. O crescimento espantoso desse grupo e sua visibilidade na arena política nacional o tornaram objeto de diversos estudos. Em 1980, existiam 7.8 milhões de evangélicos no país. Esse grupo religioso também vem

crescendo entre os legisladores e membros eleitos do Poder Executivo. (cf. BOHN, 2004, p. 289-290).

Esta seria, portanto, uma condição histórica e social que interfere na circulação dos discursos sobre o evangélico e projeta novas formações discursivas sobre o mesmo na sociedade em geral e no telejornalismo, em particular.

Outro dado a considerar, que possibilita a emergência de novos discursos relacionados com a religião e novas formulações identitárias é o próprio contexto da pós-modernidade:

O processo de secularização do Estado brasileiro, cujo ato decisivo foi a separação republicana da Igreja Católica, resultou na liberdade religiosa, no pluralismo religioso e, conseqüentemente, na formação de um vasto mercado religioso. (RICARDO MARIANO apud PATRIOTA, 2007, p. 88).

A efervescência da religião na pós-modernidade, conquanto distinta da adesão institucional até então prevalecente, torna os grupos religiosos também um mercado de consumo com potencial de crescimento indescritível. Desta feita, é interessante à mídia em geral dar tanto visibilidade quanto acesso ao consumo a este segmento.

No âmbito da política, não passam despercebidos os potenciais. Os estudiosos têm se desdobrado sobre este tema:

Em virtude de seu posicionamento moral e político, os evangélicos seriam, desse modo, parte da base social de uma “nova direita”. Por fim, há o tópico dos determinantes do voto. A filiação evangélica, de acordo com alguns trabalhos, geraria lealdades políticas automáticas, no sentido do privilegiamento de candidaturas de nomes ligados ao evangelismo. (BOHN, 2004, p. 290)

De fato, durante o período de levantamento de dados para esta pesquisa, houve a percepção da possibilidade de que o crescente número de matérias citando evangélicos, particularmente no Jornal Nacional, e até mesmo a série especial que os abordou, poderia ter alguma relação subliminar com as eleições presidenciais que ocorreriam no mês de outubro. A presença evangélica, fortemente aliada com posições conservadoras, foi bastante explorada

pela mídia e pelos candidatos. Esta é uma ressalva histórica a ser feita, pois esta mudança revela a possibilidade de emergência deste discurso favorável ao evangélico e não outro qualquer. Novas conjunturas possibilitam novos sentidos, novas formulações identitárias.

O crescimento do número de evangélicos significou um decréscimo dos católicos e uma consequente perda da hegemonia, se não numérica, ao menos no plano discursivo em diversos aspectos. Patriota afirma que é perceptível, neste contexto,

Não só a perda da hegemonia católica e a consolidação de uma sociedade extremamente pluralista, mas também uma diversidade cultural ampla, fruto da própria cultura contemporânea, caracterizada, de um lado, pela diferença e pela liberdade de escolha, e, de outro, pela afirmação da identidade. (PATRIOTA, 2007, p. 90)

Contudo, vale destacar que não se trata de uma relação direta de troca de membros entre católicos e evangélicos, pois houve um acréscimo de pessoas arreligiosas:

Alguns autores associam os dois fenômenos – o crescimento tanto da adesão ao evangelismo quanto do público irreligioso – ao deslocamento da centralidade da Igreja católica na conformação das relações entre Estado e religiões no Brasil. De fato, apesar de os brasileiros ainda serem predominantemente católicos, a porcentagem dos membros pertencentes à Igreja Católica decresceu, em duas décadas, de 88.9% para 73.8%. Enquanto que a população brasileira cresceu, entre 1980 e 2000, cerca de 42.3%, o público católico cresceu apenas 18.1%. Ou seja, a Igreja Católica vem perdendo espaço. (BOHN, 2004, p. 290)

A própria mudança no modo de entender do sujeito é outra realidade que interfere na forma como o evangélico é retratado na mídia:

Inserido numa sociedade, principalmente, através dos meios de comunicação de massa, o materialismo como grande objetivo de vida, ele anseia por satisfação pessoal e, semelhantemente aos seus antepassados, busca essa peculiar “re-ligação” com o divino (PATRIOTA, 2007, p. 96)

A percepção da importância da mídia no cenário da pós-modernidade e também o ressurgimento do sagrado numa nova forma de ser e estar no mundo proporcionaram novas formas de religião. As igrejas tradicionais, tanto evangélicas como católicas, têm de se readaptar, enquanto as novas “nascem fundidas, geneticamente

produzidas pela mídia, particularmente a televisão”; “nascem prontas para a televisão, este é seu habitat” (BERGE, 2007, p. 29).

A questão econômica também pode estar relacionada com a emergência do discurso religioso evangélico na sociedade e, por consequência, na mídia, como apontam alguns estudos:

Segundo Fernandes et al (1998, p. 25), o “crescimento notável dos evangélicos decorre, sobretudo, de escolhas feitas pelos pobres”. De acordo com outros autores, há uma forte associação não entre evangélicos em geral e agravamento da situação econômica, mas entre membros de igrejas pentecostais e condições indicativas de pobreza (PIERUCCI & PRANDI, 1995; MONTERO & ALMEIDA, 2000). Segundo Novaes (2001), os evangélicos pentecostais, além de possuir membros entre as camadas sociais menos privadas de recursos financeiros, conseguem penetrar nas franjas da sociedade: em áreas que têm se mostrado inalcançáveis para outros segmentos religiosos. São setores sociais (e espaços geográficos) que, por sua precariedade de condições, revelam, por outro lado, a mais completa ausência do poder público. (BOHN, 2004, p. 291)

Há que se considerar, também, os fatores relacionados com as empresas televisivas. Não passa despercebido, mesmo ao mais distraído observador, que a Rede Record de Televisão tem optado pelo mimetismo global em sua programação. Seu cast, seus programas, as cores e logomarcas utilizadas nos programas, os quadros das atrações, os artistas, os cenários estão todos em conformidade com o “padrão Globo de Televisão”. Em termos de concorrência, evidencia-se a estratégia de ser igual à Globo para vencê-la.

Esta postura, contudo, encontra resistências nos grupos evangélicos, como se poderá perceber na análise do Capítulo Quatro. Desta forma, um caminho aparentemente encontrado pela Record é o anticatolicismo marcante em seu discurso jornalístico. Talvez, para a emissora, esta seja a única forma de tentar unificar o diferente, tentando apontar um “inimigo” em comum, uma habilidade de falar do evangélico e para ele por meio da negação, que também é um elemento constitutivo da identidade.

Em contrapartida, a Rede Globo evidencia, pela forma de abordar os evangélicos em seu telejornal, especificamente, uma aproximação que talvez tenha como intencionalidade barrar o crescimento da Record. Isto porque ela apresenta exatamente a distinção que estes grupos estão buscando, se ver-se distintamente representados daquele “ser evangélico” que a Record lhe proporciona. Nesta disputa pela audiência, ambas as empresas buscam novas posturas para com os segmentos sociais em geral e com os evangélicos em particular.

Sendo a televisão vista como uma janela para o mundo para a maioria dos brasileiros<sup>16</sup>, a presença da religião evangélica na mídia contribui, decisivamente, para a solidificação de uma identidade entre os novos adeptos, televisivamente doutrinados, espelhando-se esta presença também na cobertura telejornalística. De modo geral, essas situações permitem, à luz dos pressupostos de Foucault, entender as mudanças significativas no discurso sobre o evangélico presente nos telejornais analisados. São estas as condições que possibilitam que este discurso esteja em circulação neste momento histórico.

---

<sup>16</sup> Este tipo de abordagem revela uma adesão à chamada Teoria do Espelho, a qual normalmente emerge no discurso dos profissionais da televisão. Neste trabalho, contudo, em um viés mais construcionista, assume-se que a TV mostra o mundo por uma janela, com enquadramentos que orientam os olhares.

## CAPÍTULO QUATRO: A RECEPÇÃO DO JORNAL NACIONAL E DO JORNAL DA RECORD: PESQUISA COM GRUPOS FOCAIS

*O fato de acompanharmos o noticiário noturno, a cada noite, pode ser compreendido como ritual por dois aspectos: sua repetição mecânica, ao longo do tempo, mas de forma muito mais importante, e significativa, pela apresentação, através de sua lógica de fragmentação, do familiar e do estranho, do tranquilizante e do ameaçador. (Roger Silverstone)*

Num primeiro momento, verificou-se de que formas a televisão contribui, particularmente no *telejornalismo*, nos processos de construção das identidades evangélicas, ao analisar o discurso do Jornal Nacional e do Jornal da Record acerca do evangélico<sup>17</sup> brasileiro. Neste segundo momento da pesquisa, faz-se necessário investigar de que maneira esta representação é percebida por dois grupos de evangélicos, em nosso caso, batistas e metodistas, residentes na cidade de Cataguases, MG.

Já é um consenso entre os pesquisadores das mais diversas áreas das Ciências Sociais Aplicadas o reconhecimento da influência (tanto exercida quanto recebida) dos meios de comunicação de massa nos processos de construção identitária de indivíduos e grupos sociais. Dentre eles, a televisão ocupa lugar de destaque, pois ela “contribui diretamente (...) para retratar e modificar as representações do mundo. Todavia, não é fácil determinar em que sentido ela o faz, a menos que se estabeleça unilateralmente o uso que os telespectadores fazem das mensagens recebidas. (...) Não é porque todo mundo vê a mesma coisa que a mesma coisa é vista por todo mundo!” (WOLTON, 1996, p.69).

---

<sup>17</sup> O termo evangélico designa, no Brasil e na América Latina, as igrejas cristãs oriundas, direta ou indiretamente, da Reforma Protestante do séc. XVI, cujo maior expoente é Martinho Lutero. Embora esta seja uma definição conceitual, há divergências acerca dela e diversas compreensões do fenômeno evangélico no Brasil. Sociologicamente, estão compreendidos como protestantes, pentecostais e neopentecostais, a partir de diversas ênfases teológicas e práticas doutrinárias específicas. Como exemplo das discussões acerca da designação e suas implicações identitárias, veja: CUNHA, Magali. **Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico brasileiro**. 2004. 347 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, 2004, p.17-20.

Tem, de igual modo, aumentado o interesse da pesquisa sobre a recepção de notícias. Ao fazer um levantamento acerca deste assunto, Frankenberg, Lozano e Jacks (2009) afirmam que

A recepção de notícias é uma área de crescente interesse, particularmente em uma região na qual a pesquisa sobre jornalismo centrou-se nos conteúdos das notícias ou nos próprios jornalistas. O fato de que 12,5% dos estudos revisados dedicaram sua análise à recepção de noticiário revela a atenção que este gênero vem recebendo por alguns pesquisadores latino-americanos. (FRANKENBERG, LOZANO e JACKS, 2009, p. 173)

A pergunta inicial da pesquisa foi pela possibilidade de os grupos evangélicos estudados estabelecerem ou não referenciais identitários perante estes telejornais, pelo viés da alteridade e da identidade. No caso do Jornal Nacional, da emissora Rede Globo, este não é vinculado institucionalmente a um grupo religioso específico, mas são conhecidas as relações históricas da emissora com o catolicismo conservador (de direita), como vimos nos capítulos anteriores, ao tratar do discurso jornalístico das matérias analisadas. No caso do Jornal da Record, a emissora que o exibe é vinculada à Igreja Universal do Reino de Deus.

De que maneira essas vinculações são percebidas pelo telespectador evangélico<sup>18</sup> ao assistir a esses telejornais? O evangélico batista e o evangélico metodista sentem-se representados no discurso desses telejornais? Há um sentimento de identidade ou de diferenciação por parte desses grupos estudados face ao discurso que aí encontram? Foram estas as principais indagações que orientaram o desenvolvimento da pesquisa de campo.

A utilização da metodologia dos grupos focais objetivou estudar a representação do evangélico no Jornal Nacional e no Jornal da Record e sua percepção por integrantes de dois

---

<sup>18</sup> Obviamente, a pesquisa considera que a identidade evangélica brasileira não é uma, mas muitas. Porém, para efeito de redação da pesquisa, faremos o uso do termo no singular, sem contudo, deixar fora da vista seus aspectos multifacetados.

grupos do Protestantismo Histórico<sup>19</sup>, quais sejam, metodistas e batistas, residentes na cidade de Cataguases.

Este é um importante diferencial, uma vez que a maioria dos estudos contemporâneos sobre mídia e religião contempla preferencialmente os neopentecostais<sup>20</sup>, com foco principal na Igreja Universal do Reino de Deus e similares. Porém, de fato, o protestantismo, o pentecostalismo e o neopentecostalismo são apenas os três segmentos mais facilmente identificados quando se trata a questão em seus aspectos teológicos e sociológicos. Por esta razão, faz-se necessário, antes de analisar particularmente os grupos pesquisados nesta dissertação, apresentar um perfil do evangélico brasileiro, para inserir o leitor neste universo bastante peculiar, por uma série de aspectos.

#### 4.1. OS EVANGÉLICOS NO CENÁRIO BRASILEIRO

De modo geral, os evangélicos compõem um segmento social cuja presença na mídia, em particular, a televisiva, cresce em grandes proporções no Brasil. Em 2006, cerca de 15% da programação na TV aberta no Rio de Janeiro era religiosa. Esse espaço, medido em horas, saltou de 15 horas em 1982 para 160 horas no final de 2006 (FONSECA, 2007, p. 131). Este grupo já tem se consolidado no contexto brasileiro. Isso pode ser percebido em termos

---

<sup>19</sup> Historicamente, o Protestantismo surge no Brasil de duas formas: a imigração e o trabalho missionário de cunho conversionista. O *protestantismo de imigração* forma-se, na primeira metade do século XIX, com a chegada de imigrantes alemães ao Brasil, e a organização da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. As igrejas do *protestantismo de missão* são instituídas no país na segunda metade do século XIX, por missionários norte-americanos, vindos, principalmente do sul dos Estados Unidos, e por europeus. Seu interesse era fazer surgir igrejas compostas por habitantes locais e não apenas por imigrantes. Dentre estas igrejas de missão, estão os batistas e metodistas.

<sup>20</sup> Para melhor compreensão das diferenças entre estas designações, uma série de sugestões de leitura é possível: FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org). **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 67-162; MARIANO, Ricardo. **Neo-pentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999. CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da evangelização do Brasil**: dos jesuítas aos neopentecostais. Ultimato, Viçosa, MG, 2000, 192p.

numéricos, pois, segundo o último censo do IBGE, este grupo já concentra 15% da população.

Em termos econômicos, seu poder de consumo é considerável:

500 milhões de reais é quanto movimentam, por ano, os produtos evangélicos no mercado nacional. 32 milhões de fiéis é o tamanho do rebanho<sup>21</sup> protestante, o equivalente a 18% dos brasileiros. Um milhão de empregos são gerados pelas empresas que vendem produtos destinados a evangélicos e 10 mil novos pontos de pregação são abertos a cada ano em várias regiões do país (Revista Exame, 21/02/2005).

Podemos verificar sua visibilidade social também no aspecto político. Por exemplo, em 2006, eram 62 parlamentares ligados a Igrejas Evangélicas no Brasil, sendo 30 deles arrolados no escândalo dos sanguessugas<sup>22</sup>. E, no aspecto cultural, o gospel emerge, de modo cada vez mais evidente, como uma nova cultura (CUNHA, 2007).

Segundo dados mais recentes do IBGE, os evangélicos no País passaram de 2,6% para 15,4% da população e a proporção de católicos caiu de 95% para 73,62% da população. Em 60 anos, as religiões pentecostais e neopentecostais avançaram, principalmente, no Norte e Centro-Oeste do País. No Norte, o percentual de evangélicos passou de 1,1% para 19,8% e no Centro-Oeste, de 1,5% para 18,9% dos habitantes. Os dados apontam que as maiores concentrações de evangélicos estão no extremo norte do País, mais especificamente no Amazonas (19,2%), Roraima (23,6%), Acre (20,4%) e Rondônia (27,7%). No Rio de Janeiro (21,1%), Espírito Santo (27,5%) e Goiás (20,8%) as proporções também foram expressivas (**Tabela 1**).

---

<sup>21</sup> A palavra 'rebanho' é muitas vezes utilizada no meio evangélico para designar os membros de uma comunidade local ou denominação. Sua origem está no fato de os autores bíblicos se referirem aos adeptos, tanto do Judaísmo quanto do Cristianismo, como 'ovelhas'. Embora o uso secular possa valer-se da ironia quanto ao termo, ele é genuinamente aceito dentro dos segmentos cristãos e, inclusive, aparece em falas católicas, por exemplo: [http://www.vatican.va/phome\\_po.htm](http://www.vatican.va/phome_po.htm).

<sup>22</sup> O Escândalo dos Sanguessugas, também conhecido como máfia das ambulâncias, em 2006, deveu-se à descoberta de uma quadrilha que desviava dinheiro para a compra de ambulâncias. Entre seus principais envolvidos estavam os ex-deputados Ronivon Santiago e Carlos Rodrigues. Uma análise sobre o escândalo e suas implicações para a bancada evangélica pode ser encontrada em: MARIANO, Ricardo, HOFF, Marcio e DANTAS, Toty Ipiranga de Souza. Evangélicos sanguessugas, presidenciais e candidatos gaúchos: a disputa pelo voto dos grupos religiosos. In: **Debates do NER**. Porto Alegre: UFRGS. Ano 7, n. 10, jul/dez 2010, p.65-78. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/viewFile/2777/1392>>, acesso em 30 jul. 2010.

**Tabela 2: Distribuição percentual da população residente, por religião – Brasil – 1991/2000<sup>23</sup>**

Religiões	1991 (%)	2000 (%)
Católica apostólica romana	83,0	73,6
Evangélicas	9,0	15,4
Espíritas	1,1	1,3
Umbanda e Candomblé	0,4	0,3
Outras religiosidades	1,4	1,8
Sem religião	4,7	7,4

Tanto no catolicismo quanto nas igrejas evangélicas – sejam elas históricas (são aquelas de imigração ou de missão), pentecostais ou neopentecostais –, o maior contingente de seguidores encontra-se na faixa etária dos 30 aos 39 anos de idade. A seguir, o grupo dos que têm 40 a 49 anos é o mais numericamente representativo.

Segundo o IBGE, do total de evangélicos, 17,1 milhões estão vinculados a igrejas pentecostais, das quais as duas maiores são a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil. A seguir, vem a Universal do Reino de Deus (neopentecostal) e a Igreja do Evangelho Quadrangular (pentecostal). A Igreja Adventista possui 1,2 milhão de membros no país, sendo distinta das demais. Das igrejas evangélicas de missão, a Batista é a maior, com 3,16 milhões de fiéis. A Luterana tem 1,06 milhão. Presbiterianos são 981 mil no Brasil, e metodistas, 341 mil. Em todas elas, há mais mulheres do que homens.

#### 4.1.1. O protestantismo histórico: algumas informações<sup>24</sup>

Não é o objetivo deste trabalho aprofundar o estudo acerca do Protestantismo no Brasil, em termos históricos. Contudo, ao discorrer sobre as relações identitárias destes

<sup>23</sup> Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991/2000.

<sup>24</sup> Para conhecer mais sobre as origens dos batistas e metodistas no Brasil: CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil**: até o ano de 1906. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937. HAHN, Carl Joseph. **História do Culto Protestante no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1989; KENNEDY, James L., **Cinquenta anos de metodismo no Brasil**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1928; MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984; REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1993; RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e cultura brasileira**: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981; ROCHA, Isnard. **Histórias da história do metodismo no Brasil**: em comemoração ao primeiro centenário de implantação definitiva do metodismo no Brasil (1867-1967). São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1967.

grupos em relação aos telejornais em análise, faz-se mister conhecer alguns pontos relevantes de sua inserção no Brasil, de seus postulados fundantes e suas acepções doutrinárias distintivas frente a outros grupos evangélicos mais presentes na mídia e cujos caracteres identitários, de algum modo, são de conhecimento mais amplo, ainda que seja na base do senso comum.

O Protestantismo histórico surge no Brasil, como dissemos no início deste capítulo, como decorrência da imigração e também da atividade missionária. O protestantismo de imigração surge na primeira metade do século XIX, com a chegada de alemães ao Brasil, em especial à Região Sul, onde fundam, em 1824, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. As igrejas do protestantismo de missão são instituídas no país na segunda metade do século XIX, por missionários norte-americanos, vindos principalmente do sul dos Estados Unidos, e por europeus. Em 1855, o escocês Robert Reid Kelley funda, no Rio de Janeiro, a Igreja Congregacional do Brasil. Os protestantes tradicionais estão concentrados, em sua maioria, no sul do país. Seus integrantes têm, em média, renda e grau de escolaridade maiores que os dos pentecostais, segundo pesquisa do IBGE (1991-2000).

O metodismo tem origem na Inglaterra, com o pastor anglicano John Wesley, que, com um grupo de amigos começou a reunir-se para estudos bíblicos e outras leituras, em Oxford, e também para a prática da oração, visitas aos encarcerados e outras atividades. O metodismo, em suas origens, caracterizou-se como um movimento de renovação dentro da Igreja Anglicana e não tinha, a princípio, intenções separativas. Contudo, uma forte oposição de líderes insatisfeitos terminou por forçar a separação que aconteceu primeiro com a organização da Igreja Metodista nos Estados Unidos (então colônia inglesa), quando da emancipação política daquele país. John Wesley e seus companheiros preocupavam-se bastante com a educação, tendo fundado diversas escolas para proporcionar ensino às crianças cujos pais trabalhavam nas fábricas, durante o período da Revolução Industrial Inglesa.

Também organizaram os metodistas em grupos pequenos, chamados sociedades, com alta exigência moral e social de comportamento, reunindo-se em horários alternativos às programações oficiais da Igreja Anglicana, das quais os metodistas eram instados por Wesley a participar. O movimento avançou rapidamente para a Irlanda, Escócia e outros países europeus. Nos Estados Unidos, também com grande crescimento, o Metodismo avançou, juntamente com o desenvolvimento das fronteiras do País, sob a forma de acampamentos religiosos e com o uso de pregadores itinerantes que, à semelhança dos pioneiros ingleses, andavam a cavalo em circuitos de cidades e igrejas, bem como fundando novos pontos de pregação. Para se ter uma ideia, em 1771, a Igreja possuía 316 membros naquele país. Este número saltou para 163.038 em 1809. Atualmente, no mundo, há cerca de 26 milhões de metodistas, sendo que nos Estados Unidos, a Igreja Metodista Unida congrega entre sete e nove milhões de fiéis, dentre as distintas informações estatísticas disponíveis ao tempo desta pesquisa.

Um dos diferenciais do movimento foi o uso de pregadores leigos (pessoas não formadas em teologia), inclusive mulheres. Outra marca distintiva foi a importância dos hinos no processo catequético. Charles Wesley, irmão de John, compôs mais de seis mil hinos para sustentar a doutrina pregada por meio de sermões e inculcar a mensagem na vida e na prática dos seguidores do movimento.

No Brasil, o movimento metodista veio de uma vertente favorável à escravidão negra, sendo este um dos países do mundo que toleraram até mais tarde esta prática, muito embora o próprio John Wesley lutasse contra ela, na origem do movimento inglês, incentivando o parlamentar William Wilberforce a atuar nesta direção.

Os metodistas são o primeiro grupo de protestantes a chegar ao Brasil, no Rio de Janeiro, em 1835, com intenções missionárias, ou seja, com o objetivo de gerar igrejas compostas por brasileiros. Devido à guerra civil nos Estados Unidos, o envio de recursos para sustento missionário e ampliação da missão é extinguido e, por isso, a missão fracassa neste primeiro momento. É retomada por Junnius Newman, em 1867, no oeste do estado de São Paulo. A primeira igreja metodista brasileira é fundada em 1876, por John James Ramson, no Rio de Janeiro.

Como surgiram diversas rupturas no movimento metodista no Brasil, não se consegue identificar claramente as distinções nos dados levantados pelo IBGE, sendo o mais provável que todos os identificados como metodistas, independentemente da linha doutrinária, sejam aí arrolados pelo censo. Entre os ramos da Igreja Metodista, o maior e o mais antigo é a Igreja Metodista do Brasil, atualmente registrada como Associação da Igreja Metodista, que, segundo suas estatísticas internas, soma aproximadamente 179 mil membros<sup>25</sup>. Destaca-se também a Igreja Metodista Livre (introduzida com a imigração japonesa) e a Igreja Metodista Wesleyana (de influência pentecostal), estabelecida no Brasil em 1967. Nesta pesquisa, portanto, a Igreja Metodista em análise é esta cuja razão social é Associação da Igreja Metodista, também conhecida como Igreja Metodista do Brasil, embora a designação “do Brasil” tenha sido retirada há vários anos do nome da instituição.

O primeiro salão de culto foi uma pequena casa, de sapé e de chão batido. Inicialmente, Newman trabalhava com os colonos norte-americanos e pregava em inglês. Ele demorou a organizar uma paróquia (termo então utilizado) por pregar para protestantes de diversas origens, sem a preocupação de uma organização mais institucional. Contudo, com o tempo, as igrejas foram se organizando de acordo com sua origem.

---

<sup>25</sup> Veja a informação completa em: <http://www.metodista.org.br/conteudo.xhtml?c=2797>.

Em cartas, o pregador metodista insistia com a Junta de Missões da Igreja Metodista Episcopal do Sul, a fim de que enviasse outro obreiro. Em 1876, a Junta, motivada pelas cartas de Newman publicadas em jornais nos Estados Unidos, enviou J. J. Ranson. Este dedicou-se ao aprendizado do português para falar aos brasileiros, importou máquinas de tipografia dos Estados Unidos e publicou as primeiras revistas de estudos bíblicos e o primeiro jornal protestante ainda em circulação no País: o Expositor Cristão, inicialmente chamado “O Methodista Catholico”. A Igreja Metodista caracteriza-se como episcopal (é dirigida pastoral e doutrinariamente pelos bispos) e conciliar (suas decisões administrativas são tomadas em concílios locais, distritais, regionais e nacionais).

Concentrando igrejas no sudeste, o movimento aos poucos expandiu-se e hoje está organizado em sete regiões eclesiais (supervisionadas pelo Colégio Episcopal, eleito em concílios gerais), com presença em todas as capitais do País. A Igreja Metodista no Brasil tem se destacado pelo seu trabalho educativo. A primeira de suas escolas foi fundada em 1881 em Piracicaba por Miss Martha Hit Watts, gerando, com o seu crescimento, a atual Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba). Outra universidade importante é a Umesp (Universidade Metodista de São Paulo). Atualmente, todas as escolas metodistas encontram-se conectadas na Rede Metodista de Ensino.

Os batistas caracterizam-se por sua forma de batismo, por imersão (quando o corpo é afundado na água) e na idade adulta. Não praticam o batismo infantil, cuja prática é sustentada na Igreja Metodista, dentre outras. Há diversas teorias acerca da origem dos batistas, mas, entre os historiadores da denominação<sup>26</sup>, o consenso maior é a percepção dos batistas como um grupo de dissidentes ingleses no século XVIII. Segundo tais relatos, a primeira igreja batista surgiu de um grupo de refugiados ingleses na Holanda, em 1608. Seus líderes eram John Smyth, um clérigo, e Thomas Helwys, um advogado. No ano de 1609, eles

---

<sup>26</sup> Mais informações disponíveis em: <http://www.batistas.com>.

inauguraram uma igreja em Amsterdã. Até então, Smyth era um pastor da Igreja Anglicana (a Igreja da Inglaterra, da qual João Wesley, fundador do metodismo, também era pastor).

John Smyth tinha discordâncias da política e de pontos da doutrina da Igreja Anglicana. Ele aproximou-se dos menonitas e, examinando a Bíblia, creu na necessidade de batizar-se com consciência. Ao fazer o mesmo com os demais fundadores da Igreja, surge, oficialmente, a nova denominação. A primeira confissão dos particulares, a Confissão de Londres de 1644, foi pioneira na defesa do imersionismo no batismo, o que passou a ser prática e marca distintiva dos batistas em todo o mundo.

Os batistas chegaram ao Brasil após a Guerra Civil Americana, no mesmo período em que os metodistas também se estabelecem no país. Os primeiros missionários desembarcaram no Brasil em 1881 e criaram no ano seguinte, em Salvador, a primeira Igreja Batista brasileira. Um dos grupos instalou-se em Santa Bárbara d'Oeste, fundando, em 1871, uma igreja da denominação, com cultos em língua inglesa e daí expandindo-se para o interior de São Paulo. Em 1907, lançam a Convenção Batista Brasileira. Em meados do século, surgem os batistas nacionais, os batistas bíblicos e os batistas regulares, que somam 233 mil membros. Em 1991, o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE registrou 1,5 milhão de batistas em todo o país.

#### **4.1.2. A cidade de Cataguases no contexto da pesquisa**

Esta cidade é significativa no contexto mineiro, por constituir-se como um importante polo regional na Zona da Mata e ser uma referência do Modernismo no Brasil, tendo sido reduto de artistas e espaço criativo para obras arquitetônicas de Oscar Niemeyer em seu início de carreira. Do ponto de vista das denominações que são objeto da análise desta dissertação, também caracteriza-se pela longa presença dos protestantes, notadamente os metodistas (há

117 anos ali enraizados) e os batistas (há 62 anos). A presença metodista e batista é forte na cidade, também numericamente falando.

Segundo o censo do IBGE (2000), a população cataguasense está em torno de 70.507 habitantes, o que faz do município o 49º colocado no ranking populacional do Estado. Sua



**Figura 1:** Mapa da cidade de Cataguases no contexto da Zona da Mata Mineira e do Estado de Minas Gerais.

economia baseia-se na indústria e no setor de serviços e integra a microrregião que leva o seu nome. A Zona da Mata Mineira reúne 142 municípios e 2.126.597 habitantes, totalizando 13% da população mineira (as outras microrregiões são Manhuaçu, Ponte Nova, Muriaé, Viçosa, Ubá e Juiz de Fora, cf. **figura 1**). O município de Cataguases

é o segundo núcleo polarizador da Zona da Mata, em importância econômica, agregando consigo 13 municípios e ficando atrás apenas de Juiz de Fora. No ponto de vista populacional, é o quinto município da Zona da Mata.

Quanto aos aspectos históricos, a cidade de Cataguases originou-se da primitiva povoação de Meia Pataca e foi fundada pelo francês Guido Tomaz Marlière, Coronel-comandante das Divisões Militares do Rio Doce, Diretor-Geral dos Índios e Inspetor da Estrada de Minas aos Campos e Goitacazes. A cidade surgiu num terreno doado pelo Sargento das ordenanças, Henrique José de Azevedo e por outros moradores do sítio chamado “Porto dos Diamantes”. Isso aconteceu em 26 de maio de 1826. A denominação “Porto dos Diamantes” deve-se, provavelmente, ao fato de que, em 1809 ou 1810, ali terem aportado muitas dignidades eclesiásticas, atraídas por boatos da existência de diamantes no local.

Por volta de 1800, vários aventureiros estariam explorando a região sudeste de Minas. Ali, acharam um “rio” do qual extraíram meia pataca de ouro. Os fatos confirmaram a existência de ouro num afluente desse ribeirão, denominado córrego das Lavras. Foi assim que surgiu também o topônimo Meia Pataca.

Já o vocábulo “Cataguases” é de origem indígena. Diogo de Vasconcelos e Napoleão Reys o traduzem por “Gente Boa”, sendo sua forma original “catu-auá”. João Mendes traduz a palavra por “terra das lagoas tortas” e Nogueira Itagiba afirma que a tradução correta seria “povo que mora no país das matas”. O que é certo, no entanto, é que o vocábulo servia, originalmente, para denominar uma tribo indígena que vivia na região no final do século XVII e impunha terror ao branco invasor. A escolha do nome Cataguases para a antiga povoação do Meia Pataca deveu-se exclusivamente aos esforços de José Vieira, filho do Major Joaquim da Silva Pinto, que tinha ligações sentimentais com o local, para o qual trabalhou proporcionando os maiores progressos.

No aspecto religioso, existem em Cataguases diversas igrejas evangélicas. Há um escritório do IBGE na cidade que, via telefone, informou não existirem dados mais detalhados acerca da pertença religiosa dos habitantes, levantados no Censo de 2000, que são os mais recentes em mãos dos recenseadores ao tempo desta pesquisa. Isso se deve ao fato de que o detalhamento só ocorre em cidades com populações mais numerosas e nos centros urbanos maiores.

Contudo, uma breve abordagem permitiu identificar a Igreja Metodista (com seis capelas na cidade, todas vinculadas à Associação da Igreja Metodista), a Igreja Batista (1ª Batista, 2ª Batista e Batista Memorial, além de outras menores, ligadas a outros movimentos evangélicos), Maranata, Presbiteriana, Assembleia de Deus, Igreja em Cataguases (ligada ao movimento Árvore da Vida), Igreja Metodista Wesleyana (com dois templos na cidade), Congregação Cristã do Brasil, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da

Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Congregacional, Tabernáculo Evangélico de Jesus, entre outras.

Também existem outras expressões religiosas na cidade. Além do catolicismo, com antiga tradição e diversos patrimônios históricos, podem-se encontrar adeptos de religiões afrobrasileiras e espíritas, com expressiva presença social e histórica na cidade. Para se ter um exemplo, em 1995, ano em que os metodistas celebraram 100 anos de presença na cidade, o Centro Espírita Luz e Amor também completou seu centenário.

#### 4.2. PESQUISA QUALITATIVA: OS GRUPOS FOCAIS

Dentre as possibilidades de análise, esta pesquisa estuda batistas e metodistas, residentes em Cataguases, interior de Minas Gerais, verificando como se dá a autopercepção destes grupos evangélicos frente à representação ou representações por eles detectadas nos telejornais analisados. Tal verificação se dá por meio de uma abordagem qualitativa, tendo como método os grupos focais.

##### A pesquisa qualitativa

caracteriza-se, principalmente, pela ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, examinando aspectos mais profundos e subjetivos do tema em estudo. Segundo Liebscher (1998), para aprender métodos qualitativos é preciso aprender a observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas, e entre pessoas e sistemas. (DIAS, 2000, p. 1)

As pesquisas qualitativas podem ser divididas em três grandes categorias ou abordagens: exploratória, fenomenológica e clínica (DIAS, 2000, p. 1-2).

Em pesquisas exploratórias, seu propósito é gerar novas ideias ou hipóteses e estimular o pensamento do pesquisador, enquanto que, em pesquisas fenomenológicas ou de orientação, é *aprender como os participantes interpretam a realidade, seus conhecimentos e experiências*. No caso de pesquisas clínicas, há uma modalidade de grupo focal, conhecida como entrevista de grupo focal em profundidade (in-depth focus group interview), cujo objetivo é identificar

informações mais profundas do que as que se encontram acessíveis nos relacionamentos interpessoais. (DIAS, 2000, p. 3, grifo nosso)

Esta pesquisa, conforme a acepção de Cláudia Dias, possui uma perspectiva fenomenológica, isto é, significa aprender como batistas e metodistas da cidade de Cataguases interpretam sua realidade em interação com os discursos jornalísticos sobre os evangélicos brasileiros. O grupo focal, como metodologia, possibilita aprender a interpretação da realidade, os conhecimentos e as experiências dos participantes. Segundo Maria Eugênia Costa,

como ferramenta de pesquisa qualitativa, o grupo focal ajuda a identificar tendências, o foco, desvenda problemas, busca a agenda oculta do problema. (...) Também permite-nos aprofundar a nossa reflexão em busca do que é essencial (...), o sentido dos valores, dos princípios e motivações que regem os julgamentos e percepções das pessoas. (...) (COSTA, 2009, p.180-181)

Por esta razão, o grupo focal foi a opção metodológica para conduzir este trabalho de pesquisa, com vistas, ainda, a perceber a satisfação e a percepção que os telejornais provocam no receptor dos conteúdos telejornalísticos (cf. COSTA, 2009, p.182). Também é uma forma de abordagem que possibilita, em seu desenvolvimento, um interessante levantamento de ideias, pois,

em sua essência esta técnica visa à interação entre os participantes e o pesquisador, a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos. Tem caráter interpretativo em vez de descritivo. Proporciona respostas consistentes, uma vez que estas são elaboradas por muitas pessoas; permitindo que surjam novas ideias ou mesmo ideias originais. (MEIER, 2003, p. 294)

Considerando que um dos objetivos de nossa pesquisa consiste em perceber a representação social que o evangélico protestante de linha histórica constrói de si mesmo a partir de sua autopercepção e autorreferenciação, a metodologia mostrou-se adequada, uma vez que

o trabalho com GF permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, entender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes. Constitui-se em importante técnica para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por

peças que partilham traços comuns e relevantes para o estudo do problema em foco. (GOMES, TELLES e ROBALO, 2009, p. 857)

Como método de pesquisa, o Grupo Focal tem suas origens atribuídas às ciências sociais, por meio de Paul Lazarsfeld e Robert Merton (este é considerado o pai do Grupo Focal, cf. COSTA, 2009, p. 181). O grupo focal tem sido muito usado na área de marketing. Durante o levantamento bibliográfico para a realização desta pesquisa, foi detectado seu amplo uso na área de saúde, especialmente nas revistas de enfermagem, para detectar hábitos e tendências de grupos de pacientes sobre mais diversos tópicos.

Enfim, deve ser ressaltado que a opção levou em conta as desvantagens do grupo focal, tais como “o controle reduzido que o moderador tem sobre os dados gerados; o fato de que não é um ambiente natural e pode refletir ou não o comportamento individual, a possibilidade de circunstancialmente as opiniões serem influenciadas pelo comportamento de um integrante mais exuberante do grupo” (COSTA, 2009, p.183).

#### **4.2.1. Procedimentos e critérios da pesquisa**

De acordo com as bibliografias que abordam a metodologia adotada nesta pesquisa, os grupos deveriam compreender entre 06 e 12 pessoas de cada igreja. Procurou-se estabelecer a heterogeneidade, pois

Trata-se de um grupo de pessoas com características semelhantes no que tange “serem membros da mesma instituição religiosa”, todavia, a heterogeneidade pautará a formação do grupo focal por meio dos fatores: ocupação profissional e gênero, isto é, tentando equilibrar a participação de homens e mulheres. (...) A diversidade de perfis enriquece o grupo focal, tende a obter concepções de mundo distintas, enriquecendo as trocas quanto aos motivos da pertença religiosa e mesmo aos hábitos de consumo televisivo. (PIGNATARI, 2009, p. 213)

Quanto aos critérios para compor cada grupo, foram estabelecidos os seguintes parâmetros:

a) *Pessoas acima de 25 anos de idade.* Isso se deve ao fato de que as pesquisas de filiação religiosa demonstram que, nesta idade, são feitas as opções mais definitivas quanto à sua fé, tendo em vista que as pessoas estão constituindo famílias e se preocupam em dar condições morais e religiosas aos filhos.

b) *Pessoas que possuíssem mais de cinco anos de filiação (membresia) à denominação<sup>27</sup> em análise.* Com o atual trânsito religioso, este tempo é relativamente suficiente para que as particularidades do grupo se fundamentem de modo mais palpável na experiência religiosa dos indivíduos e transpareçam em seus enunciados. O processo de identificação dos indivíduos para com a denominação da qual são membros, num lapso de tempo como este, já ocorreu de modo mais aprofundado, permitindo perceber as questões levantadas por Hall ao discutir as identidades: “quem nós podemos nos tornar”, “como temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós mesmos” (HALL, 2000, p.109).

c) *Dentre os critérios acima, os membros indicados pelo pastor por sua presença efetiva na comunidade.* O primeiro contato foi feito com o pastor de cada igreja, solicitando, considerados os critérios acima, que fossem levantados pelo menos quinze nomes que fossem, conforme a liderança pastoral, adequados para corresponder à entrevista.

As reuniões aconteceram nas dependências das próprias comunidades, ou seja, o templo metodista, localizado no centro de Cataguases, e o templo batista, localizado no bairro Paraíso. Os encontros aconteceram, com o grupo metodista (composto por oito pessoas), no dia 16 de abril de 2010, das 19:30 às 21:30h, e com o grupo batista (composto por 12 pessoas) no dia 18 de abril de 2010, das 9:30 às 11:30h. Os primeiros contatos foram estabelecidos com os pastores das respectivas igrejas, apresentando-lhes cópias da

---

<sup>27</sup> *Denominação* é o nome que se dá, no contexto das igrejas, aos agrupamentos religiosos diversos que, no aspecto geral, são identificados como evangélicos. Assim, todos são evangélicos, mas da denominação batista, da denominação metodista, assembleiana, etc. Dentre as igrejas históricas, a questão da identidade é bastante relevante e pauta de muitas discussões.

qualificação aprovada na UFJF, bem como dos questionários, e expondo oralmente os propósitos e hipóteses da pesquisa.

A seguir, estes forneceram uma listagem prévia de seus membros que atendiam aos critérios da pesquisa, os quais foram contatados, verificando-se a disponibilidade de datas e horários para a realização do encontro. Seguindo as orientações dos autores e autoras que tratam da pesquisa com grupos focais, foi enviada a cada pessoa uma carta-convite, que se encontra anexada a esta dissertação (Anexo 1). Com os dados informados pelos pastores, procedeu-se a contatos telefônicos para reforçar o convite e o interesse dos participantes pela pesquisa. Todo esse trabalho prévio teve como objetivo mobilizar e despertar o sentimento de valorização, pois “os recursos de convocação são relevantes para garantir uma melhor participação” (MAZZA; MELO e CHIESA, 2009, p.184).

Nos dias agendados para os encontros, houve uma apresentação inicial da pesquisadora e das pessoas que a auxiliaram, realizando a filmagem em vídeo. Foi feita uma abordagem geral sobre a pesquisa e o papel e participação das pessoas convidadas, nos seguintes termos: “Vocês estão aqui para me ajudar a compreender alguns pontos da dissertação/pesquisa na qual estou trabalhando...” Esta abordagem procurou reforçar que não haveria, nas respostas das pessoas, nenhuma preocupação em averiguar “certos” e “errados”, pois há formas particulares de cada pessoa expressar-se como indivíduo e como grupo social. Por isso, foi reforçada a importância da participação de todos de forma espontânea, respeitando o modo de pensar de cada um. Foi reforçado e esclarecido que se tratava de uma espécie de entrevista coletiva, na qual a voz de todos deveria ser ouvida e poderiam expressar-se, apenas levantando a mão a qualquer tempo, com o único fim de ordenar as falas e poder guardá-las todas.

Os encontros foram gravados em vídeo digital para posterior transcrição, sendo dada a informação aos participantes de que nenhum dado, como seus nomes ou identificação,

apareceria no resultado final, servindo apenas para controle interno, assegurando-se, assim, sua privacidade. Pelo menos nos minutos iniciais, ficou mais evidente a preocupação maior dos participantes em dar a resposta “adequada” à expectativa da pesquisadora, embora tenha sido dito que não havia respostas certas ou erradas. Com o desenvolvimento da discussão, as respostas foram ganhando amplitude e riqueza, com maior entrosamento entre os participantes e diminuição da inibição inicial. Ainda assim, vale a ressalva de Silva, de que “... a simples presença do pesquisador já altera o comportamento que se vai estudar” (SILVA, 1985, p. 70).

Para fins de registro e manutenção do anonimato e privacidade dos participantes, as pessoas serão identificadas pela letra M e os números de 1 a 8, quando se tratarem do grupo focal da Igreja Metodista; e pela letra B, seguida dos números 1 a 12, quando se tratarem de batistas. Desta forma, assegura-se também a peculiaridade de cada grupo em particular, com suas formulações identitárias próprias.

#### **4.2.2. Instrumentos**

O instrumento utilizado para a coleta de dados primários foi a entrevista com os grupos pesquisados, em duas sessões (uma na Igreja Batista e outra na Igreja Metodista), que foram divididas em três blocos de perguntas. No primeiro, foi entregue um questionário impresso, para ser respondido por escrito. O objetivo deste questionário foi propiciar a identificação dos integrantes do grupo, com dados como nome, idade, sexo, estado civil, ocupação profissional, bairro onde reside, escolaridade, renda familiar e tempo de filiação àquela igreja evangélica.

Esses dados permitem traçar um perfil do grupo e situá-lo no contexto da cidade de Cataguases, bem como compará-lo às *audiências presumidas* dos dois telejornais (cf. Capítulo Um).

Para perceber o que os participantes procuram na televisão, foi feita uma primeira rodada de perguntas, nas quais eles responderam às questões propostas sobre seus hábitos televisivos. Cabe ressaltar que as perguntas adotadas na aplicação dos grupos focais são de dois tipos: desestruturado e estruturado. As do tipo desestruturado “permitem aos entrevistados se referir a qualquer aspecto dos estímulos apresentados e (...) observar a congruência e consistência das respostas” (COSTA, 2009, p. 184-185). Por exemplo: *Você acha que sua opção religiosa interfere em sua forma de assistir à televisão?* As do tipo estruturado preveem informação sobre aspectos ou dimensões do objeto de estímulo, no qual quem responde deve estar focado, por exemplo: *Para que você assiste televisão (mais por entretenimento, mais por informação)?* A questão estruturada pode ainda chamar a atenção para um tipo particular de resposta, como, por exemplo: *Sua igreja possui alguma restrição ou orientação quanto ao consumo televisivo?*

Procurou-se, com isso, mapear a forma como a televisão está inserida no cotidiano desses evangélicos protestantes numa cidade mineira interiorana. Além do tempo médio diário, indagou-se também pela disposição da televisão no cenário da casa, pelo uso ou não de canais por assinatura, se a família assiste junta aos programas, quais os canais e programas mais assistidos; se a opção religiosa interfere na forma como os programas televisivos são escolhidos em sua casa (a partir do telespectador, em si mesmo), se a igreja possui alguma restrição quanto ao consumo televisivo de seus membros (alguma proibição ou restrição institucional, oficial); qual a principal forma de obter informações sobre os acontecimentos; quais os telejornais mais assistidos em sua casa e as razões da preferência por este ou aquele telejornal. A maioria dos integrantes dos grupos focais não possui televisão por assinatura, portanto, assistem, na maior parte do tempo, a programas produzidos ou veiculados pelas emissoras brasileiras.

As informações levantadas nas respostas possibilitaram, no desdobramento da análise, estabelecer as preferências e o perfil de cada grupo focal em relação às pesquisas de audiência e recepção no Brasil. Na análise, é possível também perceber certos movimentos de “conformidade dentro do grupo, em que o participante procura dar a resposta socialmente aceitável ou aquela que pensa que é correta, como se houvesse uma avaliação envolvida” (COSTA, 2009, P. 186). Ao mesmo tempo, pode-se verificar tanto as formas pelas quais este telespectador evangélico insere-se na generalidade dos telespectadores brasileiros, em termos de perfis, quanto as particularidades pelas quais “os adeptos interpretam a realidade dentro da perspectiva da pertença religiosa em suas vidas, os conhecimentos e vivências regidos por essa pertença em seu cotidiano” (PIGNATARI, 2009, p. 212).

Neste caso, como a televisão já foi, no passado, objeto de grande rejeição no segmento religioso evangélico, admitir que assiste muito a ela pode gerar na pessoa que responde a pergunta a sensação de que não está fazendo algo aceito pelo grupo. Por exemplo: segundo a Folha Online, de 31/03/2010, o Ministério de Saúde brasileiro informou que o brasileiro passa, em média, três horas por dia diante da televisão, sendo um percentual de 44,8% das mulheres e 40,9% dos homens. Mas, na pergunta acerca de quanto tempo de tevê assiste por dia, a participante B1, de 29 anos, respondeu: “Estou bem na fita, apenas 30 ou 40 minutos por dia”. Já M1, de 38 anos, declarou: “Em média, 20 a 30 minutos por dia”, embora, no desenrolar da sessão, tenha alterado sua resposta acerca deste tempo.

Por fim, na última etapa das perguntas, procurou-se indagar, especificamente no Jornal Nacional e no Jornal da Record, pela representação do evangélico no olhar do grupo focal sobre duas matérias, uma de cada telejornal, exibidas em sequência. Isto porque, segundo Costa, “é necessário expor os participantes à peça de comunicação alvo da análise para assegurar homogeneidade de impacto” (COSTA, 2009, p. 182). No grupo metodista, foram exibidas as matérias que foram ao ar cobrindo a Páscoa de 2009 e, no grupo batista, as

matérias que cobriram a Marcha para Jesus de 2009. Esta foi a parte mais envolvente para ambos os grupos. As participações foram mais intensas, tanto na forma como expuseram as respostas como também nos aspectos de gestos, expressões faciais e impostação de voz.

A opção em exibir matérias diferentes para os dois grupos objetivou proporcionar uma análise entre matérias cujo foco tivesse sido um evento marcante para o grupo específico (A Marcha para Jesus, um evento próprio) e uma data comemorativa geral dos cristãos (no caso, a Páscoa). Não era interesse comparar impactos entre os grupos, percebendo distinções, particularidades ou aproximações entre batistas e metodistas, por exemplo, mas a percepção geral dos grupos sobre sua representação nos telejornais estudados.

Ao fazer isso, não se trata apenas de exibir um trecho de um telejornal ou outro e ouvir os participantes quanto ao que acabaram de ver. Para além disso, interessa a percepção de como os participantes, sendo integrantes de grupos sociais específicos, vivenciam aquelas representações no seu cotidiano e delas fazem uso no seu fazer e agir. Isto é, entender seu modo de assistir televisão, no contexto mais amplo de suas relações e vivências, como atividade cotidiana de construção coletiva dos significados e sentidos sociais que regem as relações entre sujeitos.

As perguntas desta etapa da pesquisa se concentraram nas percepções dos grupos acerca das falas, abordagens das emissoras e as impressões que os grupos têm acerca delas, no sentido das opções religiosas a que parecem estar vinculadas e se a forma como apresentam os evangélicos se identifica ou não com o jeito particular da denominação evangélica a que eles pertencem (metodistas e batistas).

Foi interessante observar, no primeiro momento, que a exibição lado a lado das matérias instigou o espírito crítico dos participantes. Eles detectaram distinções discursivas importantes nos dois telejornais, que os fizeram tomar partido, naquele momento, em favor ou contra esta ou aquela emissora, de modo muito peculiar. Também alteraram suas próprias

falas de momentos anteriores, especialmente acerca do conceito de “verdade” da notícia. Essas observações preliminares aparecem de modo aprofundado na análise dos discursos, tanto dos grupos focais quanto das matérias, mas foi altamente estimulante percebê-las durante a realização dos grupos focais.

Alguns integrantes ressaltaram que a experiência os ajudou a perceber a necessidade de comparar os conteúdos recebidos, assistindo a mais telejornais do que apenas os seus preferidos. Também afirmaram que é preciso um melhor posicionamento do próprio evangélico, de como ele gostaria de ver-se representado, especialmente os evangélicos considerados históricos (metodistas, batistas, presbiterianos, luteranos, anglicanos, etc.). Segundo alguns participantes de ambos os grupos, essas denominações precisam “aparecer mais” para serem vistas nos meios de comunicação. De modo geral, os participantes se sentiram extremamente valorizados e interessados em saber dos resultados quando ao final da pesquisa.

#### **4.2.3. Transcrição e análise das entrevistas**

Segundo Costa (2008, p. 190), pode-se analisar o material por meio de uma transcrição literal de tudo o que foi dito no grupo focal (verbal e não verbal, e eventuais erros gramaticais) e, a seguir, agrupar os depoimentos em categorias referenciadas pela hipótese da pesquisa. Costa cita, ainda, outra forma de categorizar o material: 1) respostas espontâneas (refletem de forma mais fiel a percepção do participante); 2) respostas socialmente aceitas (refletem a pressão do grupo, a conformidade); 3) respostas pistas (ensejam continuidade de investigação, com a realização de mais grupos focais, capaz de levar a um tipo de análise mais ligada a manifestações do inconsciente, do simbólico do grupo (COSTA, 2008).

Após a realização dos encontros, portanto, procedemos à transcrição das entrevistas. Este processo deu-se assistindo aos vídeos por diversas vezes, em uma transcrição por etapas. Primeiro, procurando copiar fielmente os enunciados, inclusive erros gramaticais e silêncios. A seguir, ao assistir pela segunda vez, pontuando as reações mais intensas dos participantes: gestos e alterações na modulação da voz que indicam fatores não-verbais de relevância a serem analisados. A análise se deu a partir dos blocos que estruturaram a pesquisa, com base nas hipóteses de trabalho.

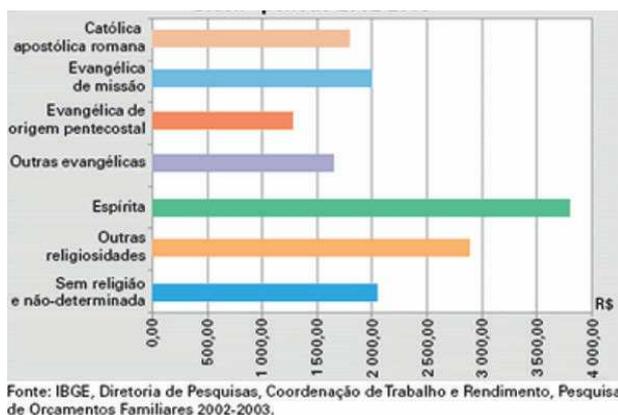
### 4.3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

#### 4.3.1. Primeiro bloco de perguntas: o perfil dos sujeitos participantes

A Igreja Metodista localiza-se na avenida central da cidade, chamada Astolfo Dutra. A maioria dos membros entrevistados reside em bairros próximos, como Granjaria e Colinas. Apenas duas entrevistadas afirmaram residir no centro e uma reside no bairro Taquara Preta. Este bairro é mais distante do centro, exigindo cerca de meia hora de ônibus para se chegar ao templo. Dos entrevistados, quatro são casados, uma é divorciada, três são solteiras.

A Igreja Batista localiza-se num bairro chamado Paraíso. Dez entrevistados residem em bairros próximos à Igreja, um no centro e um no bairro Taquara Preta. É mais rápido chegar deste bairro ao templo batista que ao metodista, mas, ainda assim, pode-se dizer que é um bairro relativamente distante. Nove dos entrevistados na Igreja Batista são casados, um solteiro e dois divorciados.

Nos grupos focais realizados, a idade dos participantes ficou entre 38 e 73



**Gráfico 1 - Rendimento médio familiar mensal, segundo a religião da pessoa de referência da família Brasil, período 2002-2003**

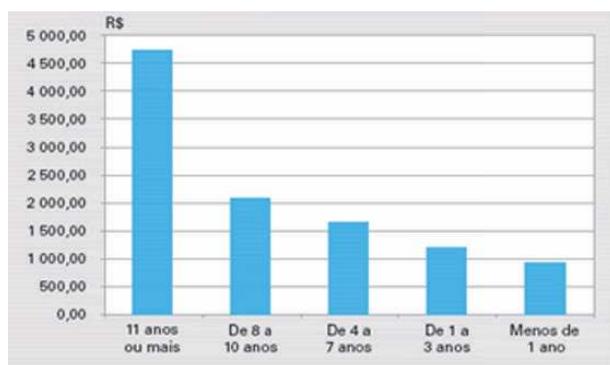
anos (Igreja Metodista) e entre 29 e 67 anos (Igreja Batista). Foram entrevistados seis mulheres e seis homens na Igreja Batista e cinco mulheres e três homens na Igreja Metodista. A solicitação, durante a etapa de levantamento dos nomes pelos pastores e envio das cartas, havia sido para que houvesse números iguais de homens e mulheres, mas a diferença, no caso da Igreja Metodista, deveu-se à ausência, no dia da entrevista, de algumas das pessoas convidadas, apesar dos telefonemas de confirmação de presença.

Entre os batistas entrevistados, seis possuem grau de escolaridade na graduação ou pós-graduação, cinco possuem apenas o ensino fundamental e um, o ensino médio. Entre os metodistas entrevistados, três possuem ensino superior completo, um possui incompleto, dois possuem o ensino médio e dois possuem ensino fundamental.

Quanto à renda familiar, três metodistas recebem entre 1 a 3 salários, três recebem entre 3 e 5 salários e dois recebem entre 5 e 9 salários mínimos. Já entre os batistas, a renda ficou assim apresentada: seis recebem entre 1 a 3 salários, quatro recebem entre 3 e 5 salários e dois recebem entre 5 e 9 salários mínimos. Estas informações colocam os evangélicos de Cataguases na renda média brasileira quanto se tomam as referências de religião (**gráfico 1**) e escolaridade (**gráfico 2**), segundo o censo do IBGE.

Na Igreja Metodista, cinco afirmam frequentá-la desde o nascimento, considerando-se, assim, seus membros<sup>28</sup> pelo mesmo tempo de vida que possuem, apesar de terem feito os votos de filiação em momento posterior. Para os demais, o tempo de membresia

oscila entre 23 e 43 anos. Entre os batistas, apenas uma entrevistada afirmou ter “nascido no Evangelho”, isto é, na igreja. O tempo de membresia oscila entre 05 e 42 anos para os demais. A pesquisa desconsidera, para seus efeitos, a possibilidade de trânsito religioso dos referidos membros, devido ao tempo mínimo



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003.

**Gráfico 2: Rendimento médio familiar mensal, por anos de estudo da pessoa de referência da família – Brasil, período 2002-2003**

<sup>28</sup> A maioria das igrejas evangélicas estabelece que, para ser um membro pleno, com direito à participação em assembleias deliberativas e posições de liderança, a pessoa deve realizar alguma espécie de curso preparatório e ser recebida como membro, por meio de ritual específico, que envolve alguma forma de batismo e a profissão pública de votos de fidelidade e pertença. Daí que nem toda pessoa que frequenta a igreja seja membro efetivo da mesma.

estabelecido como parâmetro para esta dissertação.

Quanto à sua ocupação profissional, tem-se, no grupo metodista: um coordenador de marketing, quatro aposentados, uma assistente técnico-educacional, um professor de segundo grau e uma auxiliar de escritório. Entre os batistas, uma professora de idiomas, um industriário, uma manicure, três professores, uma faxineira, um auxiliar de farmácia, um aposentado, uma empregada doméstica e duas donas de casa.

#### **4.3.2. Segundo bloco de perguntas: hábitos e usos televisivos**

O segundo bloco foi elaborado de modo a permitir detectar os hábitos e usos da televisão no ambiente das pessoas do grupo. Interessa perceber aqui de que formas a televisão está presente no cotidiano das pessoas e que relações aí se estabelecem. Ao analisar a atividade de ver televisão junto às demais atividades rotineiras na vida das pessoas, pode-se levantar uma série de questionamentos acerca das mensagens televisivas e dos processos de apropriação, circulação de sentidos e construções identitárias dos sujeitos, em relação à mídia em geral e à televisão em particular.

O cotidiano é o que permite que a vida adquira significado, por meio das ações que são desenvolvidas tanto no ambiente público quanto privado. Por isso, sentidos produzidos no cotidiano e de modo coletivo devem entendidos e localizados no espaço social para possibilitar o conhecimento das dinâmicas e políticas (cf. MARTIN-BARBERO, 2001).

Assim, apesar das diferenças doutrinárias e de organização que podemos encontrar entre batistas e metodistas, a televisão é vista de modo muito similar por um e por outro grupo. Os tipos de programação consumidos são bastante próximos: jornais, telenovelas, programas infantis (por conta das crianças presentes na família). A Rede Globo de Televisão é o canal mais assistido, contudo, deve-se ressaltar que isto também se deve ao

fato de que os demais canais não ‘pegam’ muito bem na cidade, por questões estruturais da própria localidade, como alguns participantes fizeram questão de declarar.

#### 4.3.2.1. *Televisão, organização do tempo e interesses*

Quando perguntados acerca de quanto tempo de televisão assistem por dia, a maioria dos entrevistados afirmou fazê-lo durante 20 a 40 minutos diários. Foi notável o quanto esta resposta é socialmente construída, uma vez que, no ideário protestante, o valor trabalho está presente de forma muito consistente. Max Weber afirma que o valor trabalho será transformado, na ética protestante, em um valor transcendente, uma “graça” ou dom divino, o sinal de uma participação do ser humano com o seu Deus (cf. WEBER, 1985).

Na concepção do protestantismo histórico, a diversão ou o ócio são entendidos como um pecado a ser evitado, de modo que esta marca identitária ainda persiste no discurso destes grupos analisados. Ao citar o exemplo dos esportes, Weber comenta: “(...) como meio de expressão espontânea de impulsos indisciplinados, era-lhes suspeito; e *à medida que fosse apenas um meio de diversão*, de estímulo ao orgulho, de despertar de baixos instintos ou do instinto irracional da aposta, *era obviamente condenado*” (WEBER, 1985, p. 79, grifo nosso).

Desta forma, observa-se, na justificativa para assistir por pouco tempo a televisão, que alguns disseram não gostar dela ou não ter tempo. Esta resposta encontra-se arraigada no mundo “compartilhado de significações” que é construído no grupo social ao qual os indivíduos protestantes se vinculam. Contudo, a participante B11 deu uma resposta espontânea que pode nos indicar uma pista: “A gente nem presta atenção nisso, né?”, indicando que, na cotidianidade, outras possibilidades se apresentam.

De fato, a televisão, embora passe pelo crivo dos fatores morais que compõem as vertentes identitárias dos grupos pesquisados, é um meio importante para “distração”, ou

seja, entretenimento, ainda que as reações do grupo, por meio de risos, demonstrem sua dificuldade de admissão deste ‘tempo de ócio’:

B1: Quando eu tenho tempo, eu gosto de assistir um pouquinho de novela, *para ver quanta coisa errada tem naquilo ali* (burburinho no grupo, risadas altas).

B11: A gente distrai um pouco também, às vezes depois que acaba o serviço senta um “mocadinho” ali, tem vez que nem presta atenção, mas só para distrair a cabeça mesmo... Mas também para saber das coisas, dos acontecimentos, né?

M4: Eu gosto muito de jornais, alguns jornais. Gosto muito de programas de humor (ela declina um pouco o tom de voz e fala mais devagar).

M8: Eu assisto mais pra distração.

M5: Eu assisto mais até para conhecimento. Procuo ver programas que traz (sic) assim... *apesar de que tem essa novela que passa à tarde, que é muito boa...* (o grupo ri). Meu programa é... por exemplo, ver jornais e *futebol* (gesticula com as mãos).

M3: Jornal e entretenimento.

Alguns ainda utilizam o rádio e a internet como meios alternativos de se informar. No diálogo espontâneo, outras formas, como o jornal impresso, não aparecem como fonte de informação. De forma similar à pesquisa de Silva, também nesses grupos há “pessoas [que] apreendem e avaliam a TV da maneira como a instituição gostaria, como um veículo de comunicação que mostra ‘tudo’ a seus espectadores” (SILVA, 1994, p. 83):

M5: (...) *aquilo que é para mostrar eles mostram mesmo*. Eu vejo mais por isso. (...) Eu vejo a Rede Globo nesse ponto aí, pra mim ela é uma emissora que *veio pra mostrar mesmo o que está acontecendo...*

B1: *Eu gosto de ver apresentadores, bons apresentadores, né?* Eu gosto do Jornal Nacional e, se não me engano, do Record Notícias, que a Luciana Livieiro apresenta, porque são bons.

A cotidianidade aparece, também, na forma como a memória se apropria dos conteúdos televisivos. Os exemplos citados são aqueles que dizem respeito aos interesses mais imediatos dos telespectadores, demonstrando o caráter utilitarista que se faz da televisão.

O industrial B2, 30 anos, que trabalhava numa fábrica em Cataguases lembra as notícias transmitidas pela Rede Globo acerca da barragem que desabou:

É igual quando eu trabalhava na fábrica de papel e a barragem rompeu, eu achei totalmente inválido... *eles mandaram as informações e a Globo fez uma catástrofe em cima, fez um reboliço todinho...*

Já o professor B4, 36 anos, lembra a edição do debate entre Collor e Lula:

B4: E tem aquilo de *aumentar as notícias*, né? Tem uma edição aí até histórica do Jornal Nacional, do debate entre o Collor e o Lula, aonde o *Jornal Nacional editou o debate inteirinho...* O Lula ficou sendo o capacho e o Collor, o “bam-bam-bam”. (...) Essa edição aí foi marcante...

Ainda assim, para alguns dos entrevistados, a televisão possui um caráter pedagógico, uma forma utilizada por eles para somar conhecimentos, inclusive para as crianças. Sobre seu tipo preferido de programa, M7, 37 anos, comenta:

M7: (...) quando tem reportagem de Globo Repórter, coisas de bicho, reportagens... é o horário que a minha filha vê, que a gente vê com ela. Principalmente essas coisas de bicho, ela gosta.

Para B4, vale a variedade:

B4: Olha, eu assisto de tudo um pouco, TV Senado, TV Escola, assisto desenhos, telejornais...

Percebe-se, assim, de modo interessante, a relação entre a cotidianidade e o *habitus* do grupo, ou seja, o sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas no passado e que persistem, como estruturas estruturantes, conformando e orientando a ação do sujeito no presente (SILVEIRA, 2006). Observe-se, por exemplo, os comentários de alguns integrantes dos grupos focais acerca de suas preferências televisivas, respondendo à pergunta: “Para que você assiste televisão?”:

B8: *Informação, mais por informação*. Eu procuro assistir mais aos canais que trazem conteúdo de informação.

B12: *Eu gosto de assistir algumas coisas e mudanças que têm acontecido com as igrejas*. Às vezes eu estou... O que têm falado sobre a Bíblia, gosto de ver se tem

havido mudanças na igreja católica, pra ver o que passa. Alguns deles têm falado bem dos evangélicos.

M5: *Eu assisto mais até para conhecimento. Procuo ver programas que traz (sic) assim... apesar de que tem essa novela que passa à tarde, que é muito boa...* (o grupo ri). Meu programa é... por exemplo, ver jornais e futebol.

M7: Eu assisto esta novela que o M5 está falando... durante o tempo que eu estou almoçando, porque eu almoço sozinha, *e ali estou ouvindo aquilo* (gesticula com o indicador fazendo círculos no ar, com o olhar voltado para o alto) *e fazendo as coisas enquanto está ligado*. A partir do horário que a minha filha chega, que é seis horas, eu desligo... jornal não me interessa muito... então eu vejo no período da tarde mesmo.

Quando se fala das disposições duráveis e das estruturas que persistem orientando a cotidianidade dos sujeitos, observa-se a construção identitária protestante presente: aspectos relacionados com o trabalho em oposição a entretenimento, valores morais regendo escolhas, preocupação. A religião consiste, para estes grupos, em uma mediação entre outras, que “marcam nosso lugar no mundo e filtram nossa leitura e interpretação dos produtos que recebemos” (FRANÇA, 2004, p.20). No cotidiano, as pessoas elaboram aquilo que assistem na televisão à luz dos discursos não apenas de natureza privada, mas, acima de tudo pelos discursos que indicam o engajamento múltiplo em espaços diferenciados de convivência, tais como a família e a igreja.

#### 4.3.2.2. *Televisão e organização da vida familiar*

Todos os entrevistados possuem, ao menos, um aparelho. Neste caso, ele localiza-se na sala. Apenas um dos entrevistados afirmou que, em sua casa, fica na copa (onde localiza-se a mesa em que a família faz as refeições). Os demais aparelhos encontram-se nos quartos. Duas respostas situam o aparelho no escritório da casa (mas os entrevistados são um casal). Apenas uma entrevistada batista possui em sua casa uma sala especialmente para a televisão. Considerando que, na realidade da cidade de Cataguases, a sala é também o lugar onde, normalmente, se recebem as visitas e onde, de modo geral, se localiza a porta que dá

acesso à rua, a televisão, simbolicamente, ocupa um espaço relacional na vida das pessoas, conforme pontuado no Capítulo Dois, a partir dos estudos de Silverstone.

O quarto, contudo, corresponde ao aspecto da vida privada. A presença da televisão nele pode ser um fator diferenciado, já que a relação com o objeto passa por certa independência em relação ao restante da família; aquilo que é assistido adquire certa capacidade de privacidade. Esta questão não emergiu durante o momento da preparação das perguntas ou das entrevistas, mas durante a análise dos dados, surge a possibilidade de pesquisar futuramente quais são os critérios familiares dos grupos pesquisados para que alguém possua um aparelho de televisão em seu quarto, uma vez que a família é “um espaço cultural, no qual as mensagens da mídia são mediadas” (SILVERSTONE, 1994, p. 38). É claro que, em cada realidade, os conceitos devem ser reavaliados, há ideias e percepções bastante variáveis acerca do conceito de família como lar e moradia (abordados por Silverstone, cf. Capítulo Dois), a depender, entre outros fatores, da cultura hegemônica do lugar pesquisado.

Quando indagados a respeito de como a família costuma assistir televisão, a maioria afirmou que assistem juntos, sem negar eventuais conflitos quando os interesses pelos programas são diversificados:

B3: A gente até assiste todo mundo junto, *mas às vezes dá briga, quando é dia de futebol ou alguém quer ver outra coisa...*

B1: Na minha casa não dá pra assistir todo mundo junto *porque a sala é pequena, não dá para acomodar...*

B6: Na minha casa acontece isso, *que eu quero ver uma coisa e a mulher quer ver outra*, então eu vou pra cá, ela vai pra lá...

B12: Eu tô até precisando comprar outro televisor, porque o *entretenimento* está atrapalhando o *relacionamento*.

M5: Quando o Brasil está jogando eu quase bato no G. (filho).

M2: Lá em casa assistem todos juntos.

M3: Lá em casa assistimos todos juntos também.

Indagados se a sua opção religiosa interfere nos tipos de programas a que assistem, alguns entrevistados responderam que sim, particularmente citando os casos de crianças pequenas, quando a moral religiosa estabelece o que é ou não aceitável:

M6: Lá em casa as crianças ficam no quarto delas, porque assistem mais a desenhos, etc. Mas a televisão delas tem controle dos programas que a gente deixa assistir. E quando a gente quer assistir a algum filme costuma elas quererem ver e a gente pede pra elas irem pro quarto ou então muda de canal e fica todo mundo junto.

M1: Sim. Se for um filme mais violento ou filme de teor mais adulto, minha filha não vê. Então a gente também, obviamente, não assiste. O jornal quando vai passar uma reportagem mais pesada também, a gente troca de canal por causa da nossa filha. Isso tudo é questão da educação que a gente teve, que tivemos dentro da igreja, então a gente está passando pra ela.

M2: Eu acho que influencia... Muitas programações, dependendo do filme, novela, nós não assistimos por causa do R., para manter longe... de tanta coisa.

B1: Claro que sim... por exemplo, se estou assistindo um programa e aí vem, sei lá, uma banda e tem umas mulheres com roupas indecentes (faz um trejeito com o corpo e agita as mãos, simulando como que o corpo das mulheres a que se refere na fala), eu troco de canal! Não deixo meu filho assistir. Então, com certeza, influencia muito a nossa religião...

B5: Eu acho que a Igreja também tem que ajudar nossos jovens e adolescentes nisso... porque os adultos já têm uma noção, já pensam sobre o que devem tirar ou não da televisão, mas os nossos adolescentes...

As respostas apresentadas demonstram, portanto, o papel mediador da família em relação a como o conteúdo da televisão entra e influencia a sua vida cotidiana, especialmente sob a forma da censura, quando se tratam de crianças pequenas e/ou adolescentes. A religiosidade é, novamente, um fator de peso para determinar a ação da família, tanto na restrição quanto no incentivo a determinado consumo televisivo.

De qualquer modo, como espaço para a constituição de identidades, a televisão tem, de fato, significado novas formas de ação e de interação no mundo social, o estabelecimento de relações sociais, com novos atores, em novas bases e novas formas de ver

a si mesmos e aos outros segmentos e indivíduos na sociedade (cf. THOMPSON, 1998 e LIMA, 2001).

#### *4.3.2.3. Televisão e telejornalismo na dinâmica cotidiana*

Os telejornais figuram entre os programas preferidos dos integrantes de ambos os grupos pesquisados. Foram citados diversos deles, tais como Jornal da Band, o Jornal da Globo, Jornal Nacional, Jornal da Record, Jornal da Rede TV, Jornal do SBT, Globo News, MGTV 1ª Edição, Jornal Hoje, Jornal da Alterosa.

Para diversos entrevistados, há uma relação estreita entre as atividades práticas do cotidiano e a forma de assistir ao telejornal:

M7: Eu costumo assistir antes desse... que é o horário que eu chego do colégio eu peço um pedaço desse... (coça a cabeça) é o Jornal Hoje? Não é?

M6: Eu assisto aos jornais dos canais de assinatura, Globo News e o MGTV 1ª Edição e o Jornal da Alterosa, porque é perto do horário do programa de esportes...

B11: A gente distrai um pouco também, às vezes depois que acaba o serviço senta um “mocadinho” ali, tem vez que nem presta atenção, mas só para distrair a cabeça mesmo... Mas também para saber das coisas, dos acontecimentos, né?

M1: Jornal Nacional é no horário da Igreja, então terça e quinta eu estou na igreja... e é por acaso mesmo, questão do horário... ali é o horário que eu chego, cinco minutinhos, dez minutinhos que eu sento ali na minha poltrona... aí eu vejo o que está passando...

M3: Vejo mais o jornal da noite por causa dos trabalhos da igreja mesmo...

B12: Eu assisto o Globo Rural... (risos e burburinho no grupo). É o que passa cedo, antes de eu sair, ué!

B1: Gosto do Jornal Hoje também porque apresenta muito rápido, porque a gente não tem tempo de ficar ali vendo meia hora de notícias, quando cê tá só com dois minutos...

Como visto, o Jornal, especialmente o da tarde e o da noite, está vinculado ao momento de descanso, seja o intervalo do almoço, seja no fim do dia. Ele deve ser tópico,

uma vez que “não tem tempo de ficar ali vendo meia hora de notícias”. É o horário em que a pessoa chega, “cinco minutinhos”. Também tem a ver com o que se quer ver na sequência: o programa de esportes ou a telenovela. A maioria acaba ficando mesmo com o Jornal Nacional que, em termos de audiência nacional, é mesmo o mais assistido.

O telejornal é uma forma de acesso a informações de outros lugares, pois quando se trata da realidade mais próxima, eles têm outros meios de se informar (SILVA, 1985, p.83). M4, quando indagada acerca de suas formas de obter informação, responde, sinteticamente: “Televisão e internet, mas se for algo local, é rádio”.

De modo geral, na qualidade de telespectadores, os integrantes dos grupos focais sentem-se satisfeitos com as informações obtidas por meio dos telejornais, mesmo considerando suas críticas a eles. O jornal está inserido na dinâmica da rotina de suas vidas, sendo assistido, pelo menos, três ou quatro vezes por semana, o que dá uma ideia da assiduidade deste formato no seu cotidiano.

#### **4.3.3. Terceiro bloco de perguntas: os telejornais e os hábitos de consumo televisivo**

As perguntas deste bloco estavam relacionadas com o consumo televisivo do telejornal, em particular. Elas versavam em torno da quantidade de vezes em que o telejornal foi assistido, bem como acerca da credibilidade dos meios junto a seus telespectadores. Num segundo momento desta etapa, foram exibidas as matérias analisadas no Capítulo Três, e as perguntas se relacionaram, então, com os discursos e relações identitárias dos grupos evangélicos frente à forma pela qual se viam representados (ou não) nos telejornais analisados.

#### 4.3.3.1. O telejornal e a promessa de gênero

Existe uma ideia bastante definida nos telespectadores pesquisados acerca do que esperam do telejornal e, dentro dele, do apresentador:

B4: Olha, o único motivo de eu preferir o Jornal da Band... o Jornal da Band e o Jornal da Noite, é até pelo grupo de jornalistas, pelos comentários, pelos editoriais, porque todo jornal tem alguma mensagem enrustida ali, essa ideia a gente não pode negar.

O telespectador espera ver, no jornalista que lhe traz a informação, algum elemento de interação, que não seja meramente a informação, mas uma opinião balizada sobre a mesma (“os comentários”, “os editoriais”). Essa expectativa remete ao conceito de ‘promessa de gênero’, de Jost, bem como ao conceito de sistema perito, de Miguel (cf. Capítulo Um). A mesma expectativa aparece na resposta de M5, 65 anos, aposentado:

M5: Eu já acho que a Globo, principalmente, aonde eu vejo mais por isso, porque *a gente sabe que a equipe da Globo é uma equipe de primeira*. Então, as reportagens e notícias que eles dão, você pode perceber que são coisas assim... realmente, eles não ficam mascarando a informação, aquilo que é para mostrar eles mostram mesmo. Eu vejo mais por isso.

Neste caso, a promessa de que o telejornal informará o telespectador se cumpre para este na medida em que percebe, ao menos, três aspectos que lhe são relevantes: a qualidade da equipe (“é de primeira”); a busca pela imagem (“eles mostram mesmo”) e o conteúdo jornalístico (“as reportagens e notícias que eles dão... eles não ficam mascarando a informação”). O interessante é ressaltar de que maneira isto é previsto pelo telespectador: “a gente sabe” que a Globo é assim. Existe uma expectativa, portanto, que a cobertura jornalística atenda a determinada qualidade, naturalizando-se o processo aos olhos do telespectador.

Pelo fato de terem um equipamento mais sofisticado e uma equipe que lhes parece mais preparada, no entender de alguns dos entrevistados, o Jornal Nacional seria mais

digno de credibilidade, tanto do telespectador quanto dos setores interessados em colocar a notícia no ar:

M5: (...) reportagem de coisa que acontece fora do país, a Globo tem muito mais presença do que as outras emissoras...

M1: Mas ela (Rede Globo) mantém essas pessoas que ficam nos outros países... esqueci o nome... correspondentes... que ficam nessas partes do mundo e os outros jornais, as outras emissoras, são muito menores, não têm essa capacidade, então eles procuram pegar aquilo que é mais regional, a questão do Brasil mesmo. Eu noto que é isso. *Então quem tem uma notícia pra dar vai dar mesmo é pra Globo...*

A própria história do veículo foi também um fator lembrado por um dos entrevistados como motivação para assistir ao Jornal Nacional, baseado em certa premissa de segurança quanto ao veículo. Por conta do lastro histórico, ele possui *conhecimento* do programa, enquanto do Jornal da Record, por assistir menos, ele tem apenas uma *ideia*.

B4: Eu tenho *um conhecimento, até pelo tempo que veicula*, mais do Jornal Nacional. Mas também *tenho umas ideias* sobre o Jornal da Record. Eu assisto mais o Jornal Nacional, em média umas duas vezes por semana...

Os critérios que definem a credibilidade do apresentador e, portanto, fazem-no capaz de atender à promessa de gênero, estão também relacionados com códigos visuais, como vestuário, postura, forma de ler as notícias, mais do que com a capacidade do telespectador em averiguar se o que está sendo dito é verdade ou não. Rezende (2000) cita uma pesquisa na qual se constatou que o locutor que lê a notícia com informalidade, aparentando não precisar do teleprompter, demonstra ter mais autoridade e segurança. Ele afirma, ainda, que “os apresentadores combinam a espontaneidade (...) com a sobriedade, aparente no figurino (terno e gravata) e maquiagem (inclusive o corte de cabelo), símbolo do profissionalismo (REZENDE, 2000, p.88). De fato, uma entrevistada afirma que

M3: Eu já vi [...] falar cada besteira... errar a notícia, ter que voltar atrás, ter que pedir desculpa... sei lá, acho isso o fim... embora a gente sabe que o negócio é feito ao vivo e tal, mas... (balança a cabeça) *o cara é um profissional, ué... não pode...*

E M1 completa: “A própria maneira de (a pessoa) se portar, de falar, as pausas que dá... isso transmite credibilidade”. Outro entrevistado coloca maior credibilidade sobre o apresentador do que até mesmo sobre o telejornal que ele apresenta:

B7: (...) a repórter que fala sobre economia na Globo, a Délis Ortiz, aquela ali é uma Neymar do Santos, ela é um Ronaldinho, um Kaká. Não pode tirar ela dali. Então isso vai muito da postura, da forma que a pessoa se expressa. Isso aí vai muito, a pessoa leva muita credibilidade àquela reportagem do que o jornal em si.

Entretanto, no relato dos grupos, aparece uma crítica quanto ao apresentador do telejornal que não deixa transparecer mais de si na transmissão da notícia. Fechine define este tipo de apresentador como

[...] um “operador de passagens” que, mesmo dirigindo-se diretamente à audiência (faz isso olhando para a câmera), não se apropria do discurso como sendo seu. Suas intervenções verbais são, geralmente, construídas em terceira pessoa e são poucas as circunstâncias nas quais se permite demonstrar uma valoração pessoal através de outros sistemas semióticos (tom da voz, expressão facial, gestos, etc.). (FECHINE, 2008, p. 4)

Nesses casos, a postura dos entrevistados foi mais crítica:

B4: Ah, eu acho que não faz muita diferença não... se você pegar os apresentadores do Jornal Nacional, tanto faz quem for, eles vão falar a mesma coisa. Ele não fala uma vírgula além do texto que ele recebe...

B12: *Você não vê, né, o jornalista expor sua opinião...* Isso eu vejo diferente em outros telejornais, por exemplo, o Bóris Casoy. Eu observei, por exemplo, as notícias faladas no rádio deles... o texto que aparece é o mesmo, é um *script* seguido à risca, ali, o repórter não coloca sua opinião em nada...

Outra expectativa da promessa do gênero percebida nas falas dos grupos focais foi acerca da objetividade da notícia, o que significa, aqui, falar mais em menos tempo. Da mesma forma, a discrepância entre imagem e verbal é sentida por uma entrevistada, que assim se expressa, fazendo ecoar a análise pontuada por Rezende e citada no Capítulo Dois:

B1: Aquele (telejornal) que o Datena apresenta e aquele que o outro lá apresenta eu não gosto (...) porque eu fico embolada no meio daquilo tudo que eles tão falando... então eu gosto de coisas assim. Gosto do Jornal Hoje também porque apresenta muito rápido, porque a gente não tem tempo de ficar ali vendo *meia hora de notícias*, quando cê tá só com dois minutos...

Na fala da entrevistada, percebe-se a urgência (“a gente não tem tempo”; “cê tá só com dois minutos”) e a necessidade de uma linguagem simples e direta, uma vez que a forma como determinados apresentadores atuam nos telejornais fazem com que ela fique “embolada no meio daquilo tudo que eles estão falando”.

#### 4.3.3.2. O telejornal e o telespectador

Embora o jornalista se apoie numa perspectiva identitária de neutralidade e objetividade, não escapam ao telespectador as possibilidades de que as coisas não sejam realmente assim, conforme já foi discutido no Capítulo Um, ao tratar da audiência presumida e outros aspectos identitários do jornalista no seu discurso acerca da profissão. Silva (1985) afirma que “qualquer trabalhador (...) é capaz de ser crítico diante da programação jornalística da televisão, desde que disponha de mínimos elementos que completem sua representação do real” (SILVA, 1985, p.135). De fato, um entrevistado no grupo focal da Igreja Batista ressalta sua precaução ao assistir ao noticiário, dizendo:

B4: Todo jornal tem alguma mensagem enrustida ali, essa ideia a gente não pode negar. Ver o jornal e achar que ele é ingênuo. Ele não é ingênuo, ele faz uma seleção muito rigorosa do que é que ele vai apresentar e como é que ele vai apresentar aquilo, então muita gente acha que o jornal tá ali e que tá falando a verdade, que eles não têm pretensão. Mas eles são muito tendenciosos e seja qual for, seja o Jornal da Band, Jornal da Record, Jornal Nacional, ele é tendencioso...

Quando indagados se acreditavam que as informações apresentadas pelos telejornais, de modo geral, estavam corretas, os entrevistados ponderaram acerca de algumas razões que, a seu ver, poderiam afetar a credibilidade do veículo. Uma situação que pode ocasionar um sentido de incredulidade ocorre quando, por alguma razão, o telespectador está diretamente relacionado com a temática abordada pelo telejornal e consegue perceber que nem todos os pontos de vista possíveis, por exemplo, foram abordados. Isso ocorreu no caso

de B2, já citado, empregado da fábrica de papel que foi retratada no Jornal Nacional de uma forma que o telespectador não achou adequada ou, ao menos, incompleta.

B2: (...) E assim, foi algo real que aconteceu, a barragem rompeu, mas mandou assim produtos não químicos, produtos que tavam lá há muito tempo e foi assim... não divulgou, não voltaram atrás nas informações que tinham dado...

Outra situação ocorre quando o telespectador presume haver alguma cumplicidade entre o telejornal e o objeto da notícia que é dada (a questão discutida aqui era a forma como a Globo anunciava as denúncias de pedofilia na Igreja Católica):

M5: Ela não faz assim... ela não coloca, por exemplo, a reportagem pra buscar aquilo no fundo... se eles ouvem que houve um bispo que falou isso ou um padre que falou aquilo, eles noticiam sim, mas só...

M3: É, não tem dado a cara para bater...

M2: Sim, eles dão a notícia, mas não vão a fundo...

Outro fator que pode afetar a credibilidade do telejornal junto ao telespectador é a questão político-ideológica. Alguns deles se lembraram de momentos no passado em que os telejornais foram instrumentos de mudanças políticas a partir da postura que as matérias demonstraram.

B5: ... eu acho que o interesse político é um deles. Se a gente lembrar na época do Itamar Franco, aquele furo que aconteceu, acho que foi no Jornal do Brasil, na campanha da eleição, a primeira eleição do Fernando Henrique, o ministro da fazenda na época, né? Tinha saído já e falou para o repórter da Globo que ele era o maior cabo eleitoral do Fernando Henrique... (...) Mas também a questão ideológica, né? Quem custeou a questão dos caras-pintadas? Sem querer colocar pressão sobre o que certo ou não no governo do Collor, mas quem movimentou isso? Quem trouxe essa propaganda? E se a gente for pegando, desde Juscelino, na época de Brasília, campanha do Roberto Marinho contra ele, acho que tudo tem ênfase política.

Também há que se considerar o fato de que mudanças na sociedade incidem na “televisão que se pode fazer, na programação, no perfil das diferentes emissoras” (FRANÇA, 2009, p.31). Um entrevistado afirma ter percebido uma mudança na Rede Globo com relação à cobertura política oficial, nos seguintes termos:

M5: em outros governos, a Globo era mais presente. No Lula eles não são muito, não sei porque... agora não é mais assim, não sei porquê. Mas tem aquele outro, o Boris Casoy, que só sabe fazer reportagem metendo o pau no Lula.

Também foi abordada, nos dois grupos focais, a perspectiva da guerra pela audiência como um risco à veracidade das notícias. Conforme a emissora tem maior interesse em aumentar o número de seus telespectadores, mais pode recorrer a outras formas, que não a retratação fiel dos fatos, ao menos aos olhos de quem assiste:

B7: Só que às vezes tem, por exemplo, uns tempos atrás, houve uma briguinha boba aí da Globo com a Record. A Globo, né? Falou da Record daqui, dali, dali... a Record então veio e falou da Globo... Eu não sei se isso foi até para poder aparecer mais na mídia, até favorecer sei lá, algum objetivo...

M5: Eu acho também que é um pouco é interesse da emissora. Mas a Globo, assim, por exemplo, eu vejo que não fica só no interesse dela, porque senão ela sabe que ela vai perder audiência, então eles ficam aqui e lá... então por isso que eu acho que eles são mais...

Apesar de podermos sinalizar a percepção do telespectador quanto aos aspectos discursivos e ideológicos presentes no telejornal, notamos que a credibilidade do veículo é, de fato, muito grande. Para um dos entrevistados, o fato de uma notícia ser trabalhada textualmente ou demonstrar certa tendência não tem a ver, diretamente, com critério de verdade, mas, sim, de absolutização da mesma, como destacamos no grifo:

B4: Você tem que aprender a olhar o Jornal não como se ele fosse a verdade absoluta... todos eles têm uma ideologia, todos tentam passar uma visão... têm assim essa intenção embutida... então esse negócio de verdade aí... verdade entre aspas... *na maioria das vezes eu acho que sim (as informações são corretas), embora você tenha de tirar essa questão das tendências, né?*

#### 4.3.3.3. O telejornal e as percepções identitárias

Foram apresentadas aos grupos focais duas matérias, uma do Jornal Nacional e outra do Jornal da Record, como motivadoras para a discussão sobre identidade e alteridade no telejornal. Para o grupo metodista, foram exibidas as matérias produzidas e exibidas no feriado de Páscoa de 2009. Para o grupo batista, as matérias produzidas e exibidas acerca da

Marcha para Jesus, evento ocorrido na cidade de São Paulo, também em 2009. As matérias já foram analisadas, do ponto de vista do discurso dos telejornais, no Capítulo Três.

Ao elaborar as perguntas que compuseram esta etapa da entrevista nos grupos focais, objetivou-se verificar a hipótese da pesquisa e responder a alguns questionamentos, do ponto de vista dos receptores: A representação do(s) evangélico(s) nos telejornais brasileiros utiliza-se de estereótipos para produzir um discurso acerca do outro, produzindo essencializações que podem não se configurar na percepção deste grupo acerca de si mesmo e das representações que encontra na mídia televisiva? Em caso positivo, isso ocorre com maior ou menor frequência em emissoras pertencentes ou não a um grupo religioso?

E ainda outra hipótese da pesquisa foi a de que, mesmo sendo produzido por uma emissora vinculada a uma igreja conhecida como evangélica, um telejornal pode não ter, junto aos telespectadores evangélicos, um processo de identificação uniforme como se espera, nem obter uma representação entendida como adequada na percepção deste grupo.

Os grupos focais foram indagados acerca da opção religiosa das emissoras (ao menos a que parece mais patente ao telespectador). Eles percebem se esta opção interfere na maneira como são representados normalmente nos telejornais analisados? A que tipo de assunto os evangélicos aparecem ligados? De modo geral, quando se trata da Rede Globo, os entrevistados percebem que os evangélicos são retratados de forma sensacionalista, ligados a escândalos envolvendo dinheiro:

M1: Escândalos, principalmente falando a respeito dos dízimos... e da igreja do Edir Macedo... e normalmente shows... igual passou lá bem rapidamente... mostrou a reportagem lá meio por cima assim... e pronto acabou. Não mostra um... Apesar de que a Record também não mostrou isso... uma comemoração evangélica a respeito da Páscoa... um culto ou alguma coisa assim.

M1: É igual assim... nessa coisa de interesses... a Globo sempre massacrou os evangélicos e agora... como acompanho as notícias pela internet... a gente vê a questão dos padres pedófilos aí... a Igreja Católica sendo bombardeada... com muitas e muitas coisas vindo à tona...

B1: Aparece meio mal, né? Muitos escândalos, essas questões de dinheiro, desvio, dízimo e tal... assim, dessas brigas da Globo com a Record... acho que não aparece bem, não...

De forma particular, porém, não se sentem conectados a esta imagem de evangélico, conforme se percebe nos depoimentos abaixo:

B1: Então, às vezes tem uma coisa boa, mas a gente fica surpreso porque na maioria das vezes não é bom, né? Porque não é o que a gente vive e *tem muitas coisas aí sendo chamadas de evangélico e não tem a ver com a gente, né?* Põe todo mundo ali, fica tudo igual... padronizando as igrejas...

M1: Aliás, não é questão nem dos jornais, mas o povo em si tenta nos inserir no meio *deste povo que eles consideram como evangélicos* nesses escândalos por aí afora. Com exceção desta reportagem que a M8 falou aí, sobre a questão da semana inteira que aí, teria realmente o que falar, não tem nada... nada... nada...

B7: porque o que a gente vê é o show, ou então a corrupção, o roubo, os problemas da Igreja Universal aí... *então não acho que no dia-a-dia esse tipo de evangélico que se diz aí seja o que a gente quer...*

Alguns chegam a responsabilizar a sua própria denominação pelo fato de que a mídia estaria retratando um evangélico que não é o ‘verdadeiro’:

M5: Você vê, aquele rapaz que é comentarista, aquele senhor que é comentarista da Record... aquele que dizem que é metodista... até escreve naquela revista... (PERCIVAL DE SOUZA), ele quando faz o acompanhamento da reportagem, ele é um cara assim... *mas em hora nenhuma ele deixa transparecer que ele é metodista. E ele poderia aproveitar a oportunidade dele como repórter e citar a igreja.*

B7: Então, como eu falei, o que acontece é isso... *também não acho que a Igreja Batista está fazendo o que é preciso hoje para estar na mídia, que é o sensacionalismo que a gente vê...*

M5: (...) eu vejo mesmo o seguinte... *será que nós, como metodistas, quando procuramos fazer alguma coisa estamos procurando fazer alguma coisa para se (sic) mostrar?*

Quando os telejornais abordam os evangélicos históricos de modo a possibilitar uma identificação positiva, isso é recebido, ao mesmo tempo, de forma desconfiada pelos entrevistados. Um deles chega até mesmo a ressaltar que se trata de exceção, pois a preferência dos telejornais seria atuar pelo viés do escândalo.

M2: Quando falaram, falaram coisas muito bonitas. *Coisas que deixaram a gente às vezes sem acreditar naquilo que tava ouvindo...* de tão bonito que foi falado.

B5: Mas teve aquela matéria, né, que mostrou os trabalhos da Igreja Batista, *mas a gente fica pensando no interesse que tem por trás daquilo, porque foi diferente*. Mas também não sei se na Record como aparece, se só foi assim porque foi um evento nacional e tem um político da Igreja Universal lá e tudo o mais...

B5: *A gente já discutiu isso aí, porque uma matéria não quer dizer o dia-a-dia, né? A gente vai ficar vendo mais os problemas e os escândalos, que a mídia gosta mais de mostrar isso, né? Em termos de ibope e também porque é a ideia que está nas novelas e tudo o mais... que os evangélicos são isso ou aquilo...*

O fato de a Record ser uma emissora conhecida por suas ligações com o mundo evangélico, por meio da Igreja Universal e do bispo Edir Macedo, não faz com que os telespectadores se identifiquem de imediato com a rede, como talvez fosse de se esperar. Alguns entrevistados detectaram que, como grupo social, os evangélicos são pouco representados no telejornal da emissora em análise. Um deles cita o fato de que a matéria sobre Páscoa, que trata de um assunto evidentemente religioso, não mostrou a realização de nenhum evento ou festa relacionado com este segmento, priorizando o enfoque de denúncia ao Catolicismo (relacionado com um padre acusado de pedofilia):

M3: Aparece pouco, sim, *mesmo sendo uma emissora evangélica*. Veja aí o exemplo, até na reportagem da Páscoa, eles não mostraram a comemoração da Páscoa dos evangélicos? Não, ficaram batendo na Igreja Católica direto.

Contudo, no grupo em que foi exibida a matéria dos telejornais relacionada com a Marcha para Jesus, talvez pelo teor da mesma, a reação foi mais positiva quanto à cobertura da Record:

B1: Até que *na matéria da Record dá para gente se sentir representado*, porque evangélico é valorizado e mostra a mobilização, a organização, *que não houve incidentes graves, né? Ninguém fez bagunça nem nada, teve o pessoal passando mal por causa do calor, mas é normal, né?*

B5: Então, porque como cristão até é possível a gente se identificar, porque a matéria da Record até que está sendo positiva.

Mesmo assim, os entrevistados ressaltam que não percebem uma identificação direta, como evangélicos pertencentes a determinada igreja, com o evangélico retratado pela Record de modo geral. Na verdade, a forma como B5 aborda o assunto parece indicar um

desejo latente de expressar-se contrariamente a qualquer identificação, marcando sua alteridade em relação ao discurso que encontra no telejornal da Record e na emissora, de modo geral.

B5: Então... a gente se sente representado assim, como batista ou como cristão? Quando você fala de representação, é isso? *Porque na minha denominação em particular eu não sei se a gente é representado, se a nossa igreja está nessa mídia aí...*

Eles também entendem que, na guerra pela audiência, as duas emissoras terminam por “prejudicar” a imagem ou a identidade que gostariam de perceber retratada na televisão em geral e no telejornal em particular.

M1: Primeiro a guerra de emissoras entre a Globo e a Record. *Isso já vai, de certo modo, detonar com o povo evangélico.* Eles têm interesse assim, em uma reportagem ou outra... mostrar alguma coisa que não tem como fechar os olhos.

Nesta fala, percebe-se que a disputa pela audiência é vista como fator prejudicial à imagem do evangélico em geral, bem como existe uma sensação de que, quando algo bom é mostrado, isso acontece porque é inevitável: “não tem como fechar os olhos”. Somente um fato positivo com potencial noticioso pode alterar a forma geral com que o evangélico apareceria no telejornal, na percepção do entrevistado.

Isso marca a diferença que ele percebe entre a imagem do evangélico no cotidiano e aquela que aparece em momentos específicos, reportagens especiais ou datas comemorativas, como foi o caso das matérias exibidas. O interesse das emissoras pelos evangélicos, portanto, seria esporádico, “em uma reportagem ou outra”, mas não com o fim de superar a fragmentação, a dicotomia que marca a representação do evangélico quando os telejornais são tomados pelo telespectador no contexto do cotidiano.

Percebe-se, ao mesmo tempo em que anseiam por marcar sua identidade como distinta em relação aos telejornais, independentemente de pertencer ou não a uma emissora identificada com seus ideais religiosos, os telespectadores expressam também seu desejo de

poder ser visibilizados de uma forma que lhes pareça adequada. Há um desejo de estar na televisão, no telejornal, com determinadas marcações que não necessariamente as oferecidas atualmente. Em relação a isso, transparece também, em particular para com a Rede Globo, um sentimento de depreciação do evangélico em relação a outras religiões, marcadamente o espiritismo:

M5: Eu vejo que a Globo faz muito mais do espiritismo e do catolicismo do que mexer com outra religião. Eles parecem que não têm interesse. O negócio deles é propagar o espiritismo. Quase toda novela da Globo tem alguma coisa disso.

M1: E não é nem questão tanto do catolicismo, pra mim é mais mesmo do espiritismo... eles só não mexem, não procuram mostrar muita coisa... igual (sic) nessas questões agora dos padres, da igreja católica, dos bispos.

Para outro dos entrevistados, a questão da religião também se relaciona com a audiência. A circulação dos sentidos em sociedade estaria muito vinculada ao catolicismo como “religião oficial do país”, daí resultando numa audiência presumidamente de maioria católica, à qual interessariam mais os conteúdos apresentados, em detrimento de outros segmentos:

M5: (...) Mas agora, eu acho que a tendência da Globo é o que dá Ibope. *E Ibope, num país igual ao Brasil, a maioria é de católico. Então eles sabem, se eles propagar(sic), se mostrar eventos de outras coisas de católicos e tudo o mais, eles sabem que vão garantir a audiência deles.*

Esta percepção acentua ainda mais o estranhamento quando outras religiões aparecem de modo mais sistemático, ainda que esporádico, no telejornal. Ao lembrar a série especial, exibida durante quatro dias pela Rede Globo, a entrevistada comentou:

M8: A Globo fez uma reportagem no Jornal Nacional, teve uma semana, cada dia da semana ela mostrava uma religião diferente. *Achei até... até estranhei... porque cada dia falou de uma religião... falou da Igreja Metodista, sobre as pessoas que moravam debaixo de um viaduto. Até estranhei porque falou bem dos evangélicos.* (risos do grupo)

Outro ponto de bastante relevância, na percepção dos entrevistados, tratou da formação discursiva que encontraram nos telejornais, em relação à sua própria expressão de

fé. A maneira como o texto jornalístico foi construído nas matérias exibidas para sua apreciação imediatamente lhes chamou a atenção, gerando identificação ou distanciamento, conforme o caso. Os batistas, que assistiram às matérias sobre a Marcha para Jesus, destacaram, nas falas dos âncoras e repórteres, algumas destas formações:

B5: Tem muitas diferenças, né, até de discurso... por exemplo, um vai usar “palavras de fé” e o outro vai falar de “discursos religiosos”. (...) Mas o tempo, a maneira, os assuntos quase que foram os mesmos, mas até ali onde foi falado do sol... na Record foi um ponto positivo, que as pessoas puderam mostrar uma determinação, mostrou que teve um aparato de segurança, mas a Rede Globo enfatizou que cem pessoas caíram desmaiando no sol... então... é o que o pessoal aí esteve falando, da omissão de algumas coisas que houve que são importantes para o evangélico e a exaltação de outras coisas que não são importantes e que desvinculam da mente da gente, de quem está vendo, o real valor daquilo. A questão é a maneira que o repórter... e aí entra a personalidade do repórter... que apresenta... a credibilidade, entre aspas... daquele que está falando...

A expressão “palavras de fé” foi utilizada por Celso Freitas para descrever as pregações feitas pelos pastores e organizadores da Marcha para Jesus no palco montado ao final do percurso na Avenida Paulista. Alexandre Garcia, por outro lado, bem como o repórter de rua, utilizam a expressão “discursos religiosos”. Os entrevistados percebem que a escolha das palavras determina o sentido e o lugar de fala dos enunciadoreis. Pressupõe-se uma identidade evangélica quando, no telejornal vinculado a uma Igreja, o âncora se refira às palavras dos líderes religiosos como “palavra de fé”.

Em contrapartida, um distanciamento surge entre o telespectador e o telejornal quando o aspecto místico e religioso dos enunciados dos líderes religiosos lhe parece reduzido a algo menor: “um discurso religioso”. Esgota-se, para eles, o sentido da transcendência, representado no primeiro enunciado e um ponto nevrálgico quando se trata de fé. Para o entrevistado citado acima, porém, o enunciado é ligado tão somente ao repórter e não à emissora ou ao telejornal como um todo. É o posicionamento do repórter, em última instância, seu lugar de fala, que determina a escolha de suas palavras. E esta escolha gera ou não, para o telespectador, uma percepção de “personalidade” e de “credibilidade”.

Da mesma forma, nas matérias sobre a Páscoa cristã, a entrevistada detecta os marcadores discursivos de identidade e alteridade presentes nos textos jornalísticos levados ao ar:

M3: O negócio... uma coisa que eu reparei é que na notícia da Globo é assim: “onde Jesus *teria* passado”... “onde Jesus *teria* sido sepultado...” E a Record afirma, né? Onde Jesus *percorreu*, onde Jesus *passou*... Então a Record, nesse ponto aí... mas ela bateu muito na Igreja Católica (faz o gesto de bater com o punho fechado na palma da outra mão), eles batem mesmo... (os *itálicos*, neste caso, são para indicar a ênfase com que a entrevistada pronunciou as palavras em destaque).

O uso dos tempos verbais indica, para a telespectadora, que a emissora assume o discurso religioso ou se distancia dele. Isso gera uma aproximação e uma tendência a identificar-se com a emissora da Record, ao mesmo tempo em que a Rede Globo não lhe transmite esta segurança, deixando a possibilidade de que os eventos que a telespectadora assume em função de sua crença possam não ter ocorrido. Esta perspectiva leva a um distanciamento. Ainda assim, há dificuldades em identificar-se inteiramente com a Rede Record, considerando que os ataques ao Catolicismo não são adequados à identidade evangélica que ela enseja assumir para si mesma e que revela em seu discurso sobre o tópico. Os entrevistados perceberam a diferença nas duas coberturas também acerca dos números de participantes na Marcha para Jesus:

B6: Também a diferença no número de pessoas lá, né? O Jornal da Record falou em cinco milhões e a Globo falou em um milhão, é muita diferença, né? Mesmo explicando que foram contadas as pessoas que passaram ali durante todo o dia, você vê a diferença, né, como que querendo diminuir ou aumentar...

Outra questão é quanto aos enfoques ou enquadramento das matérias. Embora ambas as coberturas da Marcha para Jesus tenham enfatizado os problemas relacionados com as altas temperaturas, para os telespectadores, o Jornal da Record se deteve de modo mais específico em apontar que as condições dadas para a Marcha amenizaram o problema, enquanto a Rede Globo teria priorizado abordar as dificuldades. A entrevistada chegou a mencionar certa intencionalidade da emissora nesta forma de abordagem, que seria a emissão de um juízo de valor sobre os tipos de pessoas que participavam da Marcha:

B1: (...) Porque a Globo ficou ali, mostrando as pessoas que passaram mal, o sol, as dificuldades, né? *Como que as pessoas podem ficar ali, debaixo daquele sol todo, meio que ignorantes, né?* E a Record já mostrou como positivo, o moço lá vendendo água, todo mundo alegre mesmo com as dificuldades, então eu vejo essa diferença, né?

Parece-lhe que a Rede Globo estaria mostrando os evangélicos como ignorantes, ao passo que a Record os apresentaria como vencedores, desafiando as condições climáticas, transmitindo felicidade. Esta observação é partilhada pelo entrevistado metodista em termos bastante convictos:

M3: Agora, *eu tenho certeza de que a visão da Globo*, por tudo que a gente viu, em jornal, na televisão, *que a visão que ela tem dos evangélicos é tendenciosa, é preconceituosa*. Só mostra evangélico tipo assim ridicularizando...

Em relação às matérias sobre a Páscoa, a percepção foi similar entre os metodistas. Para uma das entrevistadas, a Globo priorizou o enfoque nos problemas ocorridos durante uma marcha de cristãos por Jerusalém, enquanto a Record procurou um prisma diferenciado:

M3: (...) Na verdade eu acho que o que a Globo mostrou ali na verdade de Páscoa ali não teve nada, né? Sobre a história, a crucificação não teve nada. *O que ela enfatizou ali mesmo foi o tumulto...* Só umas partes dos caminhos conhecidos, do turismo (Via Dolorosa, em Jerusalém, destaque da autora).

O teor maior da matéria da Record, como visto na análise da mesma, foi acerca de denúncias de pedofilia na Igreja Católica, surgidas no período pascal de 2009. Ao comentar sobre este fato, outro entrevistado entende que o telejornal da Record poderia provocar uma reação entre a maioria católica devido ao teor da cobertura, enquanto este tópico, na Rede Globo, teria sido apagado:

M5: Eu vejo que as emissoras realmente manipulam isso... Você viu aí na reportagem, *a mesma reportagem que a Globo mostrou, a Record fez diferente*. E aí eu vejo, como quem diz, eu vejo uma briguinha. *Que a outra, a Record, é evangélica, considerada como evangélica, a Globo é católica e espírita...* Então, *o que é que a Globo faz? A Globo não mostra muito*. Quando a Globo fala de evangélico é pra falar da bancada evangélica no Senado (faz um gesto com o indicador, apontando para cima). *Já a Record, não... já teve mais amplitude nesta notícia aí... porque nós sabemos que o Brasil é um país católico. Então isso aí*

*mexeu, eu tenho certeza que mexeu com eles. Apesar de que o homem lá (O PAPA) não tomou iniciativa nenhuma, só tá aceitando quem vem pedir pra ser excluído...*

A discussão, portanto, entre identidade e diferença se dá por esses dois aspectos, na percepção do telespectador: haveria um interesse da Rede Globo em apresentar o evangélico de forma depreciativa, por ser uma emissora ligada ao espiritismo/catolicismo. E haveria um interesse da Rede Record em depreciar o catolicismo. O entrevistado espera que a matéria provoque uma reação do Papa, já que esta seria a religião de maior expressividade no país.

Neste contexto, surgiu outro marcador discursivo que, embora percebido, não foi aprofundado pelos entrevistados. É que, ao lado das motivações religiosas e de índices de audiências, haveria um interesse político na abordagem telejornalística da notícia:

M3: Já mostrou uma visão mais política, né? (...) O que ela [Rede Globo] enfatizou ali mesmo foi o tumulto...

M1: Ou seja, da religiosidade passou para a política...

B5: (...) Mas eu continuo observando esses dois lados sempre... que a Record, no finalzinho, não deixou de dar a sua ênfase política. Eu acho que não tem nada contra, quando se usa a política para o bem. O evangélico também tem que usar a política, claro, mas para o bem de todos, né? (...) então... é o que o pessoal aí esteve falando, da omissão de algumas coisas que houve que são importantes para o evangélico e a exaltação de outras coisas que não são importantes e que desvinculam da mente da gente, de quem está vendo, o real valor daquilo.

Talvez pelo fato de que o período de produção desta pesquisa coincidiu com os momentos iniciais da movimentação política para a eleição em nível federal e estadual, os ânimos dos telespectadores já estavam acirrados sobre uma possível ou provável utilização da televisão como meio de afetar a participação evangélica no pleito. Esta percepção, contudo, não foi aprofundada por não estar ligada aos interesses primeiros da pesquisa, mas vale a pena pontuar como possibilidade de estudos futuros sobre o tema.

Por fim, cabe ressaltar que a realização das entrevistas motivou os participantes a uma reflexão sobre assistir aos telejornais com uma perspectiva mais crítica e até

comparativa, como B1 afirma: “Eu assim... acho que vou até assistir mais ao Jornal da Record depois disso, pra poder comparar mais, né?”

De modo geral, os participantes da pesquisa sentem dificuldades em estabelecer uma relação de alteridade ou de identidade com ambas as emissoras. Há momentos de aproximação e de distanciamento, não apenas pelos enunciados jornalísticos, mas também pela desconfiança latente que eles expressam em relação aos interesses que procuram perceber, por parte das emissoras, para agir desta ou daquela forma na cobertura de assuntos relacionados com a religião evangélica. Normalmente, a aproximação discursiva acontece quando os fatos são mostrados de modo positivo, como diz B1:

B1: Até que na matéria da Record dá para gente se sentir representado, porque o evangélico é valorizado e mostra a mobilização, a organização, que não houve incidentes graves, né? Ninguém fez bagunça nem nada, teve o pessoal passando mal por causa do calor, mas é normal, né?

Mas também pode ocorrer que, mesmo nesta circunstância, o telespectador não se sinta seguro para afirmar-se representado na matéria, pois a construção da notícia também é um fator que pesa em sua análise pessoal da cobertura. Um dos entrevistados manifesta sua preocupação em estar num processo de espetacularização. Neste caso, mesmo não se identificando com a cobertura global, por exemplo, ele percebe nela maior consistência, por expressar-se de modo negativo quanto ao evangélico a maior parte do tempo:

B7: Não sei se dá para gente se sentir valorizado porque esses eventos são feitos para aparecer na mídia, né? *É uma coisa mercantilista, eu acho, até sensacionalista, ficar exibindo a fé lá, fazendo show, mas ninguém fala de Jesus mesmo, é só aquela coisa de momento ali... eu não sei... mas acho que a Rede Globo é mais... assim... sempre dá um jeito de falar mal de evangélico mesmo...*

Ao ser indagada acerca de qual dos dois telejornais apresentou os evangélicos de modo que lhe pareceu mais adequado, a resposta de M1 foi incisiva, levando discussão sobre a representação evangélica do telejornal para a sociedade em geral:

M1: Pra mim, nenhum dos dois. *Aliás, não é questão nem dos jornais, mas o povo em si tenta nos inserir no meio deste povo que eles consideram como evangélicos*

*nesses escândalos por aí afora.* Com exceção desta reportagem que a M8 falou aí, sobre a questão da semana inteira [reportagem especial da Rede Globo sobre os evangélicos] que aí, teria realmente o que falar, não tem nada... nada... nada...

A pesquisa tem seus limites, inclusive de amostra, o que só se pode superar com mais estudos. Ainda assim, na análise das respostas dos entrevistados, dadas durante as sessões dos grupos focais, pode-se perceber que a hipótese levantada por este trabalho parece se confirmar. Os entrevistados não demonstram uma postura de aproximação quanto aos telejornais baseados no fato de a emissora Record ser vinculada a uma igreja evangélica ou não, bem como não apresentam uma postura de distanciamento em relação à Rede Globo por ser esta uma emissora não confessional, embora vinculada historicamente ao Catolicismo e veiculando expressões da religião espírita, conforme declarações dos entrevistados.

Na verdade, há uma alternância entre os marcadores discursivos de identidade e alteridade conforme são explicitados nos enunciados dos telejornais. Se seus repórteres e apresentadores, como sujeitos enunciativos, apresentam um discurso cujas formações discursivas façam parte ou se aproximem do imaginário evangélico, então os entrevistados tendem a identificar-se com este discurso e podem até mesmo pronunciá-lo e repeti-lo como seu próprio.

Por outro lado, ainda que o enunciado venha de uma fonte entendida como evangélica (caso do telejornal exibido na Rede Record), se este não estiver afinado com as formações discursivas que forjam as identidades evangélicas dos grupos entrevistados, então estes tendem ao distanciamento, marcando uma posição evidente de não identificação, tanto com o discurso quanto com a imagem do evangélico que se quer projetar. As relações entre a análise das matérias jornalísticas e dos resultados dos grupos focais serão mais aprofundadas nas considerações finais desta pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não se pode falar em qualquer época de qualquer coisa; não é fácil dizer qualquer coisa que seja nova. (Michel Foucault)*

Esta dissertação propôs-se a investigar de que modo a televisão, particularmente no telejornalismo, participa nos processos de construção das identidades evangélicas e de que maneira essa representação é percebida por grupos de batistas e metodistas, que residem numa cidade do interior de Minas Gerais (Cataguases).

A análise procurou, à luz dos referenciais teóricos assumidos, demonstrar formas pelas quais as identidades dos grupos sociais são cotidianamente construídas, considerando uma variedade de discursos que permeiam e atravessam os sujeitos, que se movimentam em buscas de regiões de sentidos, as quais proporcionem ancoramentos a suas identidades em constante movimentação.

Este não é um processo, porém, de fácil detecção, mesmo porque muitos de seus mecanismos operam de modo inconsciente e imperceptível aos sujeitos em seus cotidianos, sejam eles os jornalistas em suas rotinas ou os telespectadores, tanto na condição de interlocutores com a televisão quanto em seus demais papéis sociais, incluindo o religioso.

A televisão, de modo geral, ocupa um espaço significativo na vida dos integrantes dos grupos focais realizados. Foi interessante detectar que a identidade religiosa interfere, de fato, na forma como eles assistem à televisão, particularmente no aspecto moral (foi explícita a preocupação em optar por programas que não enfatizam a violência ou questões sexuais) e educacional (programas são selecionados com base no que consideram saudável na educação das crianças). Uma marca identitária ainda presente nestes grupos de evangélicos foi certa resistência em admitir que a televisão é vista como fonte de

entretenimento, já que o valor-trabalho e a oposição ao ócio são fatores de muita relevância no protestantismo histórico.

Na prática, as informações levantadas permitiram perceber que a televisão ocupa mais tempo na vida destes evangélicos do que eles gostariam de admitir, o que os situa, de fato, na média brasileira quanto ao consumo televisivo, na faixa de três horas por dia. A família é o ambiente preferencial para assistir à televisão, como pontuado por Silverstone, de modo coletivo (grande parte dos aparelhos se situa na sala e a maioria dos entrevistados afirmou que os programas são vistos em família).

O telejornal, como gênero, está entre os programas preferidos dos grupos focais, confirmando outras pesquisas de audiência, e é o principal meio que diversos dos entrevistados utilizam para se informar. Eles conseguem elaborar percepções acerca da produção jornalística e dos fatores nela envolvidos, como a edição, a rapidez do noticiário, os enquadramentos que deixam certas informações de fora dos processos produtivos. Também ressaltaram a importância do telejornalismo em momentos significativos da vida da nação, atribuindo-lhe função transformadora (por exemplo, na eleição presidencial entre Collor e Lula).

Quando se tratou de analisar a representação evangélica nos dois telejornais, a marcação discursiva de identidade e/ou alteridade se mostrou até mesmo mais rica do que a hipótese levantada por este trabalho. O fato de ter vínculos com uma Igreja evangélica não torna a emissora ou o Jornal da Record imediatamente identificado com os grupos pesquisados. Particularmente, durante a exibição das matérias sobre a cobertura da Páscoa, que terminaram por abordar denúncias de pedofilia na Igreja Católica, a postura de ataque ao catolicismo foi sentida de modo desconfortável pelo grupo metodista que a ela assistiu. A generalização e a acusação, como estratégias discursivas, não foram tomadas de modo tranquilo. Há de se aprofundar mais as razões para tal desconforto, mas talvez valha a pena

sinalizar que os relacionamentos desta comunidade em particular, com forte presença ecumênica na cidade, podem ter sido um dos fatores a pesar nesta direção.

Também os batistas não perceberam favoravelmente a conexão entre a cobertura da Marcha para Jesus e a entrevista de um político, pois “misturar” religião e política lhes pareceu impróprio no momento e gerou desconfianças. Estas também são marcas identitárias dos protestantes históricos, resistentes a abrir mão da dicotomia entre sagrado e profano, já não tão presente nos grupos neopentecostais. Desta forma, a identidade como marcador discursivo não é tomada a priori, revelando a fragmentação dos sujeitos frente aos discursos jornalísticos.

Por outro lado, houve diversos instantes de aproximação com o Jornal da Record, basicamente naqueles relacionados com um alinhamento discursivo da religião: quando o repórter e os âncoras utilizaram enunciados próprios da religião evangélica, utilizaram assertivas para se referir a aspectos da fé ou evidenciaram os pontos positivos dos eventos a eles relacionados.

Processo similar se pôde perceber em relação ao Jornal Nacional. A desconfiança foi um fator sempre presente nos enunciados, mesmo quando a cobertura foi vista como favorável. Parecia emergir a pergunta de fundo: O que a Rede Globo quer com isso? Para os entrevistados, o telejornalismo global é visto como mais eficiente, melhor preparado, que “mostra mesmo” os acontecimentos. Por isso mesmo, a cobertura global de um evento, quando feita de um modo com o qual possam se identificar, cria, imediatamente, nos grupos pesquisados, efeitos de elevação da autoestima. Diversas expressões nesta direção surgiram, quando comentaram o fato de o telejornal ter feito uma série específica, na qual sua denominação (Batista e Metodista) foi citada.

As referências ao crescimento do número de evangélicos foram usadas como justificativa para o que, segundo os entrevistados, parece caracterizar uma mudança de

postura da Rede Globo em geral e do Jornal Nacional para com a forma de representá-los, mostrando-se mais favorável do que anteriormente eles percebiam ser. Destaque-se o fato de que, para os entrevistados, a Rede Globo parece mais alinhada ao Espiritismo do que ao Catolicismo, nos aspectos relacionados com a religião, particularmente nas telenovelas.

A percepção dos entrevistados é que questões políticas e econômicas, entre outros, determinam a forma pela qual ambos os telejornais abordam os evangélicos, além dos interesses da própria emissora em termos de audiência. Não lhes pareceu possível estabelecer uma relação de identidade ou de alteridade, mas a aproximação e o distanciamento são pontuais, de acordo com o lugar de fala do telejornal. A interdiscursividade que se evidencia, portanto, não pode ser determinada em termos absolutos, mas constitui uma região de névoas, de nebulosas, nas quais há momentos de claridade e escuridão. Estes evangélicos históricos também demonstraram, em diversos enunciados, não querer se identificar com os evangélicos que percebem na mídia. Têm resistência a ver seus eventos descritos como shows e preocupam-se em querer ser vistos de modo diferenciado.

A análise das matérias televisivas também partiu desses dois marcadores identitários fundamentais, entre outros que se poderiam levantar: a identidade e a alteridade. Os resultados da análise apontam que a construção da identidade evangélica nos discursos do Jornal da Record e do Jornal Nacional se alterna entre os dois marcadores, constituindo discursos de fronteiras, independentemente da postura particular de cada emissora quanto à religiosidade.

Ambos os telejornais podem ser entendidos, à luz da perspectiva da promessa de gênero, em Jost, como satisfatórios ao telespectador, pois os grupos focais demonstram que eles alcançam, de modo geral, as expectativas esperadas. Há que se considerar, obviamente, a televisão no conjunto da audiência e dos limites técnicos existentes em cidades do interior. Também permanece em aberto o questionamento de que o telejornal atende, de fato, à

promessa do gênero ou se é isso o que é dado ao telespectador esperar – a conformação da audiência ao formato dado é uma discussão bastante atual.

No aspecto da dramaturgia do jornalismo, em ambos os telejornais as matérias se constituem desta forma, sendo perceptível a existência de personagens, a construção textual em torno do conflito, o uso de recursos de cena (tais como cenários, música, a colocação em cena dos repórteres e âncoras como narradores, a polarização bem versus mal).

Esta estrutura narrativa, aliada à análise discursiva, permite perceber que os discursos acerca do evangélico situam-se, em ambos os telejornais, de modo bastante fronteiro. Na Rede Globo em particular, a alteridade se manifesta no uso de especialistas para abordar a temática, valendo-se da Ciência, em diversos momentos, para aproximar-se do universo religioso.

Como narrador, o jornalista se aproxima (marcador de identidade), utilizando-se de construções poéticas, do apelo à emoção, da humanização dos personagens, dando rosto às histórias contadas, de modo que não apenas o telespectador evangélico, mas o interlocutor do telejornal em geral, pode identificar-se com os conteúdos propostos. Além disso, por vezes o jornalista assume o lugar de fala do evangélico, usa expressões próprias de seu cotidiano e, na ordem do discurso, permite-lhe a fala, dando-lhe acesso no telejornal e provocando a identificação do telespectador.

A contar da quantidade de matérias relacionadas mais diretamente com a temática, foi um dado um tanto quanto surpreendente perceber que o Jornal Nacional deu mais relevância ao tema, produzindo até mesmo uma série especial sobre os evangélicos. No processo de produção desta dissertação, em período anterior à eleição presidencial, estava no ar a possibilidade de tratar-se já de uma aproximação global deste público, tendo em vista uma tendência incipiente de que os evangélicos pudessem ter algum papel relevante no

contexto político-eleitoral. Certamente as pesquisas que cobriram e cobrirão este período poderão dar conta da pertinência ou não desta possibilidade.

Contudo, cabe ressaltar que a construção da representação dos evangélicos neste telejornal se apresentou absolutamente à parte dos evangélicos conhecidos como neopentecostais. Exceto por matérias relacionadas com evasão de divisas e problemas jurídicos da Universal do Reino de Deus e da Igreja Renascer (e que por fugirem diretamente do tópico religioso foram descartadas), os evangélicos neopentecostais não foram citados nem uma vez sequer no telejornal. É possível que os fatores relacionados com guerra pela audiência entre Globo e Record, postulados no item desta dissertação acerca das condições de possibilidade do discurso, tenham pesado nesta opção discursiva da emissora.

Já a representação evangélica no Jornal da Record revela-se, a todo tempo, supraeclesial, sem mencionar nenhuma igreja evangélica em particular, e anticatólica, como uma tentativa de aglutinação dos evangélicos em torno da concorrente religiosa em comum. Nem mesmo a Igreja Universal aparece nos enunciados, muito embora em duas matérias tenha havido entrevistas com o senador Crivella, bispo da denominação (mas cujo vínculo com a Igreja foi ocultado na edição da emissora). Percebe-se, assim, uma busca por uma fala que abarque o todo evangélico no Brasil, enfatizando aspectos como a unidade do segmento, sua capacidade de superar dificuldades, sua dedicação à fé, etc.

Na Análise de Discurso fundamentada em Foucault, um ponto importante para entender o discurso é buscar observar as condições que o fazem possível. Não se pôde, obviamente, esgotar esta procura no escopo deste trabalho, mas algumas inferências sobre isso foram feitas no Capítulo Três, após a análise das matérias. É claro que as reflexões podem ainda aprofundar-se e estender-se muito mais, considerando-se a densidade teórica de Foucault e a complexidade dos acontecimentos discursivos desde sua perspectiva.

Não se pode correr o risco de deixar a análise estabelecer-se apenas na superfície dos discursos, pois, da forma como propõe Foucault, esta análise de discurso não é simples em sua efetivação. Entretanto, este é um exercício válido, no sentido de analisar o discurso como prática.

Toda a abordagem desta dissertação, tanto em seus aspectos teóricos quanto metodológicos foi buscar entender as relações discursivas estabelecidas entre os telejornais estudados e seus telespectadores, pelos marcadores da identidade e da alteridade, fugindo às simplificações e essencializações, às universalizações do sentido. A tentativa foi de compreender e evidenciar as condições tanto de surgimento e circulação quanto de controle do discurso jornalístico sobre o evangélico a partir de seu momento, de sua concretude histórica.

Por fim, vale pontuar que a regularidade discursiva buscada a partir dos marcadores propostos nada tem a ver com verdadeiro ou falso, mas com os fluxos de relação de poder nos diversos focos de enfrentamento existentes na sociedade. Como Foucault aponta, as disputas de poder são imanentes a todas as relações, sendo este uma estratégia, mais usada do que possuída. E o discurso (telejornalístico também), nesta perspectiva, é o grande poder pelo qual todas as instâncias, incluindo a mídia, estão em constante disputa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de. Os valores-notícia como efeitos de verdade na ordem do discurso jornalístico. In: **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0832-2.pdf>>. Acesso em 19 Jan. 2010.

ALVARENGA, Lídia. Bibliometria e arqueologia do saber de Michel Foucault: traços de identidade teórico-metodológica. In: **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n. 3, Set. 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19651998000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651998000300002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 Jan. 2010.

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de. **O fascínio de Sherazade**: os usos sociais da telenovela. São Paulo: Annablume.2003.

BAPTISTA, Saulo. **Palestra para o evento da WACC (World Association for Christian Communication)**, realizado na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil, apresentada no dia 08/07/2006 (não-publicado).

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECKER, Beatriz. Como, onde, quando e porque fala a audiência nos telejornais. In: **Estudos em Comunicação**. n.1. abril de 2007, p. 161-196. Disponível em: <[http://www.labcom.ubi.pt/ec/01/\\_docs/artigos/becker-beatriz-audiencia-telejornais.pdf](http://www.labcom.ubi.pt/ec/01/_docs/artigos/becker-beatriz-audiencia-telejornais.pdf)>, acesso em 29/11/2009.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia, Religião e História Cultural. In: **Revista Rever**. São Paulo, PUC, 2004, versão eletrônica. Disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2004/t\\_bellotti.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/t_bellotti.htm), acesso em 20 de julho de 2009.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. (Org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2007, v. 1, p. 107-122.

BENETTI, Marcia. Jornalismo e Análise do Discurso: método para estudo das vozes. In: **III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2005, Florianópolis. Anais da III SBPJOR. Florianópolis: UFSC, 2005.

BENETTI, Marcia; JACKS, Nilda Aparecida. O discurso jornalístico. In: **X Compós - Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2001, Brasília. Anais do X Encontro Anual da Compós, 2001. v. 1. p. 280-290.

BERGER, Christa. Tensão entre os campos religioso e midiático. In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina e ENDO, Ana Cláudia Braun. **Mídia e religião na sociedade do espetáculo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007, p. 23-32.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 25.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOHN, Simone. Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. In: **Opinião pública**. Campinas, Vol. X, n. 2, Outubro, 2004, p. 288-338.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7.ed. Campinas, Editora da Unicamp, 1998

BRANDÃO, Maria Cristina e FERNANDES, Danúbia de Andrade. Representação da identidade negra na telenovela brasileira. In: **VII Encontro de Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Ficção Seriada**. São Paulo, Compós, agosto de 2007, p.2-15. Disponível em: [http://www.compos.org.br/files/28ecompos09\\_Brandao\\_Fernandes.pdf](http://www.compos.org.br/files/28ecompos09_Brandao_Fernandes.pdf), acesso em 07 de fevereiro de 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier. São Paulo: Belo Horizonte, 2009.

CORREIA, João Carlos e VIZEU, Alfredo Eurico. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo Eurico (org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, António Firmino da. Identidades culturais urbanas em época de globalização. In: **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 48, 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010269092002000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092002000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 de agosto, 2009

COSTA, Antonio Firmino. Identidades culturais urbanas em épocas de globalização. In: **RBCS**, vol.17, n.48, fevereiro de 2002, p.15-30

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo focal. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2005, p.180-192.

COUTINHO, Iluska e FELZ, Jorge. Imagem e identidade: memória e representação no discurso midiático. In: COUTINHO, Iluska e SILVEIRA JR., Potiguara Mendes (org.). **Comunicação: tecnologia e identidade**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007, p. 107-118.

COUTINHO, Iluska. Séries de reportagem em televisão: Reflexão sobre um possível Telejornalismo interpretativo. In: **Intercom**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0588-2.pdf> > acesso em 20 de julho de 2009.

\_\_\_\_\_. Algumas reflexões sobre as características do telejornalismo e os limites da TV como meio de informação. In: **I Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Brasília, 28 e 29 de novembro de 2003. Disponível em <[sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/t026.doc](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/t026.doc)>, acesso em 30/11/2009.

\_\_\_\_\_. Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.) **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009, p.105-124

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico contemporâneo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>>, acesso em 20 de fevereiro de 2009).

DIAS, Claudia Augusto. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. In: **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 141-158, 2000. Disponível em: [www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=6716](http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=6716). Acesso em 01 ago. 2010

ENNE, Ana Lúcia. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. In: **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. Unisinos, v.2, 2003, p.101-116

ESCOSTEGUY Ana Carolina. Os Estudos Culturais. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001, p.151-170.

FECHINE, Yvana. O papel dos apresentadores de TV: uma abordagem semiótica a partir do telejornal. In: **Animus**. Revista Interamericana de Comunicação. Programa de pós-graduação

em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Vol. 13, 2008, 10 p. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/animus/animus\\_2008-1\\_art09.html](http://w3.ufsm.br/animus/animus_2008-1_art09.html)>, acesso em 24 jul 2010.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. Vozes e sentidos no jornalismo rural, o funcionamento discursivo do telejornal "Notícias", do Canal Rural. In: **Anais do 24 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Campo Grande/MS, setembro 2001 [cd-rom]. São Paulo, Intercom/Portcom: Intercom, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6.ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 5.ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999.

FRANÇA, Vera V. A televisão porosa: traços e tendências. In: FREIRE FILHO, João. **A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.27-52.

\_\_\_\_\_. O 'popular' na TV e a chave de leitura dos gêneros. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Televisão e realidade**. Edufba: Salvador, 2009, p. 223-229

FRANKENBERG, Lorena; LOZANO, José Carlos e JACKS, Nilda. Audiências televisivas latino-americanas: 15 anos de pesquisa empírica. In: **Matrizes**. São Paulo: USP, ano 3, n. 1 ago/dez, 2009, p. 167-196.

FREIRE FILHO, João e MARQUES, Carla. Sob o domínio do medo: a construção de *sujeitos temíveis* e *sujeitos temerosos* na mídia. In: COUTINHO, Eduardo Granja, FREIRE FILHO, João e PAIVA, Raquel (org.). **Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade**. São Paulo: Mauad X, 2008.

GOFFMANN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 15.ed. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 2008

GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

\_\_\_\_\_. (org.) **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

GOMES, Itânia Maria Mota et alii. Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: o Jornal Nacional da Rede Globo de televisão In: **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. v.1, p.54-72.

GOMES, Vera Lúcia de Oliveira; TELLES, Kátia da Silva e ROBALLO, Evelyn de Castro. Grupo focal e discurso do sujeito coletivo: produção de conhecimento em saúde de adolescentes. In: **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. Out-dez 2009 out-dez, n. 13, p. 856-862. Disponível em <[http://www.eean.ufrj.br/revista\\_enf/20094/artigo%2021.pdf](http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/20094/artigo%2021.pdf)> acesso em 30. Jul. 2010

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. A propósito do conceito de formação discursiva em Michel Foucault e Michel Pêcheux. In: **II Seminários de Estudo em Análise do Discurso**. Porto Alegre: UFRS, 2005. 8 p. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/clauidiagrangoiro.pdf>> , acesso em 10 dez 2010.

HAGEN, Sean. Jornalismo, mito e linguagem: uma abordagem teórica dos apresentadores-estrela. In: VIZEU, Alfredo (org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008, p.29-45.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro). 4.ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2000

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais** (org. Liv Sovik). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

HONOR, André Cabral. Burke e a nova História Cultural. In: **Pergaminho**. João Pessoa: UFPB, ano 1, n.0, out., 2005.

IBGE. **Censo 2002**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=961](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=961)>, acesso em junho de 2010.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Anual de Serviços - Produtos e Serviços 2004-2005**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impresao.php?id\\_noticia=933](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=933)>, acesso em 30 nov 2010.

ISER. **O “boom” evangélico na mídia radiofônica e televisiva no Brasil**. Disponível em: <[http://www.iser.org.br/exibe\\_noticias.php?mat\\_id=51](http://www.iser.org.br/exibe_noticias.php?mat_id=51)>, acesso em 20, mar., 2009.

JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

JUNQUEIRA, Lília e TONDATO, Márcia Percin. Religiosidade e desigualdades sociais nas telenovelas. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org.). **Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas**. São Paulo: Globo, 2009 (Coleção Teledramaturgia), p.183-214

LIMA, Venício. **Mídia de Deus**: Estado laico e radiodifusão religiosa. 23, set, 2008. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=504JDB001>>, acessado em 03, abr., 2009.

\_\_\_\_\_. **Mídia: teoria e política**. São Paulo, Perseu Abramo, 2001.

MACHADO, Hilka Vier e KOPITTCHE, Bruno. A identidade no contexto organizacional: perspectivas múltiplas de estudo. In: **Anais do Encontro de Estudos Organizacionais**, 2.2002. Recife: Observatório da Realidade Organizacional: Propad/UFPE: Anpad, 2002. 1CD.

MANHÃES, Eduardo. Análise do discurso. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2005, p.305-315.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico**. São Paulo: Paulus, 2003

MAZZA, V.; MELO, N.; CHIESA, A. O grupo focal como técnica de coleta de dados na pesquisa qualitativa: relato de experiência. In: **Cogitare Enfermagem**, América do Sul. Jan/Mar 2009, p. 183-188. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/14486/9729>>. Acesso em 02 fev. 2010.

MEIER, M.J. e KUDLOWIES S. Grupo focal: uma experiência singular. In: **Texto & contexto enfermagem**, 2003 Jul/Set; 394-399.

MIGUEL, Luis Felipe. O jornalismo como *sistema perito*. In: **Tempo social**. Revista de Sociologia USP. São Paulo, vol. 11(1), p. 197-208, maio de 1999. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/pdf/vol11n1/v11n1a11.pdf>>, acesso em 23 jul 2010.

MILLER, Toby. A televisão acabou, a televisão virou coisa do passado, a televisão já era. In: FREIRE FILHO, João (org.). **A TV em transição**: tendências de programação televisiva no Brasil e no mundo. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 9-25.

MOTA, Célia Ladeira. O gesto e a palavra: representações sobre a cidadania no telejornal. In: PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu, MOTA, Célia Ladeira e PORCELLO, Flávio Camargo (Org.). **Telejornalismo: a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 125-143.

MOURA, Maria Betânia do Socorro. **Memória Discursiva em Foucault e acontecimento jornalístico**. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt), s/d. Acesso em 18 jan. 2010.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Mauad, 2003.

PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira. Nós temos o que você precisa: uma reflexão sobre a religiosidade midiática na sociedade de consumo. In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina e ENDO, Ana Cláudia Braun (Org.). **Mídia e religião na sociedade do espetáculo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007, p. 87-97.

PEREIRA, Fabio Henrique. O mundo dos jornalistas: aspectos teóricos e metodológicos. In: **Intercom Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. V.32, n.2, jul/dez 2009. São Paulo: Intercom, 2009, p.217-235.

PEREIRA FILHO, Sebastião Faustino. Promessas: Contrato Individual e Social com Seres Superiores. In: **IV Congresso Português de Sociologia**. Mundos Sociais: saberes e práticas. 25-28 jun 2008, p. 1-7. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/751.pdf>, acesso em 10 dez 2010.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. Telejornalismo: das rotinas produtivas à audiência presumida. In: PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu, MOTA, Célia Ladeira e PORCELLO, Flávio Camargo (Org.). **Telejornalismo: a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006, p.19-40.

PIGNATARI, Rosa Malena. **Show da fé e de sentido(s): o universo eclesial como mediação sociocultural**. 2009, 260 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Bauru: Universidade Estadual Paulista, Pós-Graduação em Comunicação, 2009.

RESENDE, Fernando. O discurso jornalístico contemporâneo: entre o velamento e a produção das diferenças. In: **Revista Galáxia**, n. 14, p. 81-93, dez. 2007. São Paulo: PUC-SP, 2007.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus Editorial, 2000

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e BARBOSA, Marialva. Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional. In: **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo: Umesp, ano 28, n. 47, 2007, p. 100-116.

ROCHA, Simone Maria; ALBUQUERQUE, Carolina Abreu e OLIVEIRA, Renata Carneiro de. Qual é a 'cara' da cultura brasileira apresentada pelo Jornal Nacional? O gênero televisivo como estratégia de enunciação. In: **Comunicação Midiática: instituições, valores e cultura**. Anais do 1º Colóquio em Comunicação e Sociabilidade, UFMG, 12-14 de novembro de 2008.

Disponível em: < [http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispop/ROCHA\\_simone.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispop/ROCHA_simone.pdf) > acesso em 20 de julho de 2009.

SERBIN, Kenneth. **Diálogos na sombra: bispos, militares, tortura e justiça social na ditadura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação. In: SOUZA, Mauro Wilton (org.). **Recepção mediática e espaço público: novos olhares.** São Paulo: Paulinas, 2006 (Coleção pastoral da comunicação: teoria e prática), p.55-77.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do jardim botânico.** São Paulo: Summus Editorial, 1985.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, Vozes, 2000

SILVERSTONE, Roger. **Television and everyday life.** London: Routledge, 1994.

SOARES, Rosana de Lima. No rastro do discurso: para pensar a comunicação. In: **Revista Rumores.** São Paulo: USP, vol. 2, n. 1, Ed. 3, jul-dez. 2008, p.1-14

SOUZA, José Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira.** São Paulo: Summus Editorial, 2004.

THOMPSON, John. **Mídia e modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1998.

TORRES, Hideide Brito. Deu drama no jornal: a busca por legitimação identitária em reportagem do Domingo Espetacular sobre a novela “Duas Caras. In: **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** Curitiba: Intercom, 2009, p. 1-15.

TRINTA, Alúcio Ramos. Identidade, identificação e projeção: telenovela e papéis sociais no Brasil. In: COUTINHO, Iluska e SILVEIRA JÚNIOR, Potiguara Mendes (org.). **Comunicação: tecnologia e identidade.** Rio de Janeiro, Mauad X, 2007, p.151-164.

VANDRESEN, Daniel Salésio. **O discurso na arqueologia e genealogia de Michel Foucault.** Disponível em <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos\\_teses/FILOSOFIA/Artigos/Daniel\\_Salesio\\_Vandresen.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/Daniel_Salesio_Vandresen.pdf)>, p. 1-11, acesso em 09, dez., 2010.

VALIM, Maurício e COSTA, Soraya. **Tudo sobre TV**. Disponível em <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/tv50.htm>>, acesso em 20 de outubro de 2010.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**. 4 ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo, Ática, 1996.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade & Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

## **APÊNDICE 1: CARTA CONVITE PARA OS GRUPOS FOCAIS**

Cataguases, 13 de abril de 2010.

Prezados senhores e senhoras,

Sou pesquisadora do Mestrado em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Sou formada em Jornalismo e em Teologia pela Universidade Metodista e atuo na cidade de Cataguases como ministra religiosa da Igreja Metodista. Desenvolvo também ações docentes. Como parte das atividades acadêmicas no Mestrado, estou desenvolvendo uma pesquisa acerca da representação e da presença dos evangélicos históricos na cobertura jornalística da Rede Record (com o Jornal da Record) e da Rede Globo (com o Jornal Nacional).

Tendo entrado em contato com o seu pastor, ele me indicou seu nome para compor um grupo de 12 a 15 pessoas de sua congregação para participar da pesquisa-base de minha dissertação de mestrado. Este grupo participará de uma entrevista coletiva tendo como base algumas matérias exibidas nos dois jornais. Será uma reunião única, com cerca de duas horas de duração, incluindo assistir às matérias e discutir algumas questões propostas.

Sua presença, participação e opinião serão fundamentais para meu trabalho, na intenção de dar visibilidade a este segmento dos evangélicos. Seus dados serão preservados e unicamente serão utilizados para esta pesquisa e para meu uso direto e particular. Sua privacidade será inteiramente preservada.

A reunião será realizada no dia 19 de abril, às 19 horas, na Escola de Inglês Sheffield, que nos cedeu as instalações para melhor acomodação, devido ao fato de que será necessário gravar a discussão para melhor análise posterior.

Para que possa fechar o grupo adequadamente, solicito que, caso você se interesse em participar da pesquisa, confirme sua presença pelo telefone 3421-3534 até o dia 16 de abril. Caso queira mais esclarecimentos, pode telefonar ou enviar um e-mail. Novamente agradeço sua disposição em participar deste trabalho, que visa também dar visibilidade aos evangélicos históricos no cenário da mídia brasileira atual.

Hideide Brito Torres

Rua Dr. Sobral, 54 – Centro

Cataguases, MG – 3421-3534, 8887-2799

hideide@gmail.com

**APÊNDICE 2: QUADRO DESCRITIVO DAS MATÉRIAS - JORNAL NACIONAL**

Período de apuração das matérias: Agosto de 2009 a Abril de 2010

Critérios: matérias que trouxessem especificamente a temática evangélica e/ou datas comemorativas cristãs.

<b>Data</b>	<b>Formato</b>	<b>Temática</b>
<b>03/10/2009</b>	Nota coberta	Lula institui o dia nacional da Marcha para Jesus
<b>02/11/2009</b>	Reportagem	Cobertura da Marcha para Jesus com a presença do repórter in loco
<b>02/12/2009</b>	Nota coberta	Prisão dos líderes da Igreja Renascer nos Estados Unidos
<b>12/08/2009</b>	Reportagem	Denúncia do ministério público contra a Igreja Universal do Reino de Deus
<b>12/08/2009</b>	Reportagem	Denúncia do ministério público contra a Igreja Universal do Reino de Deus
<b>12/08/2009</b>	Reportagem	Denúncia do ministério público contra a Igreja Universal do Reino de Deus
<b>14/08/2009</b>	Reportagem	Dinheiro da IURD ainda retido na justiça
<b>14/08/2009</b>	Reportagem	Denúncia do ministério público contra a Universal do Reino de Deus (Receita Federal)
<b>15/08/2009</b>	Nota coberta	Relação da IURD com uma rede de empresas para desvio de verbas
<b>15/08/2009</b>	Reportagem	Matéria da revista Veja sobre organização criminosa da IURD
<b>18/08/2009</b>	Reportagem	Empresas de fachada da IURD
<b>19/08/2009</b>	Nota coberta	Venda de espaços na rede Record para a IURD
<b>02/08/2009</b>	Reportagem	Polícia pacificadora e telecurso em igrejas evangélicas no morro, RJ
<b>24/09/2009</b>	Reportagem	Religião muda as crenças dos povos indígenas
<b>26-28/05/2009</b>	Série especial	A ação social dos evangélicos no Brasil
<b>11/03/2010</b>	Reportagem	Prisão de pastores no Rio de Janeiro por tráfico de armas
<b>02/04/2010</b>	Reportagem	Cobertura da celebração da Páscoa em Jerusalém, com a presença do repórter in loco
<b>02/04/2010</b>	Nota coberta	Show gospel de Páscoa na Quinta da Boa Vista

### APÊNDICE 3: QUADRO DESCRITIVO DAS MATÉRIAS - JORNAL DA RECORD

Período de apuração das matérias: Agosto de 2009 a Abril de 2010  
 Critérios: matérias que trouxessem especificamente a temática evangélica  
 e/ou datas comemorativas cristãs.

<b>Data</b>	<b>Formato</b>	<b>Temática</b>
<b>02/11/2009</b>	Reportagem	Cobertura da Marcha para Jesus com a presença do repórter in loco
<b>03/11/2009</b>	Nota coberta/entrevista	Presidente Lula sanciona o Dia da Marcha para Jesus
<b>11/11/2009</b>	Reportagem	Bispos da Renascer são inocentados em processo
<b>02/04/2009</b>	Nota coberta	Celebração da páscoa católica em todo o mundo
<b>05/04/2010</b>	Reportagem	Celebração da Páscoa no Vaticano e denúncias de pedofilia
<b>05/04/2010</b>	Reportagem	Celebração da Páscoa no Vaticano e denúncias de pedofilia

## APÊNDICE 4: DESCRIÇÃO DAS MATÉRIAS DO JORNAL NACIONAL

### Marcha para Jesus reúne um milhão em São Paulo – 02/11/2009

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Reportagem Tempo: 1'20"	Âncora (Carla Vilhena)	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	Um milhão de pessoas participaram hoje de uma marcha organizada por várias igrejas evangélicas.
	Âncora (Heraldo Pereira)	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	Elas participaram, elas enfrentaram um sol forte na capital paulista.
	Repórter (off)	Grupos de pessoas andando na avenida.	Os fiéis, de várias regiões do país, se concentraram no centro da cidade.
	Repórter (off)	Imagens de pessoas andando na avenida. Imagens dos três jovens.	Esses três amigos viajaram 300 quilômetros para participar da Marcha. Cada um é de uma igreja evangélica diferente.
	Fala povo	Douglas Madeira, estudante	A simples satisfação “da” gente estar aqui é enorme e “tar” reunindo aqui as várias igrejas, independente das denominações e das doutrinas.
	Repórter (off)	Vista aérea da multidão	O tema deste ano? Marchando para derrubar gigantes, que, segundo os organizadores são figuras espirituais.
	Repórter (off)	Cenas do palco onde se realizaram as apresentações	Vencer dificuldades era a mensagem principal.
	Repórter (off)	Mulher balançando um chapéu para dissimular o calor. Pessoas jogando água para cima no meio da multidão. Ambulância passando no meio da multidão. Cenas da multidão, vista do alto.	E hoje, uma das maiores dificuldades foi o calor, de mais de trinta graus. Foram três quilômetros de uma caminhada que, segundo a Polícia Militar, reuniu um milhão de pessoas.
	Fala povo	Mulher não identificada.	É a primeira vez que eu venho, mas estou muito feliz, muito, muito.

	Repórter José Roberto Burnier (passagem)	Repórter em primeiro plano e multidão ao fundo.	A marcha terminou, mas a celebração, não.
	Repórter (off)	Cenas de pessoas próximas à grade de proteção do evento, acenando. Ao final da passagem da imagem, uma sonora da multidão cantando.	Os fiéis vieram aqui para a zona norte de São Paulo, onde eles passaram a tarde toda ouvindo discursos e apresentações musicais.
	Repórter (off)	Adolescente sendo carregada pelo bombeiro.	Por causa do calor, mais de 100 pessoas foram atendidas pelo serviço médico.
	Fala povo	Mulher não identificada	Repórter: Vai aguentar o dia todo debaixo deste sol? Mulher (erguendo o braço): O dia inteiro

### Marcha para Jesus é sancionada pelo presidente Lula – 03/09/2009

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Nota pelada Tempo: 0'15''	Fátima Bernardes	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	Foi sancionada, nesta quinta-feira, pelo presidente Lula, a lei que institui o Dia Nacional da Marcha para Jesus.
	William Bonner	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	A data será comemorada sempre no primeiro sábado depois de passados 60 dias do domingo de Páscoa. A Marcha para Jesus começou em Londres e hoje é realizada em muitos outros países.

### Cristãos ortodoxos celebram a Páscoa – 02/04/2010

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Nota coberta	Âncora (Alexandre Garcia)	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	Cristãos ortodoxos celebraram hoje, na Terra Santa, a cerimônia do fogo sagrado.
	Alexandre Garcia (off)	Cenas do local, passeata dos fiéis, cena em que o líder ortodoxo entra no sepulcro, depois ele sai, trazendo a chama que é	A Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, recebeu milhares de fiéis. O patriarca da Igreja Ortodoxa Grega entrou no lugar onde, segundo a tradição, está o túmulo de Jesus. Ao sair, ele levou aos fiéis a

		passada a outras pessoas. Cenas de multidões e som de sinos tocando ao fundo.	chama, que é considerada o sinal de que Cristo não esquece os seus seguidores.
--	--	---	--

### Páscoa em Jerusalém – 02/04/2010

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Reportagem	Alexandre Garcia	Estúdio do Jornal	Os últimos passos de Jesus também foram revividos por peregrinos cristãos na Terra Santa, como mostra o correspondente Ari Peixoto.
	Ari Peixoto (off)	Cena de multidões em Jerusalém, vista do alto e abrindo o close inicial para panorâmica.  Closes de pessoas com símbolos religiosos nas mãos e em passeatas.	Com a coincidência da celebração dos cristãos ortodoxos e dos católicos, a Sexta-feira Santa em Jerusalém foi mais cheia do que em outros anos.  Milhares de peregrinos de todo o mundo caminharam pelas ruas estreitas de pedra, seguindo os passos de Jesus Cristo na via dolorosa. Segundo a tradição, as procissões percorrem os mesmos lugares por onde Jesus passou no dia da crucificação.
	Ari Peixoto (off)	Cena da igreja do Santo Sepulcro (entrada, mulher acendendo velas e local do mármore sendo tocado pela multidão)	Na Igreja do Santo Sepulcro, também lotada, velas acesas e a bênção do mármore onde o corpo de Cristo teria sido colocado após a morte.
	Ari Peixoto (passagem)	Repórter em frente a uma barreira policial. Oficiais do outro lado da barreira e multidões em torno.	Há muito tempo não se viam tantos policiais israelenses na via dolorosa, em torno da cidade velha. E foi essa presença ostensiva, aliada a controles de segurança rígidos, que acabou gerando incidentes com os fiéis.
	Ari Peixoto (off)	Cenas de tumulto entre os fiéis e a polícia, descritas no texto do repórter enquanto se sucedem na tela.	No mais grave, uma barreira policial montada perto do Santo Sepulcro parou uma procissão de árabes cristãos que vivem em Jerusalém. Houve uma discussão, até que a onda de peregrinos avançou para cima da barreira. Uma cruz foi usada para abrir caminho. E os

			policiais não conseguiram impedir que os fiéis seguissem adiante. Por sorte ninguém ficou ferido.
	Ari Peixoto (off)	Padre brasileiro andando perto do muro das lamentações.	Apesar da tensão, o padre brasileiro que viveu pela primeira vez a Sexta-feira Santa em Jerusalém, está satisfeito.
		Entrevista/fala do padre. Ao final de sua fala, fecha-se na imagem de uma mulher (grega ortodoxa) segurando uma cruz. Percebe-se sua religião pelas roupas que usa e pelo estilo da cruz que carrega.	“Saio daqui muito feliz, e posso dizer até assim, renovado nesta experiência.”

**Série Amazônia: Religião muda costumes dos povos indígenas – 24/09/2009**

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Reportagem Tempo: 4'50"	William Bonner	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	Na quarta matéria que o Jornal Nacional tem exibido nesta semana, Lúcio Alves e Marcelo Canellas mostram como a religião mudou crenças, mitos e costumes dos povos indígenas.
	Sons indígenas	Abertura da série	
	Não identificado	Noite, cena de chuva, relâmpagos; Bíblia	No princípio criou Deus os céus e a terra.
	Não identificado	Noite, cenas de chuva, fumaça	A partir da fumaça da barofada do cigarro do avô do universo.
	Não identificado	Bíblia aberta Pessoa indígena	E disse Deus, façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.
		Pessoa indígena Cena de céu	Apareceu o ser humano em forma de redemoinho
	Repórter off	Vitral de igreja, cena da crucificação	No fundo, não seria o mesmo?
	Entrevista	Genésio Savazza, padre salesiano	O Gênesis é o mito da Bíblia na cultura indígena. O mito e tal... isso explica tudo...
	Off	Indígenas em atitude de oração	Mas nem toda pregação é assim, tão flexível.
	Off	Cenas de indígenas em	E dançar, pode?

		dança típica	
	Fala povo, mulher indígena	Close no rosto da mulher	Dançar, eu posso assim, né, pra Jesus.
	Off	Cenas de batismo por imersão no rio	Indígenas num batismo em massa no Rio Negro. Os pastores dizem que é um ato de renúncia e na maioria das vezes, de adesão irrestrita a um novo conceito de Deus.
	Entrevista	Wellington da Silva Monteiro, pastor da Assembleia de Deus	A gente tem que ensinar. Eles não conhecem o que está escrito na Palavra, que tem um Deus que criou eles, que não é Deus Sol, Deus Lua, mas sim, um Deus que está escrito na Bíblia.
	Entrevista	Domingos Sávio Barreto, índio Tukano	Deus é a natureza, suas árvores, a própria casa, a própria pescaria.
	Off	Cenas do índio andando entre construções católicas, igreja, ao ar livre.	Domingos acha que os evangélicos estão fazendo agora o que os católicos já fizeram antes.
	Fala povo	Índio Domingos	Eles nos ensinaram dizendo: Isso que vocês têm não serve, não presta.
	Off	Domingos andando na construção católica, imagens de fotografias do início das missões católicas. BG: músicas indígenas	Ex-padre, Domingos foi um dos alunos das grandes missões católicas, incredivelmente construídas no meio da selva, numa época em que o acesso era muito mais difícil. A partir de 1914, quando começaram a chegar aqui, os padres salesianos foram proibindo tudo: malocas coletivas, rituais, línguas...
	Fala povo	Índio não identificado	Disseram, né, através dos missionários, que a nossa cultura era coisa do demônio...
	Off	Fotografias antigas	A nudez dos índios era considerada obscena. Era assim, uma espécie de tanga, cueiro assim, como chamavam os padres.
	Off	Imagens de um indígena costurando numa máquina.	Horácio, como todos os de sua aldeia, também chegou nu ao Colégio, há mais de 50 anos. Mas os padres o transformaram no primeiro alfaiate indígena da Amazônia.
	Off	Close no rosto do indígena costureiro	Quer dizer então que quem vestiu mesmo os índios foi o senhor, né?

	Entrevista	Sem créditos	É, foi nós mesmo, é nós mesmo...
	Off	Procissão católica com pessoas indígenas	Durante quase um século, os rituais romanos tomaram o lugar dos mitos ancestrais.
	Passagem	Repórter ao ar livre. A câmera começa mostrando o repórter contra o fundo da floresta e vai girando ao seu redor, até terminar mostrando-o contra uma construção da Igreja Católica.	A obsessão católica da conversão dos selvagens foi diminuindo com o tempo. A ideia de que há almas pagãs vagando na floresta e de que elas precisam ser salvas a qualquer custo já não é mais aceita pela direção da igreja. O novo chefe da diocese de São Gabriel da Cachoeira chegou aqui com a fama de ser o bispo dos índios.
	Off	Cenas da consagração do bispo, índios dançando, rezando o Pai Nosso	A ordenação episcopal foi uma festa indígena. O gaúcho Edson Damian foi benzido e ganhou um cocar. Rezou a primeira missa numa igreja em forma de maloca e veio disposto a rever o conceito de conversão.
	Entrevista	Close	São os índios que vivem como os cristãos primitivos, que tinham tudo em comum. Nós é que temos que nos converter a eles.
	Off	Bispo rezando a missa e indígenas assistindo	Para ele, é a igreja que tem que defender o direito dos indígenas
	Entrevista	Close	O índio sem terra, é o índio que perdeu sua referência cultural, religiosa.
	Off	Padre pregando, evangélico pregando na beira do rio, índios de mãos erguidas, prontos para serem batizados no rio	Dom Edson não está sozinho. Entre os evangélicos quem busque conciliar transcendência e vida concreta.
	Entrevista	Celânio Benjamin da Silva, pastor da Assembleia de Deus	A cultura só tem valor quando tem vida, se não tiver vida, não tem valor. Alguém precisa cuidar da vida do índio, da vida do índio, da saúde do índio.
	Off	Cenas de batismo dos índios no rio	O esforço ecumênico de salvar as almas sem acabar a tradição
	Off do entrevistado (padre católico)	Cenas dos indígenas	Para que o evangelho possa entrar no coração desses povos sem destruir os valores que eles já trazem.
	Música indígena	índigenas dançando	Sobe BG

### Série Os evangélicos: Missionários traduzem a Bíblia – 26/05/2009

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Reportagem <b>Tempo: 7'20''</b>	William Bonner	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	A partir desta terça-feira, o Jornal Nacional apresenta uma série de reportagens sobre obras sociais de igrejas evangélicas presentes no Brasil.
	Fátima Bernardes	Estúdio do Jornal	Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), enquanto a população brasileira cresceu 15,5% entre os dois últimos censos, o número de evangélicos dobrou. Hoje, são cerca de 15% dos brasileiros. Como a maioria católica inclui 73% da população, as obras da Igreja Católica são mais conhecidas.
	William Bonner	Estúdio do Jornal	Nesta semana, nós vamos ver o trabalho que os evangélicos estão fazendo não só em cidades grandes como o Rio de Janeiro, mas também em comunidades menores, do interior do país, apoiando populações que frequentemente são esquecidas pelo poder público.
	Música	Abertura da série: sol, pessoas de mãos erguidas, mãos dadas.	
	Off	Crianças e adolescentes tocando instrumentos	A harmonia dos sons vale por uma prece.
	Entrevista	Gilberto Oliveira, músico	O instrumento, a música e o canto têm uma ligação muito íntima com Deus.
	Off	Culto na igreja, músicos tocando, pessoas de mãos ao alto.	Diante da orquestra assim, como ficar de braços cruzados? Este é um templo da Assembleia de Deus, uma igreja tipicamente brasileira.
	Off	Animação gráfica mostrando o mapa do Brasil.	Criada no início do século XX em Belém do Pará, tem hoje 8,4 milhões de fiéis espalhados pelo país.
	Off	Pessoas fazendo orações e cantando	São evangélicos de ramo pentecostal, que acreditam no poder do Espírito Santo e usa a música como oração. Música cheia de fervor.

	Off	Crianças chegando para uma sala de aula	A Sinfonia da Fé tem origem em um projeto que ajuda crianças, jovens e adultos. Gilberto achava que seria técnico em química. Hoje, toca no culto e também na Orquestra Municipal do Rio de Janeiro.
	Entrevista	Gilberto, músico	Quando a gente está fazendo música, a gente já sente na pele. Às vezes, a gente fica arrepiado. Quando a gente faz a coisa para Deus e dá aquele arrepio, Meu Deus do céu. Esse, Deus recebeu.
	Off	Pessoa passando sacolinha entre os bancos de membros das igrejas.	Nas oficinas da igreja, ele se descobriu como músico de talento. Uma atividade mantida com uma parte do dízimo, das doações que vem dos fiéis.
	Entrevista	Repórter e pastor da Igreja, crédito: Nelson dos Anjos, pastor	O que que as pessoas costumam ouvir, que ouvem errado? Que a igreja só existe para pegar dinheiro do povo, para enganá-lo. Os pastores são tidos como charlatões, pegadores de dinheiro. Mas ninguém vê os acontecimentos sociais que a igreja promove.
	Off	Animação gráfica, mostrando mapa do mundo e fotos de Lutero e Calvino.	A origem das igrejas evangélicas está no distante Século XVI, na decisão de homens como o monge Martinho Lutero e o teólogo João Calvino, em romper com a Igreja Católica. O primeiro por não concordar com o pagamento das indulgências, a possibilidade que existia, na época, de comprar o perdão divino. O segundo por querer uma grande reforma na organização dos ritos católicos. O movimento é conhecido como Protestantismo, de onde derivam a imensa maioria dos evangélicos de hoje.
	Entrevista	Maria das Dores Machado, socióloga Imagens de pessoas manuseando a Bíblia.	Com o Lutero, você vai ter toda uma nova teologia muito calcada na interpretação, na leitura da Bíblia pelo próprio indivíduo. Você tem que assumir para você que está tudo ali na Bíblia. As suas orientações estão na Bíblia para a sua vida.
	Off	Pessoas lendo a Bíblia, pôr-do-sol; estrada	E lá está escrito... a missão dos cristãos é divulgar a palavra de

		poeirenta	Deus mundo afora.
	Off	Estrada poeirenta, construções	Os presbiterianos foram para Dourados, no Mato Grosso do Sul, em 1928, para levar o Evangelho, com autorização da Funai, para a maior aldeia do Brasil.
	Off	Animação gráfica	A Igreja Presbiteriana tem origem no Século XVI, está no Brasil desde 1859 e tem hoje 980 mil fiéis. É conhecida por reforçar os valores éticos e morais.
	Off	Imagens do hospital e crianças na frente de um ônibus escolar.	Na missão Caiuá, um hospital só para eles. Também uma escola, com ênfase evangélica.
	Off	Imagens dos índios, da terra, ocas, teias de aranha no telhado.	Em meio à disputa por terras na região que já dura décadas, o preconceito afastou brancos e índios e dividiu a tribo. Hoje, são dois caciques e nenhum pajé, o líder espiritual. O último morreu há cinco anos. Os chocalhos sagrados dos rituais criaram teias de aranha.
	Off	Imagens de crianças chorando, sendo atendidas no hospital.	Agora, as doenças são tratadas só no hospital da missão. Na cidade, os índios ainda não são bem recebidos.
	Fala povo	Mulher indígena	A discriminação e o preconceito são muito fortes
	Off	Cenas de escolas	Na escola indígena, os mais velhos tentam não deixar a cultura morrer. Na escola da missão, as aulas dos brancos funcionam como reforço, como ferramenta para entender e transitar no mundo dos brancos.
	Entrevista	Benjamin Bernardes, pastor presbiteriano	Quando você pode ensinar uma criancinha que está ao seu lado, quando você pode curar a ferida de alguém está sofrendo no hospital. Todos esses gestos não são simplesmente de um profissional que está fazendo, mas alguém que tem o ideal de servir e que gostaria, através daquele gesto, alcançar a grandeza e o amor de Deus no seu coração.
	Off	Índios lendo a Bíblia	O reverendo Benjamin sabe que, para tudo isso dar certo, uma barreira tem que cair. Afinal, são

			evangélicos americanos, de língua inglesa, no Brasil da língua portuguesa, trabalhando com índios que falam o caiuíá.
	Passagem	Repórter entre os índios, segurando uma Bíblia na mão.	Um dos maiores desafios dos missionários foi tentar entender a língua dos índios para poder falar de igual para igual com eles. Mas os religiosos foram além. Conseguiram registrar pela primeira vez, por escrito, a gramática da língua kaiuwá. Ainda produziram um livro. O texto que você está vendo, estranho, diferente, é sagrado. É a Bíblia feita para os índios e escrita na língua deles.
	Fala povo	Mulher não identificada	Deus me chamou para isso.
	Off	Imagens da mulher, agora identificada, em diversos ângulos.	É o trabalho de uma vida. Audrey começou decifrando gestos e ruídos. Agora, divulga o Evangelho sem precisar de tradução simultânea.
	Entrevista	Audrey	Qual o significado disso pra eles? Eles acham Eles têm mais valor do que eles pensavam que tinham. A língua está escrita e Deus falou com eles através da Bíblia, na própria língua.
	Fala povo	Índio lendo a Bíblia na língua dele. Imagens da escola.	Eu gostei da parte onde diz que Deus não quer que nenhum dos pequeninos se perca. Assim como ele amou a ovelha perdida, ele ama a todos igualmente. A missão trouxe uma nova realidade para uma comunidade indígena, uma outra vida.
	Off	Crianças correndo alegres	Ensinar, aprender, proteger e ajudar. Na missão evangélica encravada no cerrado, são os próprios índios os primeiros a reconhecer.
	Valdenice Veron	Mulher indígena, cenas de pessoas indígenas, closes nos rostos.	Foi Deus que mandou a missão, tanto os caciques, os rezadores falam disso também. Se não fosse Deus, o caiuíá estaria reduzido, muito reduzido, porque nós íamos morrer tudo.
	Pr. Benjamin	Cena do pastor, cenas de indígenas	Todos nós podemos fazer algo, por mais simples que seja, desde que haja no nosso coração o desejo sincero de poder servir ao próximo.

	Fátima Bernardes	Bancada do Jornal	Na quarta-feira, você vai ver como a vida de moradores de rua está se transformando por causa do trabalho dos metodistas, em um viaduto de São Paulo.
--	------------------	-------------------	---

### Série Os evangélicos: O trabalho dos metodistas – 27/05/2009

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Reportagem Tempo: ”	William Bonner	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	O Jornal Nacional está apresentando, nesta semana, uma série de reportagens sobre o trabalho social de igrejas evangélicas que atuam no Brasil. Nesta quarta, você vai conhecer o trabalho dos metodistas nos subterrâneos da nossa maior cidade.
	Abertura da série		
	Off	Panorâmica da cidade, aproximando o close até chegar a uma pessoa, caída ao chão, várias cenas de moradores de ruas.	Eles estão lá, mas pouca gente vê ou quer ver. Vidas estacionadas nas calçadas, presas no beco escuro da indiferença.
	Fala povo	Homem negro, adulto	A cidade trata como quem não tem mais chance. Eles olham e falam: ‘Aquele não tem mais jeito’.
	Passagem	Repórter andando pela rua, à noite.	É um caminho que parece não ter volta. Viver na rua transforma a vida das pessoas por fora e também por dentro. Sensações de raiva, angustia, solidão vão se multiplicando. A prefeitura de São Paulo estima que 12 mil pessoas vivam dessa forma, numa espécie de prisão a céu aberto, nas ruas da cidade.
	Passagem	Repórter descendo as escadas, visão das escadas a partir de cima.	Pois quis a ironia que justamente no bairro da Liberdade, uma porta aberta para dentro de um viaduto se transformasse numa saída, numa chance para quem não tem mais nada. A escada leva para uma espécie de oásis urbano, repleto de desencontros.
	Fala povo	Diversas pessoas, filmadas dentro do abrigo.	Meu nome é Edileusa Maria de Lima.  Sou aqui de São Paulo e quero que minha família venha me procurar.

			Estou procurando um primo meu de Minas Gerais.
	Off	Cenas de pessoas tomando banho, camas, local de lavar roupa	Uma chuveirada que revigora. Um tanque para lavar as roupas. Um ferro para passar. Um lugar para trocar a dureza do cimento pelo conforto de um travesseiro.
	Entrevista	Paulo César de Oliveira, auxiliar de serviços gerais.	Por enquanto, seu endereço é o quê? Por enquanto, o meu endereço é o armário 59. E daqui a pouco? Daqui a pouco pode ser uma outra coisa melhor. E esse barulho da rua? Esse barulho da rua é um terror.
	Entrevista	Pastor Marcos Paulo Garcia, metodista	Quando a pessoa está perdida, ela precisa de um gesto, de alguém que estenda a mão, que demonstre o amor de Cristo de forma prática. É essa fé que nos faz olhar para essa pessoa e entender que ele foi criado a imagem e semelhança de Deus. Se não fosse a fé, não estaríamos aqui.
	Off	Animação gráfica	Esta é fé dos evangélicos da Igreja Metodista, fundada em Londres, no século XVIII. Ela chegou ao Brasil em 1835 e hoje tem 341 mil fiéis. Os Metodistas são conhecidos por serem missionários, por considerarem que o mundo é a sua paróquia e por não perderem a esperança nas pessoas.
	Entrevista	Christina Vital da Cunha, do Instituto de Estudos da Religião, antropóloga	A fé em ação transforma muita coisa, essa é uma crença de quem está nesses trabalhos e essa é uma crença importante porque acaba tendo uma interferência na vida dos indivíduos.
	Off	Imagens do vigia	Quem acreditaria no vigia Antônio José de Souza, afundado nas drogas, alcoólatra, abandonado pela família, mendigando nas ruas uma chance de sobreviver?
	Entrevista	Antônio José de Souza, sentado nas escadas ao lado do repórter	Eu falei assim: 'Eu posso entrar para tomar um copo de água?'. E ele carinhosamente abriu a porta. Nessa hora, o chão parece que se abre. Essa porta aqui foi o começo de uma vida.

	Off	Imagens do responsável pelo abrigo	Antônio foi recebido no abrigo pelo ex-capitão Luiz Pereira de Souza. Condenado a 43 anos de cadeia por assassinato. Diz que conheceu a fé na prisão.
	Entrevista	Luiz Pereira de Souza	Dia 15 de dezembro de 95 entrei em pânico e disse que não ficaria mais um dia.  Porque você lembra desta data?  Eu lembro da data, porque nesse dia eu tive uma experiência com Deus, em que eu vi Jesus me abraçando e ali pude mudar a minha vida.
	Off	Imagens de Luiz Pereira	Repórter: Sem esperar, ganhou um indulto depois de cumprir 14 anos de pena.  Entrevistado: Quando eu vi o documento, estava lá: ex-sentenciado Luis Wilson Pereira de Souza está perdoado de todo o restante da sua pena, pode ir para casa. Nessa hora, desabei, comecei a chorar, e só falava uma coisa: 'Deus é fiel, Deus é fiel, Deus é fiel'.
	Off	Imagens de Luiz andando na rua, placa do Viaduto Pedroso, Luiz e Antônio num templo. Coral cantando no altar.	De ex-detento, o antigo capitão passou a ser salvador de almas. Luis deu a Antônio o conforto e a chance de que ele precisava. Mudança iluminada: do esquecimento das ruas para uma vida intensa.
	Off	Fotos de casamento, cenas do casal no apartamento.	Neste mesmo templo, o ex-mendigo se casou com Tereza, também moradora de rua. Tiveram uma filha, conseguiu trabalho e uma vaga no hotel social da prefeitura. A improvável família sabe exatamente que nome dar para o que lhes aconteceu.
	Entrevista	Close no rosto de Antônio	Nós três aqui somos um milagre.
	Off	Cenas de Antônio e do coral	São 38 anos vivendo na rua. Bastaram três conhecendo a compaixão dos metodistas para que Antônio e Tereza recuperassem a dignidade.
	Entrevista	Antonio, close no rosto Imagens da família na área do apartamento	Eu cheguei a dormir na 23 de maio, naqueles buracos que tem na 23.  E se hoje alguém te perguntar onde você mora?

			Hoje, eu moro na Brigadeiro Luis Antonio, Bela Vista.
	Fátima Bernardes	Bancada do telejornal	Nesta quinta, a gente vai mostrar o trabalho dos batistas e dos adventistas com crianças do Rio de Janeiro.

### Série Os evangélicos: Batistas e adventistas ajudam crianças pobres – 28/05/2009

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Reportagem Tempo: 6'32"	Fátima Bernardes	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	O atendimento a crianças é o tema de hoje da série especial que o Jornal Nacional está mostrando esta semana, sobre o trabalho social de algumas das muitas igrejas evangélicas do Brasil.
	William Bonner	Estúdio do Jornal, bancada do apresentador	Hoje vamos conhecer a ação dos batistas e dos adventistas.
	Abertura da série		
	Off	Imagens de uma mão que se aproxima, braços em volta de uma criança de costas, BG de música instrumental, imagens de céu	O que pode acontecer quando alguém decide, simplesmente, ajudar? Estender a mão para quem precisa.
	Off	Imagens de crianças dormindo, sendo despertadas por uma mulher, de modo carinhoso.	Jovens demais para ter lembranças que só existem em sonhos. O da menina, esta noite, foi com a mãe, com quem não pode mais morar.
	Fala povo	Menina do abrigo	A mãe de verdade é bem melhor do que o sonho, porque ela é real. O sonho, não.  E por que você não está mais com ela?  Sei lá, porque a gente não se demos (sic) muito bem, não.
	Passagem	Repórter saindo de uma casa colorida, intercalando com imagens das crianças, brincando, imagens do repórter feitas do alto. Criança filmada de costas, brincando com	Esta é uma rua especial. Aqui nessas casas, em São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio, moram meninos e meninas que foram retirados da guarda dos pais por ordem da Justiça.  Criança: Essa aqui é a cama da

		<p>um telefone, fingindo falar com a mãe.</p> <p>Repórter andando no espaço do abrigo, mostrando crianças brincando ao fundo.</p>	<p>Thaís, essa aqui é a minha cama...</p> <p>Repórter: Crianças que viviam largadas nas ruas, pedindo dinheiro nos sinais de trânsito, sofrendo todo o tipo de violência.</p> <p>Criança: Oi, mãe, eu fugi, porque você estava querendo me bater... Tchau, um beijo...</p> <p>Repórter: Para dezenas de crianças que pareciam não ter futuro, este é seu novo endereço: a Associação Evangélica Resgate e Ame, que poderia muito bem ser chamada de Rua da Esperança ou da Salvação.</p>
	Off	<p>Adolescentes numa roda de violão, cantando músicas evangélicas.</p> <p>Imagens de alimento, crianças sentadas à mesa, comendo.</p>	<p>Hoje, o abençoado pão de cada dia vem pelas mãos dos integrantes da Igreja Batista Brasileira, uma das várias igrejas que derivam da Igreja Batista, fundada no século XVII na Inglaterra.</p>
	Off	<p>Animação gráfica, mostrando dados estatísticos e históricos da Igreja.</p>	<p>Os Batistas são hoje no Brasil 1,5 milhão de fiéis, que frequentam cultos em 7,5 mil templos.</p>
	Entrevista	<p>Maria das Dores Machado, socióloga</p>	<p>A doutrina pentecostal enfatiza muito essa capacidade dos indivíduos em desenvolver o dom do Espírito Santo.</p>
	Off	<p>Crianças brincando, indo à escola, alimentando-se, fazendo aula de música, dança, etc.</p>	<p>É uma grande família unida pela fé, que tem suas regras. Escola, todos os dias. Depois dos estudos, almoço, aulas de reforço, de música e de dança. Não tinham futuro, hoje sonham até com a universidade.</p>
	Off	<p>Mulher conversando, andando de mãos dadas com uma adolescente.</p>	<p>Simone é uma das poucas mães que aparecem por aqui. A filha dela sabe que a esperança de reunir a família de novo está no abrigo.</p>
	Entrevista	<p>Bruna Ferreira, 13 anos</p> <p>Close no rosto da menina, que fala, chora, seca as lágrimas com as mãos.</p>	<p>Eu me mantendo aqui dentro vai ser melhor para ela, porque quando eu sair, eu vou ajudar ela, porque, se eu não ficar aqui, eu não vou ter futuro.</p> <p>Você quer ser o quê?</p> <p>Quero ser advogada.</p> <p>E o que você quer fazer?</p> <p>Eu quero defender os direitos das pessoas.</p>

	Off	Imagens da rua, do portão, da assistente social em reunião, cuidando das crianças	A rua encantada construída com o cimento da fé no evangelho só existe graças à assistente social Gislaine Monteiro Freitas, coordenadora do REAME. Vinda também de família muito pobre, começou dando atenção e carinho a crianças de rua em um banco de praça.
	Entrevista	Repórter e Gislaine de pé, no meio do espaço do abrigo	Tudo começou de forma despreziosa. Apenas uma rua, mas a coisa foi chegando e a gente conseguiu comprar uma rua para as crianças, uma rua sem sofrimento.
	Off	Imagem de céu e rua. Pessoas andando na rua, uniformizadas com camisas verdes. Crianças entrando por uma porta. Dentista cuidando de uma criança Grupo de crianças correndo.	Em uma favela do Rio, seguidores do Evangelho viraram pescadores de crianças mergulhadas na vida violenta do bairro. A função do Centro Adventista de Desenvolvimento Comunitário é ensinar a palavra de Deus e fazer sorrir, por dentro e por fora.
	Off	Animação gráfica com dados históricos e estatísticos da igreja.	A Igreja Adventista foi criada nos Estados Unidos no século XIX e tem hoje no Brasil 1,2 milhão de fiéis. Guardam o sábado para atividades religiosas e valorizam as coisas da natureza.
	Off	Crianças se alimentando e participando das atividades.	Alimento saudável, sem agrotóxico para as crianças, no segundo almoço do dia. Tem jeito de escola, mas o centro mais parece uma grande gincana, que começa aos 7 anos de idade e vai até os 15, com jogos, brincadeiras e música. Resultado?
	Fala povo	Criança e adolescente	Esse lugar é muito gostoso de ficar. Mudou muita coisa em mim. Antigamente, eu não sabia contas na escola e depois que fui aprendendo aqui, estou na sétima série e indo em frente.
	Passagem	Repórter sentado ao fundo, crianças correndo.	A transformação que acontece na vida de uma criança não é pequena. São mudanças no corpo e na alma. Há cinco anos, quando o projeto começou, a principal resposta para a pergunta 'o que você quer ser quando crescer?' era 'bandido'.

			Hoje? Bom, hoje...
	Fala povo	Diversas crianças e adolescentes	Bombeiro Trabalhar na Aeronáutica Pediatra Médico, para salvar as pessoas da dengue
	Off	Crianças nas atividades da instituição	O centro começou com uma sala pequena. Hoje, já são 180 vagas para uma comunidade com sede de oportunidade.
	Entrevista	Plano médio, Christina Vital da Cunha, antropóloga, Instituto de Estudos da Religião.	Para muitos deles, se não fosse essa ação social religiosa evangélica, talvez não tivessem acesso a esses programas e serviços.
	Off	Crianças brincando e rindo com educadores	Agora outras 500 crianças esperam por uma chance de crescer no rumo do bem, pelas mãos de quem vive na prática os ensinamentos de Jesus.
	Entrevista	Glauციete da Cruz Batista, coordenadora do Centro Adventista	No mundo de dimensões tão grandes, a gente vê que a gente pode proporcionar uma perspectiva de vida melhor para uma pessoa fazendo tão pouco. Elas têm certeza de que podem ser alguém melhor. Tem uma passagem em Apocalipse que diz o seguinte: não mais ranger de dentes, não mais pranto, nem dor. Aqui é lugar de gente feliz, lugar de sorrir, lugar de esperança.
	BG	Crianças cantando	Sobe BG
	Fátima Bernardes	Bancada do telejornal	Amanhã, o trabalho dos luteranos com quilombolas e índios guarani.

### Série Os evangélicos: Luteranos ajudam quilombolas e guaranis – 29/05/2009

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Reportagem Tempo: 7'20"	Fátima Bernardes	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	Nesta semana, o Jornal Nacional apresentou uma série especial de reportagens sobre a ação social de algumas das dezenas de igrejas evangélicas presentes no Brasil.
	William Bonner	Estúdio do Jornal, bancada do apresentador	Nesta sexta, na reportagem que encerra a série, Flávio Fachel e William Torgano mostram a atuação dos luteranos no Rio Grande do Sul com descendentes de europeus, de negros, escravos e de índios

			guaranis.
	Abertura da série		
	Off	<p>Imagens de um templo, pessoas reunidas. BG do líder: Vamos pedir a Deus que abençoe a todos.</p> <p>Imagens de ruas sem calçamento, árvores.</p> <p>Plantação de verduras, pessoas trabalhando com enxadas.</p>	<p>Uma bênção que ecoa há 15 décadas numa região de pequenas propriedades em São Lourenço do Sul, a 200 quilômetros de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Eles são descendentes dos pomeranos, povo agricultor que vivia da própria terra na Europa, na região onde agora é a Alemanha. Hoje, a lavoura no Brasil multiplica sorrisos. Mas nem sempre foi assim.</p>
	Off	Repórter num campo aberto, andando.	<p>A mesma terra que hoje vê prosperidade já foi testemunha de um modo de produção que empurrou os descendentes dos imigrantes para uma situação de dependência. Durante quatro gerações, eles plantaram para patrões, venderam para atravessadores, perderam a relação de liberdade que tinham com a terra.</p> <p>Hoje, 150 anos depois, a fé que os acompanhou nos barcos das grandes travessias do Atlântico, e que nunca foi esquecida, conseguiu começar a mudar essa história.</p>
	Off	Simulação gráfica de barcos chegando, imagens em preto e branco, pessoas a cavalo.	<p>Uma chegada cheia de esperança nas promessas de terra farta e de felicidade. Nas malas, carregavam o pouco que tinham. Nos corações, traziam uma fé incomum no Evangelho e na Igreja Luterana.</p>
	Entrevistas	Maria das Dores Machado, socióloga, UFRJ	<p>As primeiras igrejas que chegaram ao Brasil são igrejas que vieram a partir de grupos étnicos que foram trazidos para ocupar o lugar dos escravos. Esses grupos trazem suas crenças, criam as suas comunidades e as igrejas começam a se desenvolver.</p>
	Off	Animação gráfica com dados históricos e estatísticos da Igreja.	<p>A Igreja Luterana surgiu no século XVI, na Europa. Chegou ao Brasil com os pomeranos em 1824. Hoje já são 1 milhão de fiéis em todo o país.</p>
	Off	Imagens de pessoas sendo atendidas	<p>Sua principal característica é acreditar que a salvação vem apenas pela fé e não como resultado de obras e boas ações. Mas isso não impede a forte ação social da Igreja Evangélica de Confissão Luterana</p>

			no Rio Grande do Sul.
	Entrevista	Close no rosto do entrevistado, Ellemar Wojahn, coordenador da IECLB, entrecortando com imagens de pessoas cuidando da terra	A missão desse serviço foi exatamente de resgatar essa fé e uma fé tem que se articular com a vida das pessoas que se concretiza no jeito de se relacionar com a natureza.
	Off	Imagens de pessoas cuidando da terra	Com o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, a igreja, de certa forma, devolveu aos fiéis a capacidade que os antepassados perderam: de sobreviver da terra sem depender de ninguém.
	Entrevista	Rosto do entrevistado, Romil Mühlenberg, agricultor	Foi Deus que fez a natureza, foi Deus que fez em seis dias, no sétimo descansou e a deixou para nós para trabalhar e ganhar o nosso sustento.
	Off	Cenas do lavrador trabalhando, sua família	Seu Romil vive na terra que já foi de seu pai, do avô e do bisavô. Nunca abandonou a leitura da Bíblia. Na lavoura, o resultado do que está aprendendo com os irmãos luteranos: uma nova forma de produzir, sem agrotóxico.
	Entrevista	Close no rosto do entrevistado	Se não fosse a igreja, a gente não estava nessa da agroecologia.
	Off	Cenas do mercado, pessoas comprando, pessoas trabalhando na plantação, foto da família na parede	E a produção é vendida direto para o consumidor, na Feira dos Luteranos, no Centro de Pelotas. Vantagem? O lucro de cada um não é dividido com mais ninguém. Mas o ganho maior para todos eles vem na esperança de ver a família continuar unida na fé e na terra dos antepassados.
	Entrevistado em off	Cenas do trabalho no campo	Agora eu sinto orgulho muito grande de estar na lavoura com meus filhos acompanhando. Eu acredito que daqui a 50 anos os meus netos estarão trabalhando aí.
	Entrevistado	Plano médio, mostrando o entrevistado e produtos engarrafados ao fundo.	A igreja tem essa pretensão de criar condições para que as famílias tenham possibilidade de ter renda e uma vida digna no meio rural.
	Off	Pessoas cantando no serviço religioso. Pessoas fazendo	E ainda sobra para ajudar a quem precisa. Depois do culto, moradores pobres da região recebem cestas de alimentos doados pelos agricultores

		donativos	luteranos.
	Entrevistado	Close no rosto da entrevistada: Santa Janete Maia, desempregada	É uma sensação de que Deus está sempre com a gente apoiando, ajudando.
	Off	Criança carregando alimentos Pessoas sorrindo	Estar com quem precisa. Os fiéis da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Rio Grande do Sul decidiram também estender a mão para mais gente que depende da terra no estado.
	Off	Índigenas cantando Jogadores de capoeira Closes em rostos de negros e indígenas	Descendentes de escravos, esquecidos nos quilombos, e os índios guaranis que, depois de perderem as terras, viraram mendigos de beira de estrada. Entre duas comunidades tão diferentes, muitas semelhanças.
	Entrevista	Rita Sorita, coordenadora da Igreja Imagens dos indígenas à beira da rodovia.	O Brasil tem uma dívida social e a igreja também tem uma dívida social com essas populações tradicionais que foram excluídas e marginalizadas que não têm lugar ainda hoje na sociedade.
	Off	Índios trabalhando na terra, vestidos com roupas típicas. Pessoas ensinando a trançar para fazer cestos. BG com índios cantando em idioma próprio.	Preocupados com o mais básico – sobreviver – índios e quilombolas foram deixando os costumes para trás. Agora, os luteranos ajudam essas pessoas a se reencontrar com a própria cultura.  Estimulando os mais velhos a ensinar o que sabem aos mais novos. Assentados na reserva, os índios tiveram sorte. Podem agora ensinar às crianças guaranis que seu povo vive da terra. E que apesar do que sofreram com os brancos, continuam de braços abertos a quem quiser vir ajudar.  "Somos da tribo Tekoaporã e convidamos você a nos visitar", cantam os pequenos guaranis.
	Entrevista	Rita, coordenadora da Igreja, alternando com imagens dos indígenas e quilombolas	Jesus não perguntou se era difícil, onde estava, como é que era, que cor que tinha. Foi buscar e a gente tem que seguir esse exemplo, estar permanentemente nessa busca da ovelha perdida.
		Imagens das crianças indígenas cantando contra o pôr-do-sol	Sobe BG

	<p>William Bonner</p>	<p>Bancada apresentador do telejornal</p>	<p>Na reportagem de quinta, nós mostramos o trabalho dos batistas com crianças que foram afastadas dos pais pela Justiça e também apresentamos o trecho de uma entrevista com a socióloga Maria das Dores Machado.</p> <p>Ela observou que a doutrina pentecostal enfatiza a capacidade do indivíduo de desenvolver o dom do Espírito Santo. Só que nós mostramos esse trecho logo depois de explicar as origens da Igreja Batista e aí ficou parecendo que a Igreja Batista seria pentecostal.</p> <p>Mas isso não é verdade. A socióloga se referia a outras igrejas. Os batistas têm origem na Inglaterra, no século XVII, valorizam o batismo na idade adulta e adotam princípios comuns ao protestantismo.</p>
--	-----------------------	---	---

## APÊNDICE 5: DESCRIÇÃO DAS MATÉRIAS DO JORNAL DA RECORD

### Marcha para Jesus reúne cinco milhões em São Paulo – 02/11/2009

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Reportagem <b>Tempo: 2'29"</b>	Âncora (Celso Freitas)	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	Em São Paulo, uma demonstração de fé dos evangélicos
	Âncora (Ana Paula Padrão)	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	Milhões de pessoas caminharam pelas ruas da metrópole e se reuniram num show que ainda está acontecendo.
	Repórter (off)	Vista do helicóptero sobre a Avenida Paulista.	De cima, uma multidão de fiéis.
	Repórter (off)	Imagens de pessoas andando na avenida. Close numa criança e numa senhora idosa.  Grupo de pessoas gritando alegre e ruidosamente.	Eles eram crianças, idosos, gente de todas as idades e não perderam a animação nem debaixo do sol forte.
	Fala povo	Mulher jovem, de boné, não identificada.	Difícil, mas a gente consegue.
	Fala povo	Homem jovem, com a camiseta do evento, não identificado.	Vale o sacrifício.
	Repórter (off)	Cenas da multidão caminhando, adolescentes. Um homem adulto bebendo água. Um adolescente passando o líquido pelo rosto e pescoço. Ambulância no meio da multidão. Paramédicos dando a atendimento, levando um homem numa maca.	Com o calorão que fez em São Paulo, o jeito foi usar água. Água para beber e água para se refrescar.  Ambulâncias acompanharam o trajeto para socorrer quem passasse mal.
	Repórter (off)	Cenas de um homem vendendo água.	Nem todos reclamaram do clima quente.

	Fala povo	Vendedor de água, não identificado pelo nome.	Tá indo bem, espero carregar de volta.
	Repórter (off)	Cena do alto, multidão, trio elétrico.	A marcha percorreu quatro quilômetros, embalada pelo som de cinco trios elétricos. E reuniu igrejas evangélicas de todo o Brasil num único evento.
	Repórter (off)	Cenas de pessoas caminhando, imagens de pés em movimento na avenida.	Na caminhada, histórias de gente que superou obstáculos pela fé.
	Fala povo	Homem jovem não identificado	Uma grande bênção.
	Fala povo	Mulher não identificada	Ah, é um grande marco na nossa vida, né?
	Fala povo	Mulher idosa não identificada	Esta marcha é muito importante para a minha vida.
	Repórter Ogg Ibrahim (passagem)	Close no repórter, e na última frase abre para a multidão logo abaixo dele.	A Marcha para Jesus existe há 16 anos. Nesta edição, um público estimado em cinco milhões de pessoas, enfrentou o calor de mais de 30 graus em nome da fé. Essa caminhada já é considerada um dos eventos religiosos mais importantes do mundo.
	Repórter off	Cenas da multidão vistas de cima; pessoas marchando, Cenas de pessoas cantando e erguendo as mãos.	Segundo os organizadores, essa multidão é calculada com base nas pessoas que estiveram no evento ao longo de todo o dia. A concentração final foi na Praça dos Heróis da Força Expedicionária Brasileira, na Zona Norte de São Paulo.
	Repórter (off)	Cenas da multidão, palco do evento, cantor se apresentando; vista do palco, grupo de dança se apresentando.	No palco, apresentações de música gospel e palavras que reforçam a fé em Cristo.
	Repórter (off)	Cenas diversas do evento; pessoas no palco, pessoas dançando na rua.	O projeto do senador Marcelo Crivella tornou a marcha para Jesus um evento oficial no Brasil. Este ano, passa a fazer parte do calendário oficial e será realizada sempre dois meses após a Páscoa.
	Marcelo Crivella (entrevista)	Créditos: Marcelo Crivella, senador PRB, RJ.	Acho que dá mais legitimidade ao movimento com o reconhecimento do Congresso Nacional e do Presidente da República, de que há liberdade de expressão religiosa no

			Brasil...
	Repórter (off)	Cenas da multidão, close em pessoas no meio do grupo, sorrindo e dançando.	A Marcha para Jesus começou na Inglaterra, em 1987 e chegou ao Brasil em 1993. Para os organizadores, o evento deste ano superou as expectativas e foi bem maior que as edições anteriores.
	Entrevista com organizadora do evento	Créditos: Sandra Bolognini, organização da Marcha. Imagem em plano médio durante a entrevista.	Hoje, nós podemos considerar a Marcha para Jesus aqui no Brasil uma das maiores.
	Encerramento		Cenas das pessoas na multidão, gritando e agitando os braços.

### Marcha para Jesus é sancionada pelo presidente Lula – 03/09/2009

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Nota coberta <b>Tempo: 0'40''</b>	Ana Paula Padrão	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	A Marcha para Jesus, comemorada no Brasil e no mundo há mais de 20 anos, agora é data oficial do calendário brasileiro.
	Âncora (off)	Cenas de um auditório. Alguém não identificado lê ao microfone um papel. O presidente Lula está sentado numa cadeira à esquerda.	A lei foi sancionada nesta quinta-feira pelo presidente Lula.
	Âncora (off)	Cenas de pessoas na avenida. Cena filmada de cima de um trio elétrico.	A Marcha para Jesus vai acontecer sempre no primeiro sábado dois meses após a Páscoa. Ano que vem será no dia 05 de junho.
	Repórter (off)	Imagens de pessoas andando na avenida. Grupo de pessoas gritando alegre e ruidosamente.	O movimento, que reúne milhões de cristãos em todo o mundo, foi comemorado pela primeira vez no Brasil em 93, em São Paulo.
	Entrevista	Créditos: Senador Marcelo Crivella, autor do projeto	É a Marcha por Justiça Social, por menos desigualdades, pela distribuição de renda mais justa no país. Enfim, Marcha para Jesus lembra marcha dos ideais de Cristo.

### Celebração da Páscoa Católica em todo o mundo – 02/04/2009

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Nota coberta <b>Tempo: 0'40''</b>	Celso Freiras	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	Cristãos do mundo inteiro celebram a sexta-feira da paixão, data que marca a crucificação de Jesus.
	Âncora (off)	Imagens de multidões em Jerusalém, de pessoas dramatizando a crucificação	Milhares de pessoas visitaram a cidade de Jerusalém para refazer a via crúcis, o trajeto percorrido por Jesus da condenação à crucificação.
	Âncora (off)	Cenas panorâmicas de multidão, cenas do papa Bento XVI	Na Itália, o papa Bento XVI celebrou a tradicional procissão no Coliseu de Roma, acompanhado por mais de 20 mil fiéis.
	Âncora (off)	Cenas de rua, pessoas passando enfileiradas e autoflagelando-se com chicotes. Pessoa sendo crucificada.	Nas Filipinas, rituais de autoflagelação e crucificações reais. A reconstrução do Calvário de Cristo é tradição no vilarejo de São Pedro Cutut, no centro do país, há mais de meio século.

### Páscoa católica no Vaticano – 05/04/2009

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Reportagem <b>Tempo: 1'28''</b>	Marcos Hummel	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	Na missa de Páscoa no Vaticano, o papa Bento XVII silencia sobre as acusações de abuso sexual que abalam a Igreja Católica.
	Repórter (off)	Imagens aéreas da Basílica de São Pedro, multidões esperando o papa. Imagens do papa e depois abrindo novamente para a multidão. Plano médio de um cardeal ao microfone. Imagens da multidão	Quebra de protocolo na tradicional missa de Páscoa. O cardeal abriu a celebração defendendo o papa. Ângelo Soddan disse que os fiéis não se abalaram pelo que chamou de “fofocas mesquinhas”. O termo foi usado para se referir às denúncias de pedofilia na Igreja Católica.
	Repórter (off)	Papa falando, em plano médio.	Mas no sermão do Papa, nenhuma palavra sobre os escândalos.
	Fala povo	Mulher entrevistada em meio à multidão. Sua voz está abaixo da tradução simultânea da repórter.	Bento XVI não pode fugir da responsabilidade, disse a peregrina.

	Repórter (off)	Imagens do padre andando pelo corredor de uma igreja, falando ao microfone. Imagens de jornais, do exorcista referido no texto, do site da jornalista do New York Times.	Neste domingo, o padre Danielo Rastelaneza pediu desculpas pela comparação de abuso sexual na Igreja ao antissemitismo. A polêmica chegou à imprensa. O exorcista italiano Gabriel Amorti acusou as reportagens do New York Times de serem obra do demônio. A colunista do Jornal reagiu. “O diabo não me fez escrever a reportagem. Os fatos fizeram”.
	Repórter	Passagem, créditos: Thais Furlan, Londres.	Na Europa, é cada vez maior o número de protestos contra a postura do Papa e do Vaticano nos escândalos de pedofilia que abalam a Igreja Católica. Aqui na Inglaterra a população fez um abaixo-assinado, na página eletrônica do governo, contra a visita de Bento XVI ao país, marcada para setembro. De Londres, Thais Furlan, para o Jornal da Record.

### Pedofilia no Vaticano – 05/04/2009

Tipo de matéria	Sonora	Cenário	Textos
Reportagem <b>Tempo: 4'34"</b>	Ana Paula Padrão	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	E aqui no Brasil também as denúncias de pedofilia assombram os padres católicos.
	Marcos Hummel	Estúdio do Jornal Bancada do Apresentador	Vários religiosos que cometeram abusos sexuais contra menores são investigados pela Polícia.
	Repórter (off)	Imagens da cidade, da Igreja Católica, closes em mãos de crianças, crianças	Franca, interior de São Paulo, a cidade está no centro de um dos mais recentes escândalos que envolvem padres católicos e crianças no Brasil.
	Repórter (off)	Close no rosto do padre	Crianças que afirmam ter sido vítimas de abuso cometidos pelo padre José Afonso Dé.
	Entrevista	Crédito: Gabriela Ambrósio, delegada	São relatos bastante semelhantes, coerentes. Tem os fatos anteriores que têm uma semelhança, uma coerência, então tudo isso serve até de indícios para que a gente formule a nossa convicção. Eles relatam que ele apenas tocavam nos seus órgãos, e tentou beijá-los na boca. Uma das crianças relata que ele chegou a

			beijá-la na boca.
	Repórter (off)	Repórter e entrevistado, com algumas pessoas, sentadas a uma mesa	Nesta entrevista ao Domingo Espetacular, o padre José Afonso se diz inocente.
	Entrevista	Plano médio do entrevistado. Créditos: José Afonso, padre	Eles ficam acusando que eu fiquei pegando no pipi deles, por cima das calças, né. E inventaram uma história lá, do pirulito, mas isso é uma história inventada...  E que história é essa?  Brincadeira do 'olha o pirulito' e eu pego no seu, você pega no do outro... isso, de maneira alguma.
	Repórter (off)	Imagem de um celular, repórter falando ao celular.	Mas, por telefone, um dos meninos confirma as acusações.
	Criança (off)	Uso de legendas para reproduzir a fala, voz distorcida.	Ele tentou te beijar... - Ele beijou. Ah, ele te beijou? - Ahã... No rosto? - Não, na boca.
	Repórter (off)	Imagens da cidade  Imagens de um menino sentado, sem mostrar o rosto, somente as mãos sobre os joelhos.  Close em um dos olhos, usando óculos.	Em Mariluz, no Paraná, há 600 km da capital, Curitiba, um adolescente de dezesseis anos, portador de deficiência mental, teria sido vítima de um padre católico.
	Entrevista	Close na boca da mãe, sem identificação, usando legendas para reproduzir as falas	Meu filho confirma que masturbou ele.
	Repórter (off)	Fotos do padre acusado	Os pais acusam o padre Raimundo Santana dos Reis. A polícia está investigando o caso.
	Repórter (off)	Imagens do céu, imagens da cidade, pessoas andando, imagens da igreja, fotos do padre acusado	Em Arapiraca, no agreste de Alagoas, um DVD mostra o relacionamento sexual de um padre católico de 82 anos e um ex-coroinha. O vídeo é vendido pelos camelôs e chegou à internet. A gravação ganhou o apelido de "o

			DVD do padre”.
	Fala povo	Repórter entrevista um vendedor de banca de jornal. Legendas reproduzem as falas.	R: Quem trabalhou, vendeu bem. E: Venderam, eu vi uns caras vendendo direto aí.
	Repórter (off)	Imagens distorcidas do vídeo do padre.	As imagens chocaram os moradores da cidade.
	Fala povo	Adolescente	Ele reclamava da gente ir para a igreja assim (mostra as alças da camiseta que veste), com essa roupa. Tipo, ele falava da gente e fazia muito pior. Tipo, ele não consagrou a batina dele.
	Fala povo	Adolescente	É, é um absurdo. A gente fica até com medo de entrar na igreja e outros lugares assim.
	Repórter (off)	Fotos dos acusados, imagens das igrejas, cenas dos DVDs distorcidas.	Além do monsenhor, outros dois religiosos foram acusados de manter relacionamento sexual com menores de idade.
	Repórter (off)	Imagens do entrevistado, feitas de baixo para cima, tendo ao fundo livros.	Este estudioso das religiões diz que a Igreja Católica não sabe como lidar com os escândalos.
	Entrevista	Créditos: Pedro Strozenberg, diretor do Instituto de Religião, imagem em plano médio.	Acho que uma resposta que a sociedade deseja e espera é que seja posto na mesa, posto às claras, as coisas que houveram (sic), que aconteceram, e que os responsáveis sejam identificados.
	Repórter (passagem)	Repórter em plano médio, parado, à noite. Crédito: Emerson Ramos, São Paulo	Casos que se repetem, de crimes cometidos entre quatro paredes, que deixam cicatrizes profundas, vítimas indefesas e amedrontadas, muitas sofrendo em silêncio. Mas, em Rio Claro, interior de São Paulo, a denúncia de abusos sexuais levou um padre da Igreja Católica a ser condenado a 16 anos de prisão.
	Repórter (off)	Imagens da cidade Fotos do padre. Imagens do colégio	Os crimes aconteceram em 2004. Na época, o padre Hélio Aparecido de Oliveira, conhecido como Padre Helinho, era diretor deste colégio que pertence à congregação católica.
	Repórter (off)	Imagens de crianças, closes de olhos e bocas, imagem de uma mulher	Pelo menos três crianças, com idade entre oito e dez anos, que estudavam no Colégio, foram vítimas de abusos sexuais cometidos

		contra o fundo escuro.	por criminosos de batina. O filho desta mulher é uma dessas crianças.
	Entrevista	Não-identificada, uso de legendas para reproduzir a fala.	Ele chegou a ir na praia comigo. Ele entrava com meu filho no mar. Hoje eu sei que ele se esfregava no meu filho dentro do mar. Eu, sentada na areia, diante dos meus olhos.
	Repórter (off)	Foto do padre com crianças, a imagem das crianças está borrada. Imagens da entrevistada	Condenado pela justiça, o padre não foi punido pela Igreja Católica. Para as vítimas da pedofilia, diz esta psicóloga, pode ser impossível superar o trauma.
	Entrevista	Crédito: Rita Dantas Souza, psicóloga	Marcas essa criança vai ter pela vida inteira. Essa pessoa, ela pode vir a não querer se relacionar com outra pessoa, a não querer casar, não ter família... Ela pode vir a desenvolver um quadro antissocial mesmo, a não querer se relacionar com outras pessoas.

**APÊNDICE 6: GRUPO FOCAL IGREJA METODISTA EM CATAGUASES  
(TRANSCRIÇÃO) – 16/04/2010 – 19:30H ÀS 21:30H**

**QUESTIONÁRIO 1: ENTREGUE POR ESCRITO - PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO  
DAS PESSOAS ENTREVISTADAS**

**M1:** 38 anos, sexo masculino, casado, coordenador de marketing, residente no bairro Granjaria, possui curso superior completo, renda familiar entre 3-5 salários mínimos e participa da Igreja Metodista desde o seu nascimento.

**M2:** 52 anos, sexo feminino, divorciada, aposentada, residente no bairro Taquara Preta, possui escolaridade de ensino médio completo, renda familiar entre 1-3 salários mínimos. É membro da Igreja (com registro no rol de membros) há 32 anos, mas frequenta desde criança.

**M3:** 60 anos, sexo feminino, aposentada, solteira, residente no centro. Possui curso superior incompleto e renda familiar entre 3-5 salários mínimos. Frequenta a igreja há 43 anos.

**M4:** 73 anos, sexo feminino, solteira, aposentada, residente no centro. Possui escolaridade fundamental e renda familiar entre 1-3 salários mínimos. Frequenta a Igreja Metodista desde o nascimento.

**M5:** 63 anos, sexo masculino, casado, aposentado, residente no bairro Colinas, possui ensino fundamental e renda familiar entre 5-9 salários mínimos. É membro da Igreja há 23 anos.

**M6:** 38 anos, casado, sexo masculino, residente no centro. Possui pós-graduação e renda familiar entre 5-9 salários mínimos. Frequenta a Igreja Metodista desde o nascimento.

**M7:** 37 anos, sexo feminino, casada, assistente técnico-educacional, residente no bairro Granjaria. Possui curso superior completo, renda familiar entre 3-5 salários e participa da Igreja Metodista desde o nascimento.

**M8:** 53 anos, solteira, sexo feminino, auxiliar de escritório, residente no bairro Bela Vista, possui curso superior incompleto, renda familiar entre 1-3 salários mínimos, membro da Igreja Metodista há 40 anos.

**PARTE 2: QUESTIONÁRIO: “USOS E HÁBITOS DE CONSUMO TELEVISIVO DO EVANGÉLICO PROTESTANTE BATISTA E METODISTA NA CIDADE DE CATAGUASES, MG”**

**1. Quanto tempo de televisão você assiste por dia (em horas, média)?**

M1: Dez minutos...

PESQUISADORA: Dez minutos?

M1: Dez minutos (gesticula, como se sinalizasse fim, encerra, agitando a mão em riste de um lado para o outro e torcendo a boca para o lado.)

M2: Três horas... (balançando a cabeça, como se estivesse calculando)

M3: Quatro horas.

M4: Duas horas.

M5: Quatro horas.

M7: Três horas...

M8: Duas horas.

M6: Duas horas...

**2. Para que você assiste televisão (mais por entretenimento, mais por informação?)**

M3: Mais por informação e distração.

M1: Parte de alguns jornais, pouca coisa mesmo, futebol... e só (gesticula, balançando a mão num gesto que indica pouco, com o polegar e o indicador).

M5: Eu assisto mais até para conhecimento. Procuro ver programas que traz (sic) assim... apesar de que tem essa novela que passa à tarde, que é muito boa... (o grupo ri). Meu programa é... por exemplo, ver jornais e futebol (gesticula com as mãos).

M3: Jornal e entretenimento.

M7: Eu assisto esta novela que o M5 está falando... durante o tempo que eu estou almoçando, porque eu almoço sozinha, e ali estou ouvindo aquilo (gesticula com o indicador fazendo círculos no ar, com o olhar voltado para o alto) e fazendo as coisas enquanto está ligado. A partir do horário que a minha filha chega, que é seis horas, eu desligo... jornal não me interessa muito... então eu vejo no período da tarde mesmo.

M4: Eu gosto muito de jornais, alguns jornais. Gosto muito de programas de humor (ela declina um pouco o tom de voz e fala mais devagar).

M8: Eu assisto mais pra distração.

M1: Está incluso nesta questão ver filmes... ou não?

PESQUISADORA: Sim, televisão em geral...

M1: Mas assim... DVDs, filmes...

PESQUISADORA: Não, neste caso, estamos falando de televisão normal mesmo... programação normal...

M6: Tevê aberta, né?

### **3. Você possui tevê por assinatura ou apenas tevê aberta?**

PESQUISADORA: Não, até essa é a outra pergunta... televisão por assinatura pode ser citado também... alguém aqui tem parabólica, tevê por assinatura?

M5: Na minha casa tem o Oi TV...

M6: Na minha casa, temos Sky.

O restante do grupo não possui parabólica ou TV por assinatura, apenas os canais abertos.

**4. Qual canal de televisão é mais assistido em sua residência? Não só por vocês, mas pelas pessoas da casa em geral?**

M2: SBT

M7: Eu lembrei aqui que quando tem reportagem de Globo Repórter, coisas de bicho, reportagens... é o horário que a minha filha vê, que a gente vê com ela. Principalmente essas coisas de bicho, ela gosta.

M5: Eu gosto muito da Globo e a... e a... (bate com a mão no encosto da cadeira ao lado e franze a testa, tentando lembrar o nome da emissora) Bandeirantes.

M3: Você sabe por que eu vejo mais a Globo? Eu vejo mais a Globo porque o sinal das outras lá em casa pega assim... (faz um gesto amplo com os dois braços esticados, as mãos passando uma por cima da outra em vai-e-vem) terrivelmente. Não sei se tem que mudar a antena de lugar...

**5. Quantos aparelhos de televisão existem sua casa? Onde se localizam (sala, quarto)?**

M8: Lá em casa só tem um.

M7: Dois, na sala e no escritório.

M1: Dois, na sala e no escritório.

M4: Um. Na sala.

M2: Quatro (o restante do grupo ri). Na sala e nos quartos.

M5: Três, mas só duas funcionando... (o grupo ri). Na copa, onde a gente come, e no quarto.

M3: Dois. Na sala e no quarto.

M6: Dois. Na sala e no quarto das crianças.

**6. Quais são os principais programas de televisão a que você assiste?**

M1: Futebol (risadinha).

M7: Reportagens, que eu vejo com a minha filha...

M4: Reportagens e... (meio que embaraçada, gesticula com as mãos...) eu gosto muito do A Praça é Nossa. (o grupo ri).

M2: Jornal e o Silvio Santos (eleva a voz e gesticula com as mãos). Eu sou apaixonada por ele! (o grupo ri)

M3: Jornal... e jornal.

M5: Eu assisto muito... mais é programas da Globo, que é o jornal, esse Globo Repórter que passa. Então eu gosto mais desses e da Bandeirantes por causa do futebol.

M8: Eu gosto de jornal e esporte.

M3: Eu gosto de jornal, novela... gosto da Cultura, que pega razoavelmente... e os filmes são... como é que se fala? Com legenda (faz um gesto de escrever com a mão no ar)... então dá pra ver.

**7. A família costuma assistir televisão junta ou as pessoas se dispersam pelos cômodos conforme existirem mais aparelhos?**

M2: Lá em casa assistem todos juntos.

M3: Lá em casa assistimos todos juntos também.

M4: Lá em casa também, porque eu moro sozinha, né? (ela faz um gesto de conformismo com as mãos e coloca uma das mãos no queixo, num sentido de resignação. O grupo ri).

M5: Lá em casa todo mundo junto também.

M7: Lá em casa também.

M1: É, tudo junto também.

M6: Lá em casa as crianças ficam no quarto delas, porque assistem mais a desenhos, etc. Mas a televisão delas tem controle dos programas que a gente deixa assistir. E quando a gente quer assistir a algum filme costuma elas quererem ver e a gente pede pra elas irem pro quarto ou então muda de canal e fica todo mundo junto.

PESQUISADORA: Tem disputa quando assistem juntos?

M5: Quando o Brasil está jogando eu quase bato no G. (filho).

M1: Posso alterar uma resposta minha anterior, aí? Eu tinha falado que assisto dez minutos em média, mas vamos colocar vinte aí, por causa do futebol... Dividindo o tempo do futebol.

Vinte por dia dá em média 70 minutos por semana, o futebol tem 90 minutos, né?

M3: É, fica na média, né?

<b>8. E vocês costumam conversar sobre os programas assistidos, discutir, comentar?</b>
---

M2: Sim, costuma comentar alguma coisa.

M5: Discutimos, sim. Fazemos comentários, sim.

M8: Costumamos conversar, comentar alguma coisa.

O restante do grupo acena que sim com a cabeça, concorda com os demais sobre as opiniões dadas.

<b>9. Vocês acham que a opção de fé, de religião, interfere nos tipos de programas que vocês assistem, na maneira que assiste?</b>
--

M1: Sim. Se for um filme mais violento ou filme de teor mais adulto, minha filha não vê.

Então a gente também, obviamente, não assiste. O jornal quando vai passar uma reportagem

mais pesada também, a gente troca de canal por causa da nossa filha. Isso tudo é questão da educação que a gente teve, que tivemos dentro da igreja, então a gente está passando pra ela.

M4: Programas que não têm assim... que eu acho que não servem para mim, eu não assisto.

M3: Tem, por exemplo, essas novelas da Globo, de fundo espírita, a gente procura não ver.

Outra coisa: tem esses programas, Pânico, CQC, esses assim, eu não gosto, lá em casa não vê, porque zomba das pessoas e tal. Com toda sinceridade, eu não me sinto confortável, então a gente não vê. Então, interfere sim. Se for um filme, igual eu estou falando, com muita violência, alguma coisa assim, a gente não vê.

M5: A interferência da religião na televisão é justamente isso aqui – saber escolher o que a gente vai ver, porque tem muitos programas que não... Eu não posso ver tudo o que passa na televisão, porque tem muita coisa ali que...

M2: Eu acho que influencia... Muitas programações, dependendo do filme, novela, nós não assistimos por causa do Rafael, para manter longe... de tanta coisa.

PESQUISADORA: Então, além da questão da religião tem a educação dos filhos, dos netos...

M2: Sim, é...

M4: Aliás, assim, lá em casa eu escuto até mais o rádio do que vejo a televisão.

**10. Então, esta é a pergunta que ia vir agora. Quando se trata de saber o que está acontecendo, qual é sua forma principal de obter informações sobre os últimos acontecimentos políticos, religiosos, econômicos, etc?**

M1: 100% internet.

M5: Eu vejo televisão e internet.

M3: Eu sou mais de rádio e televisão, mesmo.

M4: Televisão e internet, mas se for algo local, é rádio.

M8: Jornal e rádio.

M6: Internet e televisão.

**11. No caso das informações obtidas via televisão, a que telejornal ou telejornais você mais assiste?**

M5: Eu assisto mais é o Jornal Nacional...

M1: Record e Rede TV, um pedacinho de cada um.

M8: Jornal Nacional e o jornal das onze

M7: Jornal Nacional e Jornal Hoje

M2: Eu assisto o Jornal Nacional e o Jornal Hoje.

M3: Jornal Nacional...

M4: Jornal Nacional e Jornal do SBT

M6: Eu assisto aos jornais dos canais de assinatura, Globo News e o MGTV 1ª Edição e o Jornal da Alterosa, porque é perto do horário do programa de esportes...

**12. Quais as razões para sua preferência por este telejornal?**

M1: Jornal Nacional é no horário da Igreja, então terça e quinta eu estou na igreja... e é por acaso mesmo, questão do horário... ali é o horário que eu chego, cinco minutinhos, dez minutinhos que eu sento ali na minha poltrona... aí eu vejo o que está passando...

M7: Eu costumo assistir antes desse... que é o horário que eu chego do colégio eu pego um pedaço desse... (coça a cabeça) é o Jornal Hoje? Não é? Eu acho interessante (fala como que soletrando as sílabas) as reportagens que eles fazem. São reportagens legais, bem amplas (faz um círculo no ar com uma das mãos). Eu... eu vejo uns pedacinhos (balança a cabeça de modo positivo e baixa os olhos, pensativamente).

M5: Vejo mais o Jornal Nacional e o jornal da... da... noite. Às vezes não dá pra ver o jornal Nacional e muita coisa eles repetem no jornal da noite. Eu fico sabendo no jornal da noite.

M4: Gosto mais do jornal do SBT porque costuma que quando eu chego dos trabalhos da igreja ele está passando.

M3: Vejo mais o jornal da noite por causa dos trabalhos da igreja mesmo, mas quando eu tenho oportunidade eu... eu gosto do jornal nacional, por causa das reportagens, eu acho bem feitas.

M2: Eu vejo mais o Jornal Nacional, mas como terça e quinta eu estou na igreja, aí eu vejo o da noite.

**PARTE 3: QUESTIONÁRIO: “O EVANGÉLICO PROTESTANTE BATISTA E METODISTA E SUA PERCEPÇÃO DO JORNAL NACIONAL E JORNAL DA RECORD” - ANTES DA EXIBIÇÃO DAS MATÉRIAS: Os telejornais e os hábitos de consumo televisivo**

**13. A qual destes dois telejornais (Jornal Nacional ou Jornal da Record) você costuma assistir com maior frequência? Por quê?**

Pesquisadora: Já pude perceber, pelas respostas anteriores, que a maioria aqui já disse que assiste mais ao o Jornal Nacional. Alguém assiste ao Jornal da Record?

M1: Eu não assisto ao jornal Nacional. Não assisto quase nun...ca. Vejo mais o Jornal da Record e o da Rede TV.

**15. Com que frequência você assiste a este telejornal? Quantas vezes por semana?**

M5: O dia que dá pra ver...

M3: Eu assisto quatro dias, quatro vezes por semana dá pra ver...

O restante do grupo concorda com as expressões ditas.

### Os telejornais e a promessa do gênero

#### 16. Você acredita que as informações apresentadas pelos telejornais, de modo geral, estão corretas? Por que sim? Por que não?

M2: Eu, não. Acho que tem muito sensacionalismo.

M5: Eu já acho que a Globo, principalmente, aonde eu vejo mais por isso, porque a gente sabe que a equipe da Globo é uma equipe de primeira. Então, as reportagens e notícias que eles dão, você pode perceber que são coisas assim... realmente, eles não ficam mascarando a informação, aquilo que é para mostrar eles mostram mesmo. Eu vejo mais por isso.

M1: Eu já acho que depende muito do interesse da emissora. A Globo, por exemplo, já mostra o lado positivo do governo. Já principalmente a Rede Record e a Rede TV, não mostram tão positivamente esse lado do governo. Mostram também porque há certa pressão, mas a Globo ela é mais influenciável pelo governo e por... por outras coisas de interesse próprio também.

M3 e M2: Eu já acho o contrário. A Globo não está muito afim do Lula, não. Não pega, não.

M5: Pra mim, a diferença é que eu não vejo assim. Que até em outros governos, a Globo era mais presente. No Lula eles não são muito, não sei porque.. agora não é mais assim, não sei porquê. Mas tem aquele outro, o Boris Casoy, que só sabe fazer reportagem metendo o pau no Lula.

M1: Inclusive ele foi demitido do jornal por ser contrário ao Lula. Me parece que até do jornal da Record.

M3: Então, ele tá no SBT agora... o Boris Casoy?

**17. Que fatores você imagina que podem afetar a veracidade de uma informação no telejornal?**

M1: Interesse da emissora... (balançando a cabeça afirmativamente)

M3: Interesse político...

M1: ... e interesse da emissora está ligado a interesse político e... (fazendo círculos no ar com a mão)

M5: Eu acho também que é um pouco é interesse da emissora. Mas a Globo, assim, por exemplo, eu vejo que não fica só no interesse dela, porque senão ela sabe que ela vai perder audiência, então eles ficam aqui e lá... então por isso que eu acho que eles são mais...

M3: Então, mas tem o seguinte... A Globo a gente tem que repensar isso aí. Agora houve essa... um encontro de evangélicos, esse domingo agora... esse feriado agora, né? (com o dedo indicador em riste no queixo) A Globo não noticiou nada. Praticamente *nada* (fazendo gestos em riste com a mão). Eu vi alguma coisa na Record... entendeu... quer dizer... ela ignorou um fato e... com milhares de pessoas, ela simplesmente ignorou e eu não falo isso pelo fato de ser evangélico...

M1: É igual assim... nessa coisa de interesses... a Globo sempre massacrou os evangélicos e agora... como acompanho as notícias pela internet... a gente vê a questão dos padres pedófilos aí... a Igreja Católica sendo bombardeada... com muitas e muitas coisas vindo à tona... como a Rede Globo tem se manifestado através... em relação a essas notícias? Ela também está massacrando o povo católico ou não?

M3: Ela dá a notícia... *tem dado* a notícia...

M5: Ela não faz assim... ela não coloca, por exemplo, a reportagem pra buscar aquilo no fundo... se eles ouvem que houve um bispo que falou isso ou um padre que falou aquilo, eles noticiam sim, mas só...

M3: É, não tem dado a cara para bater...

M2: Sim, eles dão a notícia, mas não vão a fundo...

M3: Isso sim, quando eu quero saber e pesquisar a verdade mais a fundo, eu tenho visto na internet. Ou em outros jornais... até mesmo da Record...

M2: O jornal esconde muitos fatos...

M3: é... mas eles dão as notícias assim (gesticula com as mãos de cima para baixo, indicando um movimento de abafar, diminuir algo)

**18. Como vocês percebem as figuras dos apresentadores do telejornal? Que papel eles desempenham, para vocês, na transmissão da notícia? O apresentador é importante?**

Todos respondem ao mesmo tempo, de modo bastante efusivo.

M5: Eu acho que sim, eu acho que é muito importante.

M3: Sim, passa muita credibilidade.

M1: Sim, porque eles são os âncoras, né? Eles é que dão o suporte... então...

M3: Muitos não passam credibilidade...

PESQUISADORA: E o que faz não passar credibilidade?

M3: Eu já vi no caso... aquele... como é que chama... desses aí... falar cada besteira... errar a notícia, ter que voltar atrás, ter que pedir desculpa... sei lá, acho isso o fim... embora a gente sabe que o negócio é feito ao vivo e tal, mas... (balança a cabeça) o cara é um profissional, ué... não pode...

M5: Eu vejo a Rede Globo nesse ponto aí, pra mim ela é uma emissora que veio pra mostrar mesmo o que está acontecendo... e já vi outras emissoras que eles mostram mas eles ficam assim, induzindo a reportagem... pergunta lá: você foi roubado? E fica induzindo você a

falar... induzindo você a fazer isso... E eu, por exemplo, não vejo isso na Globo... (alguns no grupo se manifestam em burburinho...) às vezes em outros jornais a informação é até mais completa, na outra emissora, do que na Globo, mas isso é uma questão de... porque a Globo...

M3: Não, mas o jornalismo investigativo... igual na Globo, esses escândalos assim, que quando o repórter vai entrevistar, ele... (faz um gesto com a mão, como se estivesse enfiando uma faca ou cutucando alguém).

M5: Pois é... mas já tem outras emissoras por exemplo, essa questão por exemplo, assim: ah, fulano foi assaltado e prendeu a família, então, tem televisão que fica assim (faz círculos pequenos com a mão no ar e fecha o rosto, para indicar o aspecto incisivo)... forçando a barra, sabe como é que é? Forçando a pessoa a colocar a emoção dela pra fora. Eu não vejo isso na Globo.

M4: Fica mesmo forçando...

PESQUISADORA: Então vocês acham que a pessoa que está apresentando o jornal dá o clima?

M1: A própria maneira dela se portar, dela falar, as pausas que dá... isso transmite credibilidade.

PESQUISADORA: Bom, já que vocês estão falando disso, quais seriam os apresentadores que assim, quando eles falam, vocês pensam: “Eu acredito nele”?

M2: William Bonner...

M3: Eu acho que o Bonner passa credibilidade (acenando lentamente com a cabeça). A Fátima também...

M5: A dupla ali é...

M3: Aí tem por exemplo a Zileide Silva, que é uma dessas que parece que trabalha em Brasília. Mas quando no caso ela está de âncora... (faz um gesto com mão, em sentido cortante). Negativo! Às vezes eu não consigo nem ver...

M5: Essa posição, onde eu vejo uma diferença, vocês podem ver no jornal nacional, e ver de uma outra emissora, reportagem de coisa que acontece fora do país, a Globo tem muito mais presença do que as outras emissoras...

M1: A Globo tem muito mais acesso (burburinho de concordância do restante do grupo) às notícias, né? Até por esse lado...

M5: Mas onde ela está ela procura, né?

M1: Mas ela mantém essas pessoas que ficam nos outros países... esqueci o nome... correspondentes... que ficam nessas partes do mundo e os outros jornais, as outras emissoras, são muito menores, não têm essa capacidade, então eles procuram pegar aquilo que é mais regional, a questão do Brasil mesmo. Eu noto que é isso. Então quem tem uma notícia pra dar vai dar mesmo é pra Globo...

**APÓS A EXIBIÇÃO DAS MATÉRIAS (COBERTURA DA PÁSCOA NO JORNAL NACIONAL E NO JORNAL DA RECORD): Os telejornais e a construção de sentidos**

**19. Você acha que a opção religiosa das emissoras exerce influência na maneira como os telejornais apresentam os evangélicos? Como os evangélicos são representados no Jornal Nacional, nas matérias que vocês têm visto? A que tipo de assunto estão ligados?**

M3: Com certeza! (em entonação expressiva; burburinho de concordância na expressão do grupo). Isso é claro!

M1: Escândalos, principalmente falando a respeito dos dízimos... e da igreja do Edir Macedo... e normalmente shows... igual passou lá bem rapidamente... mostrou a reportagem lá meio por cima assim... e pronto acabou. Não mostra um... Apesar de que a Record também não mostrou isso... uma comemoração evangélica a respeito da Páscoa... um culto ou alguma coisa assim.

M7: E a Globo ainda mostrou aquela parte daquele problema que teve, da polícia lá... que focou bem em cima daquilo, a confusão toda... o policial lá... e a outra já não mostrou isso... (burburinho do grupo, diversos dizendo: É... não mostrou...)

M2: Mostrou só por cima, mesmo né? Bem por cima...

M3: Já mostrou uma visão mais política, né? Na verdade eu acho que o que a Globo mostrou ali na verdade de Páscoa ali não teve nada, né? Sobre a história, a crucificação não teve nada. O que ela enfatizou ali mesmo foi o tumulto... Só umas partes dos caminhos conhecidos, do turismo (REFERE-SE À PARTE SOBRE A VIA DOLOROSA, EM JERUSALÉM).

M1: Ou seja, da religiosidade passou para a política...

M5: Eu vejo que as emissoras realmente manipulam isso... Você viu aí na reportagem, a mesma reportagem que a Globo mostrou, a Record fez diferente. E aí eu vejo, como quem diz, eu vejo uma briguinha. Que a outra, a Record, é evangélica, considerada como evangélica, a Globo é católica e espírita... Então, o que é que a Globo faz? A Globo não mostra muito. Quando a Globo fala de evangélico é pra falar da bancada evangélica no Senado (faz um gesto com o indicador, apontando para cima). Já a Record, não... já teve mais amplitude nesta notícia aí... porque nós sabemos que o Brasil é um país católico. Então isso aí mexeu, eu tenho certeza que mexeu com eles. Apesar de que o homem lá (O PAPA) não tomou iniciativa nenhuma, só tá aceitando quem vem pedir pra ser excluído...

M3: O negócio... uma coisa que eu reparei é que na notícia da Globo é assim: “onde Jesus *teria* passado”... “onde Jesus *teria* sido sepultado...” E a Record afirma, né? Onde Jesus *percorreu*, onde Jesus *passou*... Então a Record, nesse ponto aí... mas ela bateu muito na Igreja Católica (faz o gesto de bater com o punho fechado na palma da outra mão), eles batem mesmo...

M1: E a Globo não falou nada a respeito dos padres da Igreja Católica, nada... as reportagens que passaram ali foram da Record. Por isso que eu fiz aquela pergunta na rodada passada, porque como eu não assisto o Jornal Nacional, eu não sei o que eles estão mostrando a esse respeito.

M5: Esta semana, por exemplo, eles mostraram muito mais porque... tem bispo da Igreja Católica denunciando... e o papa aceitou... o papa está tomando uma posição de... excluir todo aquele que é acusado e provado...

M3: Agora, eu tenho certeza de que a visão da Globo, por tudo que a gente viu, em jornal, na televisão, que a visão que ela tem dos evangélicos é tendenciosa, é preconceituosa. Só mostra evangélico tipo assim ridicularizando...

M2: É, só mostra os escândalos, né?

M3: É, escândalos, e se for em novela apresenta a pessoa como doida, fanática... e, sabe, né... uma pessoa fora do prumo... tipo assim, pra mostrar que os evangélicos somos uma anomalia mesmo... é a visão que eles...

M8: A Globo fez uma reportagem no Jornal Nacional, teve uma semana, cada dia da semana ela mostrava uma religião diferente. Achei até... até estranhei... porque cada dia falou de uma religião... falou da igreja metodista, sobre as pessoas que moravam debaixo de um viaduto. Até estranhei porque falou bem dos evangélicos. (risos do grupo)

**20. E no Jornal da Record? Como aparecem os evangélicos? A que tipo de assunto estão ligados?**

M3: Aparece pouco.

M2: Pouco...

M3: Aparece pouco, sim, mesmo sendo uma emissora evangélica. Veja aí o exemplo, até na reportagem da Páscoa, eles não mostraram a comemoração da Páscoa dos evangélicos? Não, ficaram batendo na Igreja Católica direto.

M6: Mostrou só Jerusalém, não é isso? Só Jerusalém e mais nada...

M1: Nem o show que teve no Rio mostrou também...

M2: Eu acho que falou pouco, quase nada, quase nada mesmo...

M1: Agora, a reportagem da Record em si foi um pouco mais rica do que a Globo, que a da Globo só mostrou lá em Jerusalém. A Record abriu um pouco mais. Mostrou a questão do papa e de um outro lugar também.

M2: Filipinas...

M1: Isso mesmo, as Filipinas... exatamente, quer dizer, foram três lugares. Mas também, de Brasil, nada!

M6: É, no Brasil não se comemora...

**21. Vocês acham que a cobertura do Jornal Nacional foi isenta ou parcial? E do Jornal da Record?**

Burburinho geral do grupo quando a pergunta foi feita, com bastante gestos e risinhos de discordância. Todos falaram ao mesmo tempo. Em vários rostos, pode-se perceber uma expressão de deboche, olhos virados, etc. A única frase audível foi a retratada abaixo. Como

as discussões anteriores já vinham pontuando o assunto, a pesquisadora achou por bem não estender mais esta questão, que já aparece muito clara para o grupo.

M5: Pois é, é como eu falei... nessa hora cada uma puxa pro seu lado...

### **Os telejornais e a construção da identidade/diferença**

**22. Qual dos dois jornais, a seu ver, melhor apresentou os evangélicos nas matérias analisadas? Em relação à sua denominação religiosa em particular, você se sente representado nas matérias exibidas?**

M1: Pra mim, nenhum dos dois. Aliás, não é questão nem dos jornais, mas o povo em si tenta nos inserir no meio deste povo que eles consideram como evangélicos nesses escândalos por aí fora. Com exceção desta reportagem que a M8 falou aí, sobre a questão da semana inteira que aí, teria realmente o que falar, não tem nada... nada... nada...

M2: Quando falaram, falaram coisas muito bonitas. Coisas que deixaram a gente às vezes sem acreditar naquilo que tava ouvindo... de tão bonito que foi falado.

M3: Há um tempo atrás, eu me lembro que tem bastante tempo isso, eu me lembro que eu fiquei indignada porque eles mostraram determinada favela, não sei, não lembro agora onde é que é, que tinha uma igreja Assembleia de Deus, tinha... aí foi dando esses nomes de igreja que todo o mundo põe, do “Cuspe de Jesus”, esses nomes assim... e “até” um templo metodista! Não sei porque a matéria falou assim... “até” um templo metodista...

M5: Bem, aí esse caso que a M3 falou, eu vejo mesmo o seguinte... será que nós, como metodistas, quando procuramos fazer alguma coisa estamos procurando fazer alguma coisa para se (sic) mostrar?

M3: Tô achando que a gente tá ruim...

M5: Você vê, aquele rapaz que é comentarista, aquele senhor que é comentarista da Record... aquele que dizem que é metodista... até escreve naquela revista... (PERCIVAL DE SOUZA), ele quando faz o acompanhamento da reportagem, ele é um cara assim... mas em hora nenhuma ele deixa transparecer que ele é metodista. E ele poderia aproveitar a oportunidade dele como repórter e citar a igreja.

PESQUISADORA: Por que vocês imaginam que a Globo fez essa série sobre os evangélicos? (burburinho geral no grupo)

M1: Porque os evangélicos é um público que está crescendo... os evangélicos (faz um gesto de aspas com os dedos).

M6: Então não dá mais pra ignorar... questão política chegando...

M3: Não tem mesmo como ignorar...

M1: Questão de interesse...

PESQUISADORA: Que outros interesses vocês acham que a Globo teria para mostrar os evangélicos de modo positivo ou negativo? E a Record?

M1: Primeiro a guerra de emissoras entre a Globo e a Record. Isso já vai, de certo modo, detonar com o povo evangélico. Eles têm interesse assim, em uma reportagem ou outra... mostrar alguma coisa que não tem como fechar os olhos.

M5: Eu vejo que a Globo faz muito mais do espiritismo e do catolicismo do que mexer com outra religião. Eles parecem que não tem interesse. O negócio deles é propagar o espiritismo. Quase toda novela da Globo tem alguma coisa disso.

M3: É... e quando tem evangélico, é aquele caso...

M1: E não é nem questão tanto do catolicismo, pra mim é mais mesmo do espiritismo... eles só não mexem, não procuram mostrar muita coisa... igual nessas questões agora dos padres, da igreja católica, dos bispos.

M6: Ah, eu vou discordar... toda festa de todo santo da Igreja Católica, a Globo cobre tudo... Por exemplo, 300 anos do metodismo brasileiro... ela cobriu alguma coisa? Mas toda festa de qualquer santinho, em qualquer lugarzinho aí, ela cobre... só pra falar da nossa casa, porque ano passado foi da Igreja Presbiteriana... houve alguma cobertura?

M5: E cem anos da Assembleia de Deus também...

M1: Eu acho que a Globo procura mostrar mais o espiritismo que até o catolicismo... porque você vê... dá aquela festa que acontece não sei quando lá, pra lavar as escadarias lá não sei aonde, a Globo já está lá... e isso aí não é o catolicismo, mas o espiritismo... é o candomblé e tal... e dá essas festas de Iemanjá e tal, a Globo tá em cima... e está mais presente até nisso do que no catolicismo.

M2: A novela das seis que está sendo exibida agora tá sendo uma novela espírita...

M8: Esta semana mesmo... teve uma grande cobertura, o aniversário do Chico Xavier...

M2: mostra todos os sentidos espíritas...

M3: Se você for ver bem, aquilo ali é uma escolinha, é uma escolinha...

M1: E teve o filme do Chico Xavier, a Globo divulgando os atores que foram e viram, que iam ver e isso e aquilo... quer dizer, até isso ela divulga.

M5: Eu vejo muito também a questão seguinte: concordo plenamente com tudo o que falamos aqui. Mas agora, eu acho que a tendência da Globo é o que dá Ibope. E Ibope, num país igual ao Brasil, a maioria é católico. Então eles sabem, se eles propagar, se mostrar eventos de outras coisas de católicos e tudo o mais, eles sabem que vão garantir a audiência deles.

M1: é uma questão de interesses. A gente pode transformar isso até num jogo de futebol. Olha quantos jogos passam do Flamengo e quantos passam do Vasco, Botafogo e Fluminense, os três juntos... E os quatro são do Rio. Então, quer dizer... o Flamengo tem muito mais... então é isso... é interesse... (grande burburinho no grupo)

PESQUISADORA: Gente, já terminamos as perguntas propostas. Quero agradecer a contribuição do grupo, a opinião de vocês é muito importante e a gente vai trabalhar tudo isso que foi dito aqui na dissertação.

**APÊNDICE 7: GRUPO FOCAL IGREJA BATISTA EM CATAGUASES  
(TRANSCRIÇÃO) – 19/04/2010 – 9:30H ÀS 11H**

**QUESTIONÁRIO 1: ENTREGUE POR ESCRITO - PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO  
DAS PESSOAS ENTREVISTADAS**

**B1:** 29 anos de idade, sexo feminino, casada, professora de idiomas (Inglês e Espanhol), residente no bairro Bom Pastor, possui pós-graduação, renda familiar entre 3-5 salários mínimos, membro da Igreja há 11 anos.

**B2:** 30 anos de idade, sexo masculino, casado, industrial, possui curso superior incompleto, renda entre 3-5 salários mínimos, residente no bairro Paraíso, membro da Igreja há oito anos.

**B3:** 36 anos, sexo feminino, faxineira, casada, moradora do bairro Paraíso, possui ensino fundamental, renda entre 1-3 salários mínimos, membro da Igreja há 17 anos.

**B4:** 36 anos de idade, sexo masculino, professor, residente no bairro Taquara Preta, possui curso superior, renda entre 5-9 salários mínimos e membro da igreja Batista há 10 anos.

**B5:** 40 anos de idade, casado, sexo masculino, pastor evangélico e professor universitário, residente no bairro Bom Pastor, renda entre 5-9 salários mínimos, membro da Igreja Batista há 12 anos.

**B6:** 42 anos de idade, casada, sexo feminino, manicure, residente no bairro Ibrahim, possui ensino fundamental, renda entre 1-3 salários mínimos e é membro da igreja há 06 anos.

**B7:** 44 anos, sexo masculino, casado, auxiliar de farmácia, residente no bairro Paraíso, escolaridade do ensino médio, renda entre 3-5 salários mínimos, membro da igreja há 05 anos.

**B8:** 67 anos, sexo masculino, casado, escolaridade fundamental, renda de 1-3 salários mínimos, aposentado, residente no bairro Paraíso, membro da igreja há 42 anos.

**B9:** 54 anos de idade, sexo feminino, divorciada, dona de casa, renda de 1-3 salários mínimos, membro da igreja há sete anos.

**B10:** 53 anos, divorciada, empregada doméstica, residente no bairro Santa Clara, renda entre 1-3 salários mínimos, escolaridade fundamental, está na igreja desde o nascimento.

**B11:** 54 anos, sexo feminino, casada, moradora do bairro Bom Pastor, escolaridade fundamental, dona de casa, renda de 3-5 salários mínimos, membro da igreja há cinco anos.

**B12:** 30 anos, industrial, sexo masculino, casado, morador do bairro Paraíso, escolaridade superior incompleto, renda de 3-5 salários mínimos, membro da Igreja há oito anos.

1. Quanto tempo de televisão você assiste por dia (em horas, média)?

B1: Estou bem na fita: meia hora, quarenta minutos. Muito pouco.

B6: Não assisto muito, não gosto de televisão.

B7: Não assisto muito porque não tenho tempo.

B5: Umas duas horas, acho que seria isso.

B2: Quarenta minutos.

B11: Umas duas horas, eu acho... a gente nem presta atenção nisso, né? Mas acho que umas duas horas... (coça a cabeça, pensativamente)

Burburinho no restante do grupo, alguns concordando com o tempo já dito por outros. A pesquisadora entende que na média do grupo ficamos entre quarenta minutos e uma hora e meia de televisão por dia.

2. Para que você assiste televisão (mais por entretenimento, mais por informação?)

B8: Informação, mais por informação. Eu procuro assistir mais aos canais que trazem conteúdo de informação.

B1: Quando eu tenho tempo, eu gosto de assistir um pouquinho de novela, para ver quanta coisa errada tem naquilo ali (burburinho no grupo, risadas altas). Mas também assisto a TV cultura com meu filho, ele tem três anos e ele gosta de assistir aos desenhos, então eu assisto com ele.

B12: Eu gosto de assistir algumas coisas e mudanças que tem acontecido com as igrejas. Às vezes eu estou... O que têm falado sobre a Bíblia, gosto de ver se tem havido mudanças na igreja católica, pra ver o que passa. Alguns deles têm falado bem dos evangélicos.

Pesquisadora: Então, você costuma assistir aos canais católicos?

B12: Tem algumas coisas bem focadas, assim, programas de entrevistas, de palestras... Então eu gosto de ver... agora, tem canais evangélicos que tem boas palestras que ensinam a palavra de Deus...

Pesquisadora: Sim, mas eu aqui também estou falando da televisão em geral, não apenas dos canais específicos ou evangélicos, tá? Nós estamos tentando estabelecer qual seria o padrão de consumo televisivo de vocês, aquilo que é o de todo o dia, entende?

B4: Olha, eu assisto de tudo um pouco, TV Senado, TV Escola, assisto desenhos, telejornais...

B11: A gente distrai um pouco também, às vezes depois que acaba o serviço senta um “mocadinho” ali, tem vez que nem presta atenção, mas só para distrair a cabeça mesmo... Mas também para saber das coisas, dos acontecimentos, né?

<p>3. Vocês possuem TV aberta ou TV por assinatura? Quem tem TV por assinatura? Por ser uma informação assim, mais rápida, podem só levantar a mão para eu visualizar isso...</p>
---

Somente uma pessoa tem TV por assinatura no grupo. Há três com parabólica e o restante é TV aberta.

4. Qual canal de televisão é mais assistido em sua residência?

B6: Globo...

B3: Globo, lá em casa se vê mais é a Globo...

B1: SBT e Globo, TV Cultura...

B12: Record, Globo...

B10: Bandeirantes e Globo, é o que a gente vê mais...

B4: Vou rodando, não tem nenhum específico... Não paro no canal... TV Brasil, TV Cultura, TV Senado... Lá em casa, depois do controle remoto, já era... Inclusive gosto muito da TV Brasil, que muito pouca gente assiste.

B5: Globo mesmo e alguns canais por assinatura...

5. Quantos aparelhos de televisão existem sua casa? Onde se localizam (sala, quarto)?

B1: Dois, um na sala e um no quarto.

B5: Três, no quarto e na sala e em uma sala de televisão.

B3: Um, na sala.

B4: Dois, na sala e no quarto.

B12: Um, na sala.

B8: Um, na sala.

B3: Dois, na sala e no quarto.

B6: Dois, nos dois quartos.

B10: Um, no quarto.

6. Sua família costuma assistir à televisão junta ou as pessoas se dispersam em diversos programas conforme os aparelhos existentes?

B3: A gente até assiste todo mundo junto, mas às vezes dá briga, quando é dia de futebol ou alguém quer ver outra coisa...

B1: Na minha casa não dá pra assistir todo mundo junto porque a sala é pequena, não dá para acomodar...

B6: Na minha casa acontece isso, que eu quero ver uma coisa e a mulher quer ver outra, então eu vou pra cá, ela vai pra lá...

B12: Eu to até precisando comprar outro televisor, porque o *entretenimento* está atrapalhando o *relacionamento* (ele fala em tom de deboche e surge um grande burburinho no grupo, todos riem e comentam ao mesmo tempo. Há diversas falas no grupo de que há dificuldades em assistir juntos ou que é preciso compartilhar o tempo para atender aos diversos interesses, marido e mulher, pais e filhos, etc. Conversas bastante truncadas, rupturas nas frases, um interferindo na resposta dos outros. A pesquisadora precisa aguardar um pouco para prosseguir com o grupo).

7. Vocês costumam conversar sobre os programas assistidos?

Há um burburinho no grupo, diversos “sim” são ouvidos, mas poucas respostas são formuladas mais a contento. Ainda parece haver uma reserva do grupo em expressar suas opiniões. Apesar da insistência da pesquisadora em pedir alguns exemplos, apenas duas respostas são formuladas mais longamente.

B1: Sim, com certeza... a gente costuma chamar: Olha, vem cá, isso aqui é pra você... ou isso é lá pro seu serviço, ou então.. como será que é isso ou aquilo? A gente discute muito, sim.

B4: Então, de uma certa forma eu gosto muito da Globo porque ela traz esses tipos de novelas uma polêmica muito grande em relação a questões religiosas, né? Então é legal observar tudo isso e reter somente aquilo que é bom, né? Então isso aí é um motivo para gente discutir se a alma vem ou não vem... então isso é legal. A gente pode discutir até a nossa religião...

8. Você acha que sua opção religiosa interfere em sua forma de assistir à televisão? De que maneiras isso ocorre?

B6: Com certeza! (tom enfático, elevando a voz)

B4: Sem dúvida.

B1: Claro que sim... por exemplo, se estou assistindo um programa e aí vem, sei lá, uma banda e tem umas mulheres com roupas indecentes (faz um trejeito com o corpo e agita as mãos, simulando como que o corpo das mulheres a que se refere na fala), eu troco de canal! Não deixo meu filho assistir. Então, com certeza, influencia muito a nossa religião...

B7: Então ali tem uma coisa que parece normal, parece engraçado, mas pra gente, evangélico, tá totalmente fora... (faz um gesto em riste com a mão).

B9 (se expressa pela primeira vez, de modo mais individual, no grupo): Não só na televisão, mas também ali no rádio. Você tá ouvindo um louvor, uma música que te alegra, que fala da esperança em Jesus e aquilo ali me leva a refletir e de repente, entra ali uma música de forró, como esses cantores exóticos que a mídia traz, com aquela letra que fala mesmo do diabo, o diabo isso e aquilo, ali... eu não consigo... mesmo que às vezes não tem nada errado... cada um é do seu jeito, mas eu não consigo ouvir...

B7: Eu acho que o evangélico pensa diferente sim... tem evangélico que pensa muito no diabo, que vê diabo em tudo e até esquece de Jesus... Eu acho que tem que ter discernimento sim, mas tem coisa que...

B5: Eu acho que a Igreja também tem que ajudar nossos jovens e adolescentes nisso... porque os adultos já têm uma noção, já pensam sobre o que devem tirar ou não da televisão, mas os nossos adolescentes... porque, por exemplo, a maioria dos desenhos, tanto que passam no canal aberto quanto na tevê por assinatura, como esses japoneses, trazem uma mensagem forte, subliminar e que os nossos adolescentes é... introjetam aquilo, passam a conviver com a gente dentro de casa com aqueles trejeitos e algumas gírias e nós até mesmo nem percebemos isso. Então, se interfere para o adulto, mesmo assim... eu estou me referindo ao adolescente que agora está lá na classe da Escola Dominical, mas depois que sai daqui da igreja onde está aprendendo, chega em casa e continua assistindo...

9. Sua igreja possui alguma restrição ou orientação quanto ao consumo televisivo?

B1: Não, não tem não...

B5: Então... a Igreja Batista tem três convenções... e nessas três convenções vão ser três aspectos diferentes. A nossa igreja aqui está ligada à Convenção Batista Brasileira. Existe a Convenção Batista Regular e a Convenção Batista Nacional. A Convenção Batista Regular, ela é mais... hum... mais restrita. Então, ela sim, não apenas quanto à televisão, mas também uso da roupa, essas coisas assim... Eu hoje não estaria legal... to de barba, pastor de barba não pode... tem que estar de paletó e gravata... então é mais rígida que a Convenção Batista Brasileira. A Convenção Nacional tem uma tendência pentecostal. A Convenção Batista Brasileira é considerada aberta, baseando naquele princípio que foi pontuado aqui, de “examinar tudo e reter o que é bom”... “todas as coisas são lícitas, mas nem todas edificam”... então não proíbe, não restringe, mas aconselha. E nos estudos dominicais, mensagens, se dá um norte, não uma diretriz, mas um norte... “Olha, isso aqui... caminha praquele lado, etc.”

PESQUISADORA: Então, é possível que uma revista de estudos da igreja traga um assunto relacionado, mas não tem uma doutrina da igreja, assim, sobre o tema...

Burburinho no grupo. Alguns comentários paralelos, não dirigidos ao total do grupo, deixam entrever que para alguns deles talvez devesse haver alguma “rigidez” maior, mas esta é apenas a impressão da pesquisadora no momento de compilação das informações. Neste ponto, ressalta-se que a presença do pastor no grupo possa ter alguma influência na liberdade das respostas, bem como o fato de esta pesquisadora ser também uma liderança religiosa de outra igreja, bastante conhecida na cidade. São os limites com que a pesquisa se depara no universo religioso.

10. No caso das informações obtidas via televisão, a que telejornal ou telejornais você mais assiste?

B12: Eu assisto o Globo Rural... (risos e burburinho no grupo). É o que passa cedo, antes de eu sair, ué...

B6: O que eu costumo ver é mais o Jornal da Band...

B1: Eu vejo o Jornal da Cultura... Jornal Nacional...

B7: Eu gosto de assistir o Jornal Nacional, mas sempre no domingo eu vejo o Fantástico, porque você pode fazer uma comparação e fazer uma análise, né?

B4: Jornal Nacional, Jornal da Band...

B5: Jornal Nacional.

11. Quais as razões para sua preferência por este telejornal?

B1: Eu gosto de ver apresentadores, bons apresentadores, né? Eu gosto do Jornal Nacional e, se não me engano, do Record Notícias, que a Luciana Livieiro apresenta, porque são bons. Já aquele que o Datena apresenta e aquele que o outro lá apresenta eu não gosto, porque eles falam demais, eles ficam chamando a mesma reportagem duzentas vezes. E eles chamam um tema e na hora que vão apresentar não é nada daquilo que eles tão falando... então eu não

gosto, porque eu fico embolada no meio daquilo tudo que eles tão falando... então eu gosto de coisas assim. Gosto do Jornal Hoje também porque apresenta muito rápido, porque a gente não tem tempo de ficar ali vendo *meia hora de notícias*, quando cê tá só com dois minutos...

B4: Olha, o único motivo de eu preferir o Jornal da Band... o Jornal da Band e o Jornal da Noite, é até pelo grupo de jornalistas, pelos comentários, pelos editoriais, porque todo jornal tem alguma mensagem enrustida ali, essa ideia a gente não pode negar. Ver o jornal e achar que ele é ingênuo. Ele não é ingênuo, ele faz uma seleção muito rigorosa do que é que ele vai apresentar e como é que ele vai apresentar aquilo, então muita gente acha que o jornal tá ali e que tá falando a verdade, que eles não têm pretensão. Mas eles são muito tendenciosos e seja qual for, seja o Jornal da Band, Jornal da Record, Jornal Nacional, ele é tendencioso... mas eu gosto do Jornal da Noite pela opinião do grupo, pelos jornalistas que tem...

**PARTE 3: QUESTIONÁRIO: “O EVANGÉLICO PROTESTANTE BATISTA E METODISTA E SUA PERCEPÇÃO DO JORNAL NACIONAL E JORNAL DA RECORD”: ANTES DA EXIBIÇÃO DAS MATÉRIAS - Os telejornais e os hábitos de consumo televisivo**

12. A qual destes dois telejornais você costuma assistir com maior frequência? Por quê? Com que frequência?

B3: Eu assisto o Jornal Nacional, mais do que o da Record.

B1: Jornal Nacional...

B7: Jornal Nacional.

B5: Jornal Nacional.

B4: Olha, às vezes eu assisto um pedacinho dos dois. Porque depende muito de hora, às vezes depende de uma combinação de horário. Nem sempre a gente tem disponibilidade pra assistir, então...

PESQUISADORA: Então, a questão do horário interfere muito?

B4: Sim, mas qualquer um dos dois... Eu tenho um conhecimento, até pelo tempo que veicula, mais do Jornal Nacional. Mas também tenho umas ideias sobre o Jornal da Record. Eu assisto mais o Jornal Nacional, em média umas duas vezes por semana...

B3: Eu vejo quase todos os dias...

B7: Principalmente porque logo depois do Jornal vem a novela, né? (muitos risos no grupo).  
Você já está ali sentado mesmo, assistindo o jornal... então atrela na novela, né?

B6: Não vejo muito... uma vez ou duas por semana...

B12: Jornal Nacional... também devo ver umas duas vezes por semana... por causa dos horários...

### **Os telejornais e a promessa do gênero**

13. Você acredita que as informações apresentadas pelos telejornais, de modo geral, estão corretas? Por que sim? Por que não?

B4: Como eu já disse, os jornais são muito tendenciosos, né? Você tem que aprender a olhar o Jornal não como se ele fosse a verdade absoluta... todos eles têm uma ideologia, todos tentam passar uma visão... têm assim essa intenção embutida... então esse negócio de verdade aí... verdade entre aspas... na maioria das vezes eu acho que sim, embora você tenha de tirar essa questão das tendências, né?

B12: Esse negócio de verdade... assim, às vezes fica uma opção, né? Tem muitas coisas, por exemplo, se morresse alguém aqui e o Jornal viesse e pegasse uma confissão e levasse para São Paulo, seria dada uma informação. Mas aí depois lá na frente talvez se mudaria... Onde é que a pessoa estava, como é que estava... então tem informações que são verdadeiras mas tem informações que...

B1: Eu não diria assim, falsas, eu diria manipuladas, pra atingir determinado grupo ou para defender um determinado grupo...

B2: Eu diria assim que as coisas são maquiadas... eles mandam para a mídia e às vezes as muitas informações que eles tiveram, eles jogam ali e mandam outras informações. É igual quando eu trabalhava na fábrica de papel e a barragem rompeu, eu achei totalmente inválido... eles mandaram as informações e a Globo fez uma catástrofe em cima, fez um reboliço todinho... e no final o pessoal da barragem não tinha assim como se defender no momento, eles não deram condição do pessoal se defender. E assim, foi algo real que aconteceu, a barragem rompeu, mas mandou assim produtos não químicos, produtos que tavam lá há muito tempo e foi assim... não divulgou, não voltaram atrás nas informações que tinham dado... só... (faz um gesto de bater os dedos, usado para dizer que vamos bater em alguém, na gíria popular, “dar no couro”).

B4: E tem aquilo de aumentar as notícias, né? Tem uma edição aí até histórica do Jornal Nacional, do debate entre o Collor e o Lula, aonde o Jornal Nacional editou o debate inteirinho... O Lula ficou sendo o capacho e o Collor, o “bam-bam-bam”. Então, foi uma reportagem totalmente tendenciosa e totalmente editada... Editaram parte por parte o debate e colocaram na mídia o “patinho feio” do Lula e o “bam-bam-bam” do Collor. Essa edição aí foi marcante...

14. Que fatores você imagina que podem afetar a veracidade de uma informação no telejornal?

B5: Eu acho que é tudo isso que a gente já tava falando anteriormente... eu acho que o interesse político é um deles. Se a gente lembrar na época do Itamar Franco, aquele furo que aconteceu, acho que foi no Jornal do Brasil, na campanha da eleição, a primeira eleição do Fernando Henrique, o ministro da fazenda na época, né? Tinha saído já e falou para o repórter da Globo que ele era o maior cabo eleitoral do Fernando Henrique... Esqueci o nome do ministro e esqueci o nome do repórter, mas nem está mais na Rede Globo - sumiu! (fala de modo enfático e abre os braços, manifestando certa surpresa). Mas também a questão ideológica, né? Quem custeou a questão dos caras-pintadas? Sem querer colocar pressão sobre o que certo ou não no governo do Collor, mas quem movimentou isso? Quem trouxe essa propaganda? E se a gente for pegando, desde Juscelino, na época de Brasília, campanha do Roberto Marinho contra ele, acho que tudo tem ênfase política.

B4: Também tem um pouco nas novelas. Novelas sempre têm temas religiosos que são espíritas. Em todas elas tem sempre uma sensualidade sendo abordada de maneira natural e incentivada. Na Malhação, em quase todas. Agora no telejornal especificamente nós vemos isso também. É o caso daquela universidade de farmácia, que saiu com uma mensagem contra... o foco que eles estão dando é muito maior do que se for na internet para ver ou procurar num outro jornal o que está escrito...

B5: Então... eu vejo que esta questão ideológica que eu acredito que também é massificante, para formar a opinião que eles querem que você tenha... te controlar, na verdade. Você não tem o controle remoto, você é o controle remoto...

15. Como vocês percebem as figuras dos apresentadores do telejornal? Que papel eles desempenham, para vocês, na transmissão da notícia?

B4: Ah, eu acho que não faz muita diferença não... se você pegar os apresentadores do Jornal Nacional, tanto faz quem for, eles vão falar a mesma coisa. Ele não fala uma vírgula além do texto que ele recebe...

B12: Você não vê, né, o jornalista expor sua opinião... (fala voltado para o outro, que expôs sua opinião anteriormente). Isso eu vejo diferente em outros telejornais, por exemplo, o Bóris Casoy. Eu observei, por exemplo, as notícias faladas no rádio deles... o texto que aparece é o mesmo, é um “script” (fala com ênfase) seguido à risca, ali, o repórter não coloca sua opinião em nada...

B4: Então, eu não vejo diferença entre eles. Às vezes qualquer um que você colocar ali para apresentar o Jornal vai ser a mesma coisa... de repente você escuta um apresentador falar e vem outro e fala a mesma coisa, as palavras são as mesmas, isso não muda.

B7: Eu acho que assim como um determinado... deixa eu ver aqui... uma loja ela tem um vendedor, aonde ele divulga bem o produto, e ele atrai o cliente, e ele sabe apresentar o produto que a loja vende... assim é o repórter. Por exemplo, a repórter que fala sobre economia na Globo, a Délis Ortiz, aquela ali é uma Neymar do Santos, ela é um Ronaldinho, um Kaká. Não pode tirar ela dali. (burburinhos e risos de todo o grupo). Então isso vai muito da postura, da forma que a pessoa se expressa. Isso aí vai muito, a pessoa leva muita credibilidade àquela reportagem do que o jornal em si. Só que às vezes tem, por exemplo, uns tempos atrás, houve uma briguinha boba aí da Globo com a Record. A Globo, né? Falou da Record daqui, dali, dali... a Record então veio e falou da Globo... Eu não sei se isso foi até para poder aparecer mais na mídia, até favorecer sei lá, algum objetivo... Mas eu acho que tem tudo a ver isso, da própria forma como eles falam, eles ganham aí sua credibilidade...

B6: Pra mim televisão é igual a uma casa com muitas portas. Se a gente não gosta da pessoa que está naquela porta, a gente fecha aquela porta e abre outra. Se nenhuma das portas tem

nada que nos interessa, a gente fecha todas as portas e vai fazer outra coisa. (risos e burburinho no grupo). Vai dar um passeio...

B2: Então, esse negócio de repórter hoje fica parecendo até esporte, né? Você joga a pessoa lá... cada dia é uma pessoa... Eles tinham de fazer a coisa certa, mas às vezes estão do lado errado, né?

**APÓS A EXIBIÇÃO DAS MATÉRIAS (A MARCHA PARA JESUS NA COBERTURA DOS DOIS TELEJORNALIS): Os telejornais e a construção de sentidos**

16. De que maneira os evangélicos aparecem representados nas matérias analisadas? Vocês acham que a cobertura do Jornal Nacional foi isenta ou parcial? E do Jornal da Record?

B5: Tem muitas diferenças, né, até de discurso... por exemplo, um vai usar “palavras de fé” e o outro vai falar de “discursos religiosos”. Mas eu continuo observando esses dois lados sempre... que a Record, no finalzinho, não deixou de dar a sua ênfase política. Eu acho que não tem nada contra, quando se usa a política para o bem. O evangélico também tem que usar a política, claro, mas para o bem de todos, né? Mas o tempo, a maneira, os assuntos quase que foram os mesmos, mas até ali onde foi falado do sol... na Record foi um ponto positivo, que as pessoas puderam mostrar uma determinação, mostrou que teve um aparato de segurança, mas a Rede Globo enfatizou que cem pessoas caíram desmaiando no sol... então... é o que o pessoal aí esteve falando, da omissão de algumas coisas que houve que são importantes para o evangélico e a exaltação de outras coisas que não são importantes e que desvinculam da mente da gente, de quem está vendo, o real valor daquilo. A questão é a maneira que o repórter... e aí entra a personalidade do repórter... que apresenta... a credibilidade, entre aspas... daquele que está falando...

B1: Eu assim... acho que vou até assistir mais ao Jornal da Record depois disso, pra poder comparar mais, né? Porque a Globo ficou ali, mostrando as pessoas que passaram mal, o sol, as dificuldades, né? Como que as pessoas podem ficar ali, debaixo daquele sol todo, meio que ignorantes, né? E a Record já mostrou como positivo, o moço lá vendendo água, todo mundo alegre mesmo com as dificuldades, então eu vejo essa diferença, né?

B6: Também a diferença no número de pessoas lá, né? O Jornal da Record falou em cinco milhões e a Globo falou em um milhão, é muita diferença, né? Mesmo explicando que foram contadas as pessoas que passaram ali durante todo o dia, você vê a diferença, né, como que querendo diminuir ou aumentar... é questão de interesse mesmo, mas a gente fica sem saber... então não tem jeito de ser imparcial, porque a diferença aparece nos jeitos de falar, de mostrar isso ou não, entende?

17. De modo geral, como os evangélicos aparecem no Jornal Nacional? E no Jornal da Record? Como aparecem os evangélicos? A que tipo de assunto estão ligados?

B1: Aparece meio mal, né? Muitos escândalos, essas questões de dinheiro, desvio, dízimo e tal... assim, dessas brigas da Globo com a Record... acho que não aparece bem, não...

B5: Mas teve aquela matéria, né, que mostrou os trabalhos da Igreja Batista, mas a gente fica pensando no interesse que tem por trás daquilo, porque foi diferente. Mas também não sei se na Record como aparece, se só foi assim porque foi um evento nacional e tem um político da Igreja Universal lá e tudo o mais...

B3: Mas também às vezes a gente não tem feito para aparecer direito, né? Fica fazendo o que não deve, agindo de um jeito errado, contrário aos ensinamentos de Deus, né? Então fica tudo quanto é crente com má-fama, né? Mesmo que não é a sua igreja que fez...

B2: Mas a mídia em geral tem dado crédito a pastores batistas em determinados assuntos, em várias vezes, em assuntos polêmicos, ela tem procurado bastante os batistas para comentar a situação, dar sua opinião sobre aquilo ali...

### **Os telejornais e a construção da identidade/diferença**

18. Qual dos dois jornais, a seu ver, melhor apresentou os evangélicos nas matérias analisadas? Em relação à sua denominação religiosa em particular, você se sente representado nas matérias exibidas?

B1: Até que na matéria da Record dá para gente se sentir representado, porque o evangélico é valorizado e mostra a mobilização, a organização, que não houve incidentes graves, né? Ninguém fez bagunça nem nada, teve o pessoal passando mal por causa do calor, mas é normal, né?

B7: Não sei se dá para gente se sentir valorizado porque esses eventos são feitos para aparecer na mídia, né? É uma coisa mercantilista, eu acho, até sensacionalista, ficar exibindo a fé lá, fazendo show, mas ninguém fala de Jesus mesmo, é só aquela coisa de momento ali... eu não sei... mas acho que a Rede Globo é mais... assim... sempre dá um jeito de falar mal de evangélico mesmo...

B5: Então... a gente se sente representado assim, como batista ou como cristão? Quando você fala de representação, é isso? Porque na minha denominação em particular eu não sei se a gente é representado, se a nossa igreja está nessa mídia aí...

PESQUISADORA: Pra usar a linguagem popular, o que eu quero saber é assim: esse crente que está aí nessa mídia, eu olho e vejo e posso dizer: Eu sou crente desse jeito aí que o jornal falou... eu sinto que isso aí poderia ser dito de mim... é nesse sentido, dentro da perspectiva da

minha igreja, do que eu sinto como crente. É sua opinião assim que eu estou querendo saber com esta pergunta...

B5: Então, porque como cristão até é possível a gente se identificar, porque a matéria da Record até que está sendo positiva. A matéria da Rede Globo até não está sendo tão negativa, se a gente não visse a matéria da Record talvez passasse despercebido, então comparar é uma coisa boa, um exercício que a gente devia fazer mais, pra não receber a informação tão unilateral, né? Porque ficam aí na frente da gente duas versões... e a gente vê esse lado ideológico da Rede Globo, de falar em “discursos religiosos” e “apresentações” e outras palavras assim...

19. E de modo geral, no dia-a-dia, você acha que a maneira como os evangélicos aparecem reflete o jeito de ser de sua igreja? Por que sim? Por que não?

B7: Então, como eu falei, o que acontece é isso... também não acho que a Igreja Batista está fazendo o que é preciso hoje para estar na mídia, que é o sensacionalismo que a gente vê... porque o que a gente é o show, ou então a corrupção, o roubo, os problemas da Igreja Universal aí... então não acho que no dia-a-dia esse tipo de evangélico que se diz aí seja o que a gente quer...

B1: Então, às vezes tem uma coisa boa, mas a gente fica surpreso porque na maioria das vezes não é bom, né? Porque não é o que a gente vive e tem muitas coisas aí sendo chamadas de evangélico e não tem a ver com a gente, né? Põe todo mundo ali, fica tudo igual... padronizando as igrejas...

B5: A gente já discutiu isso aí, porque uma matéria não quer dizer o dia-a-dia, né? A gente vai ficar vendo mais os problemas e os escândalos, que a mídia gosta mais de mostrar isso, né? Em termos de ibope e também porque é a ideia que está nas novelas e tudo o mais... que os evangélicos são isso ou aquilo...

PESQUISADORA: Bem, acho então que podemos finalizar por aqui... Agradeço a todos pela contribuição e tenho certeza de que vai ser um material muito rico para a gente analisar e pensar sobre os evangélicos e a mídia. Obrigada!